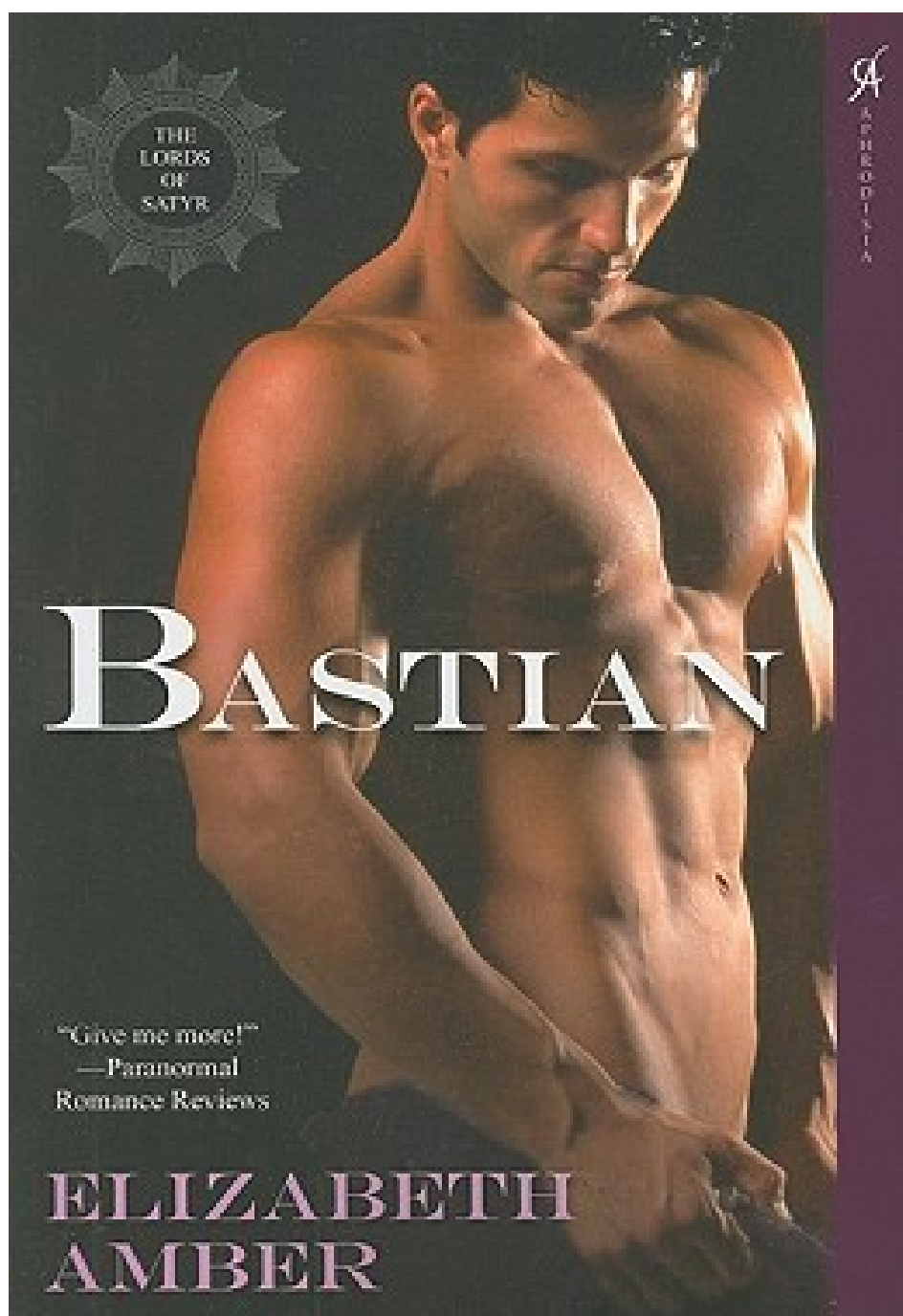


THE LORDS OF SATYR

06 - BASTIAN

ELIZABETH AMBER



Disponibilização: Suely

Revisão inicial: Eva

Revisão Final: Suely

Leitura Final e Formatação: Cris S.



Informação da série

- 01 - Nicholas - Distribuído pelo ARE*
- 02 - Raine - Distribuído pelo ARE*
- 03 - Lyon - Distribuído pelo ARE*
- 04 - Dominic - Distribuído pelo ARE*
- 05 - Dane - Distribuído pelo ARE*
- 06 - Bastian - Distribuição PL*
- 07 - Sevín - Revisão Inicial PL*

Resumo

As escavações do Fórum Romano estão sendo dirigidas pelo carismático Lord Bastian Satyr. Do nada, uma voz misteriosa chama por ele e o atrai para um templo há muito desaparecido, onde as virgens vestais realizavam os ritos de rendição erótica. O templo é a descoberta de sua carreira, mas seu coração está prestes a enfrentar o desconhecido. . .

Michaela é uma Ephemeral puro. Ela pode entrar nos corpos dos outros e tornar-se uma mulher que qualquer homem desejaria possuir. Sua escolha é o seu prazer. E o absurdamente viril Bastian é o único homem que ela deseja...

Prólogo

Nos últimos séculos, muitos Satyr habitavam secretamente toda a Itália, trabalhando em vinhedos do deus do vinho, Baco. Depois que uma grande enfermidade surgiu, muitos pereceram e poucos sobraram agora para proteger o portão sagrado entre a Terra e ElseWorld, um reino paralelo povoado por criaturas mitológicas.

Dentro de um corredor de terras que se estende ao sul da Toscana, em Roma, tudo está tão completamente encantado que os imigrantes em grande parte de ElseWorld passam despercebidos.

Ainda assim, a magia que esconde este território é frágil e a descoberta por seres humanos é uma ameaça constante para um pequeno clã de Lords Satyr em Roma. Estes quatro irmãos — Bastian, Sevin, Dane e Lucien — são de sangue real antigo e eles foram encarregados de salvaguarda artefatos de seus ancestrais e antiguidades, que estão agora soterrados abaixo do Fórum Romano.

Mediante a chegada de cada novo mês, o sangue deles os chama para atender ao apelo da lua cheia para acasalar. Negar a este apelo carnal é a morte. Ao acatá-lo, bem-aventurança.

Cena Antiga I

02 de fevereiro, 374 DC

Fórum Romano

— Para onde vamos, mãe? — Silvia aos seis anos de idade, perguntou, a pular animadamente. Ela não tinha ideia de que seu destino estava prestes a ser decidido enquanto ela andava com seus pais para o Fórum Romano.

— Quieta criança — foi à resposta cortante.

— Pai? — Silvia persistiu, virando seus lípidos olhos azuis em sua direção.

Ele lhe enviou uma expressão de dor.

— Faça o que sua mãe diz.

Mas Silvia sabia que ela sempre poderia persuadi-lo, dependendo do seu estado de espírito.

Ela tentou soltar a mão, mas pela primeira vez, ele meneou lhe indicando que não.

Sua mãe mandou a ele um olhar de condenação.

— Eu vejo como os seus olhos e suas mãos permanecem nela; não pense que eu não vejo.

— Eu a amo.

Sua mãe bufou.

— O amor de um pervertido.

Seu pai raramente se irritava, mas sua voz tornou-se firme com raiva agora.

— Ela é minha única filha. Eu não vou fazer nada que possa machucá-la.

— Hoje não, talvez, mas ela está com apenas seis anos — A voz de sua mãe tinha um tom acusador — O que acontecerá quando ela estiver mais velha?

Então ela pegou Silvia pelo pulso — com cuidado para não tocar na palma de sua mão — e a levou novamente. Seu pai seguiu mais devagar.

Uma multidão se reunia no Fórum perto de um dos templos. Havia outras garotas lá também, todas aparentando a mesma idade dela, de pé em um grupo. E entre elas estava seu tio, a estudá-los com um olhar

maldoso. Alguma coisa na ávida característica da espera dos espectadores assustava Silvia, fazendo-a lembrar-se do público sedento de sangue no Coliseu durante as lutas de gladiadores. Ela tentou ficar para trás.

— É a cerimônia para escolher as Virgens — sua mãe a repreendeu — É uma honra ser considerada.

— Não! Eu não quero ir! — Silvia conseguiu se soltar de seu agarre e correu para envolver os braços em volta da cintura do pai.

Ele gemeu e segurou-a longe.

— Querida, você não pode ficar conosco, você entende? Se você ficar, eu tenho medo de machucar você. Sua mãe está certa sobre isso.

Ele a soltou e lhe deu um empurrão em direção a sua mãe, que estava encarando-os.

— Você não me ama mais? — Silvia perguntou-lhe em voz baixa.

Seu olhar deslizou sobre ela, então ele passou a mão sobre o rosto preocupado e abatido.

— Demais, Silvia. Eu te amo demais. Você é especial. Uma tentação para qualquer homem. Você nasceu para servir no templo, com essas tuas mãos. Vá. Quando você estiver com seu tio Pontifex ele vai instruí-la. E nunca mais retornará para nós. — Com isso, ele virou as costas para ela e caminhou para casa.

Mas Silvia correu atrás dele novamente, agarrando seu braço, implorando-lhe para não deixá-la.

— Se eu for boa e fizer o que tio Pontifex mandar, você vai me deixar voltar para casa de novo?

Sua mãe a arrastou para longe dele e puxou-a pela nuca, como a um animal, em direção ao Fórum de novo.

— Não toque nele com suas mãos diabólicas, criança.

Silvia olhou para suas mãos. Suas mãos miseráveis. Seu próprio pai afastou-se dela por causa delas. Ela desejou que pudesse cortá-las, se apenas isso o fizesse olhar para ela com carinho novamente.

Em vez disso, ela fez o que seu pai desejava e deixou sua mãe levá-la para o Fórum e colocar sua mão na de seu tio, Pontifex Maximus. Ele sentiu seu estranho e terrível calor, e sorriu para sua mãe.

— Sim, você estava certa sobre ela. Até mesmo o cabelo dela é como fogo.

Ele alisou com sua mão o selvagem cabelo vermelho-dourado de Silvia e levantou seu queixo pontudo.

— Venha Amada. Venha se juntar as outras.

— Eu quero ir para casa — ela sussurrou.

— Esta é a sua casa agora, pequena fada — ela foi informada. Enquanto ele a puxava para o templo, ela viu sua mãe partir com um saco cheio de moedas, o pagamento por tê-la entregue.

E foi assim que na tenra idade de seis anos, Silvia se viu recrutada para servir Vesta, a Deusa do Fogo.

Capítulo 1

Monte Esquilíne, Roma, Itália

EarthWorld, fevereiro de 1881

Lord Bastian Satyr era certamente um grande problema.

Com um olhar experiente, Silvia o avaliou longamente, varrendo-o com o olhar enquanto ela estava aos pés de sua cama e mantinha vagamente um braço envolto em torno de um dos postes da cama entalhada com videiras.

O escuro cabelo cortado curto; largos ombros esculpidos, uma reentrância pronunciada no comprimento de sua coluna vertebral; coxas e nádegas poderosas; a carne reluzente por seus esforços; joelhos afundados na colcha bem entre as lisas coxas com meias de sua companheira de cama.

Michaela parecia tão vulnerável e feminina deitada na cama, sob o empenho de seu corpo enorme de guerreiro. As panturrilhas delgadas abraçavam seus quadris. Seu corpo estava aberto para receber cada impulso de seu pênis. Silvia só poderia usar sua imaginação a respeito de como considerável essa parte da anatomia desse macho poderia ser. Do seu ponto de vista, tudo que ela podia ver era seu traseiro. Seu traseiro nu. Suas costas nuas flexionando.

Ela engoliu em seco, sua garganta estranhamente seca. À luz do fogo, ele era magnífico — um deus de ouro. Que apenas eventualmente o tornava digno da mulher que ele estava cavalcando. Michaela era a sua mais próxima querida amiga em ambos os mundos. Tinha sido desde a sua infância no templo de Vesta.

Silvia sempre a vigiava o melhor que podia. E quando se tratava de assuntos hedonistas como esse, tinha vivido indiretamente através dela. Esta noite não era exceção.

Michaela tinha nascido como uma companheira, uma cortesã com o poder de agradar a qualquer homem. Como a maioria em sua profissão, ela havia tido centenas, se não milhares de amantes ao longo dos séculos. Ela sempre os escolhia cuidadosamente. Isso por si só dizia a Silvia que este espécime em particular de masculinidade deveria ser algo extraordinário.

Confiante de que nenhum deles podia vê-la em sua forma atual, ela serpenteava em torno do perímetro da cama, parando ao ver a caixa de doces sobre a mesa de cabeceira. Chocolate. Mmm. Havia apenas algumas coisas que poderia atrair sua atenção para longe da exibição carnal na cama, mesmo que

momentaneamente, o chocolate era uma delas. Ela se inclinou e colocou o nariz perto deles, inalando profundamente, desejando poder sentir o cheiro das doces guloseimas escondidas dentro da embalagem colorida. Mas ela era uma Efêmera, e quando em um estado corpóreo como estava agora, seu olfato era inexistente. Ela não ousou partilhar deles ou fazer qualquer outra coisa que pudesse chamar a atenção dos outros dois ocupantes do quarto. Mas, Deus, ela estava morrendo de fome.

Pelo menos o quarto estava quente. O vento de fevereiro era cruel fora destas paredes. Tinha ficado meio congelada em seu caminho para cá. Ela se moveu para a lareira e estendeu suas mãos para o fogo.

Atrás dela, Lord Satyr estava tomando seu tempo, com movimentos longos, estocadas vigorosas que fazia a cama solavancar e estremecer, e que mantinha Michaela suspirando com prazer. Ela olhou por cima do ombro para eles. Pareciam tão perfeitos juntos. Seu incrível corpo masculino movimentando em cima de Michaela perfeitamente feminino. Seu corpo bronzeado por sua herança contrastando com o dela, um suave oliva perfeito que era tão diferente da própria carne pálida de Silvia. Ela tocou seu rosto brevemente com seus dedos, um gesto repetido tantas vezes que ela já não sabia quando o fazia.

Lord Satyr deslizou sua grande mão sob o traseiro de Michaela, inclinando-a em uma forma que melhor o acomodasse. Silvia só pode assumir que pelos gritos agradecidos e macios de sua amiga que isso a satisfazia também.

Embora o coito fosse um assunto privado, não tinha escrúpulo em observá-los. Ela e Michaela não tinham segredos. Pelo menos, não até recentemente, quando Michaela tinha cortado toda a conexão depois de deixar Veneza. Depois que ela tinha conseguido acabar seus assuntos por lá, Silvia havia corrido para Roma, preocupada que Michaela pudesse estar em algum tipo de problema. Mas agora parecia que o problema estava precisamente sobre ela.

Ela tinha aceitado um sátiro como um amante, pelo amor de Deus! E não apenas um Satyr qualquer. O mais velho herdeiro dos quatro ricos e poderosos irmãos que eram de fato dirigentes da comunidade ElseWorld aqui em Roma. Ele era o homem encarregado da escavação do Fórum Romano. Seus célebres achados arqueológicos tinham feito dele o queridinho da sociedade humana. E o tornou sua próxima missão.

Ele estava falando agora, seus lábios na testa de Michaela, murmurando para ela em uma mistura fascinante do antigo dialeto de ElseWorld, latim, e

italiano moderno, e se ela não estava equivocada, uma alusão do Extremo Oriente. Ao som de sua voz, alguma rebelde emoção começou a tomar forma mais acirrada dentro de Silvia. Perturbada e inquieta, ela ficou a caminhar em um esforço para dissipá-la. A porta do seu armário estava entreaberta e ela olhou para dentro. Ela encontrou casacos escuros e calças ao lado de camisas de linho engomadas, todas penduradas ordenadamente em uma fileira. Também organizadamente, com o mesmo incremento de espaço entre cada cabide. Lord Satyr certamente era exigente!

Ela se dirigiu para sua mesa, uma coisa de madeira de oliveira polida. Seus dedos coçaram para bisbilhotar em suas gavetas, mas ele poderia ouvir. E se ele virasse a cabeça, a mesa estaria em sua linha de visão, o que significava que ela não poderia ousar mover qualquer coisa. Gavetas aparentemente se abrindo sozinhas exigiriam explicações.

Até que ela assumisse uma forma corpórea, ela permaneceria invisível para ele. Até Michaela não seria capaz de vê-la até que ela escolhesse mostrar a si mesma.

Assentando-se em cima da mesa, se colocou de lado, apoiando o queixo em uma mão, e começou a ler várias cartas que ele tinha deixado de fora. Duas eram de ministros do governo italiano pedindo informações sobre o estado das escavações no Fórum Romano. Foi a terceira que chamou sua atenção. Escrita no típico modo prolixo do Conselho de ElseWorld, estava dirigida ao Lord Satyr, zumbia bastante com a magia. Ela correu os olhos sobre ela, e sua atenção foi capturada por uma passagem em particular:

“Sua recente carta foi recebida com esperança renovada de que os frágeis encantos, que envolvem e protegem as nossas colônias italianas, possam em breve ser reforçadas devido a seus esforços em Roma. Oramos aos antigos que assim seja! Eu não preciso lembrá-lo das graves consequências – mais particularmente à sua própria família, mas também para a saúde, bem estar e grandeza de ElseWorld - se vacilar. A missão de salvaguardar nossa herança, através das escavações do Fórum recaiu para você desde a morte de seu pai, e tendo em vista as suas realizações na última década, continuamos a acreditar que esteja em ótimas mãos. É com grande entusiasmo que aguardamos mais notícia de sua busca pelo Templo de Vesta, a Casa adjacente das Virgens Vestais e suas relíquias! Os Deuses sejam louvados.

Décimo oitavo ministro do Gabinete de Recuperação de Artefatos O Conselho Venerável de ElseWorld”.

Então Lord Satyr estava procurando pelo templo. Interessante! E se adequava bem aos seus próprios propósitos. Mas ela se certificaria de que qualquer relíquia que ele encontrasse fosse em direção a sua posse, e não para a do Conselho.

Michaela gritou, e Silvia surpreendida, girou seus olhos rapidamente em direção a Michaela, o coração na garganta. Mas ela rapidamente percebeu que tinha sido apenas um grito de paixão, os corpos sobre a cama estavam se movendo em harmonia sensual, Bastian dando e Michaela recebendo. As mãos femininas alisavam a musculatura bem definida que era seu peito, trabalhando sua magia erótica.

O queixo de Silvia caiu. A maioria dos homens teria gozado instantaneamente sob o toque sobrenatural de Michaela. Quem era ele que conseguia suportar suas artimanhas tão facilmente? E quanto mais isso iria continuar? A intensidade de seu acasalamento estava começando a fazê-la nitidamente desconfortável.

Ela tinha negócios urgentes para discutir com sua amiga de longa data. Ainda assim, ela odiaria ter que interromper. Os deuses sabiam que Michaela merecia um pouco de diversão. Ela tinha quase sido morta por uma Harpia ciumenta em Veneza três meses atrás, a última vez que elas estiveram juntas.

O Satyr baixou a cabeça, e seus lábios percorreram o comprimento da garganta de Michaela. Ela choramingou. Silvia levantou a sua própria garganta, traçando um caminho semelhante com a ponta de seus dedos. Percebendo o que ela estava fazendo — e o que estava sentindo — ela deteve sua mão. Seu rosto estava corado, quente. Cinquenta infernos! Ela nunca tinha conhecido um homem que levasse tanto tempo perseguindo um único orgasmo. A queixa usual de Michaela era que eles terminavam muito rápido.

— Quer apressar-se, por favor? — Silvia pediu-lhe baixinho.

Para seu espanto, o corpo dele deu uma parada tão abrupta que visivelmente abalou tanto sua parceira quanto a estrutura da cama. Sua cabeça se voltou na direção de Silvia, a testa franzida em confusão. Ela se empurrou até ficar sentada na mesa, alarmada.

Olhos prateados perfuraram a penumbra, como estrelas em um céu ao crepúsculo, brilhando incessantemente em sua direção. A expressão quase brutal e carnal no rosto masculino em sua direção fez seu coração acelerar e quase parar sua respiração. Pela primeira vez, ela deu uma analisada completa em suas feições — a ponta forte do nariz, as sobrancelhas retas, a projeção quadrada do queixo. E aqueles lábios! Sensuais, mas cortados

drasticamente. Uma inquieta atração agitou em seu peito e ela estremeceu, de uma forma que não tinha nada a ver com o tempo frio que a encharcou profundamente ate os ossos ao fazer seu caminho para chegar até aqui esta noite.

Inexplicavelmente nervosa, enfiou seu queixo em seus joelhos, envolvendo ambos os braços em volta de seus tornozelos. Ele não podia vê-la. Claro que não. No entanto, aqueles olhos em sua direção pareciam perfurar sua própria alma!

— Não! Não pare. Por favor, Bastian — Michaela protestou. Com a palma da mão curvada no rosto dele, puxando a sua atenção de volta para ela. A outra mão apertou em suas costas, como se temesse que ele fosse deixá-la. Deixá-la? Deixar a companheira mais bem sucedida na história das Virgens? Nenhum homem jamais deixou Michaela antes que ela estivesse pronta para deixá-lo ir. O que estava acontecendo aqui?

Com uma relutância quase imperceptível, o amante de Michaela voltou sua atenção para ela. Com uma flexão de suas costas em uma mudança sutil dos músculos perfeitamente afinados, ele a trouxe até que ela o montou. Seu vestido branco com babados escorregou para baixo sobre seus ombros. Sua bainha rendada ficou amontoadada em suas coxas, como a neve à deriva ao longo do granito. Em algum lugar sob a queda de seu vestido, suas grandes mãos ficaram em concha em seu bumbum, movendo-a sobre ele agora em um movimento de balanço poderoso. Seu olhar ardeu nas curvas exuberantes dos seios que espiavam de dentro de seu corpete.

Michaela deu de ombros, expondo-os para ele, sua própria expressão escondida pelos cabelos sedosos. Como se não pudesse ajudar a si mesma, ela se curvou e esfregou o rosto ao longo de sua mandíbula sombreada. Alguma coisa na pose sugeriu um profundo afeto. O início do medo rastejou coluna acima de Silvia. Foi isso o que a tinha atrasado?

Ela tinha caído por amor? Com este macho, este Satyr?

Seu olhar era cortante sobre ele agora, pesando as suas intenções. Seu queixo estava alto, sua garganta arqueada. Os olhos prateados semicerrados pela paixão estavam protegidos por longas e escuras pestanas, enquanto caçava seu prazer dentro de sua amiga mais querida. Será que ele ao menos reconhecia quão ela era preciosa? Será que ele apreciava suficientemente o presente que ela lhe oferecia de corpo e coração?

Os sons de seu acasalamento aumentaram. Respiração áspera, gemidos suaves. A carne lisa batendo em impulsos destacados. Sem forma corpórea,

Silvia não poderia sentir a fragrância da vida amorosa. Mas sua fome erótica pendia espessa na sala, agora, como uma névoa voluptuosa.

Ela testemunhou outros acasalamentos antes. Tinha visto Michaela sob um homem inúmeras vezes. Mas nunca a tinha afetado assim. Cada batida do seu coração crescia em seus ouvidos e enviava calor afogando seu rosto. Ela foi assolada por arrepios de desmaio, e seus olhos ficaram secos, eles se recusaram a piscar para não perder nada do que se passava.

De alguma forma, ela conseguiu permanecer virgem ao longo de sua vida. Não por escolha. Mas ela tinha tomado votos. E a pena por quebrá-los era terrível. Porque a prostituição era proibida para ela, seu prazer indireto pelo gozo dos amantes de Michaela tinha sido sempre uma delícia decadente. Esta noite, era algo mais... perigoso.

As mãos de Silvia desceram para apertar na borda de sua mesa em ambos os lados. Ela apertou suas coxas juntas; sentiu um pulsar suave em seu lugar mais privado, onde os tecidos estavam agora inchados e viscosos, molhados e quentes. Ela ficou horrorizada ao perceber que ela quase podia sentir seus movimentos. Sentia os impulsos em sua passagem... Deuses! O que estava errado com ela? Este homem era de Michaela! Ela não tinha o direito de se sentir atraída por ele. Era apenas que eles eram muito belos juntos, ela assegurou a si mesma. Qualquer um seria afetado pela visão deles. Qualquer um.

Escorregando graciosamente para o chão, ela fugiu do quarto, dizendo a si mesma que ela tinha coisas melhores para fazer. Ela usaria o tempo que os dois passassem no coito para fazer uma busca sistemática nos quartos ao longo do corredor.

Mas as prioridades em primeiro lugar. Assumindo forma corpórea, ela foi das escadas para a cozinha. Esta manhã, ela correu a toda pressa, por seu caminho, ansiosa para verificar se estava tudo bem com Michaela. Agora, ela se ajudaria com algum vinho de uva e um sanduíche de finas fatias de carne, pão e queijo. Mantendo os ouvidos abertos para qualquer problema, ela engoliu o repasto às pressas, porque ela só podia comer quando estava visível e tinha que tornar-se muito atenta antes de satisfazer sua fome.

Depois disso, ela lavou a boca e ficou invisível novamente. Andando silenciosamente em um piso reluzente de azulejos, em mármore Portoro preto com veios dourado, ela abriu as portas por onde ela passava, olhando em várias câmaras. O que ela procurava aqui nesta cidade não seria fácil encontrar sozinha. Teria Satyr descoberto sozinho? Até que ela falasse com Michaela, esta pergunta ficaria sem resposta. Ainda assim, ela continuou sua

busca ao longo do corredor, e cada pequeno ato de invasão a deixava calma; era-lhe normal e certo. Os negócios de Michaela poderiam ser o entretenimento dos homens, mas ela tinha talentos próprios para investigá-los.

A casa dele era uma espécie de museu, todos os seus ambientes eram revestidos com artefatos fascinantes. Ela entrou no mais promissor deles — o seu escritório. No interior, ela encontrou livros de capas douradas, mapas antigos, e uma mesa duas vezes maior do que a de seu quarto. Papel, canetas, um abridor de cartas, e outras ferramentas de negócios estavam alinhados em cima dela. Ela sorriu ligeiramente com mais esta evidência obsessiva de limpeza de Lord Satyr.

Mas esta era uma sala pública. Se ele tivesse uma pedra de fogo — ou relíquia como ele e o conselho denominou-as — em sua posse, era provável que ele tivesse escondido em algum lugar mais privado. Ela subiu as escadas novamente.

No corredor do quarto dele, ela encontrou o que parecia ser sua biblioteca. Seu perímetro estava forrado com dispendiosas bugigangas de suas escavações e viagens, bem como livros e estátuas. E não apenas qualquer estatuário. Estas eram peças marcantes. Já conhecidas esculpidas pelos antigos. Essas eram os tipos de tesouros que apenas os museus alojavam. Como ele os conseguiu? Se ele tivesse, de fato, furtado do Fórum? Interessante de fato.

Apesar da profusão de itens, tudo era tão ordenado como só um monge poderia mantê-lo. Ela correu a ponta de seus dedos sobre a extremidade de uma moldura de um quadro e não encontrou nenhuma poeira. Os bustos nas prateleiras todos sentados paralelos um ao outro e todos os narizes voltavam-se precisamente na mesma direção.

Certamente ninguém que não fosse ligeiramente demente mantinha seus quartos tão arrumados assim. Embora não houvesse funcionários em canto nenhum, obviamente ele empregava alguns. Era provável que fossem hamadryads, os servos tradicionais dos Satyr, que trabalhavam somente depois da meia-noite.

Uma coisa era certa, se qualquer uma das pedras de fogo que ela tinha vindo para encontrar estivessem aqui, teriam sido catalogadas, numeradas e arquivadas. Tudo o que ela precisava fazer era localizar os seus arquivos. Alguém tão meticuloso como ele, sem dúvida, teria caixas de cartas da escavação, documentando todos e cada achado, não importando o quão minúsculo fosse. Onde eles estavam? Ela deu um passo em direção à mesa, então congelou.

Um áspero, masculino, gemido gutural a perseguiu pelo corredor, infalivelmente encontrando-a. O som inconfundível de um homem atingindo a satisfação sexual. Ela encurvou os ombros, como se quisesse evitá-lo. Mas em sua mente, ela os imaginou juntos. Viu os elegantes músculos poderosos das costas arqueadas e tensas do Satyr, o rosto contorcido pelo seu gozo luxurioso. Viu Michaela com os dedos agarrando as roupas de cama em êxtase, os seus opulentos seios exigentes com cada respiração enquanto ele jorrava semente quente profundamente, dentro dela.

Silvia apertou os punhos contra o peito, estranhamente impotente para bloquear tudo. Impotente para parar o fogo líquido que bombeava através de seu sistema com a visão que ela tinha evocado de seu acoplamento.

Momentos depois, ela o ouviu se mover através do salão, vindo em sua direção. Seus olhos voaram para a porta em tempo de vê-lo a abrindo em um murmúrio suave.

Embora bem consciente de que ele não podia vê-la, ela rapidamente enfiou-se entre duas das altas estátuas. Em pé entre elas como se ela tivesse se tornado uma delas, olhou para ele.

Deuses, ele devia ter quase dois metros de altura. E nu! Ou quase isso. Sem cinto, a frente de sua longa túnica rodava aberta enquanto ele cruzava o quarto, vindo em sua direção com o andar de uma pantera confiante. Os pelos de seu peito apareciam através do tecido fino da sua túnica longa branca enquanto ele andava.

Seus olhos desceram enquanto ele vinha na direção dela, a abertura da túnica se ampliava mostrando mais ainda o que estava sendo exposto. Enraizada no ninho escuro no ápice de suas coxas, sua masculinidade pendurava-se longa, corada, e grossa — ainda semiereta apesar de seu clímax recente. Era bastante... extraordinário. Um instrumento de prazer carnal, certamente forjado pelo próprio Vulcan. Não era de se admirar que sua melhor amiga estivesse se dedicando a esta atribuição por tanto tempo!

Como se sentisse seu estudo, ele chicoteou a frente de sua túnica juntas e amarrou-o fechado com um empurrão rígido de seu cinto. Ele alcançou um armário de canto no lado oposto da sala, depois mudou seu caminho novamente. Ele chegou mais perto. Wham! Ela bateu contra a parede de livros, se encolhendo longe dele quando ele se inclinou para frente. Um braço musculoso se levantou em sua direção. Ela abafou um grito e desviou. Quando sua mão apenas retirou seu aparelho de barbear, ela percebeu que estava na direção de seu alcance.

Ao lado dele agora, ela o viu diante de seu espelho, começando a preparar a navalha para retirar a barba escura. Este ritual masculino parecia tão familiar, mas estranhamente ameaçador, ao mesmo tempo. Ela queria se desligar da cena. Ela beliscou seu nariz para não sentir o odor de creme de barbear, esquecendo-se que ela não podia sentir nenhum perfume em seu estado atual.

Com um crescente sentimento de mal-estar, ela se viu tomada de volta para as memórias de sua infância. Então a razão para seu nervosismo veio até ela. Ela assistiu Pontifex fazer isso muitas vezes, muito tempo atrás, quando ela era uma menina.

— Se você machucá-la, eu vou matar você — ela deixou escapar, em seguida, pressionando os dedos trêmulos nos lábios.

Ele estremeceu, ferindo-se, e praguejou. Então ele girou em torno de si, confrontando o quarto como se enfrentasse um inimigo invisível.

— Quem está aí?

A voz dele era aveludada, baixa e escura. E sexy — mesmo quando ele não estava fornicando.

— Responda-me — disse ele, um aviso em tom desconcertante. Ela cruzou os braços. Como se ela tivesse simplesmente que se deixar enganar pelo seu comando e dar-lhe seu nome! Apesar de seu silêncio, ele de alguma forma detectou seu paradeiro. Abruptamente se virando para onde ela estava, ele colocou seus antebraços na parede em cada lado dela, em torno dela com força masculina e calor.

Assustada, ela saltou para frente. O corpo dela passou pelo dele para escapar. Este era um dom de todos os Efemerais, poder se mover através dos seres carnis e qualquer roupa que usavam ou objetos que possuíam. Isto não era realizado sem dificuldade e complicações, e, portanto, era algo que ela normalmente tentava evitar. E ela não deixou de ser afetada por seu contato. Ela esfregou os braços, abraçando-se, com um sentimento inquieto e nervoso em sua própria pele.

Era como se, por uma fração de segundo, ela tivesse se tornado parte dele. E agora suas memórias mais recentes rodavam caoticamente em seu cérebro e sensações passavam através de seu corpo em inesperados impulsos eróticos. Ela agora sabia bem como ele se sentiu enquanto se pressionava na carne entre as coxas de Michaela. Sabia como foi o prazer que ele sentiu enquanto se movia dentro dela, sabia como ele se sentiu durante o êxtase, puro e afiado de seu clímax. Ela balançou a cabeça, afastando-se dele, de suas memórias privadas. Ela não queria nenhuma delas.

Em pé no centro da sala, seu coração batia erráticamente enquanto ela o obsevava. De medo ou desejo? Medo, sim, claro que era medo!

Ele virou-se ficando meio agachado numa posição de ataque, olhos atentos a escanearam o quarto. Ele olhou... atordoadado.

— Onde você está? — Ele grunhiu.

Tola! Não era com um ser humano que ela estava lidando. Ele sentia sua presença, mesmo quando sua melhor amiga não tinha sentido. Quem saberia quais outros dons sensoriais ele possuía? Rapidamente, ela lançou um eco de si mesma o mais longe que podia. Enviou-o através do vidro da janela, além dos degraus de pedra e os arbustos em seu jardim, e mais adiante, nos campos montanhosos, e na profundidade da floresta exuberante nos arredores de sua terra, e através da cerca em ferro forjado que marcavam o perímetro de sua propriedade.

Ele moveu-se para a janela para estudar as paisagens arrebatadoras, o seu corpo uma silhueta escura contra a luz do sol da manhã pálida. Seu artifício tinha funcionado. Ele assumiu que ela — a presença que sentira — tinha partido de sua casa.

De olho nele como se fosse uma víbora imprevisível, ela deixou a biblioteca e correu pelo corredor em direção aos aposentos que ele recentemente tinha deixado.

Atrás dela, Lord Bastian Satyr ficou em estado de choque. Ele correu os dedos pelos cabelos escuros, quase incapaz de acreditar no que acabara de acontecer. Quando ele sentiu a presença movendo-se através dele, por um momento o mundo tinha deixado de ser apenas um preto austero, branco severo e monótonos tons de cinza.

Ele, um homem nascido daltônico, tinha visto a cor.

Cor, gloriosa e exuberante.

Pela primeira vez em sua vida.

E agora ela desapareceu novamente.

Capítulo 2

Ao entrar no luxuoso quarto de dormir que Lord Satyr tinha recentemente desocupado, Silvia voltou a se fazer visível. Imediatamente, o cheiro de sexo bateu nela e ela cambaleou para trás com a força de seu impacto.

Seus olhos foram para a cama enorme. Em seu centro, olhando de forma frágil por entre os lençóis amarrotado, estava uma beleza extraordinária. A mulher que exaltavam na antiga prática das Artes Sensuais e que tinha sido treinada para dar prazer. Aquela cujos cavaleiros tinham travado muitos torneios nos tempos medievais. Aquela a quem um príncipe veneziano tinha recentemente oferecido uma tiara inestimável incrustada com joias raras por uma única noite em sua da companhia. A mulher que Pontifex tinha sempre cobiçado, Michaela.

O rosto dela estava virado, seus cabelos negros como seda, emaranhados em todo o travesseiro. Seus braços estavam arremessados ingenuamente para cima, os seus joelhos ainda ligeiramente levantados e separados. A barra do vestido fútil que ela usava mergulhava baixo entre suas coxas como uma espécie de bandeira exótica que mal preservava sua modéstia.

Rapidamente, Silvia fechou a porta atrás dela e trancou-a.

— Michaela! — Ela sussurrou.

Houve um farfalhar dos lençóis quando Michaela se apoiou sobre seus cotovelos.

— Via? É você?

Seus olhos violeta encontraram os de Silvia do outro lado da sala, e seus lábios, como frutas vermelhas pelos beijos de seu amante, curvados em prazer. No rescaldo de fazer amor, ela estava simplesmente deslumbrante.

E simplesmente... mortal?

Orando para que ela estivesse errada, Silvia correu para frente e tomou o pulso de Michaela em sua mão. Segurando-o, ela viu o bombeamento de sangue lá através das veias azuis. Ela o deixou cair e recuou horrorizada.

— O que você fez? Tornou-se fada novamente, e mortal?

— Como você pode ver — disse Michaela, impenitente — Eu de fato me reverti permanentemente em minha própria forma. Não sou mais um Efêmero. Nunca poderei ser outra vez.

Durante os últimos quinze séculos, elas passaram de um hospedeiro carnal para outro, a fim de sobreviver. Elas só poderiam recuperar as suas próprias formas corporais brevemente antes de suplanta-las com novos hospedeiros, que deveria ser despejado novamente em favor de outro a cada lua cheia. Elas pareciam propensas a permanecerem como Efêmeras para sempre, e sua amizade tinha parecido destinada a ser eterna. Agora, em um instante, tudo isso tinha mudado.

— Você vai morrer!

Michaela sorriu, seus olhos provocando.

— Não de imediato. Mas algum dia. Acontece com os mortais. Oh, não fique zangada comigo, Via — persuadiu ela.

Rolando de joelhos sobre o colchão, ela estendeu as duas mãos em sua direção dela.

— Zangada!? Você jogou fora a sua imortalidade por alguns momentos de paixão com um Sátiro. E você espera que eu a parabeneze?

Angustuada Silvia mantinha o ritmo no tapete espesso, que foi moldado com um desenho de exóticos animais de ElseWorld entrelaçados com videiras.

Ogros, monstros, demônios aos quais ela tinha enfrentado em batalha. Mas nada a amedrontou tanto quanto o pensamento de perder sua amiga mais querida para a morte.

— Eu me apaixonei. Eu queria estar com Bastian em minha própria forma, o que significava tornar-me mortal. E eu fiz. E isso não pode ser desfeito. Eu não vou voltar para Pontifex novamente. Não vamos falar mais nada sobre ele.

Michaela empurrou as cobertas de lado, abrindo espaço.

— Agora, venha se sentar ao meu lado. Nós não nos vemos há meses.

Silvia olhar caiu para a barriga de Michaela. Seus olhos se abriram arregalados e ela colocou a mão ao peito, outro choque atingindo-a como um golpe. A menos que ela estivesse muito enganada, sua melhor amiga estava grávida.

— Oh, não — Seu olhar horrorizado ferveu em Michaela. Decifrando a verdade perigosa. — Como você pôde ser tão tola? — Silvia exigiu. E depois no mesmo fôlego: — É dele? — balançou a cabeça em direção à porta para indicar o homem além.

— Não — Michaela colocou uma palma da mão sobre o abdômen ligeiramente arredondado como se quisesse protegê-lo da desaprovação de Silvia. Seu olhar deslizou para longe. Ela estava escondendo alguma coisa.

— De quem, então? — Silvia persistiu.

Indo sentar-se ao lado dela na borda da cama, ela tentou pegar seus olhos.

Michaela encolheu os ombros.

— Simplesmente aconteceu. Um perigo da minha profissão.

— Será que ele sabe?

— Que eu estou grávida? — Perguntou Michaela — É claro. É por essa razão que me trouxe para sua casa — Ela sorriu, feliz — Ele é do tipo protetor.

— Você quer dizer que realmente reside aqui neste museu?

Agora que ela pensava sobre isso, não tinha visto nenhuma evidência de ocupação feminina.

— Temporariamente. Mas vou tornar-me um elemento permanente em breve, se eu tiver o meu caminho. Por enquanto, eu ainda estou empregada no Salone di Passione, A casa do prazer de propriedade de Sevin.

— O irmão dele — observou Silvia, tendo feito a sua investigação.

Michaela assentiu.

— Oficialmente, eu ainda vivo no salão, mas eu o uso como nada mais do que um armário glorioso. Eu passo a maior parte do meu tempo aqui. E depois que eu abortar...

Silvia agarrou seu braço.

— O quê?

Com a tristeza torcendo sua expressão, Michaela apertou a mão dela.

— Eu contraí a doença logo depois de Veneza — ela admitiu.

— Oh, querida, não. — Silvia deslizou os braços em torno de sua amiga, em luto por ela.

Michaela há muito sonhava em ter sua própria família algum dia. Quando as coisas estivessem mais seguras para elas. Quando elas se livrassem de Pontifex. Mas agora, essa família nunca poderia existir. A doença matou metade das fêmeas em ElseWorld e tinha tornado o resto incapaz de trazer uma criança viva ao mundo. Satyr sabia que ela tinha contraído a doença? Era por isso que ele não se importava que sua amante carregasse o filho de outro homem? Porque ele sabia que não viveria? Lágrimas brotaram nos olhos violeta de Michaela, e ela se abaixou para colocar a cabeça no colo de Silvia. Silvia acariciou o cabelo dela, confortando-a. Assim como ela muitas vezes, havia feito quando Michaela tinha pesadelos em sua infância, segurando-a até que elas adormecessem em sua cama compartilhada na Casa Atrium perto do templo. Houve doze delas, residentes na casa e nos

complexos dos templos, séculos atrás. Seis Companheiras e seis Virgens, todas elas servas da casa da deusa do fogo, Vesta. Há muito tempo, todas as doze havia se tornadas Efêmeras, dotadas de vida eterna. Todas mudaram através da deusa 1500 anos atrás, durante a ardente destruição do templo, quando a ela pareceu à única maneira de salvá-las.

Das doze originais, só ela, Michaela e outra Vestal chamada Occia atualmente vagavam livres.

Michaela virou de costas, olhando para ela.

— Lembra-se de quando nós costumávamos colher às pétalas de margaridas nas noites de verão tentando adivinhar com quem poderíamos um dia casar, quando nosso serviço a Vesta terminasse?

— Umm-hmm — Silvia lembrou:

Com quem eu vou dormir?

Com quem vou me casar?

*Um mercador, taverneiro, padeiro, guarda,
ou libertino, ou fabricante de velas?*

Com ninguém.

Você não vai se casar com ninguém.

O seu destino é ficar sozinha.

— Eu costumava secretamente mudar de padeiro para Sátiro na rima, e tentar enganar a flor prometendo-me a este último como meu marido. — Confessou Michaela com uma risadinha.

— Eu sinto falta daquele tempo — disse Silvia. A palma da mão acariciando o cabelo de Micaela, desfrutando sua textura sedosa. — Antes da distração do templo, quando éramos tão inocentes dos males do mundo.

Quando ela todas juraram proteger a chama de Vesta para sempre.

Ela olhou em direção ao fogo da grelha do Senhor Satyr, sentindo um profundo sentimento de perda. Ela estava feliz por Michaela ter encontrado o amor. Mas Bastian tinha feito residência em seu coração, e agora haveria menos espaço dentro dela para uma amizade com Silvia no futuro. Esse era simplesmente o modo como às coisas corriam com o amor. Michaela olhou para ela através de seus cílios, com os olhos cultos.

— Você esta excitada.

Silvia se endireitou.

— O quê? Não!!

— Não se preocupe em mentir. Sempre pode contar com uma companheira.

Com graça sensual, Michaela mudou de lado e deu um tapinha no colchão entre elas.

— Venha aqui — ela pediu gentilmente.

Os dentes brancos de Silvia puxaram o lábio inferior, o seu olhar azul procurando o violeta.

Michaela levantou a mão e seus dedos se enrolaram nos longos cabelos vermelho-ouro de Silvia.

As costas dos seus dedos resvalaram nos seios de Silvia, obrigando-a a reconhecer a necessidade que surgiu a luz de seu toque. Tudo o que Silvia tinha aprendido aqui esta noite foi incrível. Ela ia perder sua amiga para a morte um dia. Já havia perdido uma parte dela para lord Satyr. O desejo de se sentir perto dela agora era tão agudo.

Silvia olhou para a porta.

— Há tempo. Ele vai tomar banho, se vestir, e trabalhar em sua mesa antes de retornar para fazer sua despedida para o dia. Por favor. Deite-se comigo.

Michaela puxou levemente em uma extremidade de uma mecha de seu cabelo. E Silvia cedeu ao que ela queria, deslizando baixo até que estava uma enfrentando a outra.

Nesses raros e pequenos momentos, Silvia podia fingir que eram seres normais, sem preocupação ou cuidado. Ela se esqueceria de todos os planos que ela e Michaela tinham feito que de repente tinham se desintegrando. Que logo ela estaria sozinha. Ela suspirou, permitindo-se relaxar, e descansou a bochecha em cima dos lençóis perfumados com a paixão que ali teve lugar. Em cima de um colchão de penas, ainda quente pelo poderoso corpo do homem que tinha acabado de sair dali.

Michaela levantou o peso do cabelo de Silvia e empurrou-o por cima do ombro nu, sorrindo para ela carinhosamente.

— Você nos assistiu? — Ela perguntou baixinho.

Silvia deu de ombros, deixando que a verdade aparecesse em seus olhos.

— Estou contente, Via.

Seus olhos se mantinham enquanto a palma de Michaela acariciava o peito e a garganta de Silvia, moldando o contorno de seu corpo enquanto se movia para baixo na curva de sua cintura e depois a coxa, o joelho. Em seguida, ela pegou e puxou para cima novamente, arrastando a frente de seu

deslocamento ao longo da costura das pernas ainda firmemente travadas contra a invasão.

Silvia ofegou quando uma mão de pele morena encontrou o pálido triângulo de seda que guardava suas partes privativas, se alojando ali. O calor de Vesta, que Michaela continha em suas palmas, foi concebido para despertar.

Silvia sentiu-se entregar a ele, derreter por ela. A ponta de um de seus dedos acariciou seu clitóris, uma vez, em seguida, novamente. Puxando-o para cima e suavemente distende-o. Embora o toque fosse leve, o seu efeito sobre ela era profundo.

De repente, todo o seu ser estava urgentemente focado em um objetivo: a busca rápida da gratificação sexual. Ela virou-se para o toque, e as suas coxas se separaram em assentimento tácito, seu tornozelo envolvendo-se mais em Michaela. Por isso, ela foi recompensada pelo tentador esfregar dos dedos das mãos hábeis de Michaela. Dedos que tinham entretido legiões de ambos os sexos, em circunstâncias semelhantes ao longo dos séculos. A carne entre suas pernas, ficou lavada e molhada com o início do prazer. Os olhos de Silvia tremulavam fechados, seus longos cílios escuros agitando contra a pele de marfim. Um gemido suave a deixou. Sexo com Michaela sempre foi e sempre seria calmo e terno. Era tudo o que necessitava; tudo o que ela aceitaria. Um ato ocasional nascido de afeto fraternal, que iria satisfazer sua necessidade de conforto físico. Isso reafirmaria os laços de uma história compartilhada ao longo dos séculos entre elas. Seria um alívio bem-vindo a tensão que a tinha enchido depois de ter assistido o ato da cópula que tinha tão recentemente ocorrido aqui nesta mesma cama. Nada mais.

— O que você achou? — Michaela sussurrou.

— Hum... Sobre o quê? — Silvia sussurrou.

Seu dedo magro pressionava lentamente suas dobras femininas, acariciando-a num ritmo doce, suave que melhor a excitava. Outro gemido escapou dela.

— De Lord Bastian — Michaela murmurou, os lábios roçando na testa de Silvia — Ele é algo especial, não é?

Sua voz estava repleta de memórias concupiscentes de seu amante.

Com suas palavras, uma visão erótica de Lord Satyr trabalhando em Michaela na mesma cama apenas uma hora atrás, aumentou na mente de Silvia. Ela alimentou a imagem carnal, lembrando-se, permitindo que os pensamentos de seu acoplamento abastecessem sua própria e crescente paixão.

— Mmm-hmm — disse ela — Eu notei as dimensões de seu atributo especial quando eu encontrei-o agora em seu escritório. — Contra o cabelo dela, ela sentiu o sorriso de Michaela.

— Eu não quis dizer esse atributo, Via, embora concorde que é bastante agradável. — Suspirou satisfeita. — Devo dizer o que eu amo verdadeiramente nele? Fisicamente, eu quero dizer?

— Diga, por favor. — Seus olhos incidiram sobre o seio de Michaela. Viu uma mancha como uma equimose lá na voluptuosa carne morena feita pela força da boca dele. Hipnotizada, ela colocou a própria boca, onde a dele tinha estado, sugando suavemente, saboreando-o em sua pele. Foi quando o dedo feminino escolheu o momento para mergulhar dentro dela, picos precisos e febris varreram ao longo de seu corpo todo. Silvia engasgou e agarrou o pulso de Michaela em um aviso.

— Não muito...

—...Profundo. Sim, eu me lembro. Eu vou tomar cuidado.

Michaela se aconchegou mais perto e Silvia deitou. Úmido agora com bálsamo doce de Silvia, os dedos escorregadios pincelaram seu clitóris e depois trabalharam dentro dela novamente, e em seguida, para fora, dentro e fora, balançando sobre sua vagina com cada empurrão e a cada puxão. Suas costas arqueadas e seus próprios dedos enrolados nas colchas. Ela sentiu-se movendo rapidamente em direção ao precipício de libertação e mal percebeu quando ela começou a mover os quadris, cavalgando ao toque de Michaela. Deuses tinha passado quase um ano desde que tinham feito isso juntas. O clímax não demoraria muito a chegar. E Michaela sabia. Sempre soube.

— Não é o que você pensou.

A voz rouca de Michaela era como lábios traçando para cima ao longo do lado da garganta de Silvia. A testa de Silvia se contraiu, tentando seguir o que ela estava ouvindo através da névoa sufocante de sua paixão.

— É suas mãos que eu mais amo, Via. Elas são lentas. Ele leva o seu tempo. Sabe como se concentrar. Em uma estátua — um úmido, golpe persistente — sobre um vaso de cerâmica — outro golpe — em uma mulher.

Quando o orgasmo iminente inchou, Silvia agarrou um travesseiro, tentando esconder o rosto em sua maciez.

— Não. — Michaela subiu em seu antebraço, os dedos ágeis tocando a carne de Silvia totalmente molhada — Por favor, não se esconda.

Silvia cedeu, mas colocou a volta de seu pulso em seus olhos, incapaz de ficar completamente nua em suas emoções tumultuadas, mesmo para uma amiga estimada.

Zumbia-lhe o pulso muito alto em seus próprios ouvidos, uma batida sedutora. A necessidade estava a sufocá-la, mortificando-a. Ela sufocou outro gemido.

— Depressa. Vamos ser pegas por ele. Por favor. Ele pode voltar em breve.

Os lábios vermelhos de Michaela se separaram.

— Tudo bem — ela sussurrou — Ama-me, Via.

Neste sinal familiar, os olhos de Silvia se abriram e se pegaram aos de Michaela. Sua mão foi desceu entre elas, sobre a barriga arredondada de Michaela e no alto entre as coxas dela. Seus dedos tremeram, deslizando entre a abertura quente que tinham tão recentemente acomodado outro amante. Ela encontrou-a pronta, ainda úmida pela ejaculação de Lord Satyr.

— Você sente o gozo dele? — Michaela murmurou em seu ouvido.

Silvia engoliu em seco. Assentindo.

— Bom. Oh, eu gostaria que você pudesse conhecê-lo dessa forma, também, Via. Poderia conhecer o prazer que ele pode dar.

A testa de Silvia se contraiu em confusão.

— O q...?

— Shhh.

Através dos olhos semicerrados, ela assistiu na aproximação dos lábios de Michaela. Uma companheira de verdadeiro talento poderia trazer um amante para um orgasmo com um simples beijo.

Sua melhor amiga era muito talentosa.

— Eu vou gozar.

E então Michaela pressionou sua doce boca na de Silvia, beijando-a com os lábios que Lord Bastian Satyr tinha beijado. O gosto dele permanecia aqui também, e teve o efeito de um doce afrodisíaco em Silvia. A leve pressão veio em seu clitóris, então um puxão, e... O clímax que vinha crescendo dentro dela desde que ela chegou e encontrou Lord Satyr cavalgando Michaela neste mesmo quarto rescindiu sobre ela em delicadas ondas de alegria. Distante, ela ouviu Michaela vir também, por menor que fosse o toque carnal de Silvia sempre e rapidamente incitava-a a liberação. Silvia rolou para longe dela, ficando de lado, enquanto com a mão apertava o alto entre suas pernas, apertando, em seguida, liberando apenas para apertar novamente. O

corpo de Michaela se curvou em torno dela, seu braço envolvendo Silvia pela cintura, oferecendo abrigo, como ela sempre fazia quando eram jovens.

— Minha querida, querida Silvia.

Um beijo acariciou seus cabelos. Ah, isso era o céu. Essa sensação de proximidade. Este percurso e o clímax compartilhado. Elas se abraçaram enquanto suas respirações ficavam mais lenta, com a diminuição do tumulto.

Mas esse momento era agri-doce, porque este seria provavelmente seu último encontro desse tipo. Elas tinham descoberto esse talento recíproco de dar e receber no ano em que foram iniciadas como vestais. Elas haviam sido informadas que deveriam servir a deusa por três décadas, Michaela como uma companheira Vestal; e Silvia como uma das virgens vestais. E enquanto o tempo passava, seus corpos tinham amadurecido e sua amizade crescido, e tornara-se mais ainda. Como lhes era negado outras saídas para suas paixões, elas tinham se voltado umas para as outras. A Casa Atrium ficava adjacente ao templo, onde a chama de Vesta queimava, e Silvia ainda se lembrava de como a luz do fogo tinha delineado o corpo de Michaela na primeira vez que elas tinham feito amor.

Suspirando, interiormente, Silvia levantou o braço que estava em sua cintura e se afastou. De agora em diante, as coisas seriam diferentes. A lealdade de Michaela jazia em outro lugar, com o Senhor Sátiro. Silvia tinha se impelido para longe com bastante frequência, incapaz de dar tudo de si para quem quer que fosse. Que assim seja. Guardando o que se passara entre elas, ela empurrou seu turno normal para baixo e rolou para sentar-se, os olhos afastados. Ela nunca tinha sentido o pleno e selvagem calor da paixão que Michaela tinha muitas vezes descrito encontrar com ela e outros amantes. Não tinha certeza se queria alguma vez se desnudar completamente para outro parceiro. E ela definitivamente queria evitar qualquer discussão de sentimentos, no rescaldo do coito. Ao contrário de Michaela, que sempre gostara de conversar sobre isso logo depois.

— Dei uma olhada ao redor, enquanto vocês estavam... Envolvidos — disse Silvia, nenhum um pouco ansiosa para se debruçar sobre o que elas tinham feito. Sobre o que ela percebida como um sendo momento de fraqueza. — Como andam as descobertas de Lord Satyr no Fórum? Ele já deveria ter encontrado o templo.

Michaela não a deixou escapulir tão facilmente.

— Buscar o prazer não é um pecado, Via.

Um silêncio tenso se passou, e ela temeu que Michaela fosse pressioná-la a chafurdar no que elas tinham compartilhado.

— Você nem sequer mostrou a ele onde o templo está, mostrou? — Silvia acusou. Provocar Michaela parecia ser a melhor maneira de quebrar qualquer intimidade. — Eu li a carta em sua mesa. Ele ainda está em busca do templo.

Imperturbável, Michaela se esticou languidamente, como um gato.

— Eu não roubarei dele. Não mais do que eu roubaria de você. Você nunca se perguntou por que Pontifex quer recuperar as nossas Pedras de fogo com tanta exaltação? Ele superou problemas consideráveis para obter as seis que ele tem. Eu não tenho certeza de que ele deve tê-las em seu poder, muito menos o resto.

Silvia aproveitou este novo assunto, aliviada quando ela deixou o assunto do seu amor ir.

— Eu não tenho nenhuma intenção de dar nada para ele. Mas se eu puder encontrá-las, posso ser capaz de usá-las para enganá-lo e libertar as outras. Ele acredita que pode se beneficiar com o poder de nossas pedras. Usá-las para fazer...

— A obra de um louco.

— Isso é evidente. Mas exatamente o que ele planeja para elas, esse é o mistério que devo resolver. Porque, se ele pode usa-las, nós também podemos. Mas primeiro, temos que recuperá-las. Para descobrir que poder elas tem e como funcionam.

Silvia se levantou da cama.

Michaela estendeu a mão para ela.

— Espere. O que você irá fazer?

— O que você não faria. Roubar Lord Satyr!

— Não há nada para roubar, Via. Ainda não. As seis pedras restantes ainda estão enterradas. Eu o detive de encontrá-las.

Silvia acenou com a cabeça, depois de ter adivinhado o máximo. Na noite em que o templo tinha sido destruído, cada Vestal tinha ficado responsável pela guarda de sua pedra. No caos, todas elas foram perdidas no Fórum. Mas algumas tinham feito o seu caminho no mundo e se acreditava estar nas mãos de vários coletores, que não tinham ideia do que eles possuíam. E seis foram parar nas mãos de Pontifex.

Indo ao fogo para aquecer-se antes de enfrentar os elementos novamente, ela disse:

— Porra, Michaela. Isso não será fácil de explicar para Pontifex. Vou ter que mover-me rapidamente para orientar o seu amante em direção do templo para ter algo para mostrar pelo nosso tempo aqui.

Quando Michaela parecia prestes a protestar, Silvia acrescentou.

— Satyr não vai perceber minhas manipulações. E você não precisa ser envolvida. Vou conseguir emprego na escavação, a fim de observar legitimamente seu progresso por lá. — Ela forçou um sorriso maroto. — Isso também vai me dar uma chance de pesar Lord Bastian, e decidir se ele é realmente bom o suficiente para você.

— Ele é. — Michaela enviou-lhe um olhar inescrutável. — Quando você for ter com ele em busca do emprego, você vai como você mesma?

— Na minha própria forma? Não seja ridícula. Não tenho nenhum desejo de ser mortal.

— Não é tão ruim assim.

— Eu tenho um trabalho a fazer, Kayla. E eu não posso fazê-lo em meu próprio corpo. Não quando eu só posso usá-lo por 24 horas de cada vez, sem render-me para sempre como uma mortal. Eu não posso deixá-lo saber o que somos. O que nós queremos. Seria muito perigoso.

Michaela rolou para ficar sobre sua barriga, o queixo apoiado em ambos os punhos. Suas pernas nuas esticadas atrás dela, os longos cabelos emaranhados pelos lençóis. A exibição erótica era um truque de uma acompanhante, destinado a reduzir as defesas em uma negociação.

— Bem, pelo menos, me diga que você vai tentar localizar uma forma mais atraente do que o que você assumiu na última vez que estivemos em Roma, vai?

Silvia sorriu.

— Você não gostou de mim na forma de um trabalhador de esgoto cloaca?

Como resposta, Michaela comprimiu o nariz entre seus dois dedos como se tivesse cheirado algo terrível.

Rindo tranquilamente, Silvia voltou-se para ir.

Michaela saltou da cama em um redemoinho de seda e perfume e correu para ficar com ela, seu aperto em seu braço era urgente.

— Não tem que ser dessa forma. Você poderia ficar aqui. Você poderia se mostrar quando Bastian retornar daqui a pouco. Sua família é poderosa. Eles poderiam lutar contra Pontifex.

Balançando a cabeça, Silvia ficou a distância.

— Não tenha pena de mim.

— Eu não estou com pena!

Michaela colocou uma mecha de cabelos rebeldes de Silvia atrás de sua orelha, seu olhar suave.

— É apenas que eu amo você. E eu o amo. Se você e ele pudessem aprender a amar um ao outro, tudo seria tão perfeito.

— Perfeito? — Silvia ecoou em surpresa.

Observando os olhos de Michaela, percebeu o ela tinha em mente.

— Você quer que eu me junte aos dois aqui, em sua cama?

— Você nos viu — Michaela começou com urgência. — Você viu que suas paixões são fortes, que seu dote masculino é generoso. Ele é bem capaz de acomodar outra mulher em sua cama, pelo menos de tempo em tempo.

Uma imagem erótica das duas presas juntas em um abraço voluptuoso com ele levantou-se espontaneamente na mente de Silvia, e ela rapidamente a baniu. Puxando seu braço do aperto, ela recuou, sorrindo tristemente.

— Eu não estou certa de que ele verá as coisas como você, querida Kayla. Ao contrário, ele pode encontrar sua sugestão além dos limites de sua generosidade.

— Estou falando sério — insistiu Michaela, batendo um pé descalço.

Mas Silvia só se encaminhou para a porta, destrancando-a.

— Divirta-se com o seu novo amor, mas não creio que deva me incluir. Eu vou continuar a minha busca pelas pedras de fogo que estão faltando, e uma vez que eu as tiver, eu vou voltar ao Pontifex uma última vez, e fazer o que for preciso para libertar as outras. Como o planejado. Eu não posso procurar mais do que isso por enquanto.

À menção de Pontifex, Michaela cruzou os braços.

—O que você vai dizer a ele sobre mim?

De repente, lembrou-se daquela noite horrível há muito tempo quando Michaela tinha sido blindada com danos nas mãos de Pontifex, Silvia sentiu uma onda feroz de protecionismo para Micaela ascendendo dentro dela.

— Inventarei algumas mentiras que irão mantê-la segura — respondeu ela simplesmente.

Tornando-se invisível novamente, ela então partiu do quarto e da casa, conseguindo evitar outro encontro com o dono.

Mas logo depois ela chegou ao Fórum, e Lord Satyr também chegou. De sua posição no topo de Monte Palatino, ela observava, seus olhos famintos seguindo pelo terreno, até que ele finalmente entrou na grande tenda branca que dominava a paisagem. Ela suspirou. Se fosse escolher um homem para deitar aquele certamente era o espécime que lhe atrairia. Mas agora não tinha tempo em sua vida para essas coisas. Ela passou a toda manhã e início

da tarde ao longo da periferia do Fórum, explorando as colinas adjacentes que davam para ele. O tempo tinha mudado o terreno, e foi com alguma dificuldade que ela conseguiu se lembrar da localização do templo, que agora estava enterrado debaixo de séculos de solo acumulado. Uma vez ela estava certa, ela se caminhou para os pomares exuberantes nas proximidades do Monte Aventino, que estavam na propriedade de Lord Dane Satyr, um dos irmãos de Bastian. Ali, na solidão, ela brevemente assumiu sua forma corpórea novamente para juntar os frutos que ela pode encontrar que ainda não estavam podres.

Enquanto o crepúsculo se aproximava, ela rapidamente mudou para sua forma não corpórea que ela decidiu que levaria nessa missão arriscada. A de uma criança de seis anos, a menina que ela tinha sido quinze séculos atrás, no dia que ela tinha sido escolhida para servir Vesta. E, em seguida, ela foi fazer o chamando ao amante de Michaela.

Capítulo 3

Com um dramático floreio da lona branca, Bastian jogou para trás a aba frontal da tenda expansiva, que servia como seu escritório, no meio das escavações do Fórum romano. Ele jogou seu sobretudo no cabideiro onde ele pegou na gola e drapejou seu comprimento com dobras de bom gosto, como se ele não se atrevesse a ficar de outra forma em sua presença imponente.

— Signor Satyr? — Seu capataz, Ilari, o havia seguido pelo terreno do Fórum, jogando conversa fora sobre nada importante. Era um agente do Parlamento designado para trabalhar sob as ordens de Bastian, ele era leal ao governo, não a Bastian ou a escavação.

Bastian o ignorou como sempre fazia, sua mente ainda povoada com a presença que sentira em seu estúdio naquela manhã. Sobre as cores que ele tinha visto. Ele estava cuidadosamente dissecando o assunto em seus pensamentos, transformando, lhe dando voltas e mais voltas, inabalável como um cão com um osso até que ele resolvesse o quebra-cabeça. Para quem nunca antes tinha testemunhado um mundo inundado em cores, este tinha sido um evento milagroso.

E isso teve um efeito curioso sobre ele. Depois disso, ele ansiou por se deitar mais uma vez com Michaela. Embora ele tivesse lutado contra isso, tomado banho primeiro e completado seus negócios em sua biblioteca, ele acabou sucumbindo. Ele havia deitado com ela duas vezes mais naquela manhã, e agora estava atrasado. Uma ocorrência bastante sem precedentes em seu histórico. Ele estava sempre ansioso por estar de volta aqui, muitas vezes aparecendo antes do amanhecer e trabalhando mais duro do que qualquer um dos trabalhadores.

— Signor? Como devemos proceder?

— Devagar — respondeu ele, sem ter ideia do que Ilari estava falando, mas havia descoberto que esse era geralmente o melhor conselho em qualquer caso arqueológico. — Agora, retire-se da minha vista. Eu vou encontrá-lo lá fora quando me convier. — Indo direto para sua grande poltrona de couro, ele se sentou e examinou sua mesa, ansioso para começar a trabalhar. A cadeira muito usada era confortável apropriada para um homem de sua poderosa constituição. Seu pai tinha uma vez se sentado nela quando ele era o mestre no início das escavações aqui no *Fórum Romano*. Isso foi há 11 anos, quando ele estava vivo. Antes de Bastian o ter matado.

Jogando fora as memórias sombrias com a força proveniente de uma longa prática, ele começou a triagem dos itens dispostos ordenadamente em

sua extensa mesa de mapas, ferramentas, vários recipientes de cacos de cerâmica antiga, uma pilha de cartões de escavação em branco, e outra pilha de cartões em que descobertas recentes haviam sido catalogadas. Suas manhãs eram passadas em seu estúdio e as tardes no campo, embora houvesse alguma sobreposição e sempre muitas interrupções. Ele normalmente passava seu tempo assim, os dias cumprindo completamente fascinado pelo passado antigo do Fórum.

Parecia que apenas alguns minutos tinham passado quando ele ouviu a voz de Sevin. Outra interrupção em um dia em que ele mal tinha conseguido roubar um momento do tempo para o que estava em sua mesa.

— Eu acredito em que você não estará demasiado cansado para participar da festa de hoje à noite, grande irmão. — Sevin anunciou, empurrando a aba de lona da tenda. — Tendo em vista o seu dia extenuante no Esquilino, quero dizer.

Bastian o beneficiou com o elevar de uma sobancelha escura. Ele não viu nenhuma razão para responder. Como todos os Satyr que tinha uma relação de sangue, ele e seus irmãos compartilhavam cada encontro libidinoso dos outros, embora um pouco distante. Quando um deles se envolvia em prazeres carnavais, todos experimentavam algo semelhante a um eco do prazer. Era certeza de que seu irmão sabia que ele tinha se deitado a noite anterior com uma fêmea e novamente esta manhã.

— Bem? Entre ou saia, faça uma escolha — disse Bastian — Antes que o vento apague o meu fogo.

Sevin veio para dentro, atirando-se a única outra cadeira dentro da tenda. Recortes leves do que ele se recusava a chamar de covinhas vincaram seu rosto, apenas enfatizando sua boa aparência masculina. Embora nenhum dos irmãos de Bastian tivesse encontrado dificuldade em atrair a atenção do sexo feminino, Sevin era quem atraía as mulheres de todas as idades assim como os felinos eram atraídos pela erva apreciada pelos gatos.

Com o toque de um punho no ar, Bastian rapidamente encantou o perímetro da tenda contra qualquer bisbilhoteiro que pudesse optar por vadear pelos muros da tenda. Confiante de que sua conversa permaneceria privada, ele perguntou:

— O que o traz aqui tão cedo? O Moonful não chegará por horas ainda.

Sevin levantou um único dedo.

— Uma hora, irmão. Uma única.

— Danação! Sério? — Bastian olhou em sua mesa, frustrado por que ele em breve seria inútil em seu trabalho, rendido pela chegada da noite. Embora houvesse ainda muito a fazer aqui, tudo perderia importância quando a plenitude da lua o chamasse para tomar parte dos rituais carnavais que os sátiros desfrutavam desde a aurora dos tempos.

— Mas já que você perguntou — Sevin acrescentou, retomando o fio da conversa, — Eu vim para investigar o bem-estar de uma de minhas funcionárias.

— Michaela? — Bastian olhou para ele.

A expressão de Sevin era toda inocência, mas os seus olhos azuis prateados brilharam com humor.

Bastian fez um gesto de uma forma que era inata nos italianos, uma virada de mão que afastava qualquer preocupação.

— Você vai ver por si mesmo esta noite que ela está ilesa por minhas atenções.

— Ah. Suas atenções. Frequentes, são elas não? — As longas pernas de Sevin encontraram o escabelo e ele cruzou os tornozelos sobre ele. Alojando os cotovelos nos braços da cadeira, ele juntou os dedos em forma de campanário sobre o peito largo, tocando-os com um ar satisfeito.

Estabelecendo-se para apreciar sua provocação, Bastian ostentou.

— Estou certo que você é bem ciente da frequência. Tanto quanto eu estou ciente da pouca frequência das fêmeas em sua cama ultimamente.

O sorriso de Sevin só aumentou.

— Infelizmente, é verdade. Eu estou cercado por mulheres em meu estabelecimento, mas reluto em levá-las para a cama para que não haja nenhum apego a mim que sou o empregador. Descobri cedo que o favoritismo é ruim para a moral. Os negócios no Salone di Passione estão crescendo rápido e os novos funcionários precisam de alojamentos. No entanto, a câmara de Michaela está vazia durante noites a fio. Devo disponibilizá-lo para outro que iria colocá-lo em um uso mais rentável?

— Eu não tenho planos de casamento, se isso é o que você está querendo saber. — Bastian informou a ele. — Michaela e eu estamos satisfeitos com a atual natureza de nosso relacionamento e não precisamos nos mover em qualquer direção a partir dos gostos de parentes. Deixe que ela mantenha seus aposentos no salão, eu financio os aposentos dela, devo lembrá-lo, como forma de armário para os pertences dela como ela faz atualmente. Ela não tem residência permanente comigo. E nunca terá.

Sevin riu, imperturbável.

— Você está um urso esta noite. Muitas noites sem dormir?

— A única coisa que perturba meu sono é o condenado Parlamento Romano. — Bastian empoleirou um par de óculos com lentes alongadas na ponta de seu nariz aquilino e pegou o maior dos fragmentos que havia sido encontrado fora do campo apenas uma hora atrás.

— Como assim? — Ociosamente, Sevin pegou uma urna de terracota da prateleira mais próxima, então olhou para ele com desgosto. Foi recém-descoberto e ainda coberto com sujeira.

Bastian jogou um pincel para ele.

— Seja útil e dê uma boa polida e o deixe brilhar como ouro, sim? — Ele sorriu para si mesmo, sabendo como seu irmão não gostava de ter alguma coisa a ver com as escavações.

— Terracotta em ouro? Isso seria um bom truque.

Apesar das caretas, Sevin, no entanto, começou a bater o pincel sobre a superfície da urna. Seu pai arqueólogo havia ensinado a todos eles os rudimentos da escavação ainda quando eram meninos, e Sevin sabia bem o trabalho. Mas Bastian foi o único que tinha seguido os passos de seu pai.

Bastian ajustou a ampliação das lentes dos óculos até que ele finalmente foi capaz de ler o que estava escrito sobre o fragmento: “*Amata*” Amada.

Ele ajeitou a almofada do polegar sobre a palavra, desfrutando a sensação ligeiramente arenosa dele e do conhecimento que ele estava tocando algo que tinha sido criado há incontáveis séculos atrás.

— Cada descoberta que fazemos aqui é elogiada e aclamada, mas eu mal termino uma, o Parlamento já está clamando por outra. — ele continuou com nojo. — O novo ministro da Cultura não tem respeito pela história, apenas pelo poder e ouro.

— Se eu tiver que agradecer ao ministro por esta humilde tarefa, então eu o desprezaria também — disse Sevin, dando a urna uma batida particularmente dura.

— Ele tem aspirações políticas e procura carona nas costas de nossas descobertas aqui, para melhorar sua própria posição — disse Bastian. — Entre esses críticos políticos romanos e o Conselho de ElseWorld, é o suficiente para mandar um homem a bebida. — Um silêncio potente cumprimentou sua declaração. — Foi só uma brincadeira, irmão. Apenas uma piada — acrescentou ele, quando o silêncio se alongou. — Eu as faço de vez em quando.

Bastian esticou os ombros, fazendo com que o tecido do colete se esticasse nos músculos aperfeiçoados. O casaco era de design chinês, um dos muitos itens exclusivos que ele trouxe para casa de suas viagens ao Oriente, quando ele tinha dezoito anos. Ele não se lembrava das circunstâncias de como ele adquirira a vestimenta. Na verdade, havia muita coisa que ele não se lembrava de ter feito após a morte de seus pais. Ele havia bebido. Durante quatro longos anos.

— O que é aquela coisa que você está olhando? — Sevin perguntou depois de um momento.

— Uma pista sobre o paradeiro das relíquias da deusa Vesta que estão faltando. — Puxando os óculos para a testa, Bastian se posicionou diante de uma de suas estantes. À luz do lampião, o seu corpo bem musculoso, de quase dois metros de altura fundia uma sombra impressionante contra as paredes internas da tela branca. Correndo por todo seu perímetro estavam às prateleiras resistentes forradas com grossos livros de referência, pedaços de cerâmica preciosa, mapas, e artefatos antigos, tudo meticulosamente arranjados e catalogados. Para ele, a ordem e horários se equiparavam a sanidade e sobriedade, e ele teimava em manter os dois.

Localizando o mais conhecido trabalho de Alexander Adams sobre a Roma Antiga, ele folheou a passagem que ele queria, e leu em voz alta e grave:

— As Virgens Vestais foram escolhidas... pelo Pontifex Maximus, que... selecionou dentre o povo vinte garotas acima de seis [Anos]... livre de qualquer defeito físico... Elas foram determinadas por sorteio em uma assembleia do povo e dessas vinte deveriam ser nomeadas. Então, Pontifex Maximus, tomou de seus pais, as quais a sorte recaiu, como prisioneiras de guerra, nomeando-as assim: "*Te Amata Capio*".

Bastian olhou triunfante.

— Lá, você vê?

— Não — disse Sevin, polindo ainda a urna com mais zelo que finesse.

— *Amata*, — Bastian disse pacientemente, gesticulando em direção a sua mesa. — Está lá, escrito no fragmento que foi encontrado hoje perto do Templo de Castor e Pólux. Não mais que a 20 metros daqui. *Amata* era um título genérico dado a todas as vestais.

— Ah. — A compreensão chegou a Sevin.

— Exatamente! — Bastian fechou o livro e empurrou-o de volta para o alinhamento preciso com os seus vizinhos na prateleira. Caminhando de volta

para sua mesa, ele novamente abaixou os óculos para examinar o fragmento. — Século IV — ele adivinhou.

— E como o nosso pai, você acredita que as Virgens de Vesta são a chave para reforçar a magia que impede que os seres humanos possam descobrir que caminhamos entre eles?

— Não são as Virgens em si, como o pai acreditava. Não, são as relíquias que elas guardavam que eu estou atrás. Elas são referidas pelos filósofos antigos como pedras ou relíquias, mas acredito que fosse algum tipo de joias. Acho que elas são as chaves...

Bastian se interrompeu abruptamente, como se algo ardesse sobre o dorso de seu pescoço. Algo antigo estava se mexendo, em algum lugar nas profundezas da Terra. Ele recolocou o fragmento secular cuidadosamente sobre a sua mesa de trabalho, cada um de seus sentidos ficando em alerta.

Diretamente na frente dele perto da abertura da tenda, uma névoa surgiu onde antes não havia nada. Ele apertou os olhos, tentando determinar se era só o chato do Ilari voltando com sua tagarelice ou um fantasma real, então ele lembrou que ele ainda usava os óculos de proteção. Destinados ao trabalho de perto, eles eram grossos e ampliavam muito o seu ambiente, tornando os objetos a qualquer distância ao longo de meio metro de distância impossíveis de ver claramente. Ele os arrancou do rosto. E a viu.

Na abertura da tenda estava uma menina de seis anos de idade ou quase isso. Exceto pelo cabelo chocante selvagem e longo, ela estava pálida como um fantasma. E tão irreal. Uma grande excitação disparou nele. Uma visão. Ele não tinha tido uma em meses. Ele tinha começado a se perguntar se o seu dom o havia abandonado. Cada músculo tenso ficou desenhado quando ele se levantou lentamente da cadeira de couro em sua mesa coberta de mapas.

Quando ele não respondeu a algo que Sevin disse, seu irmão corrigiu sua posição na cadeira em frente, as botas batendo no tapete que cobria o chão de terra. Rapidamente avaliando a natureza do que estava acontecendo, ele disse:

— Menos de uma hora até Moonful, grande irmão.

A visão fez um gesto em surpresa, como se ela não tivesse percebido que havia dois homens na tenda. Bastian seguiu o olhar dela para seu irmão, olhando de uma forma desfocada que fez Sevin amaldiçoar. Sevin estava certo em seu desânimo, é claro, ele pensava com interesse individual. O chamado acenava e toda a família estava prestes a se envolver no ritual esta noite em suas terras. Seu corpo já estava começando a acelerar em antecipação ao

ritual. Sua pele estava aquecendo, o seu dorso estava rígido, e seu pau tinha crescido com fome pelo gosto de uma mulher. No entanto, no momento, tudo parecia particularmente importante.

Seus olhos se voltaram para a visão, e ele deu um passo cuidadoso em sua direção. Vendo isso, a menina explodiu em ação, escapulindo e desaparecendo através da parede sólida da tenda em um turbilhão nebuloso de negro, branco e cinza.

E ele estava bem atrás dela, forçando seu corpanzil através da porta da tenda. Lá fora, ele procurou por ela na paisagem.

— Vinte infernos! Bastian! — Sevin praguejou ficando em pé. — Hoje não. É condenadamente inconveniente. O que quer que você esteja perseguindo não pode esperar?

Ilari apareceu atropeladamente, espiando dentro da barraca para ele. Pegando com um olho a figura de Bastian desaparecendo rapidamente na distância, perguntou a ele com excitação mal contida.

— O que aconteceu? É uma nova descoberta? Será que ele disse o que era?

— Não é nada. Aqui, coloque isso em algum lugar. — Jogando a urna para o homem assustado, Sevin arrebatou o sobretudo que Bastian tinha jogado no gancho. Vendo seu irmão em cima de um monte a cerca de quarenta metros da tenda, ele correu atrás dele.

A paisagem do Fórum era estranha no crepúsculo. Lajes de pedra levantavam aqui e ali como os fantasmas de seus antepassados de ElseWorld, que uma vez tinham povoado a Itália. Lanternas nas mãos dos trabalhadores cortavam entre eles, como vaga-lumes gigantes.

Ao aproximar-se de seu irmão, Sevin murmurou.

— Já está na hora de fazermos nosso percurso para a segurança de sua casa no Esquilino, você não concorda? — Ele disse com cuidado — provavelmente Dane e a esposa já estão esperando por nós lá.

Bastian permaneceu surdo como a morte, à espera de outro movimento por parte do espectro. Ela estava apenas dez metros à frente, de costas para ele. E de todos aqueles no Fórum, só ele podia vê-la.

— O que você quer me mostrar? — ele murmurou sob sua respiração. Suas palavras foram pegadas pelo vento e levadas em sua direção. Será que ela o ouvia? Embora fosse um homem impaciente, ele teve a paciência de Saturno, o deus romano do Tempo, em certos assuntos. Tais como a adivinhação dos segredos dos antigos, ou de uma fêmea.

O objeto de seu fascínio começou a andar novamente, em seguida, olhou para trás para garantir que ele a seguia. Ele o fez. Seus pés delicados mal tocavam no chão, e não deixavam nenhuma impressão sobre ele. Atrás dela, suas botas de trabalho de couro preto atingiam a terra profundamente, esmagando pedras e perfurando telhas transformando-as em mosaicos em miniatura aprofundando-as no solo seco e vulcânico do piso do Fórum.

Sevin não o perdia de vista, silencioso e atento agora. Na medida em que ele conseguia ver em qualquer direção, não havia nada de incomum em vista. Mas seu irmão via algo que outros não viam, e todos os olhos estavam sobre ele. Tudo em torno deles, o bater das picaretas e raspar de batidas diminuiu quando os lacaios pararam o seu trabalho para seguir em seu rastro. Sussurros animados foram trocados. Um operário apontou para outro, que convocou outros, até que um verdadeiro rebanho o seguia. Eles estavam antecipando um show. Todos esperando para ver o que o arqueólogo mais famoso que Roma já conhecera iria descobrir neste momento.

Sevin já tinha visto seu irmão estrelar em cenas como esta antes. O dom de Bastian tinha dado sua primeira aparição na tenra idade de cinco anos, quando uma visão o levou a descobrir a Petroglyphs Sagrada dos Antigos em ElseWorld. Foi uma descoberta que seu pai tinha tomado crédito para si, para protegê-lo do escrutínio do Conselho. Mas eles finalmente descobriram a verdade. E como resultado, toda a família tinha sido enviada para cá, para este mundo. Para minerar os tesouros do Forum usando o talento de Bastian.

O fantasma parou de repente, no canto nordeste do Templo de Castor e Pólux. Tomando cuidado para ficar a uma distância, Bastian parou atrás dela. Ele alargou a sua posição, sentindo a necessidade de maior ligação com o solo e para com o que estava escondido debaixo dele. O passado — era o que o nutria. Ele o fascinava como nada no presente já havia fascinado.

— Quem é você? — Ele murmurou. Mas a menina só balançou a cabeça. Levantando os braços para os céus como um anjo, ela começou a girar no lugar, em um circulo lento e etéreo.

Os sussurros aumentaram entre os trabalhadores. *O que ele disse? O que está acontecendo?* Vários homens fizeram o sinal da cruz contra o mal.

Mas Bastian estava alheio e só esperou e observou, seu corpo inteiro — células carne, tendões, ossos, músculos, sentidos — inteiro aberto ao passado, desejoso de conhecer mais dos seus segredos. De repente, mais aparições diáfanas apareceram em torno da primeira garota, uma por uma, como luzes piscando sucessivamente, até que havia doze jovens meninas ao todo. Cada

uma estava vestida com um traje romano antigo, com suas túnicas longas, saias esvoaçantes fluindo e deslizando para seus tornozelos.

— Por que doze? — Ele perguntou em voz alta, se os filósofos só tinham escrito sobre seis Virgens. Mas se ele esperava resposta nenhuma foi dada.

Agrupadas em um temperamental cinza e branco diáfano, todas as meninas solenemente pareciam aguardar o veredicto do único homem que estava no centro do grupo.

Ele era um homem religioso, vestindo longas vestes cerimoniais. Sua mão autoritária caiu sobre o ombro de uma menina, sua primeira escolha. Então, ele escolheu outra, e outra. Ele finalmente acabou dividindo as doze em dois grupos distintos, cada um composto por seis meninas. Sua mão caiu sobre o ombro da última garota. A mesma que tinha trazido Bastian aqui.

"*Amata*," Bastian respirava, canalizando a expressão do homem. Amada.

Sua tristeza por ter sido escolhida estendeu o braço para Bastian como uma coisa viva. Ela iria entrar em serviço, agora, a deusa Vesta. Por três décadas, ela atenderia a chama sagrada. E para que nada pudesse virar sua mente e seu coração de seu dever, ela seria proibida de se casar ou desfrutar de prazeres carnavais.

Quando elas foram levadas, uma forte rajada de vento soprou sobre a visão, agitando saias e cabelos, então se movendo em sua direção. Assim como chegou a ele, a menina lançou um relance sobre um ombro magro. Olhos que eram sábios além de sua idade encontraram os seus, como se para determinar quanto ele entendeu do que ele tinha visto. Olhos que eram um puro, claro, e celeste azul. *Cor!* De repente, ela floresceu em uma profusão de tons: pele perolada, bochechas e lábios rosadas e cabelos dourados selvagens raiados de cobre. Seu coração batia com partes iguais de alegria e de choque com esta visão.

— Seu nome. Diga-me seu nome! — Ele exigiu, corajosamente a perseguindo agora.

Seus olhos se arregalaram e ela sacudiu a cabeça, seus longos cabelos alaranjados se levantaram com o vento. Antes que ele pudesse alcançá-la, o nevoeiro rodou, varrendo-a em mistério. Em obscuridade e cinza. A cena se dissipou.

E com sua partida, ele se tornou consciente dos sussurros. E do frio. Infernos! Quando o tempo havia mudado? Ele olhou em volta para encontrar-se cercado por curiosos, rostos com medo. Maldição. Ele tinha

revelado muito. Os seres humanos já fofocavam sobre eles. Queriam saber sobre os estranhos acontecimentos que parecia segui-lo e também a sua família. E agora ele só os tornara mais desconfiados.

Sevin descansava a vários metros de distância, tendo assistido tudo, de seu posto contra um pilar que havia feito parte do templo de César.

— De onde foi que veio todo esse nevoeiro? — Bastian perguntou sem entender. Ele estremeceu então, rígido. A brisa do inverno veio para ele como dedos gelados, varrendo calafrios em seu rastro. — Deuses estou congelando.

— Seu casaco, irmão — disse Sevin. Ele jogou-o para Bastian, que o vestiu sem questionar como ele o tinha.

Seu assistente Ilari estava repleto de perguntas.

— Signor? O que você descobriu?

— Parece que vamos precisar ordenar alguns controles de danos — disse Bastian bem baixinho a Sevin, sutilmente inclinando o queixo para indicar Ilari e os espectadores.

Sevin assentiu.

— Seu comportamento desta noite não está ajudando na batalha para manter nossa espécie longe da detecção humana — ele observou.

— Minhas desculpas. Fica difícil ser avisado quando a pessoa estará interagindo com uma aparição.

— Compreendido.

— Vamos?

Eles passaram os minutos seguintes encantando os trabalhadores para o esquecimento. Mas que por si só, iria torná-los suspeitos, se mais tarde alguns perguntassem sobre o tempo que tinham perdido aqui esta noite. Enquanto a multidão se dispersava, Bastian chamou seu capataz, agora confuso, anunciando:

— Nós cavaremos aqui. A partir de manhã.

— O que há aqui? — perguntou Ilari atrás dele de surpresa.

Além dele no mirante a vista na extremidade do Fórum, os olhos de Bastian reconheceram os de uma mulher. Aquela que tinha sido sua companheira durante os últimos três meses: Michaela. Ele sabia que os olhos dela eram violeta só porque ela lhe disse. Sabia que o cabelo dela era um brilhante preto azulado e os lábios invulgarmente vermelhos, só porque os outros o havia informado disso.

Seu desejo de afundar-se entre as coxas de uma mulher tinha agravado exponencialmente nos últimos 15 minutos. A cor que tinha visto na menina o tinha afetado novamente, como tinha feito esta manhã. Os episódios estavam

relacionados de alguma forma, mas sua mente não estaria à altura da tarefa de resolver o mistério nas próximas horas. Esta era uma noite especial para todos os seus parentes.

Tinha acabado de anoitecer. Como a lua lentamente engordava em cima, a sua necessidade carnal seria dramaticamente aumentado. Como seus irmãos, ele mudaria fisicamente e fornicaria a longa noite que se seguiria. Iria enterrar-se no acolhimento de Michaela, uma e outra vez, esgotando-se apenas com a chegada da aurora. Mas ao contrário de seus irmãos, ele iria pisar muito perigosamente perto da linha que separava a besta do homem.

Felizmente, Michaela era uma companheira e, portanto, uma parceira adequada para ele nestas ocasiões. Ela não seria prejudicada por seu apetite libidinoso e peculiaridades nesta noite. E ela aceitava o fato de que ele não poderia amá-la. Com o único propósito de espírito, ele se virou em sua direção.

— Espere! — Ilari pressionou novamente. — O que nos cavaremos a manhã?

— A Casa das Virgens — Bastian proclamou enquanto ele caminhava por todo o terreno.

— Maldição onde você está indo agora? — Sevin exigiu, agarrando o braço dele.

— Ao Moonful irmão — Bastian disse a ele, atirando um braço de companheirismo por cima de seu ombro. — É hora de prestar atenção a nossa vocação, como você está tão apaixonado por me lembrar. E eu vejo Micaela lá no cume. Vamos sair.

Conforme eles fizeram o seu caminho a partir do Fórum, um frenesi de atividade se iniciou por trás deles. Ilari gritou ordens para os trabalhadores. Topógrafos excitados desenrolavam seus mapas sob a luz de lampiões. Todos eles fazendo planos. Discutindo abordagens ao trabalho pela frente. Eles trabalhariam até tarde da noite.

Ao amanhecer, Ilari levaria a notícia das expectativas de Bastian de uma nova descoberta ao Ministro Tuchi — o homem que o enviou para espionar e para quem ele fazia relatórios clandestinos. Ele, por sua vez, estendia a todo o Parlamento.

Tudo baseado na palavra de Bastian. E com uma boa razão. Ele nunca tinha estado errado. Não nos sete anos que ele tinha sido o encarregado das escavações no Fórum Romano.

#####

Silvia se transformou de uma menina de seis anos de idade de volta a sua forma adulta e efêmera. Invisível agora, ela ficou em cima de um muro baixo para assistir os dois irmãos partirem.

Pontifex considerava Lord Bastian Satyr um homem brilhante e, portanto, perigoso. Uma ameaça. No entanto, ele também era o homem que iria levá-la a algumas das pedras de fogo perdidas. A partir desta noite, e graças a ela, ele deu um passo gigantesco para encontrá-las. Mostrando-lhe a visão de si mesma como uma menina tinha sido arriscado, mas era o caminho mais rápido para convencê-lo de onde o Templo de Vestal e a Câmara estavam enterrados sem revelar sua verdadeira forma para ele.

Os dois homens chegavam aos arredores do Fórum agora. Silvia assistiu Bastian e Michaela se encontrando, analisando tudo sobre o seu abraço inicial.

Ela foi atingida novamente pela maneira como eles pareciam juntos. Ambos tão bem feitos. Tão dourados e perfeitos. Seus dedos foram para seu rosto pálido, traçando a borda ligeiramente levantada da cicatriz que estava lá.

Ela olhou para o céu escuro. A lua iria mostrar-se em breve. Em sua plenitude todas as criaturas de ElseWorld seriam afetadas, mas nenhuma mais do que os Satyr.

Bastian e seus irmãos passariam pela mudança, podiam estar passando por isso agora mesmo. Desde o anoitecer de hoje à noite até o amanhecer de amanhã, eles estariam na glória em ritos da fornicção. A deles seria uma noite de orgia dedicada a Baco, o deus romano do vinho.

Como lidaria Michaela com toda essa energia masculina dirigida em sua direção? Ela se perguntava. Ela teria que perguntar a ela sobre isso. Noutra hora.

O trio estava afastando-se agora e entrando em uma carruagem. Onde ele possuiria Michaela? Em sua casa, talvez, ou à de seu irmão? Silvia assistiu o transporte desaparecer no horizonte.

Pulando de seu poleiro, em seguida, ela foi para a tenda de lona que ele e seu irmão tinham recentemente desocupado. Sorrateiramente, ela mergulhou para dentro. Um leve sorriso curvou seus lábios e ela balançou a cabeça em diversão. As prateleiras e sua escrivaninha estavam meticulosamente organizadas, tudo alinhado apenas assim. Escrupulosamente limpo, como era seu lar.

Ela viu o fragmento sobre a mesa dele e deu um passo em sua direção. Ela o tinha visto segurando-o quando ela chegou aqui como uma visão mais

cedo, e ela o tinha reconhecido pelo que era. Apenas o que ela precisava para convencer Pontifex que tudo estava em um bom curso aqui.

Dando três passos para dentro, ela ouviu alguém entrar por trás dela. Assustada, ela se virou para ver um corpulento homem barrigudo. Ele era normal e parecia qualquer um de uma dúzia de homens por quem regularmente passou na rua aqui na Itália. Mas em uma inspeção mais próxima, ela percebeu que tinha visto este homem em particular sobre os fundamentos antes, falando com Bastian. Ele era uma espécie de capataz. Movendo-se furtivamente para a mesa, ele agarrou avidamente o fragmento pelo qual ela mesma estava ávida e depois se pendurando na cadeira de Bastian.

— Bastardo — ele murmurou. Sentado com um ar satisfeito, ele examinou o domínio que obviamente cobiçava. — Dominando todos com seu grande talento. Não importa. Eu vou estar sentado nesta cadeira em breve. — Ele escondeu o fragmento dentro de seu casaco e segurou lá debaixo de um braço enquanto ele estava se preparando para ir.

Como ele ousava tentar roubá-lo? Ignorando o fato de que ela era igualmente culpada da mesma intenção, Silvia se agachou atrás da mesa e rapidamente se tornou visível.

— Coloque isso de volta ou morra, humano! — Ela murmurou em sua melhor imitação de um espírito fantasmagórico. O capataz virou tão rápido que ele tropeçou no tapete e caiu de joelhos.

— Quem está aí? — Arregalando os olhos, ele procurou a fonte da voz, mas ela já estava escondida e já tinha ficado invisível novamente. Olhando apavorado, ele jogou o fragmento de volta a mesa e correu.

Uma vez que ela ouviu seus passos afastando-se através das terras do Fórum, ela ficou novamente visível, pois ela não podia levar o fragmento em sua forma efêmera.

Habilmente, ela embolsou-o. Desde que era perigoso permanecer em sua forma visível, ela destrancou a aba para trás da barraca e partiu com ele sem ser detectada.

Escorregando da tenda, encontrou abrigo em um bosque vizinho de oliveiras. Ela tinha estado aqui em Roma mais de duzentos anos antes, quando essas árvores tinham sido jovens. Quando elas apresentaram sua primeira colheita de azeitonas. Sua carne estava retorcida agora, seus núcleos tinham apodrecido, e seus ramos estavam torcidos e meio mortos. Isso a fez se sentir velha ao olhar para elas.

Esfregando as mãos, ela as postou enquanto recitou um antigo feitiço e depois soprou levemente entre as palmas das mãos. Calor e fumaça em espiral foram provocados. Depois, o fogo subiu, em concha entre as palmas das mãos. Era um fogo antigo do lar, nascido da deusa Vesta. Ela jogou-o no ar diante de si mesma e assisti-o explodir em uma parede vertical de fogo. Um portal de fogo. Esta chama espontânea permitia o transporte entre os mundos, por meio de um portão que só ela e outros onze seres no mundo tinham o poder de criar. As vestais. Rapidamente, ela entrou por ela e desapareceu de EarthWorld.

Com sua partida, o fogo foi imediatamente apagado como se nunca tivesse existido.

E no instante seguinte, Silvia se viu transportada de EarthWorld... Para ElseWorld.

De volta ao lugar que a aterrorizava mais que qualquer outro em qualquer mundo.

O covil do Pontifex Maximus.

Capítulo 4

Silvia ignorou a fila de visitantes que buscavam uma audiência com o Pontifex Maximus V em sua pretensiosa sala do trono.

Para cada lado desta fila estavam grupos de mulheres que também esperavam, por uma diferente finalidade. Elas eram os Lares, os familiares das Virgens Vestais, agora Pontifex as usava como vassalas sexuais. Assim que nenhum iria se libertar do grupo ou ser molestada por seus convidados, elas eram guardadas em intervalos por soldados armados do Conselho ElseWorld.

Embora Silvia tivesse preferido passar despercebida aqui, era impossível. Ephemerals tornavam-se visíveis, entidades sólidas no momento em que entravam neste mundo. Felizmente, mostrando sua verdadeira forma para outra criatura de ElseWorld não tinha o efeito de tornar seu corpo mortal como seria se ela viesse a se mostrar a um ser humano do outro lado do portão.

As Lares assobiaram quando ela passou na passarela central que dividia a nave, lançando acusações amargas. "*Traditore. Schiuma. Traidora*".

Suas farpas femininas a atingiram como picadas de insetos venenosos. Seus insultos encheram o grande salão e depois subiram para saltar fora das paredes de pedra, arcos, e o teto dourado abobadado, direcionando a atenção de todos para a chegada de Silvia. As Lares que lançavam essas calúnias para ela tinham sido suas aliadas. Mas elas a odiavam agora, e com razão, pois ela era uma discípula de seu inimigo. Ou assim elas acreditavam. E seria perigoso informá-las do verdadeiro estado das coisas. Enrijecendo sua coluna, ela não olhou nem para a direita nem para a esquerda enquanto caminhava em direção a ele a quem ela desprezava acima de todos. *Pontifex*.

Ele sentava-se no final da passarela acarpetada, envolto ostensivamente na pele de um leão. Atrás dele estava um muro enorme, coberto com nove pequenas portas que eram de forma estranha e de tamanhos variados. Depois de um olhar disfarçado, ela evitou olhar em sua direção novamente, pois era muito doloroso.

Tendo notado ela, Pontifex acenou afastado o visitante atual, e olhou-a de cima e abaixo quando ela se aproximou.

— Suas velhas amigas não parecem gostar muito de você — ele ofereceu depreciativamente como forma de saudação.

Seu trono enorme era horrível, suas costas altas e cobertas de crânios que ele tinha dourado e incorporadas ao seu design. Cada um deles era a cabeça de um ex-rival que ele havia derrotado ao longo de centenas de

anos. O assassinato constante e a ingestão deles permitiu-lhe viver muito além da expectativa de vida normal de uma criatura mortal de ElseWorld. Uma cabeça fresca pendurada em seu trono agora, sangue coagulado na sua garganta cortada irregularmente. Várias Lares jovens sentavam-se no tapete de cada lado dele. Com algemas em seus tornozelos, elas pareciam aterrorizadas.

Antes de Silvia responder ao Pontífice, ela fez uma pausa e examinou a exposição abundante de alimentos dispostos no pedestal no final do tapete a um lado da passarela. Ela tomou o cuidado de fazer uma escolha, só para deixá-lo esperando. E porque ela ainda estava com fome. E porque ela temia este confronto. Embora ela fingisse confiança, sua mão tremia quando ela sacou uma pera dourada. Ele a aterrorizava tanto como ele fazia a todos. A única diferença entre ela e eles era que ela não deixava que ele soubesse disso.

Mastigando, ela fez um gesto para o crânio sangrento.

— Eu vejo que você fez um novo amigo, e eu duvido que ele é um fã seu, tampouco. Vítimas de homicídio raramente são.

Ela ficou vinte metros de distância do seu trono, incapaz de se aproximar sem um convite. E uma ponte. Entre o seu trono e a multidão que aguardava seu prazer, havia um fosso de quinze metros de largura preenchido com uma substância ácida da qual subia um cheiro podre de produtos químicos. Aqueles que o desagradavam muitas vezes encontraram-se jogados em suas águas turbulentas.

Pontifex estendeu a mão e acariciou a bochecha sangrenta de seu esqueleto recém-adquirido.

— Um ex-adivinho quadrúpede. Ele era um caçador. — Ele acariciou com a palma da outra mão a pele de leão que estava envolta por cima da cabeça e do corpo. — Esta foi a sua melhor morte. Torna-se parte de mim, você não concorda? — O leão que ele usava tinha sido um animal magnífico, era fácil de ver. Mas agora suas mandíbulas estavam artificialmente mantidas abertas e mantidas em um rugido largo, rugido silencioso, e seus olhos eram de vidro. Pontifex usava a sua cabeça como um capuz medonho de modo que sua cabeça estivesse colocada dentro de sua boca. Suas mandíbulas emolduravam seu rosto para que ele parecesse ser o jantar do leão. Se apenas fosse assim.

— Será que vamos usar o nosso tempo juntos para afagar o seu ego? — Silvia ergueu as sobrancelhas e inclinou-se um pouco, como se só agora percebesse a mulher de quatro que se ajoelhava diante dele com a cabeça balançando em seu colo. — Oh, eu acho que não, pois vejo que já está sendo afagada.

Suspiros chocados repercutiram sobre a multidão ao seu redor. Ninguém mais a não ser ela ousava falar-lhe de tal maneira. De uma forma estranha, ela sabia que ele gostava de discutir com ela. Ele a teria esmagado agora se fosse de outra forma.

— Onde está a outra? — Pontifex perguntou a Silvia, olhando para ela agora com olhos semicerrados. — A Companheira.

Silvia ficou tensa. Então, ele queria brincar com ela esta noite.

— Em EarthWorld. Fazendo seu dever.

Ele bateu uma unha longa e amarelada no queixo.

— Sim, é a Chamada lá, não é? O dia e a noite são em grande parte revertidos entre o nosso mundo e o outro. A lua está alta no outro lado do portão. Lord Satyr está sem dúvida, transando com ela?

Silvia rangeu os dentes.

— Se ele estiver, é provável que tenha resultados melhores do que Occia está conseguindo aqui. — Esperando desviar sua atenção da questão do por que Micaela de repente já não precisava mais da reposição do fogo de Vesta, ela esticou o pescoço para a mulher que ainda o atendia.

— Saudações, Occia — ela balbuciou. Desviando, Pontifex sorriu para baixo para a mulher, acariciando seus cabelos, pois ele gostava de vê-la humilhada.

— Eu vejo que você esteve incursionando em taxidermia de novo — Silvia continuou, referindo-se ao leão. Uma vez que foi uma Vestal, assim, a mulher era hábil nas artes horríveis de preparação, enchimento e montagem de peles de animais para um efeito natural. — Por favor, não me dê atenção. Eu posso ver que você está ocupada.

Occia não se atreveu a tirar a boca do pau de Pontifex para vomitar sua réplica usual e peçonhenta. Mas ela deve ter vacilado em seu serviço, porque ele estremeceu e agarrou seus cabelos, puxando esticados entre os dedos.

— Cuidado — advertiu em um tom perigoso.

Occia acenou com a cabeça sem dizer nada e continuou a mamar. Ela o tinha adorado por centenas de anos, desde que tinha sido trazida ainda uma menina para o templo de Vesta. Embora ele fosse incapaz de amar, Pontifex gostava de brincar com ela, e ela aproveitava — comia-o. Silvia o tinha visto convidar pessoas a levantar a barra traseira das saias de Occia e fornicar com ela enquanto ele transacionava negócios com eles. Por um capricho, ele podia pedir à mulher para mamar um dos seus guardas ou até mesmo um animal perigoso. Occia desejava humilhação, dor e sexo em suas mãos, e ela tinha

ciúmes de qualquer outra criatura que Pontifex olhasse com favor. Ela era a única das vestais que já tinha servido a ele... voluntariamente.

— O que você me trouxe, Virgem? — Ele exigiu de Silvia.

— Eu vim para reabastecer-me no altar de Vesta.

— Primeiro de tudo. O que você me oferece em troca?

Ansiosa para sair desse lugar deprimente, Silvia pegou o fragmento do bolso e atirou em sua direção. Ele levantou-se um pouco, mas ficou aquém, e o fragmento caiu trás da mulher que se ajoelhava a seus pés.

— O-o quê? — Occia abruptamente curvou-se de cima de seu colo, assustada. Quando ela se virou de perfil para ver o que a tinha atingido, seus lábios molhados brilharam a luz das velas. O fragmento caiu no chão e ela o pegou.

Slap! Pontifex atingia-a com as costas das mãos.

— Dê-me isso.

Choramingando, ela rastejou sobre o chão de mármore, como um caranguejo, e o levou para ele. Ele tomou o fragmento e examinou-o. Então ele olhou para Silvia, claramente desapontado.

— Não é uma das pedras.

Ela encolheu os ombros.

— Não, mas é um passo mais perto. Seja feliz com isso.

— Você ousa me dar ordens! — Levantando-se, ele bateu sua bengala ornamentada no polido, piso de platina estriado, enviando faíscas de fogo branco em todas as direções e provocando um encolhimento em seu público.

Embora ele estivesse elaboradamente vestido, sua visão periférica informou-lhe que seu falo estava nu e ereto, corado e grotesco entre sua virilha para todos verem. Como de costume.

Ela fez um gesto para ele e fez um som de estalo, com a voz encharcada de falsa comiseração.

— Não existe uma cura ainda? Que pena.

A maioria de seus consideráveis poderes tinha sido roubados de seus rivais ao longo dos anos. Uma década atrás, ele se encantou com o tamanho do pênis de Priapo e tinha cometido o erro colossal de assassinar o semideus e absorver a sua essência. E agora, assim como Priapo seu falo tinha crescido de forma bizarra. Mas houve um efeito colateral imprevisto. O pau de Pontifex agora ficava eternamente ereto, com pouca esperança de ejaculação. Era necessária quase uma constante sucção ou ele adoeceria. Durante esses dias, ela raramente o via sem uma boca ou algum tipo de orifício ligado ao seu órgão.

— Cuidado com a língua, Virgem — ele alertou. — Ou vou colocá-la para uma melhor utilização como Occia faz.

Ele afundou-se em seu trono e virou o fragmento repetidas vezes em seus dedos.

— Onde você encontrou isso? E o que diabo é isso?

Crunch. Ela acabou com a pera e jogou seu núcleo no fosso, onde borbulhou no esquecimento.

— Eu encontrei-o no Fórum Romano. Sobre a mesa de trabalho do Lorde Satyr mais velho. Ele carrega a palavra Amata como você vê. Não pode haver dúvida de que é do templo de Vesta.

Essa traição presumida a deusa por parte dela trouxe mais insultos da direção das Lares.

— Silêncio! — Pontifex trovejou. Imediatamente, os comentários depreciativos calaram.

Enquanto ele estudava o fragmento, o seu olhar relanceou disfarçadamente para cima, seu coração chorava ao ver essas nove portas. Para além delas, no fundo secretada profundamente na parede em si, estavam gaiolas invisíveis. Algumas tinham apenas uma dúzia de centímetros de diâmetro e outras tão grandes quanto três metros ou mais. Nenhuma delas era grande o suficiente para abrigar uma mulher. Mas todas eram grandes o suficiente para aprisionar um espírito efêmero.

As portas foram projetadas em peculiares, formas casuais, como algumas células loucas, do favo de mel gigante. Se ela não tomasse cuidado, duas a mais seriam construídas lá, e ela e Michaela poderiam acabar residindo ali contra suas vontades, junto com as queridas Licinia, Floronia, e tantas outras. Ela entristeceu especialmente com o encarceramento da doce e simples Aemilia, que tentava duramente agradar. Aemilia jamais entenderia por que ela estava sendo maltratada desta forma e, provavelmente, acreditava que era porque ela tinha realmente feito algo muito errado.

— Terá Satyr encontrado sua pedra? — Pontifex perguntou-lhe ansiosamente.

Os olhos dela baixaram para ele, odiando-o.

— Só esse fragmento até agora. Mas esta noite eu lhe mostrei o caminho para a Casa e o Templo. Ele vai começar a escavar em breve.

— Em breve? — A expressão de Pontifex azedou e ela sentiu a torcida da desconfiança. — Quanto tempo vai demorar?

Ela encolheu os ombros.

— Um mês ou mais, eu imagino.

— Isso é muito tempo! — Ele rugiu, golpeando seu punho no braço de seu trono.

Em baixo, e ao seu redor as jovens Lares de ambos os lados do trono se encolheram. Ela queria ir até elas e reuni-las nos braços e consolá-las. Mas se ela fizesse isso, ele apenas iria maltratá-las, a fim de machucá-la. A melhor maneira de protegê-las era ignorá-las. O chegaria o dia quando ela iria libertar todas.

Mas aquele dia não era hoje.

Occia estava sentada a seus pés, assim, olhando com fome em seu pau distendido. Com raiva dela por não oferecer conforto aos Lares, quando ela tão facilmente poderia oferecer, Silvia cuspiu para ela.

— Como você pode apenas ficar sentada perto?

Occia piscou.

— Porque eu o amo. Algo que você não entenderia, Virgem.

Pontifex mergulhou os dedos em uma pequena bacia de óleo que ele mantinha sempre próximo e começou a acariciar-se com um punho, fazendo sons de batida.

— Ele cresce dolorido — ele rosnou, como se fosse culpa de Occia.

A felação podia ser árdua, e até mesmo Occia parecia ter seus limites. Ela estalou os dedos para uma das Lares e indicou o colo de Pontifex.

Mas Pontifex rejeitou a nova candidata e em vez disso inclinou-se para Silvia, a luz do demônio em seus olhos.

— Por que você não coloca essa boca quente e inteligente que você tem para uma melhor utilização... sobrinha? — Ele sorriu, sua voz de repente tornou-se sedosa e hipnotizante. Era uma voz que tinha roubado de uma sereia que ele tinha assassinado. O som dele tinha atraído muitos para sua rede indizível. Uma ponte se materializou através do fosso e ele curvou os dedos, chamando-a a tomar a pequena caminhada através dela para o seu trono. — Venha, Silvia. Sente-se no colo de seu tio.

A pele de Silvia arrastou com a ideia. E com a lembrança do seu laço de sangue. Ela tapou os ouvidos contra a magia em sua voz, mas não adiantou.

Palavras de recusa se formaram em sua boca, mas ela não podia fazê-las sair de seus lábios, enquanto sua voz enchia a cabeça dela. Ele ainda poderia torná-la disposta enquanto tinha outros à sua frente. O pensamento a congelou.

Os olhos castanhos de Occia se estreitaram e ela lhe lançou um olhar de ódio enquanto falava a Pontifex.

— Você não pode querê-la. Ela é imperfeita! — Ela fez um gesto na direção da bochecha da outra onde se formava uma suave cicatriz que estragava a pele de Silvia. — Deixe-me tentar de novo — ela implorou ansiosamente. — Eu obtive uma poção nova de um dos boticários, que é especialista na arte Afrodisíaca.

Pontifex a esbofeteou, enviando-a a beira do fosso. As pontas dos longos cabelos castanhos caíram em suas águas e foram chamuscadas.

— Venha, Silvia — ele repetiu.

Ele se inclinou para frente e a pele do leão se abriu revelando seu peito nu por baixo. Um pingente, único e grande na forma de um anel perfurava seu peito esquerdo, na parte carnuda muscular logo acima do mamilo. No anel estavam nove chaves pequenas que poderiam abrir as portas na parede. Libertar as outras. Se ela chegasse perto o suficiente dele, talvez... Não! Ele estava plantando ideias tolas em sua mente. Se ela sucumbisse, ele logo teria sua própria alma Ephemeral, também!

Vendo a direção do seu olhar, ele dedilhou os dedos sobre as chaves, movimentando-as para frente e para trás então elas fizeram um som quase musical. Ele sorriu ligeiramente, revelando dentes brancos e afiados que poderiam rasgar um homem duas vezes o seu tamanho de membro a membro, antes que ele soubesse o que o atingiu.

De alguma forma, ela conseguiu se livrar de suas magias.

— Eu já senti os efeitos do seu amor avuncular uma vez antes. — Silvia pincelou as pontas dos dedos ao longo da cicatriz, lembrando-o de como a tinha adquirido.

— Eu não vou te machucar — ele mentiu.

— Mas você me pede para quebrar meus votos? — Continuou ela. — Para seguir o caminho de tantas antes de mim? — Ela agitou uma mão descuidada em direção à parede de gaiolas atrás dele, esperando que ele não pudesse ver como ela tremia de medo e repulsa. — Você vai me perdoar, meu tio, se eu abrir mão do prazer de tomar o seu pau como chupeta. Obrigada de todas as formas.

Ele deixou sua mandíbula cair, irritado e, obviamente, com dor, em seguida, sentou-se no seu trono e fez um gesto para seu pênis.

— Faça alguma coisa — ele murmurou para Occia, e soltou um suspiro de alívio quando ela colocou a boca cansada de volta ao trabalho.

— Vál! — Disse a Silvia, mas ela não se moveu.

— Eu trouxe um dízimo — Ela lembrou a ele. Ela fez um gesto com a cabeça em direção ao fragmento que ele ainda tinha. — Deixe-me ser reposta.

— Faça, então, e saia! Quando eu a vir de novo e aquela outra, é melhor que tenham uma pedra de fogo Vestal em ambas as mãos.

Sob seu comando, um círculo de guardas se afastou a partir de um pedestal de mármore do alto a sua esquerda. Sobre ela repousava uma taça rasa de ouro com vários diâmetros.

A lareira sagrada de Vesta, trazida aqui em 394 A.D do Fórum Romano. A lareira que uma vez antes tinha contido a chama eterna explosiva dentro dela dia e noite. Doía a Silvia agora ver seu coração tão frio e vazio. Ela subiu os três degraus até a taça e colocou as mãos em cima de sua borda externa, conforme sua colocação. Havia doze depressões rasas rodando em torno dela, apenas dentro do aro. Seis depressões continham suas pedras.

Os guardas se inclinaram para observar cada movimento seu, para que ela não tentasse fugir com nenhuma delas. Todas as outras vestais tinham revelado a localização de suas pedras para ele, mas apenas seis haviam sido localizadas. As outras seis ainda permaneciam perdidas, e essas eram as que ela procurava em EarthWorld. A sua e a de Michaela estavam entre elas. Se ela a trouxesse para ele, o fogo de Vesta pularia alto novamente. Mas ele possuiria o fogo da deusa e o usaria para propósitos malignos. Silvia não deixaria isso acontecer.

Ela fechou os olhos, se fechando ao horror desprezível ao seu redor. Silenciosamente, ela murmurou uma bênção para sua deusa. O calor sobrenatural de suas mãos intensificou-se com cada palavra que ela proferiu, até que o ar perto da superfície do recipiente começou a brilhar. Uma chama de repente, explodiu do centro da bacia, dispersando os guardas.

Levantando o queixo, ela inalou profundamente os filetes de magia que flamejou para cima, e vibrou com o reabastecimento de seu espírito eterno. Ephemerals eram mantidas vivas apenas em virtude do fogo de Vesta, que ela e as outras onze detinham em suas mãos. Mas o seu fogo — a sua própria vida —, deveria ser renovada periodicamente pelo contato com os restos desse fogo único que trouxeram para cá proveniente da Roma antiga, após a destruição do templo.

Repleta, finalmente, Silvia abriu os olhos e recuou. O fogo na taça de ouro diminuiu, em seguida, rapidamente morreu. Em algum lugar atrás dela, Pontifex falou.

— Deuses, você nunca está mais bonita do que quando você faz isso. — Sua voz estava grossa com emoção e desejo. — E faz-me querer estar dentro de você. Para furar-me em seu calor e nunca mais sair.

Violentemente o repelindo, ela se recusou a olhar em sua direção enquanto ela balançava a cabeça lentamente. Colocando as palmas das mãos juntas, ela deu à luz de seu próprio interior renovado pela chama, criou um portal de fogo, e rapidamente desapareceu de seu domínio.

No instante em que ela rematerializou em EarthWorld, Silvia sentiu um quase morto convocando-a. Em uma cidade tão grande como Roma, havia sempre alguns que encontravam-se pairando à beira da morte, em determinado momento, da mesma forma que outros estavam como recém-nascidos. Eram os do primeiro grupo que chamavam por ela.

...Por favor, deixe-me viver um pouco mais... há muito a fazer... meus filhos, o que farão sem mim... o meu gato... minha fortuna... meu marido... minha esposa... por favor...

Alguns nos mundos consideravam o trabalho de uma efêmera cruel, mas na verdade, quem estava morrendo esperava que ela o escolhesse. Imploravam para que ela os ressuscitasse para que eles pudessem viver, mesmo que apenas por pouco tempo. Havia sempre algo que tinha deixado de fazer, e em troca do uso temporário de seus corpos, ela os ajudava em seus planos inacabados.

A perspectiva de assumir uma nova forma corpórea deu a Silvia um propósito e ajudou-a a sacudir a grande repulsa que ela sentiu depois de ter visitado Pontifex em seu reino. Ela poderia ter sua escolha de hospedeiros nesta noite e vasculhou as possibilidades macabras em oferta. Uma prostituta de origem humilde, um clérigo idoso, um diabinho de doze anos de idade batedor de carteira, um fada pescador. A lista só aumentava. Apesar de que uma dúzia foram apanhados nas garras do Ceifador neste mesmo momento, estes quatro pareciam os melhores candidatos.

Ela precisaria ter forma carnal, a fim de insinuar-se no funcionamento interno do que se passava naquela grande tenda branca no Fórum. Mas quem melhor para ajudá-la a aproximar-se de Bastian Satyr? Ela imaginou cenários prováveis: Uma prostituta poderia conquistá-lo a ter relações sexuais ilícitas. Não, isso seria uma traição aos seus votos Vestais e da confiança de Michaela. Um clérigo poderia casá-lo com sua melhor amiga. Não, isso não a agradou tanto, e estava ficando à frente das coisas desde que não houve menção de um casamento. Um peixeiro? Não, desde que ela duvidava que o Lore Satyr fizesse o seu próprio mercado, não alcançaria o seu objetivo de inserir-se em sua vida. Sobrava o batedor de carteira. Um jovem endiabrado soaria como inofensivo. E as habilidades de ladrão do garoto seriam úteis para adicionar a seu crescente repertório. Afinal, ela estava ali para roubar Lord Satyr.

Se decidindo por sua escolha, ela se apressou em direção à vítima infeliz. Se ele morresse antes de ela chegar, seria tarde demais. Ela deve estar lá no instante da morte, a fim de reclamá-lo.

Meia hora depois, Silvia atingiu as ruínas do Aqua Claudia. Restos do aqueduto de tijolos de face antigos tinham sido incorporados ao Aurelian Parede, que já havia cercado as Sete Colinas de Roma. Seus cantos e recantos eram os favoritos esconderijos das populações desabrigadas e nefastas da cidade.

Ela encontrou o menino escondido sob um dos arcos do aqueduto em ruínas, onde os tijolos tinham sido retirados para formar um lugar para dormir. Deitado tremendo em um palete improvisado, sua respiração superficial. Se ela não tivesse sido puxada até aqui e sabido para onde olhar, ela o teria perdido por completo. Um cão vira-lata branco empoeirado, ela não o tinha notado a primeira vista ao seu lado, de pé duro e cauteloso. Poucos animais podiam senti-la neste estado alterado, os caninos estavam entre eles. Eles se entreolharam, avaliando as suas intenções. Incerto, ele latiu uma vez.

Ela estendeu a mão, deixando-o cheira-la. *Está tudo bem. Estou aqui para ajudar* — ela o persuadiu. Ainda incerto, o cão voltou ao seu dono cutucando-o preocupado com o nariz molhado. Silvia se aproximou e se ajoelhou ao lado do menino. Ele estava muito perto da morte. Ela teria que agir rapidamente. Ela não sabia o que tinha causado sua doença, mas uma vez que ela se fundisse com ele, ela saberia tudo o que havia para saber sobre ele.

Tudo estava quieto quando ela fez o que ela devia. Momentos depois, ela parou e olhou para o palete vazio. O cão farejou-a de novo, desconfiado. Ela sabia qual era o nome dele agora. Salvatore. E o nome do próprio corpo que adotou — Rico. Rico, o batedor de carteira de doze anos de idade, que tinha sido mordido no tornozelo por um rato há dois dias, e que tinham ficado órfão quando era um bebê e aprendeu a habilidade de ladrão na rua a partir de uma variedade de fontes. Ele era perspicaz, e embora sem instrução, havia aprendido a ler sozinho. E ele amava Sal acima de tudo. Ele tinha treinado e cuidado dele durante o ano passado desde que ele o encontrou passando fome nas ruas.

— Bom menino, Salvatore.— Ela estendeu a mão para o cão como tinha feito antes. Outra fungada. Desta vez com um resultado melhor. A cauda do cão sacudiu provisoriamente, em seguida, mais exuberante no reconhecimento. Nos primeiros dias após a ressurreição, o cheiro de um hospedeiro, memórias e emoções ainda permaneciam. Acreditando que ela

fosse seu dono, o cão sujo o seguiu desde o aqueduto, empinando com entusiasmo.

Ninguém lhe prestou atenção enquanto vagava. Ao que tudo indicava, ela era um menino, sem-teto com apenas um cão e uma pequena faca enferrujada no bolso para chamar de seu. Ela tinha para todos os efeitos, assumido a identidade de Rico.

Ao invés de morrer como ele deveria ter, seu corpo viveria agora, através dela. Mas, para não mais de um mês. Os mortos sempre passavam durante a Moonful.

Ainda assim, ela manteria algumas de suas habilidades e memórias depois que ele deixasse este mundo, assim como havia acontecido com cada hospedeiro. Assim, de uma forma pequena, uma parte dele continuaria dentro dela para sempre.

Ela chamou Sal para o lado dela, e quando ela deu um tapinha nele, uma nuvem de poeira flutuou no ar a partir de seu casaco.

— Ufa! Acho que a primeira ordem do dia é um banho. Para nós dois. Vamos, garoto.

O cão ganiu. Mas, felizmente, ele a seguiu. Era uma questão de orgulho pessoal para ela que nunca tinha ainda deixado de cumprir aos últimos desejos de um de seus hospedeiros. Rico tinha se preocupado com o futuro de seu cão. Ela prometeu encontrar uma casa para Sal. E para ela.

— Eu me pergunto o quanto Lord Satyr gosta de cães — ela pensou em voz alta enquanto se dirigiam para o Fórum.

Scena Antica II

02 de fevereiro, 374 dC, Casa Vestal, Roma, Itália

Juntamente com as outras onze iniciantes, aos seis anos de idade, Silvia foi tirada de seus pais naquela primeira manhã e introduzida dentro da Casa Atrium no Fórum Romano. As meninas foram separadas, quase imediatamente, antes que elas pudessem falar umas com as outras, e cada uma foi conduzida por uma comitiva de atendentes a uma câmara discreta. Embora ela reclamasse veementemente, Silvia, no entanto, se viu picada e cutucada, enquanto seus dentes, orelhas, e os olhos eram examinados.

Apesar de sua luta, sua roupa foi posteriormente removida e cada centímetro de sua pele foi examinado em busca de falhas. Ao passar este teste, ela foi colocada em cima de uma mesa de pedra com mãos duras segurando seus pulsos e tornozelos, e ela foi examinada cuidadosamente entre as pernas. Em meio a gritos zangados, uma grande mão alisou seus cabelos. Ela olhou para cima para ver Pontifex de pé ao lado dela.

— Só como uma virgem poderá servir a deusa, querida sobrinha — ele a acalmou. — Temos de ter certeza.

— Certeza de quê? — Ela exigiu em lágrimas.

Seus captores sorriram entre si.

— Tão inocente — disse o Pontífice, satisfeito.

Quando eles estiveram completamente satisfeitos, ela foi autorizada a levantar. Imediatamente, ela tentou fugir, mas foi pega novamente e banhada. Seu cabelo vermelho-dourado, que seu pai havia chamado de bonito por do sol, foi então sumariamente tosquiado até que ela ficou careca. Por todo o momento ela esteve chorando incontrolavelmente.

— Seus cabelos serão pendurados nos galhos das capillata lótus como uma oferta de devoção aos deuses — ela foi informada. Como se isso fizesse tudo estar certo.

Sua própria roupa simples tinha desaparecido, e ela agora estava vestida com um pano macio, de uma cor branca, que foi fixada em seu peito por um broche de opala de fogo.

Sua cabeça lisa foi vagamente coberta com uma infula — um lenço que caía sobre os ombros. Em seguida, ela foi liberada com os pés descalços no centro do retangular, átrio de coluna alinhada. Furiosa e humilhada, ela testou as portas em cada uma das extremidades.

— Eu já tentei — disse uma garota atrás dela. — Elas estão trancadas.

Como ela, a menina estava agora vestida com uma roupa branca e com a cabeça coberta. Abaixo dela, ela estava careca. Seus olhos violetas pareciam enormes em seu rosto de pele morena e seu rosto estava coberto de lágrimas.

— O que você acha que eles vão fazer conosco? — ela perguntou.

Outra menina com cabelos e olhos castanhos se juntou a elas, tendo sido liberado no Atrium por seus captores também.

— Nós vamos servir a deusa. — ela disse.

— Por que nós? — Perguntou Silvia. — Por que nos escolheram?

A menina de olhos violeta estendeu as mãos, com as palmas para cima.

— Eles disseram que eu fui escolhida por causa do meu talento. — Ela tocou o braço nu de Silvia que sentiu um quente formigamento em sua pele. Surpresa, ela tocou o braço da menina com a palma da mão própria em troca. A menina sentiu a sensação, e sorriram uma para a outra em um reconhecimento maravilhoso.

— Somos iguais — Silvia exalou. Apesar de seu medo deste lugar, uma onda tentativa de alegria envolveu-se em torno de seu coração. Ela sempre se sentiu tão diferente, tão sozinha. Encontrar outra como ela era algo pelo que ela orou aos deuses cada noite.

A terceira menina tocou cada uma delas com uma das mãos e Silvia saltou quando sentiu o formigamento queimando sua pele.

—Ow! — O toque desta menina a tinha ardido. Mais meninas se juntaram a elas, cada uma com a cabeça raspada recentemente. Quando questionadas, todas elas revelaram que elas também haviam nascido com um estranho calor sobrenatural em suas mãos.

Uma vez que todas as doze meninas estiveram no átrio, funcionários trouxeram uma festa como Silvia nunca tinha visto antes. Bandejas de melão, uvas e azeitonas. Pratos de carne, peixe, pão, queijo e jarros de água com mel e vinho. As meninas se juntaram em torno, ávidas por um gosto. Mas então Pontifex veio, e elas foram orientadas a esperar quando uma grande taça de ouro rasa foi colocada com grande pompa em cima de um pedestal no centro de tudo. Em seguida, ele levantou os braços e dirigiu-as.

— Iniciadas! Vocês tem o privilégio de usar as doze joias de Enéias em seus seios, opalas preciosas que foram trazidas e a este mundo de Troia antiga. Antes da festa, cada uma de vocês irá remover a joia de seu broche e solenemente inseri-la em uma dessas depressões dentro da taça — ele instruiu. Ele correu a ponta do dedo ao redor do interior da taça, indicando os dois anéis de seis cavidades côncavas cada. — Notem que um anel é mais alto que o outro. Tomem muito cuidado na sua escolha.

Quando ninguém se pronunciou, Silvia desprendeu a opala de seu broche, foi para a taça, e aleatoriamente colocou-a em uma das depressões superiores.

— Nossa primeira Virgem! — Pontifex proclamou, ajustando uma coroa de oliveira em sua cabeça com muito cuidado e emoção, como se ela tivesse realizado algo incrível. Ela foi até a mesa, mas ficou desapontada ao descobrir que ela era vigiada e que devia esperar por todas as outras fazer o que ela tinha feito antes, que ela pudesse continuar a festa.

A menina de olhos violeta foi à próxima. Silvia enviou-lhe um sorriso, ela inseriu a joia no anel inferior, logo abaixo do dela. Em vez de uma coroa de oliveira, uma feita de louro foi colocada sobre sua cabeça.

— Nossa primeira companheira! — A menina de olhos castanhos embutiu a dela no anel inferior e recebeu uma coroa de louros também.

— Nossa segunda companheira! — Pontifex anunciou.

As outras garotas se apresentaram uma por uma, e a colocação de cada joia foi anunciada por Pontifex e depois ecoada por um escriba que anotava em uma placa. Uma vez que a taça finalmente brilhou com o brilho das doze opalas de fogo, Silvia e as outras foram instigadas a repetir as palavras cujo significado elas não compreenderam plenamente:

— Hoje eu sou detida ao cuidado e manutenção do fogo de Vesta. Por três décadas eu vou servir a chama do coração e da casa.

Quando seus cânticos morreram a distância, uma chama belíssima nas cores vermelha, ouro, safira, fúcsia, e titânio surgiram espontaneamente do centro da taça. Chocadas, as meninas saltaram para trás. Mas Pontifex apenas sorriu beneficentemente. Levantando a taça, ele deixou o átrio com ela, pomposamente anunciando que ele estava removendo-a para o templo adjacente. Depois que ele partiu em grande estado, elas festejavam. A menina de olhos violeta veio a sentar-se com Silvia.

— Eu me chamo Michaela — ela sussurrou.

Capítulo 5

Silvia andava através do Fórum ao longo da antiga rua, Via Sacra, em sua nova encarnação como Rico. Era um belo e claro dia de fevereiro e ela estava meio alegre por que se encontrava saltitando enquanto andava. Ela sentia uma energia incomum dentro de si invadindo-a com o otimismo da juventude.

Seu novo hospedeiro podia ser um batedor de carteiras, mas ele também era um garoto brilhante, cheio de curiosidade. Ele tinha a afeição natural de um jovem para a caça ao tesouro e seu interesse foi despertado pela perspectiva de explorar o Fórum. Compartilhar sua emoção veio naturalmente, pois ela estaria colada a ele por um futuro previsível.

Observando o trabalho por todos os lados, ela estava gratificada pelo frenesi de atividade. Seções de terra estavam sendo medidas e isoladas nas proximidades do complexo, que incluía o templo de Vesta e a Casa Atrium que um dia ela chamou de casa. O mesmo lugar que ela tinha mostrado a Lord Satyr ontem à noite.

— Parece que o agradável amante de Michaela pode mover-se rapidamente quando é garantido, né, Sal? — O cão empertigou as orelhas no seu nome e ela lhe deu um tapinha amigável na cabeça.

Infelizmente, o templo e a casa atualmente estavam enterrados. Na verdade, o Fórum inteiro era só uma dispersão de blocos de mármore desgastado, colunas subindo, arcos parcialmente escavados, e paredes quebradas. Mas ela se lembrava de tempos antigos quando era um lugar alegre onde em determinado dia, milhares de pedestres haviam surgido através de um labirinto de barracas em troca de fofocas e moedas. Este tinha sido o centro político, religioso e cultural de Roma, o local para testemunhar um sacrifício, procurar uma prostituta, ou ouvir um discurso político. Após a queda do império, as inundações do rio Tibre uma lenta acumulação de sedimentos haviam se construído, ano após ano, obscurecendo tudo.

— Somente 10 metros de terra para escavar em minha estimativa — ela disse a Sal. — Sem dúvida, Lord Satyr vai arrastar seus pés sobre cada polegada. Vou ter que acender uma fogueira debaixo dele. — Silvia sorriu em sua própria piada, a favorita das Vestais ao tender o fogo há 1.500 anos.

Ela mordeu a maçã que ela tinha acabado de roubar, da barraca de um vendedor no mercado nas proximidades. As habilidades de ladrão de Rico eram impressionantes. Usando Sal como uma distração, ela conseguiu levantar um verdadeiro banquete de pão, queijo e frutas, que eles tinham repartido

entre eles. Pela primeira vez em dias, ela não estava com a mínima fome. E ela estava limpa. Ela conseguiu se banhar e a Sal na fonte “O barco feio” de Bernini na base dos Degraus Espanhóis, antes de ser enxotada pela Polizia.

À frente, entre a velha Basílica e templo de César, ela avistou a tenda branca gigantesca que servia como sede de Bastian. Havia abas cercando todos os seus quatros lados, que seriam abertas quando o tempo fosse bom. Hoje, todas estavam fechadas contra a brisa fria, mas ela viu sombras se moverem dentro. Parecia que Lord Satyr já tinha companhia.

— O que você acha Sal? Nós devemos fazer uma visita ao namorado de Michaela? — Sal latiu, e ela acenou para ele. — Sì, eu penso assim também. — Ela jogou a maçã pra longe e ele a perseguiu, devorando-a antes que caísse no chão. Então ele voltou para ela e eles continuaram.

A pequena construção por sorte estava erguida não muito longe da tenda de Bastian, e o som de materiais de pavimentação e martelos ecoava sobre a terra.

Tendo o cuidado de evitar ser notado pelos trabalhadores da construção, ela serpenteou tortuosamente até os fundos da tenda. Ajoelhou-se fora dela, em seguida, deteu a boca de Sal fechada por alguns segundos, indicando que ele deveria permanecer em silêncio. Ele não protestou. Rico lhe ensinara o truque de permanecer em silêncio quando ocasionalmente a *Polizia* vinha ao aqueduto Roust para por para fora os posseiros. Extraíndo a estimada navalha enferrujada de Rico ela cortou um canto de uma das abas fechadas, criando uma fenda ao nível dos olhos na tela. Então ela colocou um olho no buraco e se colocou a espiar.

No interior, Bastian sentava-se a uma mesa enorme, ele parecia duas vezes maior do que ela se lembrava. É claro que ela agora era apenas dois terços do seu tamanho normal. Mas isso não explicava o fato de que ele também parecia duas vezes tão bonito quanto ela lembrava.

— Há pessoas no Ministério da Cultura que cultivam inquietação com o custo — o homem sentado em frente a ele estava dizendo. — Eles se perguntam se os resultados não podem ser alcançados de alguma forma mais rápida. — Avaliando o estranho, ela não gostou dele à primeira vista. Embora ele tivesse cabelos escuros e fosse bonito, havia uma torção cruel em seus lábios.

Bastian bateu a ponta dos dedos em seu mata-borrão na mesa, lenta e precisamente, como se a sua paciência estivesse sendo forçada.

— Escavações sistemáticas começaram aqui há pouco mais de uma década atrás. Desde que me tornei encarregado delas, há sete anos, eu

encontrei dez vezes mias do que foi encontrado antes, com muito menos danos e melhor manutenção dos registros. Meus métodos são sólidos. Se for, precipitação e desatino que você quer Ministro Tuchi, então encontre outra pessoa para liderar essas escavações.

— Não! — Seu companheiro se inclinou para frente, de forma insinuante agora. — Eu não tive a intenção de ofender. É só que nada foi descoberto desde novembro.

— Você chama as ânforas de Bacchus de nada? — Soando irritado, Bastian cuidadosamente desenrolou um mapa sobre sua mesa e começou a estudá-lo, dando ao outro homem apenas metade de sua atenção, aparentemente aborrecido com ele.

— Não, descobertas grandiosas é o que quero dizer.

Silvia mantinha os olhos sobre o ministro. Ele era magro, bem vestido, e seus modos eram efeminados. E quando Bastian subiu para pegar um livro de sua estante, o homem estudou os contornos de suas costas, em boa forma, com mal disfarçada fome, então rapidamente removeu sua cartola e colocou-a para cobrir seu colo.

Ele estava obviamente atraído pelo amante de Michaela amado-o como normalmente um homem fazia por uma mulher.

— O que é, então, as urnas de Júpiter? — Lord Satyr murmurou, soando distraído. Ele voltou sua atenção para o mapa em sua mesa, parecendo compará-lo com uma ilustração no livro.

— Urnas? Bah! Dê uma dúzia de passos em qualquer direção em Roma e você vai tropeçar em cima de duas dezenas delas. Não, o Parlamento quer algo espetacular. Eles querem ficar excitados ou enriquecerem. Ambos se você quer a verdade. Joias! Ouro! Estátuas. A Venus dourada. Algo do tipo que será a inveja de todos os museus do mundo!

Sem tirar o olhar de cima de sua mesa, Bastian perguntou:

— Será que Vestais satisfaz?

Um suspiro animado dividiu o ar. Em seguida, vieram perguntas ansiosas.

— Você quer dizer as Virgens? Você encontrou as Virgens?

Bastian inclinou a cabeça em uma espécie de afirmação régia.

— Um complexo contendo o templo e a casa, bem como a Regia. Pelo que eu acredito. — Ele fez um gesto na direção de Silvia, e ela se abaixou, antes de suas próximas palavras deixassem claro que ele não a tinha notado. — Na área que você, sem dúvida, viu do outro lado e que agora está sendo isolada em seções.

— Mas você tem certeza? Que pistas você encontrou?

— Um fragmento com uma única palavra “*Amata*” escrita sobre ele. Este é o nome inicial que o Pontifex Maximus deu a cada uma das virgens quando ele as selecionou para servir Vesta.

— Posso ver?

— Não.

— Mas...

— Ele desapareceu na noite passada.

Silvia sabia que ele iria notar a perda do fragmento, é claro, mas o surto de culpa que ela sentia por seu papel em seu roubo a surpreendeu.

O ministro começou a vociferar alguma coisa sobre a fraca segurança, mas Bastian o cortou, dizendo:

— Para evitar roubos subsequentes, eu autorizei a construção de uma estrutura mais permanente que você vê sendo construída próxima a nós. Doravante ela servirá para armazenar artefatos especialmente valiosos trancados até que possam ser curados.

— Eu vejo. — Uma pausa. — Conforme você avança, você vai, hum, fazer a escavação atual fora do templo da Virgem você mesmo?

Silvia revirou os olhos. O homem estava despindo Bastian com seu olhar, sem dúvida imaginando ele suado pelos trabalhos braçais, com os músculos salientes. Esta era uma cena que ela mesma não se importaria de observar.

— Algumas. — Bastian encolheu os ombros. — Mas a arqueologia não é só escavação.

— Quando você vai saber com certeza que você localizou o complexo Vestal?

Um silêncio. Pontas de dedos batendo na mesa de trabalho novamente. A paciência de Lord Satyr estava diluindo perigosamente.

— Um mês?

— Possivelmente menos. Mas tudo será feito mais rapidamente se você desocupar meu escritório agora para que eu possa melhor me concentrar em meu trabalho. — Ele se levantou e fez um gesto em direção à porta.

Os olhos do ministro furtivamente varreram seu físico impressionante, e seu pomo de Adão balançou.

— Você é rude, Signor. — Esse fato parecia excitá-lo, pois ele teve de voltar a cruzar as pernas e reajustar a posição de seu chapéu.

— Apenas ocupado, ministro. — Bastian vagou longe da vista de Silvia, ostensivamente para conduzir seu convidado para fora.

Ela considerou se deslocar para observar melhor, mas Sal estava ficando impaciente. Ela colocou os dedos em torno de seu focinho novamente e balançou o dedo para ele, então, libertou-o, esperando que ele permanecesse em silêncio apenas alguns minutos mais. Então, sem aviso, a aba do seu lado da tenda foi subitamente batida aberta. Uma mão grande veio na parte de trás do pescoço dela, arrebatando-a pelo colarinho, e puxando-a para a tenda.

Balançando no ar, Silvia olhou para os inflexíveis olhos prateados. Ela tinha sido descoberta! Por Lord Bastian Satyr. Tão perto, ele era aterrorizante, um gigante, indomável. Com a flexão de um bíceps, ele a segurou no alto e aparentemente sem esforço. Embora Sal estivesse latindo e dançando em torno de suas pernas, e o ministro estivesse exigindo explicações, os sons de todo o inferno se soltando ao seu redor parecia distante para ela quando ela se sentiu cair dentro daqueles olhos prateados. Tão perto, ela podia ver que eles foram alvejados com pintas de verde-musgo e cercados com uma fina faixa de ébano.

— Você está me sufocando! — Ela protestou, enganchando o dedo em seu colarinho. Não era verdade, e ele sabia disso. Ela agitou as pernas, chutando nele, e empurrando suas mãos planas contra a pedra esculpida, que era o peito dele. Deuses, sob sua fina alfaiataria, ele estava construído como um gladiador! Homens como este não eram encontrados frequentemente aqui deste lado do portão.

— É este o ladrão? — O ministro exigiu, pairando logo atrás dele. — Será que ele tem o fragmento?

Bastian olhou-a como se ela fosse um inseto particularmente interessante que ele prendeu em um alfinete.

— Isso não se sabe. Acredito que você estava no seu caminho para a saída, ministro?

— *Buon giorno*, — Silvia disse ao político, sarcasticamente, balançando dois dedos na despedida.

Ela notou a ligeira curva dos lábios de Bastian e sabia que ele estava divertido, até mesmo quando a expressão do ministro reforçou em irritação.

— Você pode ter um tom mais confortável à próxima reunião, Lord Satyr, — ele cortou. — Devo lembrá-lo que é no Ministério Italiano de Cultura em que você confia para ter acesso contínuo a estas escavações. E nós votaremos em sua reintegração como líder aqui na próxima sessão. Com a saída do meu antecessor, agora o meu voto é decisivo. — Batendo seu chapéu de feltro na cabeça, ele partiu decididamente aborrecido.

— Bastardo.

Silvia começou nesta expressão, percebendo só então que tinha havido um terceiro homem em silêncio na tenda o tempo todo, que estava sentado na cadeira de canto.

Outro Satyr de olhos prateados. Este era mais jovem que Bastian e mais magro, sua pele pálida como se ele raramente visse o sol. Pontifex a tinha instruído bem sobre a história da sua família. Este provavelmente era Lucien, aquele que esteve desaparecido durante anos e cuja reputação de temíveis talentos estava envolta em mistério.

Ele tinha conhecido a dor em sua vida, um presente. No entanto, havia alguma coisa assombrosamente bela sobre este rosto abatido, vigilante.

Ela olhou de volta para Bastian, e viu que ele ainda estava analisando-a com aqueles seus olhos astutos. Ela encolheu em sua camisa até o nariz, temendo que ele de alguma forma descobrir sua farsa.

— Vamos deixá-los resmungando, Luc. — disse Bastian. — Apesar das queixas de Tuchi, eu tenho conseguido mais do que o Parlamento esperava e em um tempo menor do que o planejado. Não há ninguém qualificado o suficiente para me substituir, e eles vão continuar a aderir à minha maneira de fazer as coisas como sempre fizeram.

— E ele? O que você vai fazer com seu ladrãozinho? — Lucien perguntou, batendo os dedos para indicar Silvia.

— Oferecer-lhe uma recompensa? — Sugeriu Bastian, ampliando o seu sorriso. — Afinal, foi sua aparição que nos resgatou do ministro.

Ao ver aquele sorriso masculino, Silvia parou de lutar por um momento, observando-o com fascínio confuso. Ele tinha um senso de humor?

Michaela não tinha mencionado isso.

— A única recompensa que quero de você é a minha liberdade — ela informou a ele. — E um trabalho.

— Eu não emprego ladrões. — ele mandou de volta. Ele parecia, finalmente, registrar o fato de que Sal estava latindo descontroladamente, beliscando, e correndo sobre suas botas. Abaixando-a no chão, ele murmurou, — Luc.

Atrás dela, Lucien assobiou uma única, nota claro. Instantaneamente, Sal ficou tranquilo, empurrando a cabeça em direção ao irmão de Bastian. Como se estivesse em transe, ele trotou para ele, deitando a seus pés com o focinho sobre as patas da frente, e começou a roncar.

— Mantenha seus feitiços para você mesmo, maldito Satyr! O que infernos você fez com ele? — Silvia exigiu. Ela avançou em direção ao cão, estendendo a mão para ele, mas uma grande mão pegou a parte de trás do cós de sua calça e atirou-a sentada na borda da mesa.

— Você vai ter o seu cão de volta quando você responder às minhas perguntas, Diabinho. — disse Bastian, pairando sobre ela. — Onde está o fragmento?

— Que fragmento? — Perguntou ela, fingindo ignorância.

— Responde-me! — Ele deu-lhe um aperto, sua voz ficando dura. De repente, ele tinha ficado feroz e assustador novamente.

— Por que você suspeita de que eu esteja com o seu... Seja lá o que for? Seus lábios se apertaram.

— Quando eu saio a cada noite, eu certifico-me que esta tenda e o perímetro do terreno do fórum estejam protegidos com magias invisíveis. Feitiços que fazem os invasores humanos irem embora sem saber por que. Mas existem algumas criaturas que não se podem repelir. Não é assim, Luc?

— Essas seriam criaturas de ElseWorld, — afirmou seu irmão. — Tal como os Diabinhos.

— Eu não... — Silvia começou.

De repente, as mãos de Bastian estavam por toda parte, correndo sobre suas costas, costelas, barriga, as laterais das coxas, a parte interna.

— Pare com isso! — Ela gritou, se contorcendo para escapar dele. Rico estava aparentemente com cócegas.

Descontente seu interrogador veio acima com nada. Ele firmou suas mãos em ambos os lados dela em cima da mesa e pressionou seu corpo ameaçadoramente perto, inclinando-se sobre ela até que ela tombou para trás sobre a superfície de sua mesa para evitá-lo.

— Você já o vendeu? — Ele perguntou com uma ferocidade silenciosa que a congelou.

— Não! — Usando o punho de ambas as mãos, ela calçou os cotovelos entre eles, mas provou ser impossível empurrá-lo. No entanto, quando os nós dos dedos dela acidentalmente roçaram em sua garganta, algo mudou em seu rosto. Abruptamente, ele recuou como se sua pele tivesse sido queimada. Surpresa ela olhou para ele com cautelosa.

Lucien se endireitou em seu assento, olhando alarmado.

— Bastian?

Mas o Satyr mais velho fez um gesto para seu irmão e continuou olhando para ela. Alguma emoção profunda passou sob sua expressão, como uma nuvem se movimentando rápido pelo céu, trazendo tempestade.

Oh não! Ela tinha...? Silvia olhou para suas mãos, aliviada ao ver que ambas ainda estavam cerradas. Ela sempre tinha o cuidado para não tocar em outras pessoas com as mãos abertas, pois ela ainda carregava o fogo de Vesta, não importando quem ela assumisse como anfitrião.

Mas se as palmas de suas mãos não tinham roçado nele, porque ele estava agindo de modo estranho?

Atordado, Bastian olhou para o rosto do pequeno Diabinho.

Ele tinha acabado de ver cor outra vez! Pela terceira vez em sua vida. E todas as três ocorrências aconteceram num intervalo de dois dias uma da outra. E como nas outras vezes, junto com a cor, ele tinha experimentado o disparo da adrenalina igual ao da luxúria. Condenação, o desejo de ir à procura da primeira mulher que ele encontrasse disposta cresceu forte nele.

Que diabo estava acontecendo? Ele deu a volta em sua mesa e atirou-se na cadeira, dando ao seu corpo tempo para se recuperar. E permitindo-se um momento para considerar o assunto.

O Punho do Diabrete tinha roçado sua garganta. Quando a carne tinha encontrado a carne, foi quando a cor tinha queimado. Não esteve viva desta vez. Pelo contrário, foi como se uma cena em preto e branco tivesse sido lavada com tons pastel por algum pincel, invisível sobrenatural.

Assim que ele o tinha soltado, a cor havia desaparecido. Embora ele ansiasse mais do mesmo, ele achou suspeito. Por que, após 29 anos de vida, isto estava acontecendo com ele? E como? O que poderia ter possivelmente em comum a Presença que ele sentira na manhã de ontem, o fantasma infantil de ontem à tarde, e este Diabrete?

— Seu nome. — ele exigiu bruscamente. — Qual é o seu nome, Demônio?

— Rico.

Ele cruzou os braços.

— Seu nome *real*.

O garoto parecia nervoso, reforçando suas suspeitas de que algum truque estava em andamento. Com olhos fixos em seu prisioneiro, ele falou para seu irmão.

— Demônios são mentirosos e ladrões notórios, não são, Luc?

— Esse é o meu entendimento. — foi à resposta.

O garoto enviou-lhe um olhar ácido que por alguma razão fez Bastian ter vontade de rir. Estudando suas feições com severidade, ele disse:

— Devo levá-lo à *Polizia* e ver o que podem extrair de você? — Seu irmão levantou-se, perturbando o cão e fazendo o gesto como de levar o Demônio em custódia.

— Espere! — Rico deu um passo atrás, em seguida, rapidamente perguntou a Bastian, — Como você descobriu que eu estava fora da tenda agora á pouco?

Bastian recostou-se na cadeira de seu pai, ouvindo o rangido discreto e familiar do couro caro sob ele.

— Eu conheço o cheiro de um Demônio quando eu o sinto.

— Então, me responda isso. Você sentiu cheiro de "Demônio" esta manhã em sua barraca, depois do roubo ter ocorrido?

— O menino tem um bom argumento — Observou Lucien.

O moleque *fêz* um bom argumento, pois ele não tinha detectado o cheiro de um.

— No entanto, você foi encontrado espionando agora á pouco — ele acusou com ameaça suave. — Por que veio aqui hoje, se não foi para roubar?

Rico deu de ombros.

— Ouvi dizer que encontrou algumas virgens, então eu vim correndo para ver quem é quem. — Ele sorriu em um esgar infantil que foi estranhamente inocente. No minuto que as palavras jorraram, ele pressionou os dedos nos lábios, surpreso, como se estivesse consternado com o que tinha falado a eles. Visivelmente sacudindo o seu desconforto, ele acrescentou: — E eu vim pelo comercio de informações, e não para roubá-lo.

— O que você poderia possivelmente saber que iria me interessar?

— Tenho algumas informações sobre as Virgens, é o que tenho.

Bastian bufou em descrença cavalheiresca.

O menino começou assinalando os fatos marcando em seus dedos.

— Um: Enéias trouxe o fogo eterno, para o templo de Vesta de Troia. Dois: Ele queimou lá por 900 anos. Três: Doze Virgens o mantiveram ali. Quatro: Nos tempos antigos, elas deviam como os magistrados lhe ordenavam renunciar ao amor antes de tomarem posse de seus serviços para Vesta ate que saíssem. Eu devo continuar... Mais alguma pergunta?

Doze virgens, o rapaz tinha dito. Não seis como os filósofos mencionaram. As outras informações ele poderia ter aprendido de livros ou de ensino. Mas mesmo Bastian não tinha suspeitado que houvesse doze virgens, até a visão da noite anterior.

— Como é que você vomita história antiga como uma enciclopédia? — Bastian perguntou, com o seu interesse completamente capturado agora.

Rico abriu as mãos.

— Não sei. Eu só faço. Contrate-me para trabalhar para você, e eu vou te dizer mais daquilo que eu sei. — Arrogante agora que ele os impressionou, ele passou ao redor da sala, examinando superficialmente a vasta coleção de livros e artefatos. Tendo seu cachorro acordado, arrastou ele.

Bastian e Lucien trocaram olhares.

— Olhando para mais saque? — Bastian perguntou.

O menino levantou e deixou cair os ombros negligentemente. Seus olhos se iluminaram sobre a pequena caixa de chocolates branca e caro em uma das prateleiras. Michaela tinha uma predileção por eles, e Bastian tinha comprado para ela. Rico se curvou e cheirou. Seu estômago roncou e ele colocou a mão nele, parecendo um pouco embaraçado.

Seus olhos dispararam em direção a Bastian.

— Para a sua esposa?

— Não é da sua conta.

— Namorada, então? Se você está procurando presentes, eu conheço um pouco de colar falsificado. Posso roubar-lhe alguns lenços finos no mercado. É só dizer...

Antes que o Demônio pudesse terminar, o seu cão saltou para cima. Em um instante, ele pegou a caixa da prateleira e agora com a intenção de rasgá-la para atingir os chocolates dentro.

— Sal — Rico repreendeu. Quando ele tentou recuperar a caixa rasgada, o cão a levou entre os dentes e saltando, correndo em círculos ao redor da tenda.

Whap! Sua cauda bateu em uma urna de terracota, batendo-a contra uma outra adjacente de forma errada. Ela rachou, parcialmente quebrando em pedaços.

Com um palavrão abafado, Bastian deu um passo largo na direção do cão. Ele ficou saltando em torno de seus pés a rosnar, sem vontade de desistir de seu doce tesouro.

— Noventa infernos! Faça esse vira lata sair daqui! Luc!

Mais uma vez, seu irmão chamou o cão. Os chocolates meio comidos foram imediatamente descartados e esquecidos quando Sal foi até ele. Desta vez, porém, ele não foi induzido ao sono, mas só sentou-se aos pés de Lucien, vigilante.

Rico pegou a caixa de chocolates mutilada, olhando sem saber o que fazer com ela.

— Seu nome é Salvatore.

— Salvador? — Murmurou Bastian, fazendo um levantamento de sua urna rachada. — Não parece apropriado dado às circunstâncias.

Andando de lado até a mesa, Rico colocou a caixa sobre ela e depois ficou ali, forçando um dedo do pé de sua sandália para traçar um padrão no tapete.

— Eu o chamo de Sal. Ele é um bom caçador de ratos. — Ele olhou em volta como se estivesse à procura de roedores. — Pode ser útil ter um cachorro por aqui. Você está interessado? Apenas uma lira.

Bastian curvou a urna, cuidadosamente inspecionando a destruição.

— Uma lira por um vira-lata pulguento?

O menino olhou para o cão, que estava se coçando.

— *Pare com isso!* — Ele repreendeu suavemente. Em seguida, para Bastian, ele continuou. — Ele não teria pulgas se ele tivesse um bom lar. Talvez...

— Eu não tenho tempo para um cão. Eu fico aqui das cinco da manhã até às dez da noite.

— Ele pode te fazer companhia aqui, — Rico tentou convencê-lo. — Ele daria um bom cão de guarda. Ele podia vigiar os seus fragmentos para você. Algumas dessas cerâmicas parecem valiosas.

Bastian segurava um pedaço quebrado da urna.

— Parte do que foi. — disse ele sarcasticamente.

— Ele poderia até manter o ministro afastado. — Rico continuou.

— Nesse caso, você pode querer considerar isso, irmão. Os políticos são muito irritantes, — Lucien concordou, em tom de gozação. — Desde que ele assumiu seu posto, Tuchi parece estar constantemente sob seus pés. Cada vez que você volta, ele está aqui, e sem nenhum motivo.

— Oh, ele tem uma razão, — Rico anunciou. Dois pares de olhares prateados viraram em sua direção. Ele pressionou a ponta dos dedos na junção de sua boca como ele tinha feito anteriormente, com a esperança de parar a sua própria boca fugitiva. Mas as palavras dele, no entanto, irromperam. — O ministro gosta de homens. Em sua cama.

— O quê? — Bastian vociferou de espanto.

Lucien inclinou sua cabeça, considerando.

— Um homossexual?

— Ele tinha um nó do tamanho de um punho em suas calças. Não me diga que nenhum de vocês reparou? — Rico insistiu.

Bastian esfregou a mão sobre o rosto, sem saber se ria ou gemia.

— O que infernos eu vou fazer com você?

— Dê-me um emprego? — Sugeriu Rico.

— Você é sem-teto? — Bastian disse, olhando para ele especulativamente. — E está querendo um trabalho honesto?

O menino se esticou.

— Sim! — ele disse, parecendo quase incapaz de acreditar que a sua sorte podia estar tomando um rumo lucrativo.

— Muito bem. Vamos tentar você na escavação e ver quanto tempo você passa.

Silvia seguiu Bastian para fora da tenda. Tendo em vista sua altura reduzida recentemente, surpreendente seus olhos naturalmente foram para as costas musculosas. Enquanto caminhava, seus quadris rolavam de uma forma diabolicamente sexy que chamou sua atenção. Recordando-se como ele estava pela manhã, antes, trabalhando sobre Michaela em sua cama, ela corou. *Pare com isso!* Disse a si mesma. Ela era tão má quanto o ministro!

Ela rapidamente viu-se levada para seu chefe, a quem ela reconheceu como o ladrão furtivo da tenda na noite anterior. Interessante.

— Que diabo é isso? — O capataz perguntou, quando ela foi apresentada a ele.

— Nosso mais novo funcionário — Bastian informou a ele. — Alimente-o e a seu vira-lata, em seguida, o coloque para trabalhar. E não o deixe fora de sua vista.

Então, para ela, ele disse:

— Faça o que Ilari diz. Nós trabalhamos das 6 às 14h, então paramos para o almoço e sesta até as quatro. Então, trabalhamos mais até o jantar às sete e meia.

Então ele se virou para ir.

Sabendo que seria suspeito se ela não perguntasse, ela gritou atrás dele.

— Quanto é o pagamento?

Ele jogou sua figura para ela. Ela não tinha ideia se a sua oferta era justa ou não, mas ela meneou a cabeça. Então ele se virou para trás e estendeu a mão como se estivesse a tremer.

Assustada, ela ignorou-o e colocou as suas nos bolsos, fingindo não entender o que ele queria. Mas sua expressão satisfeita, parecia que ela tinha confirmado algo para ele por sua relutância.

— Se roubar um caco de cerâmica eu vou colocar você na cadeia — disse ele por meio de adeus. Com isso, ele virou as costas e desapareceu dentro de sua tenda.

Atrás dela, ela ouviu Ilari resmungando algo sobre não ser uma ama de leite. Ela tinha uma sensação que não estavam destinados a serem amigos. Um sentimento que rapidamente ganhou força quando ele atribuiu-lhe o trabalho mais baixo e servil que havia para ser feito.

Dentro de algumas horas, ela estava exausta. Quando eles terminaram de almoçar, Sal devorou sua segunda refeição do dia como se ele não comesse há um mês, então passou a sesta da tarde afastado em um bosque nas proximidades, ocasionalmente despertando-se para fugir de Bastian, quando ele deixava a sua tenda para supervisionar a escavação. Ela, por outro lado, passou o seu dia movendo pedaços de escombros de uma pilha para outra. Seu corpo e mente, estavam entorpecidos pelo trabalho, e ela fez o capataz conhecer seus sentimentos com uma lista atualizada de queixas em relação à sujeira e frio. O fato de que ela o estava irritando não era toda culpa dela. Nos primeiros dias, o anfitrião ainda exercia considerável controle sobre o corpo. Ele iria desaparecer em breve, mas por agora era difícil de fazer Rico parar de ter sua palavra.

De vez em quando durante o dia, ela viu Bastian parado na entrada de sua tenda, olhando para ela. Ou na escavação, olhando para ela. Ou segurando mapas e gesticulando para os trabalhadores, e olhando para ela. Ou gritando ordens para outros saltarem e obedecer. Ele era, obviamente, um homem acostumado à obediência em seu trabalho. No entanto, ele estava acima arregaçando as mangas e juntando-se ao trabalho duro, e quando um grande pedaço de afresco foi localizado, ele estava lá na briga, forçando os músculos quando ele ajudou a descobri-lo.

No final do dia, ele a encontrou novamente.

— Você vai voltar amanhã?

Cansada, ela assentiu.

— Ilari não vai se livrar de mim tão facilmente.

Ele acenou com a cabeça.

— O café da manhã é às cinco e meia. Se você quer comer, esteja aqui.
— Ele olhou ao redor. — Onde você vai dormir?

— Isso é problema meu. — Exausta, ela caminhou na direção de uma das faces mais reconhecíveis do Fórum: o Arco de Septímio Severus. Ela tinha um carinho especial pela esposa do imperador Septímio, Julia Domna,

pois foi para ela que ele tinha reconstruído o templo de Vesta após o incêndio em 191 DC.

Silvia se encolhia no abrigo fornecido pelo arco, tremendo, e quando Sal se juntou a ela, ela se aconchegou em seu calor. Do lado dela, ela olhou para as luzes da grande tenda branca onde Bastian ainda trabalhava em algum lugar lá dentro. Ela podia ver sua sombra à luz do lampião. Será que ele nunca se cansava?

Ela passou a mão no pelo do Sal.

— É bom que ele seja tão trabalhador, você não concorda, Sal? Talvez ele consiga escavar uma ou duas pedras de fogo do solo dentro do mês. — Ela se virou de costas. — Só nos resta esperar. Porque quando o próximo Moonful vier, eu vou ter que lançar-me desse corpo para que eu possa voltar a ElseWorld.

Sal ganiu e lambeu seu rosto, como se ele tivesse entendido e ficou triste com o conhecimento.

— Eu sei, eu sei. Você pode estar certo que eu não tenho nenhum desejo de voltar para Pontifex, mas devo. E eu não posso voltar para Rico uma vez que eu deixá-lo. Ainda assim, eu prometi a ele que eu iria encontrá-lo uma boa casa antes de eu ir. E eu vou. — Ela bocejou e virou, olhando para a tenda de novo. — Na verdade, acho que já temos.

Com o ronco reconfortante da barriga peluda de Sal como um travesseiro, ela dormiu quase que instantaneamente. Durante a noite, um cobertor encontrou seu caminho sobre ela e foi dobrado em torno dela por poderosas mãos masculinas.

Ela se aconchegou a ele, grata. Meio adormecida, ela murmurou:

— *Buona notte, papai.*

Bastian ficou ali, olhando para baixo sobre o garoto e imaginando o mistério dele. E então ele voltou-se para casa.

Scena Antiga III

15 de maio de 374 DC

Roma, Itália.

A Vestalis Maxima bateu palmas.

— Lembrem-se, meninas. Decoro. Todos de Roma esperam por um vislumbre do trabalho de vocês neste dia de festival glorioso.

Vestal servia na qualidade de mãe das meninas, e estava constantemente atendendo às suas maneiras.

Silvia ajeitou sua infula, deixando as extremidades de o turbante cair para se derramar em torno de seus ombros. Seu cabelo estava crescendo de novo, mas apenas dois ou três centímetros, até agora, e ela o enrolou apertado na cabeça em vez de fluir selvagem e livre em sua forma, da maneira habitual. A de Michaela era de seda, preto e azul fechada em sua forma cortada em um estilo que lhe emprestou uma aparência atraente de fada. O infeliz cabelo grosso de Occia estava preso para fora de sua cabeça em estranhos tufo cor de sujeira que não seriam domados. Sob seu turbante, todas as doze meninas de cabelos curtos ainda pareciam meninos.

Ela estava curiosa, pelo tipo de vida privilegiada que elas viveram durante os últimos três meses desde que chegaram para servir Vesta. Elas foram separadas de todos os outros de Roma e tidas em alta estima. Cada dia, elas eram educadas por estudiosos reverenciados, que no curso normal das coisas apenas instruíam os homens nobres.

Ao contrário de todas as outras mulheres em Roma, a elas um dia seria permitido terem propriedades. A elas foram destinados os melhores lugares nas corridas e lutas de gladiadores no Coliseu. E no âmbito de suas funções, elas reinaram em numerosas cerimônias públicas, assim como fariam hoje.

Esta manhã, depois de ter liderado uma procissão com uma multidão de adoradores a margem do Tíbre, elas tinham então esperado Pontifex. Quando ele finalmente chegou à adulação foi grande, ele ordenou-as jogar sua coleção de estatuetas de palha trazidas da Argei (capela na Roma antiga) no rio. Ao longo das últimas semanas, cidadãos romanos tinham colocado estas bonecas simples nos templos para absorver qualquer mal que poderia está à espreita. As bonecas contaminadas já estavam recolhidas e hoje deveriam ser ritualmente sacrificadas em um esforço para purificar a cidade. Silvia lançou

uma meia dúzia delas no Tíbre, rindo e se inclinando na alegria infantil para observá-las salpicar água. Mais das Vestais — Aemilia, Floronia, e Michaela — seguiram o exemplo, fazendo um jogo disso.

— Quem é aquele homem olhando para você? — Occia perguntou, acotovelando-a.

Olhando para cima, Silvia ficou muito feliz ao ver o pai. Ela não teve nenhum contato com qualquer um de seus pais desde que chegou ao templo, e ao vê-lo foi correndo em sua direção. Ela rapidamente se viu erguida um pouco cima do chão pela mão do Pontifex.

— Pai! — Ela chamou, lutando para alcançá-lo. Ele ficou a apenas alguns metros de distância, com os olhos cravados nela.

— Diga a ela como as coisas são irmão. — Pontifex ordenou por trás dela.

Os olhos de seu pai acenderam dela para Pontifex e vice-versa. Então ele disse baixinho e com esmagadora finalidade.

— Eu deixei de ser seu pai Silvia.

Suas palavras a golpearam, como flechas venenosas e ela recuou como se fosse um golpe físico. O que havia de tão terrível nela que sua própria carne e sangue não conseguia amá-la? Ela queria gritar. No entanto, ela não iria implorar para ele. Em vez disso, ela fechou seu coração para ele, e silenciosamente jurou nunca mais confiar no amor.

Virando-se, ela foi se juntar as outras, sem saber que um par de olhos lascivos masculinos queimava em suas costas.

Capítulo 6

Bastian entrou em sua tenda na aurora na manhã seguinte apenas para descobrir que sua cadeira estava ocupada, um casaco de menino de porte pequeno pendurado em seu cabide, e notas de flauta eram grosseiramente infundidas no ar.

— Levante-se, pirralho — disse ele.

A música cessou abruptamente quando seu mais novo e mais jovem empregado virou-se, espalhando as folhas de pergaminho que ele estava folheando. Uma caiu no chão e o menino se inclinou para recuperá-la antes que seu cão o fizesse.

— O que você está fazendo com isso? — Bastian exigiu.

Rico olhou para a coleção de ilustrações eróticas no ambiente de trabalho. Com a testa franzida ele distraidamente teceu a flauta entre os dedos, um após o outro, então de volta, com a habilidade de alguém que tivesse feito a manobra com frequência. Ele atirou um olhar de rinha a Bastian.

— Uma melhor questão poderia ser o que você está fazendo com eles?

— Eles são litografias de valor inestimável. — Jogando seu casaco no cabide cobrindo o do menino, Bastian acenou para que ele se desalojasse da cadeira.

Rico gargalhou.

— Puxe a outra. — Tentou passar de lado, mas Bastian deu um passo em sua direção, estendendo a palma da mão para cima.

— Eu fico com isso.

— Não ia roubar. — O pequeno diabinho soltou a folha espessa do pergaminho um pouco acima da mão de Bastian e a deixou cair sobre sua palma. Bastian olhou para ele e viu-se subitamente mudo. A litografia tinha mudado drasticamente desde a última vez que ele a tinha visto. Ou melhor, a sua percepção é que tinha. Antes, ele tinha visto apenas em preto e branco. Agora, no entanto, estava brilhantemente tingindo com cores deslumbrantes. Simplesmente porque este menino tinha o segurado. Avidamente, os olhos de Bastian percorreram as folhas de papel espalhados por toda sua mesa de trabalho vendo que tudo parecia pigmentada para ele agora. Debruçando-se sobre a mesa, ele moveu-as, tentando memorizar as cores que pareciam raras joias preciosas a um homem que nunca as tinha visto antes. Isto foi facilmente perceptível nas folhas que foram

tocadas por Rico mais recentemente, suas cores eram mais vívidas e exuberantes. Mas todos foram rapidamente desaparecendo.

Ele estudou a ilustração em sua mão. Era a mais luminosa e retratava três amantes em um ménage à trois — o eterno triângulo. Duas das figuras estavam em pé e uma deitada. A última era do sexo feminino, uma cortesã receptiva deitada de costas sobre um colchão. Um de seus tornozelos bem torneados descansava no alto do ombro de um amante, que estava de frente para ela entre suas coxas. Seu pênis estava claramente no processo de penetração para dentro dela, do mesmo jeito que o outro homem que estava às suas costas estava em processo de penetrá-lo. Tudo era meticulosamente desenhado e com muito bom gosto prestados, quase no estilo de um desenho médico ou botânico.

— O que há de errado? — Rico exigiu, as sobrancelhas franzidas juntas.

— Nada — respondeu Bastian automaticamente. Esconder o fato de que ele era daltônico tinha requerido uma vida de subterfúgios de sua parte. Mas tinha sido necessário. Um arqueólogo que era incapaz de discernir as sutilezas das cores não era alguém que pudesse ter subido para liderar as escavações de prestígio do Fórum como ele fazia.

Somente seu pai sabia. Bastian nunca tinha dito a outra alma viva, nem mesmo a seus irmãos. Percebendo desde cedo que esta deficiência iria revelar-se prejudicial para o futuro da carreira de seu filho mais velho de outro modo brilhante, seu pai tinha instruído-o ao silêncio sobre o assunto. Ele ensinou-lhe de forma geral a determinar cada cor com base em seu valor. E por conta própria, Bastian tinha aprendido outras maneiras para compensar. Ele se tornou altamente qualificado em enganar os outros de forma a revelar a cor de um objeto se quisesse conhecê-la.

Muitas vezes, ele contratou artistas para escrever descrições detalhadas da cor dos artefatos que ele tinha encontrado, sob o pretexto de que ele estava muito ocupado demais para fazer a tarefa da gravação ele mesmo. Ao longo de sua carreira, ele conseguiu transformar sua deficiência a seu favor. Ironicamente, ele se tornou famoso pelo seu cuidado meticuloso na descrição dos pigmentos.

Um sentimento de tristeza tocou-o enquanto ele observava a cor residual lentamente desaparecer do desenho que ele segurava — a lixiviação vermelha da cortina por trás da mulher e do travesseiro ao seu lado, a carne rosada dos três amantes se tornando cinza. Era como ver algo morrer.

Com um movimento rígido de seu pulso, Bastian jogou a folha de papel sobre a mesa.

— Eles são de uma série ilustrada por Edouard-Henri Avril. Dois anos atrás, eu fiz um estudo acadêmico deles e apresentei-o perante a Sociedade de Antiquários Estimados de ElseWorld.

Rico sorriu.

— Umm-hmm. Aposto que a maioria dos admiradores do trabalho de Avril não era do tipo acadêmico.

Os lábios de Bastian se curvaram.

— A passagem do tempo tende a mudar a percepção das coisas. Objetos utilitários se tornam artefatos. Algo uma vez considerado pornográfico se torna arte.

— Isso não é arte.

— O que é isso, então?

— Uma grande foda — disse Rico. Então ele disparou outro daqueles olhares estranhamente constrangido em direção a ele, como se estivesse surpreso com as palavras que ele próprio proferiu. Recuperando-se rapidamente, ele continuou. — E se você tem que perguntar a alguém com menos de metade da sua idade sobre isso, você vai precisar de mais que chocolates para conquistar a sua amada lady. Você vai precisar de uma lição do que vai para onde e com que frequência.

Sufocando uma risada, Bastian ordenou:

— Empilhe-os e coloque-os de volta onde você os encontrou. Enquanto Rico cumpria sua ordem, Bastian ponderou sobre ele.

Normalmente, ele ia direto ao trabalho ele mesmo todas as manhãs, mas na noite passada, ele meditou sobre o assunto deste menino até a madrugada. Em todos os seus anos de estudo, ele nunca se deparou com uma única referência a uma criatura que pudesse emprestar cor a um objeto adjacente. No entanto, ele estava certo de que este diabinho tinha sido o condutor para a transferência de cor ontem e novamente hoje, no caso das litografias. Até que ele pudesse investigar mais profundamente, ele queria mantê-lo onde ele pudesse vê-lo.

— O que você está olhando? — Rico desafiou, observando seu olhar.

— Quantos anos você tem?

— Velho suficiente.

O menino estendeu a mão para um dos desenhos e Bastian agarrou seu pulso. Imediatamente, a área em torno deles, de sua mesa, as ilustrações, os casacos brilharam com a cor de novo.

— Quantos anos? — Ele exigiu.

— Doze — admitiu Rico rapidamente, girando para longe. — Idade suficiente para estar a olhar para os gostos dessas ilustrações, se é isso que você está pensando — disse ele, acenando para a pilha em suas mãos. — Em ElseWorld, doze anos é idade suficiente para os ritos de purificação.

— O que você sabe sobre isso? — Bastian refletiu, observando a cor desaparecer em torno dele.

— É Fevereiro, não é? O mês de purificação em ElseWorld, assim como costumava ser aqui na Roma antiga. — O menino depositou os desenhos na prateleira, um pouco menos perfeitamente arrumados do que tinha estado quando ele os encontrou. Então, em vez de ir para fora para trabalhar na escavação, ele vagou pelo perímetro da sala, oferecendo a seu cão um tapinha no caminho. — Se eu estivesse em ElseWorld agora, eu ia ficar mais para o Templo de Vênus. E eu tomaria a minha vez na cesta de nomes e escolheria um bocado de papiro pintado com o apelido de algumas mulheres sobre ele. Quem quer que eu selecionasse se tornaria minha amante por um ano inteiro. — Ele fez uma pausa e suspirou, com uma expressão feliz no rosto. — Sorte dela.

— Condenação certa.

Bastian sorriu e balançou a cabeça, incapaz de deixar de achar divertido.

— Cuidado, seu rosto pode rachar como uma dessas estátuas que você desenterrou lá fora — comentou Rico, vendo sua diversão.

— Por que você não está fora no dizer?

Rico inclinou a cabeça.

— O que é um dizer?

— Quer dizer que há algo que você não conhece? É a palavra hebraica para uma escavação arqueológica ou monte.

Era raro que Bastian tivesse dificuldade em se concentrar no trabalho, mas o desejo de continuar discutindo com o menino era forte. Forçou-se para parecer ocupado em sua mesa.

— Tenho certeza de que estou pagando para você fazer algo além de ficar vagabundando por aqui.

Rico apontou o polegar em direção à área geral onde eles trabalharam ontem.

— Meu talento é desperdiçado ali.—Ele veio para o lado oposto da mesa e inclinou-se confiantemente. — Eu tenho caligrafia, você sabia? — Ele pegou a pena de Bastian, com intenção de provar. Colocando a ponta de sua língua em um dos lados de sua boca, ele escreveu o seu nome.

Enquanto Bastian olhou para baixo sobre a cabeça curvada do menino, algo mudou dentro dele. Ele também se lembrou de seu próprio interesse ávido em ajudar seu pai nas escavações de qualquer maneira que pudesse. Lembrou-se de seu pai ensinando-o a ajudar a manter os registros. Lembrou como uma esponja ansiosa em absorver tudo o que pudesse que um dia ele foi. Assim como este garoto.

Movendo o papel em que ele tinha escrito, Rico empurrou-o para ele do outro lado da mesa. Bastian não tinha certeza do que ele esperava, mas não era esta bela caligrafia.

— Vê? — Rico disse presunçosamente. — Eu não minto.

— Não, você só rouba.

Rico deu de ombros.

— Mais uma razão para manter-me perto se é isso que você acredita. Apenas para que eu não pule para fora com qualquer coisa.

— Suponho que se eu perguntar-lhe onde os infernos você aprendeu a escrever assim, você vai dizer que você não sabe.

A expressão do menino foi alterada para uma interessante mistura de astúcia adulta e inocência juvenil.

— Você está certo. Eu apenas nasci sabendo algumas coisas. Tudo como um mistério. Eu posso desenhar, também, e nunca me foi ensinado. — Bateu a pilha de cartões de escavação na mesa de Bastian. — Quando você encontrar algo na sujeira do Fórum, eu poderia desenhá-lo e fazer as palavras para você. Poupar-lhe-ia algum tempo. E algumas tensões em seus olhos envelhecidos.

Os olhos acima mencionados de Bastian se estreitaram. Os talentos do garoto eram tão exatamente o que ele precisava e ele chegou de uma forma suspeita. Era muito conveniente.

— A documentação do que é encontrado em um sitio é um trabalho exigente. É necessário treinamento.

— Dê-me algo para desenhar e vou provar meu valor. — vangloriou-se Rico.

Desde que isso se adequava a seus propósitos de manter o menino em observação, ele poderia muito bem fazer uso de todos os talentos que ele possuía, ao mesmo tempo. Bastian se levantou, e pegou seu casaco, e foi para a abertura da tenda.

— Muito bem. Vamos. E traga alguns desses cartões e uma caneta. Vamos ver se podemos colocar sua mente para um uso mais rentável.

Uma vez que saíram da tenda, Bastian olhou para o casaco fino que Rico usava, mas que com certeza não podia pagar.

— De onde veio isso?

— Encontrei justamente esta manhã. Todo semelhante inesperado.

— Eu aposto que sim.

Quando cruzaram os caminhos do Fórum para a escavação Vestal, o capataz disparou um olhar maldoso na direção do menino. Rico apenas sorriu e acenou.

— Seu Signor Ilari parece um pouco decepcionado de me ver novamente.

— Você pode culpá-lo?

— Eu fiz o meu trabalho.

— Sim, eu ouvi como você fez isso. Resmungando todo o caminho.

— Seus métodos são arcaicos.

— Você tem muito vocabulário quando lhe convém. — Bastian observou.

— Sou um estudante rápido. E você tem que admitir que ele seja um idiota. Para onde vamos?

De repente, percebendo que ela tinha deixado Bastian vários metros atrás, Silvia retrocedeu em seus passos para encontrá-lo cutucando uma espátula na terra.

Dentro de minutos, ele veio com um pedaço substancial de afresco, que entregou a ela.

Surpresa, ela olhou para a ele.

— Como é que você sabia onde estava?

— Faça um esboço em seu cartão — ele ordenou, cortando-a. — Você tem três minutos.

Caindo para sentar de pernas cruzadas no chão, ela desenhou um cuidadoso esboço rudimentar da pintura, em seguida, entregou a ele e ficou aguardando seu veredicto.

Ele estudou por um momento, então pegou o fragmento dela e entregou-o a Ilari, que tinha vindo para observar. O homem acenou com a cabeça em admiração relutante.

— Eu disse que eu poderia desenhar — disse ela a Bastian.

— Ao lado do desenho, nós escrevemos sua escala — foi tudo o que ele disse em resposta. — Para indicar que o fragmento em si é aproximadamente três vezes o tamanho de seu desenho, nós escrevemos 3:1. Se o contrário fosse verdade...

— Eu precisaria de um cartão maior.

— E você teria escrito 1:3 — Bastian continuou. — Agora, aqui no canto superior esquerdo, indicamos a profundidade em que um artefato é encontrado, e a data aproximada do item propriamente dito. Então, tendo encontrado este fragmento perto da superfície, escrevemos nível um, e eu estimaria sua idade em 350 DC — Ele rabiscou a informações com a mão limpa.

Silvia observou isso em silêncio, passando de um pé para o outro com um desejo de corrigi-lo. Ela poderia ter dito o suficiente para preencher este cartão e mais dez.

O afresco tinha vindo de uma parede da Casa Atrium. Tinha sido pintado por um artista que tinha cheiro de alho e tinha possuído doze gatos brancos. Ele tinha sido uma figura de pouca importância na história, mas um que ela conheceu na carne quando ela era uma menina. Bastian tinha começado com a data errada. Ele havia sido feito em 381 AD. Ainda assim, ele parecia satisfeito com o seu talento, e até o final daquele dia, ela completou dezenas de cartões para ele.

Alguns dos artefatos quase não pareciam justificar a gravação, mas ele era extremamente meticuloso em seu trabalho, o que levou a brigas de boa índole ocasionais entre eles.

Quando ela despejou os cartões e pedaços de cerâmica correspondentes na sua tenda no final do dia, um pequeno sorriso esvoaçava sobre seus lábios. A pilha de ilustrações eróticas que ela tinha colocado ao acaso na prateleira naquela manhã tinha sido esticada, de modo que todos os cantos estivessem perfeitamente alinhados.

— O homem é certamente meticuloso — ela murmurou para si mesma. Um dos cartões que ela segurava caiu no chão e ela se curvou para pegá-lo.

— O que você está fazendo aqui, garoto?

Ela se virou para ver Ilari bloqueando a saída. Sua expressão era suspeita, mas provavelmente não mais do que a dela própria.

— Eu poderia perguntar-lhe o mesmo. Houve ladrões nesta tenda antes.

Olhando à beira da apoplexia, o homem avançou para ela.

— Você se atreve?

— O que os infernos está acontecendo? — Bastian exigiu, entrando para encontrá-los em um impasse.

— Nada — disse Silvia facilmente, colocando para baixo o livro que ela estava prestes a arremessar. — Ilari e eu estávamos oferecendo uma boa noite. Aconteceu de eu falar para ele que um fragmento havia sido roubado recentemente, desta tenda e ele parecia ter exceção a minha declaração. Muito estranho. — Ela saiu e deixou-os para resolverem isso.

Naquela noite, ela se deitou em baixo do sotavento do Arch, sob um cobertor que misteriosamente apareceu na noite anterior. Ela estendeu a mão e acariciou a pele de Sal.

— Eu começo a pensar que Michaela fez uma boa escolha para si mesma. Isso retira um peso de cima de mim, saber que seu Satyr é um espécime bom.

O cão deu-lhe uma lambida na mão, e acolchoado em um círculo apertado, como se socando a grama como seus antepassados tinham feito, a fim de fazer um bom lugar para dormir. Então ele se enrolou ao lado dela, suas costas um conforto quente contra ela própria. Ela atirou o cobertor sobre os dois e os abrigou para passar.

Vendo a luz sair da barraca, ela levantou a cabeça para assistir Bastian emergir. Ele olhou em sua direção e ela se esquivou. No momento que ela espiou novamente, ele estava trilhando seu caminho para cima em direção ao Esquiline no lado mais distante do vale do Fórum. Ele iria passar a noite com Michaela em sua cama. Pressionando seu pau dentro dela como ela tinha o visto fazer na primeira noite. Uma emoção turbulenta brotou dentro dela e ela procurou dar um nome a isso. Saudade, ela decidiu depois de um momento. Um desejo de pertencer a alguém como Michaela fazia com ele e ele com ela.

Ao seu lado, Sal ganiu, e ela perguntou se ele desejava ficar com ela também. Ela relaxou contra ele novamente, dando-lhe um tapinha tranquilizador. Animais de estimação eram as piores coisas acerca da mudança de hospedeiros. Ela uma vez teve que abandonar um periquito em Londres, e ela ainda se preocupava com ele, embora estivesse certamente morto há muito tempo agora. Ela sinceramente esperava que ele tivesse vivido a sua vida natural, mesmo quando ela passou a viver uma vida pouco natural ao longo dos séculos.

— Não se acostume com isso — alertou a Sal, bocejando. — Eu não posso mantê-lo. Eu sou como um andarilho. Mas prometi a Rico que gostaria de encontrar um bom lar para você, e eu juro a você que vou. Na verdade, eu estou cada vez mais certa que Lord Bastian poderia servi-lo perfeitamente, pois ele vai permanecer aqui em Roma.

Capítulo 7

Uma semana depois

Ao som do riso de menino, Michaela parou fora da grande tenda branca no Fórum. A baixa, risada masculina veio em resposta. Bastian. Sua diversão foi seguida pela voz do menino novamente, soando aguçada neste momento. Havia algo familiar no timbre daquela voz jovem. Ela deu à luz a simples sugestão de um acento antiga. A menos que ela estivesse muito enganada, a proprietária da mesma viria a ser sua melhor amiga do sexo feminino.

Era um dia de inverno excepcionalmente quente e uma ponta da abertura em uma parede tinha sido ancorada para cima, de modo que a tenda foi deixada aberta para a entrada de ar do exterior. Ela olhou para dentro e teve certeza imediata de que ela estava certa em sua suposição. Certos maneirismos — uma virada da cabeça, um encolher de ombros — eram distintos o suficiente para que ela visse por meio do disfarce de Silvia. Deleite disparou nela, as duas pessoas que eram mais caras para ela em ambos os mundos tinham finalmente se encontrado. E ainda mais promissor, eles pareciam estar se dando bem. Mas dane-se tudo, a confiança de Silvia obstruía seus planos quando tomou um maltrapilho rapaz como hospedeiro.

A dupla sentava-se em cadeiras próximas na mesa de Bastian, suas cabeças juntas enquanto eles ponderavam algum quebra-cabeça arqueológico. Parecia ser uma seção danificada de um mosaico, com inúmeras peças faltantes. Ele estava colocado para fora em cima de uma placa plana na mesa de trabalho, e eles estavam remontando os azulejos soltos em cima dele, cuidadosamente gravando a posição de cada peça.

— Não, quantas vezes eu tenho que te dizer? Azuis devem ir para lá.
— A Silvia menino revirou os olhos e pegou uma telha de vidro azul pequena que Bastian tinha colocado incorretamente entre os verdes.

— Meu erro — disse Bastian, alcançando um caderno de anotações no outro lado de Silvia. — Por que você não monta enquanto eu faço as anotações? Meus olhos velhos não são tão vivo como os seus mais jovens.

As sobrancelhas de Michaela se arquearam, pois ela nunca tinha o ouvido falar nesse tom indulgente antes. Sua euforia aumentou dez vezes no que isso poderia significar. Seria possível que seus planos para os três

poderiam vir a ser concretizados, uma vez que Silvia se revertisse para sua forma verdadeira?

Silvia deu uma gargalhada, cada centímetro do garoto naquele momento.

— Uma boa ideia. Quão velho, infernos, você é, afinal? — Ela estendeu o braço dele, reposicionando as telhas que ele tinha perdido.

Uma dica de um sorriso tocou no canto da boca de Bastian.

— Velho o suficiente.

— E cego, no entanto, isso é certo. Azul vai com azul. Vermelho vai com vermelho. Verde com verde. Só queria saber como você se virou ao longo de seu trabalho antes de eu chegar. Onde você aprendeu a sua arkeology, ou como você quer chamá-la, afinal?

— É arqueologia, como você bem sabe. E eu aprendi isso com meu pai. — Voz de Bastian tinha ficado sem tom abruptamente, como sempre acontecia quando ele se lembrava de seus pais.

— O que aconteceu com ele?

Bastian não respondeu.

Mas uma nova voz falou por trás de Michaela e ela se virou para ver que Sevin tinha chegado.

— Ele morreu onze anos atrás, pouco depois de chegarmos a este mundo — ele informou. — Bastian e nosso pai começaram as escavações aqui, e desde a morte dele, Bastian continuou o trabalho. — Ele balançou a cabeça para Michaela, dando-lhe um sorriso fácil, com covinhas pelo qual as moradoras femininas do Salone di Passione desmaiavam, e tardiamente acrescentou: — Boa tarde, cara. Você está com ótima aparência.

Michaela sorriu lindamente em troca, e ambos Bastian e Silvia se levantaram quando ela entrou no ambiente. Pobre Silvia parecia tão culpada. Levou um momento para ela perceber a razão. Ora, ela estava atraída por Bastian! Mais do que Michaela conseguia se lembrar de ela nunca tinha ficado por qualquer outro homem em todos os séculos que vieram antes. Mas então, qual mulher não seria atraída por ele? Ela pensou, com os olhos errantes por sua estrutura poderosa. Mesmo alguém disfarçada como um menino.

Olhando de um para o outro, ela ficou assustada ao sentir a falta de boas-vindas em sua direção. Uma companheira Vestal sempre podia detectar o menor sinal de desagrado de um homem, e ela notou a ligeira irritação na vista de Bastian. Ela só veio aqui hoje, porque ele havia mencionado esse

menino muitas vezes para ela durante a semana passada, e fez dela mais do que um pouco curiosa para vê-lo por si mesma.

No entanto, embora ela estando há meses com Bastian e Silvia mal o conhecia a uma semana, ela de repente se sentiu como se fosse à estranha entre eles. A qualidade de suas brincadeiras sugeria uma camaradagem fácil; um vínculo que surgiu a partir de interesses compartilhado. Era uma proximidade da qual ela era excluída por sua falta de familiaridade com o trabalho de Bastian. Ela nunca tinha sido convidada a vir aqui, e nunca seria. O trabalho de um homem era obra de um homem, e ela tinha pouco interesse em escavações. Ainda assim, ela não gostava de se sentir excluída das coisas.

— A que devo esta visita inesperada? — Bastian perguntou.

Michaela foi até ele, impulsionada por uma súbita necessidade de marcá-lo como seu na frente dos outros. Indo na ponta dos pés, ela ofereceu sua boca e ele tomou-a, para beijá-la, sua mão quente firme em suas costas. Ela adorava a maneira como ele a segurava. Até mesmo o toque mais casual dele, como este, era uma emoção em si mesmo que ela iria levar com ela nas horas seguintes.

— Estou interrompendo? — Perguntou ela, acariciando sua nuca com a mão enluvada. Quando Bastian não saltou para tranquilizá-la, Sevin arrastou para a violação das boas maneiras.

— Nem um pouco. Meu irmão mais velho e eu temos negócios. Mas é sempre um prazer vê-la.

Michaela sorriu olhando para Bastian, querendo que ele partilhasse do prazer professo de seu irmão. Silvia acenou para Sevin, que veio para pousar na borda da mesa ao lado dela e passou alguns momentos ajudando com o quebra-cabeça. O queixo apoiado em seu punho, ela conversou com ele facilmente, pois haviam se encontrado várias vezes até agora e havia se formado uma espécie provisória de amizade.

— Você é melhor nisso do seu irmão mais velho. Ele não tem senso de cor, às vezes.

— Sério? — Disse Sevin, de repente vigilante. — Ele geralmente é conhecido por ser muito inteligente com pigmentos.

— Hmph. — Ela fez um som escárnio, apenas com a metade de sua atenção sobre o mosaico enquanto ela observava abertamente os outros dois ocupantes da tenda. Analisando a qualidade do seu abraço, ela percebeu que algo estava errado. Bastian parecia bastante satisfeito com Michaela naquela primeira manhã, quando Silvia os tinha visto juntos em sua cama. No entanto, embora Michaela estivesse empregando todos os truques habituais de seu

ofício como companheira pareceu não transformar este homem em um tolo como aconteceu a todos os outros homens.

Talvez fosse o fato de que ele não sucumbia facilmente a suas artimanhas o que fez Michaela querê-lo acima de todos os outros homens que ela pudesse ter escolhido. Ou talvez fosse a sua rica sensualidade masculina, Silvia pensou enquanto ela os observava alterar sua postura com um movimento fácil de seus quadris. Ele estava de costas para ela e todos os seus movimentos esticavam o tecido de sua camisa e calças em uma musculatura esplêndida que nos tempos do Renascimento teria tornado-o um sujeito digno do cinzel de Michelangelo. Se ela tivesse que projetar um macho para estimular a mente e deliciar os sentidos, ela não poderia forjar um melhor.

— Sua atenção está divagando, diabinho — Sevin murmurou, e ela viu que ele estava olhando para ela assistir seu irmão. Corando, ela ficou envergonhada ao notar seu erro no mosaico. Corrigindo, ela virou as costas para o casal que ela estava estudando, tardiamente concentrando-se no quebra-cabeça e fazendo o seu melhor para dar-lhes privacidade.

Sobre o ombro de Bastian, Michaela percebeu e sorriu para si mesma. A mesma velha Silvia de sempre, evitando envolvimento emocional. Seu surto de ciúme tinha sido equivocado. É claro que foi. O que ela estava pensando? Esta era Silvia, sua amiga mais querida, e não alguma concorrente às afeições de Bastian.

Quando Bastian se soltou dela, Michaela fingiu direcionar sua atenção para o menino pela primeira vez.

— E quem é esse? — Ela perguntou, sorrindo.

— Um diabinho ladrão mal-educado que veio trabalhar para mim — Bastian anunciou casualmente, alastrando a sua forma grande em sua cadeira novamente. Seu irmão soltou uma risada abafada como se estivesse acostumado, e divertindo-se com, o seu esparro. As sobrancelhas de Michaela subiram.

Irritada, Silvia ficou de pé e com todos os olhos em cima dela, executou uma reverência de forma que, obviamente, causou uma surpresa aos dois irmãos. Eles não tinham como saber que ela serviu como um valet na Câmara francesa de Bourbon em 1600 e poderia executar maneiras perfeitas, quando necessário. Vindo a frente, ela beijou a mão de Micaela e cumprimentou-a no polido sotaque italiano.

— *Incantato, signorina. È il mio nomo Rico.*

— Quem nos infernos ele é? — Sevin perguntou, favorecendo Bastian com um olhar confuso.

— Um diabinho cortês, aparentemente — Bastian ofereceu levemente, mas era claro que esse mistério o intrigava.

Michaela tocou com os dedos no rosto de Silvia.

— Eu acho que suas boas maneiras são muito adoráveis, Rico. Assim como você.

— Fico imaginado onde você as aprendeu — acrescentou Bastian.

Silvia lhe lançou um olhar malicioso.

— De meus superiores.

Sal vagou para cumprimentar Michaela. Curvando-se para acariciá-lo, ela murmurou para Silvia:

— Não pense que este disfarce vá anular meus planos para você.

Silvia sorriu, percebendo que tinha sido descoberta.

— Eu penso assim — Michaela sussurrou. — E quem é esse?

— O cão de Rico. Quem eu estou tentando fazer com que seu amante adote. — Depois, mais alto, ela disse — Sim, Signorina, Salvatore é de fato um cachorro excelente como você tem notado. Na verdade, o Signor Satyr implora diariamente para que eu o deixe ir com ele, pois ele veio para admirá-lo muito e deseja reclamá-lo para si.

Bastian olhou para cima a partir de sua conversa com Sevin.

— O que ele está dizendo?

Michaela riu levemente, chamando a atenção de todos os interessados operários dentro de alcance auditivo fora da tenda.

— Nada. Eu o acho muito amável. Na verdade, se você pudesse poupá-lo, eu vou ao mercado e ele seria uma ajuda com os meus pacotes.

— Pode não ser uma má ideia ter um menino de rua briguento, ao seu lado, para atuar como protetor. — Aqueles lábios sensuais curvaram-se ironicamente quando Bastian acrescentou: — E eu posso poupá-lo definitivamente.

Despedindo-se, ele se curvou sobre o mosaico, examinando sua obra recente.

— Não toque nele enquanto eu estiver fora — ordenou Silvia preocupada. — Prometa.

Bastian levantou as duas mãos, palmas para fora, para enfatizar inocência.

— O mosaico esta seguro comigo. Vá. — Despediu-se.

Sal trotou atrás de Silvia e Michaela quando saíram juntas. Uma vez que elas estavam fora e a uma distância da tenda, Michaela olhou de volta para Bastian, que estava saindo com Sevin para inspecionar uma das escavações.

Observando-a, Silvia franziu a testa ante a maneira como seus olhos famintos o seguiam. Ela só permitiu que viesse a luz esse desejo desesperado para ele quando ele não estava vendo.

— Está tudo bem entre você e Lord Satyr?

Os olhos violetas piscaram para ela.

— Scusi? — Michaela abriu a sombrinha, parecendo envergonhada e ansiosa para mudar o tema da conversa. — É... É claro. Como vão as escavações? Nenhum de vocês parece estar muito ansioso para chegar ao templo.

As sobrancelhas de Silvia ascenderam.

— Seus homens fazem a escavação. Ele só dirige.

— É claro — disse Michaela, mas Silvia tinha uma sensação estranha de que ela realmente não entendia o que acontecia ali.

— E isso é muito bom — Silvia continuou, tentando aliviar a tensão que tinha surgido entre elas. — Por que você estava certa sobre o seu amante. Ele é lento. Faz uma semana desde que eu mostrei a ele o local do templo e os seus homens só cavaram um terço do caminho até ele. Apesar da minha instrução continua o empurrando na direção correta.

Tendo encontrado um pedaço de pau que ele tinha perdido, Sal o recuperou e pediu por um jogo. Silvia aceitou e jogou-o para ele.

Michaela olhou para o cão, franzindo o nariz. Ela nunca teve predileção por animais de estimação.

— Encontrar um lar para este vira lata é outro de seus desejos que deve cumprir?

Silvia acenou alegremente.

— Um pedido da passagem de Rico. — Ela era a única das Ephemerals que insistia firmemente em realizar o desejo de seu hospedeiro em seu leito de morte. Era uma questão de honra para ela.

À menção de Rico, Michaela disparou-lhe um olhar severo.

— Eu sei que você tomou essa forma de propósito, Via. De modo que eu não pudesse forçar você a se deitar com Bastian e comigo.

— Seria um pouco inapropriado, não acha? — Silvia brincou. — Considerando que eu sou uma criança impressionável de doze anos. — Sal retornou com o pau. Silvia a jogou ainda mais longe e ele correu atrás dela.

— Mas um menino? — Micaela reprovou, mudando seu guarda-sol para o outro ombro para que ela pudesse ter melhor claridade.

— Eu prefiro assim porque a masculinidade oferece liberdades — disse Silvia. — Não preciso me sentar para me aliviar. Nenhum marido ou

pretendente me incomodando por favores sexuais. Você não tem ideia de quanto esforço tomou para me manter virginal ao longo dos séculos. Eu tenho evitado milhares de mãos, não se engane.

— Bem, você não vai ser uma criança por muito tempo. Mais duas semanas ou assim, será Moonful. Você vai ter que tomar outro hospedeiro. Vai tomar uma fêmea adulta da próxima vez, não é?

— Por quê?

— Porque eu quero que ele... — Micaela rompeu em um som frustrado.

— Para que ele saiba que eu sou uma mulher? Você realmente acha que seria tão fácil assim persuadi-lo? — Perguntou Silvia. — Não, esqueça o que você está pensando, Michaela. Eu o irrita. E duvido que fosse diferente se eu usasse saias.

— Rico o irrita. E não tanto quanto você pensa. Ele parecia gostar de você.

Silvia varreu fora de seu comentário.

— Mesmo que ele me quera para acompanhá-lo em sua cama, numa base permanente uma vez que eu seja mulher de novo — e isso é um grande “SE” —, isso só irá trazer Pontifex lá de baixo para cima de sua família.

— Se ele descobrir.

— Ele tem espiões por toda parte. Espiões que já o alertaram para o fato de que você está um pouco demais envolvida com o clã Satyr aqui em Roma.

Michaela engasgou.

— Ele pareceu aceitar isso — Silvia assegurou-lhe. — Ele tem outras coisas em sua mente. As pedras. Mas temos de agir com cuidado agora e evitar fazer qualquer coisa que possa empurrá-lo ao limite.

— Prometemos apenas três décadas de serviço para Vesta — Michaela disse severamente, andando mais rápido que sua irritação mandava. — Pontifex fez o nosso serviço se estender muito além desse tempo. Ele quebrou o acordo inicial. É justo nós quebrarmos os nossos votos.

— Meus votos são para Vesta, não para Pontifex — disse Silvia.

— Honestamente, Via. — Michaela girava seu guarda-sol, olhando para ela de uma forma calculista. — Exatamente quanto tempo você pretende permanecer virgem?

— Exatamente? Hmm. — Ela jogou o graveto novamente para Sal, fingindo considerar. — O que você quer que eu diga, Michaela? Você quer

que eu prometa que no momento em que eu localize as pedras, que eu vou implorar ao macho mais próximo que me livre do meu hímen?

— Nós estamos procurando as pedras há centenas de anos. Quando elas vão ser encontradas? Depois que um século tenha passado? Outro século em sua vida será estéril de amor de um homem? Quando Bastian e eu estivermos mortos e enterrados vai ser tarde demais. Partilhe a minha felicidade agora, enquanto você pode. — Ela pegou uma das mãos de Silvia entre as suas próprias enluvadas.

Silvia apertou-lhe os dedos enluvados e imaculados, vendo como ela sujou-as com seus próprios dedos imundos. Embora ela se banhasse todas as manhãs em uma fonte, um dia no Fórum a deixava empoeirada novamente. Com medo de que ela pudesse aquiescer, e ainda com mais medo de que seu acordo pudesse sujar a felicidade de Michaela da mesma forma que seus dedos sujos tinham manchado suas luvas, ela puxou sua mão de volta.

— Eu estou determinada, Silvia. Eu quero uma vida com ele. E com você. Uma vida de verdade, não a nossa eterna e condenada. Quando você terminar o seu trabalho, volte para mim. Eu nunca poderei ser verdadeiramente feliz sabendo que você está lá fora sozinha no mundo. Prometa que vai considerar.

— Eu vou considerar — Silvia concordou, mesmo que apenas para encerrar a questão. — Embora às vezes eu me pergunte se o seu Satyr vai chegar ao templo. Uma toupeira escavadeira se moveria mais rápido.

Silvia balançou a cabeça, sorrindo apreciando uma memória terna que ilustrava seu ponto. Ela começou a contar a história a Michaela e andou uma curta distância antes de perceber que Michaela não tinha mantido mesmo ritmo.

Quando ela olhou ao redor, foi para ver que Michaela tinha deixado cair à sombrinha e agarrava sua barriga com as duas mãos. Seu rosto estava branco como um pergaminho, um borrão febril de cor concentrava-se no alto em cada bochecha.

Silvia voltou correndo para seu lado.

— O que há de errado? — Mas em seu coração, ela já sabia.

— Eu acho que estou... perdendo... Oh Deuses, Vial! — Ela deu um agarre selvagem no braço de Silvia antes de entrar em colapso.

— Michaela! — Silvia a pegou, torcendo sob o seu peso em um emaranhado de pernas e saias enquanto elas caíam no chão. Michaela nem mesmo aparentava, não mais do que alguns meses de gravidez. E já estava terminando.

— Afaste-se dela, Ragazzo! — Um cavalheiro de chapéu alto e com fraque castor correu para eles, interpretando a situação de forma errada e batendo em Silvia fora com sua bengala. — O que você fez, cachorro?

Ela encontrou-se sumariamente arrancada por outro conjunto de "úteis" mãos masculinas. Ela lutou para chegar até Michaela novamente.

— Eu estou ajudando ela. Ela é minha amiga. — Mas a sua força era insignificante contra os dois cavalheiros equivocados, que a empurraram de lado em um esforço para prestar assistência.

Instintivamente, ela pulou e correu para Bastian, o coração batendo forte com o terror. Ela abriu a tenda e encontrou-a vazia, então o viu a uma distância além dela com seu irmão. Correu o seu caminho, gritando.

— Bastian! Michaela é... seu bebê!

O rosto de Bastian se contraiu com preocupação.

— Busque um médico! — Ele ordenou a seu irmão, enviando Sevin na outra direção. — Um dos nossos próprios. Mande-o para o Esquilino!

Os pés de Silvia mal tocavam a terra enquanto ela e Bastian corriam para o lado de Michaela. Ele rapidamente assumiu o comando que a ela, um pobre menino, não foi permitido.

Ele se ajoelhou ao lado de Michaela, soltando seu espartilho e corpete com as mãos que eram experientes em tais coisas. Quando ele levantou-a nos braços, Silvia empalideceu. A parte de trás de sua saia estava úmida de sangue. Com a expressão sombria, Bastian se dirigiu para o Fórum, Silvia trotando ao seu lado.

Uma hora depois, encontravam-se todos na casa de Bastian no Esquilino Hill. Michaela estava em sua cama, ainda pálida como a morte, com o rosto cheio de rugas pela dor. Um duende grisalho, que não era mais alto do que Rico, foi o médico que tinha sido convocado, e ele estava a examiná-la. Uma criatura de ElseWorld, ele seria qualificado no tratamento de criaturas de seu mundo, Silvia lembrou a si mesma enquanto ela e Sal passeavam no corredor.

Eles não permitiriam Rico ou Sal lá dentro, mas quando ela espiou para ver as costas dos homens se movendo, ela conseguiu escapar sem ser percebida. Tocou a bochecha de Michaela. Colocando uma mão à boca, sentiu sua respiração. Ela vivia.

— Fora daqui, menino imundo! — O médico se espantou ao vê-la. Ele a lembrava de um inseto ocupado, correndo pela sala e agitando com a seus instrumentos em contrações musculares rápidas. Ele tentou coloca-la para

fora, mas ela se afastou, as costas batendo em algo quente e sólido. E de ombros largos.

Um braço chegou ao seu redor. Bastian. Ela tentou afastá-lo, mas ele enrolou seu rosto em sua camisa e colocou a mão em suas costas, esfregando em um gesto paternal.

— Ela abortou. Estava prestes a acontecer, ela tinha a doença — ele murmurou. — Você entende?

Ela assentiu com a cabeça contra o linho engomado de sua camisa e soluçou.

— Seu pensamento rápido em vir para mim provavelmente salvou a vida dela — ele disse a ela. — Ela tem sorte por você estar conosco hoje.

— O que você sabe sobre as circunstâncias da concepção neste caso? — Eles olharam para o médico, que estava enfiando seus instrumentos à distância, olhando-os perplexo.

— Foi um estupro — Bastian informou de forma sucinta.

Silvia olhou para ele, chocada. Michaela tinha falado pouco sobre como ocorreu à concepção quando tinham conversado sobre isso, deixando Silvia assumir que tinha acontecido no curso normal de sua ocupação. Agora, saber que ela tinha sido forçada!

O médico suspirou, em seguida, falou de novo, tirando-lhe a atenção.

— Foi melhor que ela tenha perdido a criança.

— O que isso significa? — Silvia exigia.

O homenzinho olhou para ela por cima dos óculos.

— Estava irremediavelmente deformado. Uma forma grotesca. Ele não teria sobrevivido sob quaisquer circunstâncias.

Um silêncio terrível cumprimentou suas declarações.

— Era de sangue ElseWorld? — Bastian perguntou depois de passado um momento passado. — Ela não delatou o nome de seu atacante.

— Os atacantes — o médico corrigiu. — Não posso dizer quantos, mas a criança era uma mistura de pelo menos duas criaturas diferentes.

Um soluço de histeria escapou de Silvia. E pela primeira vez em uma vida de séculos, ela desmaiou.

Cena Antiga IV

380 DC Casa Vestal, Roma, Itália

De manhã cedo, durante um ano duodécimo de Michaela, ela sacudiu Silvia de um sono profundo. Sua cama compartilhada era aninhada em uma alcova privada — parte de uma meia dúzia dentro da Casa Atrium, onde as meninas dormiam.

— Nossos lençóis estão úmidos — Micaela sussurrou. — Estou sangrando.

Alarmada, Silvia ficou sobre um cotovelo, piscando acordada.

— Por quê? O que aconteceu?

— É o meu primeiro sangue de mulher — Michaela informou-lhe, com um olhar significativo.

Os olhos de Silvia se arredondaram.

— Oh.

Quando se soube que Michaela foi à primeira das vestais a ser transformada de criança para mulher, uma grande confusão foi feita sobre ela. Pontifex se aproximou para examinar seu lençol. Foi então exibido no Fórum público, onde ele bateu na brisa como uma bandeira de vitória fora do templo quando as meninas tomaram o café da manhã na casa.

— De que adianta ele nos tornar mulheres? — Occia reclamou. — O sangue é para ter filhos, algo que nunca vou fazer.

— Quando deixamos os serviços de Vesta, poderemos casar e ter filhos como muitas de nos desejamos — Silvia rebateu.

Michaela balançou a cabeça.

— Occia esta certa. Desde que nós estamos aqui para servir durante três décadas, estaremos com 36 anos até então. Teremos sorte se ainda estivermos vivas.

Aemilia assentiu.

— Sou a última filha, minha mãe me gerou com vinte. Meu pai ficou zangado com ela quando ela já não inchou com outro bebê a cada ano. Ele levou as escravas em sua cama depois. Isso é o que os maridos fazem.

Silvia lembrou há seis anos antes, quando ela ainda vivia em sua casa, e recordou o seu pai desaparecendo de vez em quando com uma das servas mais jovens do sexo feminino. Sua mãe tinha sempre posteriormente

encontrada uma razão para remover aquelas servas que ele favorecia dentro do lar.

— Mais uma razão para nos destacarmos em nossos estudos de modo que sejamos úteis como algo diferente de esposas e mães, quando finalmente partirmos do templo.

Silvia disse decisivamente.

Michaela sorriu carinhosamente para ela, então ela se levantou para se afastar uma vez que ela e Occia foram apontadas para cuidar do fogo naquela manhã.

— Essa é a minha Silvia, sempre pensando. — Inclinou-se para oferecer-lhe um beijo na despedida.

— Oh! — Silvia esfregou seu rosto com os dedos, olhando para ela em consternação. O toque de seus lábios tinha enviado uma sensação estranha e agradável zumbido sobre sua pele.

Surpresa com a reação dela, Michaela, em seguida, apertou os lábios em seu próprio antebraço, saltando quando sentiu o ligeiro formigamento em si mesma. Ela pressionou a ponta dos dedos à boca e seu corpo se contraiu novamente em reação.

— Meus lábios — disse ela com admiração. — Eles têm o mesmo efeito que minhas mãos agora. Experimentem por si mesmo — ela pediu as outras. — Beijem seus próprios braços e vejam se isso acontece com vocês também.

Silvia fez, então fez uma careta de desapontamento.

— Não aconteceu nada. — Foi o mesmo com as outras. Quando nenhuma sentiu nada de anormal, Micaela beijou cada uma de suas bochechas, por sua vez para que elas pudessem sentir o formigamento estranho. Aemilia riu e pediu a ela que repetisse. Embora ela fosse à queridinha das outras vestais pela sua natureza doce, Aemilia era o desespero de seus professores, ao contrário do resto delas, que se sobressaíam em seus estudos, ela ainda não era capaz de compreender os fundamentos da leitura e escrita.

— Michaela? — Vestalis se arrastou pelo o refeitório. — Pontifex Maximus ordena sua presença na Regia. Siga-me, por favor. Aemilia, você tenderá fogo com Occia em seu lugar.

Occia reclamou em voz alta sobre esta mudança, pois significava que, de fato, ela faria todo o trabalho. Aemilia se distraía muito facilmente e não se podia contar com ela para manter o fogo do templo.

Silvia ergueu as sobrancelhas para Michaela, que apenas deu de ombros em resposta, sem ter ideia por que ela estava sendo convocada. Ela seguiu Vestalis da sala e não foi vista novamente pelo o resto do dia.

Silvia estava quase dormindo quando Michaela finalmente subiu em sua cama.

— Onde você estava?

— Com Pontifex, e Maxima Vestalis — Michaela respondeu.

— Por causa do que aconteceu com sua...? — Ela fez um gesto para a boca de Michaela.

Michaela acenou com a cabeça, retirando sua roupa peça por peça antes de se aconchegar sob o cobertor em torno dela.

— Eles disseram que vai acontecer com algumas de nós quando nosso sangue vier.

— Algumas?

— Só para as Companheiras. E por causa disso, a partir de agora, minha última hora de instrução da tarde será separada das demais.

— O que eles vão ensinar-lhe? — Silvia perguntou, ouvindo a inveja em sua própria voz. Ela absorvia as lições como uma esponja e era geralmente considerada a mais brilhante aluna entre elas. Se havia algo de novo a ser aprendido, ela queria se juntar a Michaela em seus estudos.

Os olhos de Michaela se voltaram secretos.

— Você realmente quer saber?

Silvia assentiu.

— Eu estarei sendo ensinada a observar os homens. Para aprender seus interesses. Para antecipar seus desejos. Bem como uma esposa.

— Mas por que, se devemos permanecer castas?

Michaela bocejou.

— Eu não sei. Vire-se. — Quando Silvia se aninhou, ela se instalou ao longo de suas costas e um braço se enrolou em volta de sua cintura, como ela gostava de dormir.

Muito tempo depois Michaela cochilou, Silvia ainda estava acordada, pensando neste novo desenvolvimento e o que isso podia significar. Pontifex não era um ser confiável, e ela ficou preocupada com Michaela. Com um treinamento, como ela descreveu, uma mulher poderia ser capaz de obter segredos políticos de funcionários desavisados do Ministério. Ou roubar praticamente qualquer coisa de qualquer homem se isso pudesse beneficiar os esquemas de Pontifex. Sua mente correu, considerando as possibilidades preocupantes que poderiam estar se desdobrando para sua amiga.

Quando a lua subiu para aliviar a noite de cor, ela se levantou e saiu para o pátio do Atrium. Lá, ela ajoelhou-se diante da estátua de sua deusa, Vesta, — ela a quem Silvia tinha vindo a amar e a confiar acima de tudo. A Deusa estava como sempre, com uma expressão de benevolência em seus olhos, seus braços em seus lados ligeiramente impulsionados de seu corpo e as palmas das mãos voltadas para frente como uma acolhida de bem vinda.

Na mão esquerda ela segurava a crista sagrada da Castidade, em sua direita, o Fogo.

Os dois símbolos que definiam Silvia, e todas as iniciadas na Câmara. Colocando as mãos nas de Vesta, Silvia sentiu o calor reconfortante emanando das palmas da Deusa. E com toda sua força, ela orou para que todas ficassem bem. Só quando ouviu os outros começarem a se agitar ela voltou para sua cama, com a certeza de que Vesta cuidaria delas.

Capítulo 8

Ainda sob a forma de Rico, Silvia enfiou a cabeça na porta do quarto de dormir de Bastian. Michaela estava sentada na cama, trabalhando com uma pilha de seda de cor borgonha em seu colo.

— O que é que você está fazendo? Eu penso que você deveria estar descansando.

Michaela não tirou os olhos de cima de sua costura.

— Eu estou fazendo um presente para Bastian. Um manto de vestir.

— À mão?

— Mm-hmm. Trabalho manual é muito mais pessoal do que de costura à máquina. — Ela segurou-o para fora, exibindo a borda frontal inacabada.

— Qual ponto você acha que ele pode preferir para as casas dos botões?

— Que tal umas flores de cetim em relevo? Ou talvez uma concha linda? — Silvia sugeriu, em tom de gozação. Qualquer coisa para trazer um sorriso ao rosto abatido de Michaela.

Como ela esperava, Michaela riu.

— Estou certa de que ele adoraria muito. É masculino.

— Eu posso sacar uma botoeira com poucos pontos para você, se você quiser — Silvia se ofereceu. — Apenas me deixe lavar minhas mãos da sujeira do Fórum e eu estarei de volta.

Quando ela voltou dez minutos depois, Michaela estava olhando pela janela, com melancolia em sua expressão. Silvia se juntou a ela, sem saber como animá-la.

Ela tentou de tudo nas últimas semanas, mas Michaela permaneceu introspectiva. Sem nunca ter perdido um filho, ela só conseguia imaginar como o coração dela deveria estar doendo.

— O segredo na adaptação masculina é colocar o reverso em cima em vez de no lado — disse Silvia, adotando uma atitude rápida. — E puxar a coisa toda apertada em direção ao acabamento para que a inserção seja confortável. Você vê?

— É divertido ver você costurar.

— Estas mãos do menino me atrapalham nisso. — Silvia se dobrou sobre o tecido, costurando com cuidado. Seus dedos estavam cansados de fazer cartões de escavação. Como eles cavaram mais perto da casa e do templo, os artefatos eram grossos no solo e suas horas eram longas.

— A lua cheia será amanhã à noite — anunciou Michaela.

Silvia assentiu.

— Eu estou ciente disso.

— Eu vou satisfazer Bastian, é claro. — Uma pausa. — Você poderia se juntar a nós.

Os dedos de Silvia tremeram.

— Não.

Michaela suspirou.

— Dane passa seus Chamados com sua nova esposa, mas seus irmãos, Sevin e Lucien, exigirão companheiros. Se você não for se deitar com Bastian e eu, talvez...

Depois de manter-se pura por um milênio e meio, Michaela queria impingir-lhe homens que ela mal conhecia? Estarrecida e um pouco magoada, Silvia sacudiu a cabeça.

— Você sabe que eu preciso ir para Pontifex. Para reabastecer minha magia no fogo de Vesta.

— E para fazer isso, você terá que deixar Rico. Você vai se reverter para a sua própria forma. Assim...

— Michaela. Pare.

Um silêncio desconfortável caiu entre elas, então a voz de Michaela surgiu novamente, parecendo sonolenta.

— Não me lembro de alguma vez você ter tomado um alfaiate como anfitrião. Quando foi isso?

— Foi só por um mês, 80 anos atrás, em Florença. E eu era ajudante de costureira na verdade. Nossa loja foi conhecida pela produção de roupa de dormir e lingerie. Devo ter costurado 10.000 milhas de rendas em cetim e seda, dia após dia. Estávamos especializados na risqué. Ali. — Silvia terminou as casas de botões uns quinze minutos mais tarde, tendo balbuciado bobagens o tempo todo para o entretenimento de Michaela. Mas quando ela olhou para cima, sua amiga estava dormindo. — Michaela? — Ela sussurrou, só para ter certeza.

— Como ela está?

Silvia olhou para a porta para ver Bastian. Seus olhos varreram sobre ele e ela levantou e abaixou um ombro.

— Se recuperando. Você parece cansado.

— Como você deve estar. — Ele veio para ficar ao lado de sua cadeira. — O que você está fazendo?

Silvia olhou para baixo e viu que a agulha ainda estava entre os pequenos dedos calejados de menino e o roupão em seu colo.

— Ajudando a sua amada com sua costura. Eu sou um menino de muitos talentos, como eu disse antes. — Ela olhou ao redor dele, procurando. — Nada de chocolate hoje? Você está ficando acomodado.

Ele sorriu levemente.

— Porque eu sei quem os come. Você é o único a engordar, não Michaela.

— Não, não Michaela. — Ela olhou preocupada para a mulher dormindo na cama.

— Não fique tão preocupado. O médico disse que ela está totalmente recuperada. Você deve descansar um pouco.

— Eu não estou cansado. — Imediatamente, ela bocejou, depois sorriu para ele.

— Pirralho — disse ele, mas seus lábios se curvaram com carinho. Ela tinha aprendido a amar vê-lo sorrir para ela, ou melhor, para Rico, dessa forma amável.

Erguendo os braços, ele fez uma poderosa extensão do peito maciço, revirando os ombros e, em seguida, sua cabeça para trabalhar as torções em seu pescoço. Deuses, ele era bonito, e assim... tão masculino. A luz do crepúsculo varreu as cerdas que agora sombreavam sua mandíbula, forte quadrado que só aumentava sua atração. Seus olhos escorregaram para baixo da coluna, forte com fio do pescoço, a imensa extensão do peito, cintura cônico, quadris estreitos. Ela olhou para sua costura, mas suas coxas e botas permaneceram em sua visão periférica para atormentá-la. Você não é melhor do que o Ministro Tuchi o espertalhão, que disfarçadamente estudava seu corpo a cada chance, ela repreendeu-se silenciosamente.

Tinha passado mais de três semanas desde que ela assumiu Rico como seu hospedeiro. Sua essência tinha desaparecido, dia a dia, e tinha quase completamente desaparecido agora.

Com cada novo amanhecer, estava se tornando cada vez mais difícil lembrar que ela deveria ser um menino. Especialmente quando Bastian estava próximo. No Fórum, com a proximidade do trabalho, ela tinha tido muitas oportunidades para memorizar o seu contorno todos os dias, cada gesto. Ela se acostumou com a sua risada, seu humor, seus hábitos. Ele gostava de café, não chá. Ele não tinha um dente doce. Ele poderia trabalhar em trechos longos com tremenda energia, então a sua mente estaria tão facilmente voltada para dentro, em direção a atividades acadêmicas. Ele tinha o foco incrível quando se tratava de seu trabalho ou para resolver alguns quebra-cabeças. Ele

era temperamental, chato, pomposo, lento... charmoso, brilhante, fascinante, maravilhoso.

Ela estava atraída por ele. Como ele iria rir se soubesse. Rico alternadamente o divertia e incomodava, mas a sua relação não era certamente uma fundação para a paixão. Ainda assim, ela encontrou-se considerando a sugestão que Michaela tinha feito anteriormente. Uma vez que ela deixasse Pontifex, ela poderia voltar aqui em uma forma feminina. Não a sua própria, é claro, pois isso exigiria tornar-se mortal como Michaela estava. Mas ela poderia ter uma fêmea como hospedeira. Se juntar a eles em sua cama. Se ele concordasse.

No entanto, ela não iria. Pois uma coisa era considerar aceitar o convite para participar da vida carnal de Michaela e seu amante. Outra bem diferente era querer que ele fosse só dela. Ela empurrou os pensamentos traiçoeiros para longe como ela fazia toda vez que vinham à tona. E porque ela queria continuar a olhar para ele, ela se levantou e se moveu ao redor da cama, sob o pretexto de endireitar a colcha de Michaela.

Um momento desconfortável passou e ela se preocupada que ele tivesse notado a estranha tensão que pairava no ar entre eles. Uma carranca intrigada vincava sua testa e ele procurou seu rosto enquanto olhava para a cama.

— Há algo diferente em você.

Alarmada, Silvia recuou.

— Um banho e roupas novas isso é tudo — disse ela, explodindo em discurso. Então, — Diga-me uma coisa, Lord B-Satyr. Você gosta de Sal, não é? Quero dizer, você cuidaria dele se alguma coisa acontecesse comigo?

— Nada vai acontecer com você, moleque.

— Mas se alguma coisa acontecesse, você...?

— Sim, eu cuidaria dele.

Como se ele sentisse que estava em discussão, o cão enfiou o nariz no vão que Bastian tinha deixado na soleira da porta e fez o seu caminho dentro do quarto, sua cauda abanando.

— Salvatore! Fora! Michaela não gosta de você aqui — disse Silvia, enxotando-o para fora. Mas ele já tinha acordado Michaela.

— Você está em casa — disse ela, seus olhos encontrando Bastian. Ela pegou um travesseiro, e Silvia foi às pressas para seu lado organizando desnecessariamente as coisas para ela.

— Ajude-me a deixá-la mais confortavelmente instalada — disse a Bastian, sabendo que Michaela apreciaria sua atenção.

— Estou sujo — disse ele, estendendo suas mãos.

— Então, tome um banho e volte para mim — Michaela sugeriu, em tom de flerte.

Bastian assentiu e deixou o seu quarto de dormir, depois de ter esperado tanto dela. Ele era exigente por natureza. No entanto, quando ele retornava do Fórum cada dia, ela sempre parecia muito imaculada e feminina. E na ocasião o desejo levou-o a querer fodê-la como ele estava sujo de seus trabalhos, de modo que seu corpo deixaria sua marca, sua paixão era terrena por ela. Mas ela sempre recuava de suas atenções, até que ele se banhasse.

— Eu deixei água aquecida para você — Rico o avisou depois dele enquanto ele se movia para o corredor.

Ele voltou momentos depois para encontrar que o menino já havia se retirado e ficou decepcionado, pois ele tinha vindo para desfrutar da sagacidade de Rico. O rosto de Michaela em forma de coração se iluminou quando o viu. Sua amada, Rico a tinha chamado. Antes de sua doença, ele tinha ficado com ela a cada dia e noite por três meses consecutivos. Ele tinha feito amor com ela centenas de vezes e gostava como o inferno disso. Mas ele não a amava.

Ele não tinha ilusões de que um dia iria encontrar um amor profundo e duradouro — do tipo que seus pais haviam encontrado um com o outro — com qualquer mulher. Sua vida era seu trabalho, e ele não pedia desculpas por isso.

Tinha sido o mesmo com seu pai, mas seu pai havia encontrado tempo para uma família. Mas talvez isso foi porque sua mãe tinha treinado como agrimensor.

Eles trabalharam em conjunto, os dois animados sobre cada nova escavação, a cada descoberta. E Bastian tinha sido o seu orgulho e alegria. Seu filho talentoso. Foi seu dom que havia matado eles.

— Você não deveria estar deitada? — ele perguntou.

— Eu não encontraria nada melhor, se você viesse se juntar a mim na minha cama — Disse Michaela, vindo ficar diante dele.

Seu olhar se estreitou.

— Você está ...?

— Toc, toc — disse Silvia, batendo na porta do quarto de dormir enquanto ela entrava. — Vocês dois não estão fazendo nada que choque um menino inocente de doze anos, não é?

Michaela sorriu, notando que ela havia se trocado com uma das roupas de menino que tinha comprado para ela há alguns dias. Ela parecia contente o suficiente em vestir os trapos de Rico, mas Michaela tinha protestado.

— Você vai quebrar alguns corações um dia — Michaela brincava com ela agora — e logo eu espero. — Só as duas sabiam o que ela queria dizer.

— É provável que sim — Silvia respondeu de ânimo leve. — Eu já sou bastante favorito entre as senhoras no Salone di Passione.

Bastian franziu o cenho para ela.

— Você foi ao salão de Sevin não é?

— Não se atreva a dizer que eu sou muito jovem — disse Silvia, olhando para ele.

A expressão de Bastian se iluminou com humor e ele estendeu a mão para bagunçar seu cabelo.

— Você é muito jovem. Salve as damas para a sua velhice, uns dezoito pelo menos, hmm?

— Hmph. Aposto que você não esperou tanto tempo — Silvia repreendeu, esquivando-se. — Além disso, as amigas de Michaela parecem gostar muito de me ter ajudando-as com as suas... necessidades.— Ela mexeu as sobrancelhas.

— Sem dúvida busca sua colônia de bombons e similares — disse Bastian.

— Umm-hmm. O “como” é a parte que gosto — disse Silvia, rilhando com ele.

Michaela observada sua discussão de perto. Não ouvia suas palavras, mas as inflexões em suas vozes. Ela pesava a linguagem do corpo de Bastian como a tinham ensinado a fazer nas aulas da tarde na Casa Vestal. Enquanto Silvia tinha passado os séculos aprendendo centenas de habilidades de centenas de hospedeiros, Michaela tinha passado o seu tempo cortejando homens e fodendo-os. Era tudo ela era boa para — determinar o que um homem desejava, a fim de conseguir o que queria dele.

Ela secretamente sempre teve pena de Silvia pela sua falta de jeito com o sexo masculino. Mas não mais. Porque, se ela não estivesse muito enganada, Bastian gostava muito de seu protegido — E era um grande negócio. E era um gostar que poderia facilmente apontar em uma nova direção — para o amor, se Silvia fosse apresentar-se a ele em sua verdadeira forma como uma fêmea adulta.

O coração de Michaela se desarmou. Quando ela imaginou-os todos juntos, era sempre com ela como a estrela de seu trio amoroso. Bastian seria

loucamente apaixonado por ela, e Silvia apenas ficaria pairando em sua órbita, a segunda vinda em ambos os seus afetos. Mas agora um medo real, de repente a inundou de que Silvia pudesse de alguma forma, substituí-la no coração de Bastian. Chocada consigo mesma, ela esmagou-o. Ela estava fazendo tempestade por nada. Tudo seria como ela tinha planejado entre eles.

Ainda assim, uma urgência súbita apertou-a a ter a certeza de suas atrações. Para reforçar o fato de que Bastian era dela na frente de Silvia, para que ela não esquecesse.

Ignorando sua amiga, ela colocou as mãos sobre os ombros fortes de Bastian e subiu na ponta dos pés.

— Deita-te comigo — ela sussurrou. — Faz um bom tempo.

A atenção de Bastian foi pega, sua mão grande fixando-se na parte de baixo de suas costas.

— Você tem certeza?

— Eu estou perfeitamente bem. — Mandou-lhe um olhar significativo, deslizando os braços para cima para fazer um laço em torno de seu pescoço.

O toque desta mulher nunca deixava de excitar seu corpo, e Bastian não fez nada para esconder a sua resposta física por ela. Sentindo sua dureza em sua barriga, seus lábios se curvaram em um sorriso, lento feminino. Era um sorriso que ele entendia perfeitamente. Desde o momento que eles entraram na adolescência, ele e seus irmãos tiveram todo o tipo de recepção de muitas desses olhares das fêmeas em suas direções. Alisou os dedos pelo seu rosto macio.

Atrás dele, a porta do quarto bateu. Era Rico tornava-se arisco quando eles chegavam "aos arrulhos de amor", como ele chamava. Bastian sorriu, pensando no garoto visualizando tais coisas, azedo.

Michaela retribuiu o sorriso, acreditando que era para ela. Sua mão em concha o pegou através de suas calças. Uma parte dele — a parte que ela o procurava — queria isso.

Queria atirá-la na cama, ir para dentro dela, e fodê-la por longas horas. Mas enquanto ele olhava nos olhos dela, ele se perguntou pela primeira vez se ele tornou-se para ela mais do que ele sempre quis ser a qualquer mulher. E a preocupação ficou em seu impulso. Antes que eles tivessem ficado juntos naquela noite em que eles se encontraram pela primeira vez no salão de Sevin, ele informou-lhe que nunca iria amá-la. Ela riu de volta, então, o provocou sobre o tamanho de seu ego. E, mais tarde, na escuridão, sobre o tamanho de outro de seus dotes.

Abrindo as calças agora, ela o encontrou e levou-o alto e longo com seu punho. O calor erótico em suas palmas teve um efeito previsível, e ele endureceu como granito em seu curso. Seu corpo queria o dela, mas ele não a sentia emocionalmente. Sua afeição por esta mulher não se estendeu para o amor. E em verdade, outro corpo teria feito o mesmo efeito para ele. Saber disso a machucaria, ele percebeu.

Ele agarrou o pulso dela, segurando-a fora. Seus olhos se encontraram e ele viu o pânico lentamente florescer nos olhos dela.

—Devemos conversar — disse ele, ajustando as calças.

— E enquanto nós falamos, por que não me deixe te dar prazer? — Seu olhar violeta fazia promessas sensuais.

Sua mão foi para sua coluna, passando sob a queda de seu cabelo.

— Michaela... Se é amor que você quer você deve procurar isso em outro lugar.

Houve um silêncio, então ela murmurou.

— Você não é tão incapaz de amar como você acredita.

Era a coisa errada a dizer. Houve um tempo em sua juventude, quando as coisas teriam sido diferentes para ele, mas agora ele se considerava um homem de lógica e qualquer tentativa de provar o contrário foi ao encontro rápido de um muro de pedra.

Ele recuou, e o coração de Michaela se despedaçou. Mas seu sorriso não vacilou. Ela poderia usar seu charme nele. Ela o faria. Ela devia. Ela morreria se ele a abandonasse. Seus cílios voaram baixo, e quando seus olhos reabriram ela era uma companheira consumada novamente. Seus dedos encontraram os botões de sua camisa, desprendendo o mais alto de seus botões.

— Tudo o que eu quero de você, Bastian... — ela pressionou um beijo para a ver do peito que ela descobriu em sua garganta, em seguida, apareceu um segundo botão. — Tudo que eu preciso... — Um terceiro botão e outro beijo — É o seu pau... — Outro botão, outro beijo, enquanto ela movia ainda mais baixo com ele — Dentro de mim. Você pode manter o seu coração. — Por enquanto.

Ele pegou seus ombros em suas mãos e puxou-a para cima antes que ela pudesse se afundar de joelhos diante dele.

— Você tem certeza?

Ela riu um som de paquera melodiosa que tinha chamado sua atenção a primeira vez que ele a tinha escutado no salão de Sevin naquela noite há alguns meses.

— É claro, querido — disse ela. — Eu sou uma companheira, depois de tudo. Nós raramente permanecemos com um patrono por muito tempo. Mas você e eu estamos bem juntos. E amanhã será Moonful. Eu sei que a escuridão da besta em você vem com o Chamado. Você mesmo disse que não é qualquer mulher que pode aguentá-lo, então.

Bastian inclinou a cabeça erguida, com os lábios pausando um fôlego acima do dela.

— Eu não quero te machucar.

— Então não vamos estragar o que temos com base em algum equívoco de meus sentimentos — ela disse a ele. — Em vez disso, por que não me fode, Bastian, como o seu corpo pede para que você faça? Dê-nos uma amostra do que o Chamado de amanhã noite trará. Já faz muito tempo. — E quando ela deitou em cima de sua cama e puxou-o para baixo em seu beijo, Bastian foi, acreditando em suas mentiras.

Através da fenda na porta, Silvia o viu beijar Michaela e cobrir seu corpo com o dele, maior. Sua mão tateou entre eles, deslocando roupa enquanto ele a montava. Ambos estavam completamente vestidos, como se não tivessem sido capazes de esperar para ter ao outro. Ao contrário da última vez que tinha jogado de voyeur aqui, ela não teve prazer em vê-los acasalar. Mas ela se forçou a ficar, tentando marcar esta imagem deles em seu coração, para que ela pudesse recuperá-la a qualquer momento, ela se atreveu a querer mais do que ela poderia ter.

Ela soube quando o corpo dele reivindicou o dela. Viu os olhos de Michaela desviarem fechados, o êxtase de tê-lo dentro de seu corpo em seu rosto. Não havia confundindo seus sentimentos por ele. Era amor.

Sentindo-se morrer, Silvia recuou. Então, ela correu pelo corredor e escadas. Para fora da casa. Correu pelo gramado inclinado de Bastian, causando a dispersão de pavões, esquilos, e pombas. E ainda corria, através da praça e pelo Fórum, até que seu tórax estava arfante e ela estava ofegante.

Uma vez que Rico se tornou uma figura de confiança ao lado de Bastian, o guarda mal percebeu enquanto ela passava, indo para o barracão. Rapidamente, ela encontrou os instrumentos que ela precisava e correu para Casa Atrium cavando esse sitio. E ali, ela escolheu seu lugar e começou a cortar fora a terra, sem se importar com qualquer dano que ela estivesse infligindo aos pequenos pedaços de cerâmica enquanto ela se estendia em direção à ruína. Quem se preocupava com minúsculos fragmentos de cerâmica? Ela tinha outro objetivo em mente.

Quando ela percebeu que ela estava perto, ela trabalhou com mais cuidado. Então, pouco antes de ela chegar ao que ela procurava, ela se arrastou para fora do vazio que ela tinha criado no lodo e caiu em exaustão. Algo quente lambeu sua mão e ela estendeu a mão cegamente, lançando um braço ao redor do cão de Rico. Agarrando-se em outro ser vivo a fez se sentir um pouco menos sozinha no mundo, algo que ela precisava naquele momento.

— Eu o quero, Sal — ela confessou em seu pelo macio e branco. Lá, ela admitiu, mesmo que fosse apenas para um cão.

Sal gemia e seus grandes olhos castanhos pareciam a repreendê-la.

— Eu sei, eu sei. Eu não posso tê-lo. E eu não consigo explicar por que ele tem esse poder sobre o meu coração. Ainda assim eu sou uma pessoa horrível, eu cobiço o amante de Michaela. Eu sonho em deitar com ele. — Sua voz afundou a um sussurro. — Deitar sozinha com ele.

Alguns momentos depois, ela suspirou profundamente e acariciou com a mão sobre o dorso de Sal.

— Esqueça que eu mencionei, esta bem? — Endireitando-se, ela ficou de pé, espreguiçou-se, e depois voltou para o Esquilino.

— Vamos, menino — disse a seu companheiro. — Amanhã será um grande dia. O dia que o Senhor Satyr vai fazer a descoberta de sua carreira.

Capítulo 9

No momento em que Silvia chegou às escavações na manhã seguinte, Bastian tinha encontrado a estátua. Ou, o topo de sua cabeça, pelo menos. Uma multidão se reuniu ao seu redor, e Silvia teve que empurrar seu caminho para alcançá-lo.

— O que é isso? — Perguntou ela, fingindo que ela não tinha passado horas na noite anterior cavando para ele. Deixara de modo que ele só tivesse que cavar uma polegada ou mais para descobrir os primeiros sinais de mármore branco.

— Uma estátua — disse Bastian, e ela ouviu a emoção reprimida em sua voz.

— É? — Ela olhou ao seu redor, ela própria em excitação crescente.

— Uma das vestais, é o mais provável. Todas as suas semelhanças eram esculpidas em pedra. Suas estátuas alinhadas ao átrio da casa onde residiam — ele informou-lhe sem necessidade.

Sim, ela sabia. Seis de cada lado do átrio. Companheiras no lado norte, Virgens no sul. Mas na noite passada, ela cavou no lugar que ela calculava que ele iria encontrar a décima terceira estátua a mais importante de tudo o que tinha enfeitado a casa. Ela teria escolhido a correta?

Tudo o que era visível no momento em que ela cavara a depressão era o que parecia ser uma tigela de cabeça para baixo branca — num pequeno monte sobre o tamanho do topo de uma cabeça. Bastian estava cuidadosamente alisando para longe todo o sedimento solto em torno dela, revelando mais. Sob seus dedos, o mármore branco brilhava. Vendo de outro ângulo, as fortes e capazes passadas de seu pincel sobre uma escultura, pela qual uma vez ela tinha passado todos os dias da sua juventude, algo mudou dentro de Silvia. Ela caiu de joelhos ao lado dele, e ele moveu a mão para que ela pudesse colocar a palma da mão quente coroa da estátua terra fria.

— O cabelo dela — ela respirou, sentindo os sulcos em sua palma. — É ondulado. Não é uma das vestais. É a própria deusa, não é? — Ela estava certa agora que esta era a estátua de Vesta. A que ela ajoelhou-se diante do culto a cada manhã e cada noite de sua infância, séculos atrás.

Ela olhou para ele, então, lágrimas de alegria em seus olhos. Sem pensar, ela estendeu a mão cegamente a ele. Suas mãos vieram em suas costelas e ele levantou-a oscilado em torno dela, ambos no momento alheios à multidão ao redor. Era como se eles estivesse sozinhos no Fórum, seu riso

compartilhado, um vínculo maravilhoso entre eles, ambos satisfeitos neste momento sublime da descoberta.

Então, ela tocou a terra. Um pé. Depois o outro. E então ele a deixou ir. Ele ajoelhou-se novamente e começou delicadamente a limpar os sedimentos para longe com um pincel.

Sem perceber o que ela fazia, Silvia estendeu a mão para alisar seu cabelo. Mas antes que sua mão o alcançasse, ele começou a emitir ordens para seus operários. Ela arrebatou a mão para trás e fingiu que tinha ido apenas atrás de uma ferramenta que estava ao lado dele.

— Nós iremos devagar — Bastian murmurou, sua mente totalmente focada na tarefa seguinte. — E com o maior cuidado.

Sorrindo através de lágrimas, Silvia revirou os olhos.

— Claro que vamos.

Trabalhando sem parar, seria provável que levassem duas semanas ou mais para desenterrar a estátua. Embora ela fosse assistir a certa distância, ela sabia que não estaria trabalhando ao seu lado enquanto ele lentamente desenterrasse a estátua. Na verdade, ele nunca iria vê-la novamente. Ela só atacaria furtivamente e roubaria o que pertencia a ela, uma vez que ele tivesse realizado a exumação.

Por que esta noite seria Moonful.

E Rico deveria morrer esta noite.

Uma noite que Silvia deveria pagar outra visita a Pontifex.

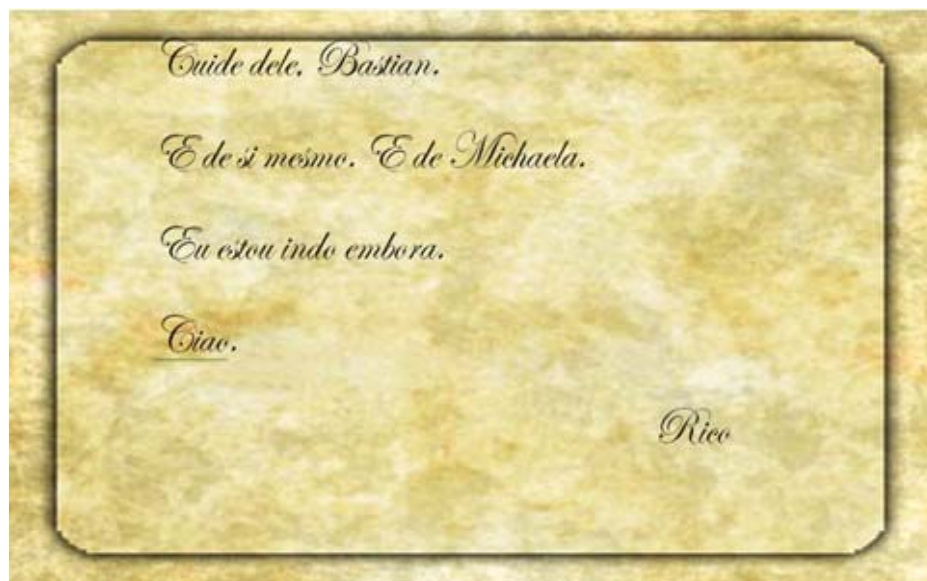
Uma noite que Michaela deitaria com Bastian novamente.

Bastian, a quem tanto amava.

Hoje à noite.

Era início da tarde, quando Silvia fugiu da escavação. Ela saiu sem uma palavra de despedida para ninguém, tendo Sal com ela. Seu coração pesava, ela se arrastou para a casa de Bastian e encontrou-a vazia. Michaela tinha saído.

Junto com a vara favorita do cão e com o colar que tinha formado para ele, ela pôs uma nota rabiscada às pressas em cima da mesa de Bastian.



—Adeus, Sal — disse o cão, dando-lhe um último abraço carinhoso. — Seja um bom menino para Bastian e Michaela. Eles são confiáveis e cuidarão bem de você.

Quando ela saiu da casa, o cão de Rico tentou segui-la, mas ela o deteve.

— Não, Sal. Você pertence a eles agora. — Ela fechou a porta de forma segura, deixando-o para dentro. Fechando-o para fora de sua vida, da mesma forma que ela estava fechando a porta para Bastian e Michaela e para esta vida que não era dela própria.

— Eu vou sentir sua falta — ela sussurrou. E, em seguida, ela fugiu da casa, com a intenção de deixar sua existência atual para trás. Colocando um pé na frente do outro, ela rumou para fora para do aqueduto. Meia hora depois, deitou-se na alcova, onde ela tinha encontrado Rico pela primeira vez há um mês. E em poucos minutos, ela estava de pé novamente e endireitando-se em seu corpo Virginal. As pontas de seus cabelos vermelhos dourado caindo até a cintura. Ela era um ser efêmero, mais uma vez. Invisível a todos neste mundo, a menos que ela escolhesse mostrar a si mesma.

Solenemente, ela olhou para o rapaz de pele morena, agora deitado na alcova do aqueduto. A mordida de rato em seu tornozelo estava fresca de novo, tão fresca como quando ela o encontrou. Bastian sentiria falta dele, e ela odiava fazê-lo sofrer. Mas Michaela iria inventar uma mentira, pois ela sabia que Rico não retornaria no dia seguinte.

Em poucas horas, o Moonful viria. Era tempo para ela seguir em frente. Para dizer a sua outra forma, a despedida final. Ela inclinou-se para Rico e tocou sua mão.

— Eu realizei o seu desejo — ela assegurou-lhe. — Sal tem uma boa casa. Ele vai ser feliz. Você pode descansar fácil agora. — Ela alisou os cabelos para trás, escuros e indisciplinados e beijou sua testa. — Adeus, Rico.

Embora ele tivesse morrido semanas atrás, só agora seu corpo realmente estava sem vida. Sem ela, ocupando o mesmo, iria começar a decompor a partir deste momento. Ela soltou um suspiro áspero e afastou-se dele. Ele tinha sido um bom tipo, mesmo tendo levado uma vida maliciosa. E ele ensinou-lhe algo sobre o roubo. Uma capacidade útil, que ela agora podia acrescentar à sua lista crescente de meios-talentos. Ela endureceu o coração contra a tristeza e se obrigou a se afastar. Tinha havido um excesso desse tipo de dor ao longo dos anos. Por vezes, tudo doía muito.

Desesperada para escapar da dor deste mundo mesmo que só por um tempo, ela decidiu abandoná-lo. Escondida no abrigo do aqueduto, ela sombriamente postou suas mãos e soprou, criando o fogo do nada.

Ela iria visitar Pontifex mais cedo do que de costume hoje, bem antes da lua surgir neste mundo. Em seguida, ela voltaria aqui e rastejaria a algum esconderijo para lambar suas feridas invisíveis. E para ter um bom choro.

Poucos minutos após criar um portal de fogo, Silvia, mais uma vez estava diante de Pontifex em ElseWorld. Com os dedos penteou seu cabelo para um lado de seu rosto, ela então se endireitou e caminhou em sua direção.

— Por que tão cedo? — Ele exigiu com suspeita de onde ele estava sentado em seu trono. — Ainda não é Moonful em seu mundo adotivo. Atrevo-me a ter esperança que você esteve ansiosa para me ver? — Suas sobrancelhas se encontraram. — Ou algo tem acontecido?

— Lord Satyr descobriu uma das estátuas Vestal — Silvia anunciou com uma voz que ecoou por todo o grande salão.

Um choro abafado de protesto e angústia ressuscitou das Lares.

Mas Pontifex não estava satisfeito.

— Ainda nenhuma pedra de fogo?

— Em breve — ela prometeu.

— Em breve? Em breve? — Ele rosnou. Ele bateu o punho contra o peito. — Você sabe como eu sofro sob a maldição do Priápo? À noite eu não durmo. Quando eu consigo cochilar, logo eu estou acordado novamente por uma necessidade terrível que nunca está totalmente satisfeita. Bajuladores devem me cuidar durante todas as horas em turnos. Você acha que eu posso conduzir meus negócios desta forma? Eu não posso viajar para visitar dignitários em outras terras. Eu não posso ir para a batalha. Eu não posso nem andar sem uma mulher ligada à minha vara!

Uma risadinha abafada soou nas proximidades. O autor foi sumariamente transportado para frente e jogado no fosso, onde rapidamente se desintegrou. Tinha sido um de seus guardas, graças a Deusa, e não uma das Lares neste momento.

— Eu preciso daquelas pedras porra! — Pontifex bramou. — Agora!

— É por isso que você as quer com tanta ânsia? — Silvia arriscou. — Porque você acha que elas vão curá-lo?

A expressão dele ficou astuta.

— As minhas razões não são para seus gostos, moça. — Ele gemeu, em seguida, agarrando seu falo e apertando-o como se quisesse aliviar uma dor desesperada.

Occia fez menção de ajoelhar-se em seu colo novamente, mas ele rejeitou-a.

— Não, eu estou cansado de seus esforços infrutíferos. Convoque outra.

Ela lançou um olhar a Silvia, obviamente envergonhada de ser desprezada em sua presença. Ainda assim, ela chamou outra, que correu e ajoelhou-se diante dele e obedientemente abaixou a cabeça em seu colo. Occia sentou ao lado dela, observando com atenção e murmurando instruções para ela, como se ela fosse uma especialista nesse serviço e ninguém mais poderia fornecê-lo sem seu conselho. Realmente, não era uma cirurgia no cérebro. Embora, o cérebro de alguns homens residissem...

Um pouco mais calmo Pontifex lançou a Silvia um olhar furtivo, então ele estendeu os dedos, os braços cruzados, considerando a sua manicure.

— Será que a criança esta viva?

O estômago de Silvia contraiu.

— O quê?

— A criança de Michaela. Será que ela sobreviverá?

Ele sabia! A mente de Silvia correu, imaginando o quanto seus espiões lhe disseram. Será que ele retaliaria contra Michaela, de alguma forma?

— Eu não sei do que você está...

— Oh, me poupe. Você é uma menina inteligente. Você deve ter adivinhado a identidade do pai.

Uma súbita suspeita saltou em sua mente, uma muito horrível para dar crédito.

— Não espera que eu acredite que a criança era sua. Você admitiu que não pode...

Pontifex apenas olhou para ela, sabendo que sua expressão, e seu silêncio cresceu mais aterrorizante pelo momento.

— Ah, mas Michaela sempre foi dotada — ele informou no passado.

— O que os infernos isso significa? — Ela deu um passo à frente e as águas do fosso borbulharam ameaçadoras.

Derrubando a fêmea a seus pés de lado, Pontifex levantou-se e moveu-se perto da borda do seu lado do fosso, o punho lentamente trabalhando em si mesmo.

— Uma vez por mês, ela vem a mim aqui. E eu a alimento com isso. — Ele olhou para o seu pênis obscuro e viu sua mão puxando-o alto e longo. Apontando para ele com a sua outra mão, acrescentou. — E ela me faz gozar.

— Mentiroso! — Silvia gritou. Sua negação estridente ecoou por todo o salão, e todos os seres vivos dentro dele se encolheram, com medo de sua vingança.

Mas Pontifex só olhou de relance na direção de Occia.

— Diga a ela.

Occia balançou a cabeça, sua expressão azeda de inveja reprimida.

— O que ele diz é verdade.

A mente de Silvia voou, o pensamento de volta aos tempos num passado recente. Michaela tinha desaparecido misteriosamente durante uma tarde e ofereceu apenas uma explicação frágil após seu retorno. Silvia não a tinha pressionado, assumindo que ela tivesse ido simplesmente desfrutar de um romance furtivo com algum outro amante. Mas agora, ela se perguntava se Michaela tinha na realidade estado com Pontifex nessas ocasiões. A possibilidade a enojou.

— E há quanto tempo essa ligação supostamente está acontecendo?

— Tempo suficiente — brincou Pontifex cruelmente. — Eu enviei Michaela a Roma há alguns meses atrás, para seduzir o Satyr durante uma das suas orgias no Moonful. Ela concebeu naquela noite.

Silvia já estava balançando a cabeça antes dele terminar.

— Os Sátiros podem controlar as suas sementes férteis. Lord Bastian não teria sido tão estúpido a ponto de dar a sua a uma mulher que não conhecia.

— Não disse que ele deu a ela uma semente fértil. Mas ele fodeu e gozou nela. Mais de uma vez naquela noite. Depois disso, ela veio diretamente para cá — Continuou Pontifex em sua voz bajuladora. — E eu entrei onde ele

tinha estado. Eu a deixei envolver sua boceta doce em volta do meu pau. E eu consegui espremer um pouco de esperma fora desta coisa. Apenas para ela.

Silvia sentiu bile subir em sua garganta.

— Em nome dos Deuses... por quê?

Pontifex encolheu os ombros.

— Eles dizem que os restos de um Satyr pode impulsionar a potência das sementes de outro macho. — Seus olhos se encontraram com os dela e ele acrescentou suavemente: — Eles estão certos. Minha semente misturada com o que ele depositou nela a fez conceber. Meu filho.

Silvia cerrou as mãos em seus lados com furor impotente.

— É mentira. Por que Michaela faria isso?

— Era um dízimo. Se ela me desse um filho, eu prometi deixar as duas livres.

Tudo isso fez uma espécie horrível de sentido. Oh Michaela. Lágrimas brotaram nos olhos agonizantes de Silvia, cegando-a. Um som estrondoso atingiu suas orelhas e ela derramou as lágrimas para ver uma laje estreita de pedra deslizando em sua direção, rapidamente formando uma ponte entre ambas as margens do fosso. E Pontifex aguardava no lado mais distante dele.

Silvia olhou para ele, atordoada demais para compreender o que estava acontecendo. Atrás dela, guardas ficaram mais próximos, formando um semicírculo, enjaulando-a com seus corpos. Ela olhou para a ponte e para Pontifex.

— Sua amiga me prometeu uma criança — disse ele. — E ela não entregou. Agora eu considero o nosso negócio discutível. E ela deve pagar pela quebra.

— Que negócio?

— Eu quero um herdeiro. — Com uma conversão, a ponte conectou com o seu lado. Pontifex levantou a mão em sua direção, acenando para ela atravessá-la. — Querida Silvia, vamos fazer uma nova barganha, aqui, esta noite. Uma entre nós.

Ela deu um passo para trás e sentiu seus guardas a encarcerando.

— Não.

— Venha, seja razoável. Vamos ver se você pode gerenciar o que Michaela não pode — ele disse a ela. — Eu tentei com todas as outras ao longo dos anos, pois o Oráculo de Delfos profetizou que uma das vestais iria levar o meu filho. Você é a última delas a permanecer virginal. Deve ser você.

— Você está delirando — gritou Silvia. Então, ela amaldiçoou Occia por ser uma traidora. — Maldita seja! Você sabia o que ele estava fazendo a Michaela e não disse nada!

De seu lado Occia olhou como punhais para ela. Se olhar pudesse matar, Silvia agora estaria no fosso. Ela iria saltar por ela mesma antes que fosse obrigada a deitar-se com Pontifex!

Num cego acesso de raiva, Silvia balançou os braços e varreu toda a coleção de alimentos da base do pedestal para o fosso. O líquido ácido dentro espirrou para cima em uma onda que lambeu como água sobre a margem oposta do fosso, queimando as pernas de Pontifex. Ele gritou de dor, e durante a confusão que se seguiu, Silvia mergulhou entre os guardas e seguiu às pressas para o lar de Vesta. Sem ter tempo para bênção, ela recebeu o fogo da deusa em um reabastecimento apressado, então jogou fora um portal de fogo. E assim quando as mãos rígidas se estenderam para levá-la em cativeiro, ela desapareceu de seu alcance.

Capítulo 10

De retorno a EarthWorld, o céu de fim de tarde estava cinza e parecia prestes a chorar. Silvia sentia também vontade de chorar, bem como pelo sofrimento que ela agora sabia que Michaela foi submetida nas mãos de Pontífex. A necessidade feroz para vingar sua amiga mais querida embrulhava sua barriga. Mas acima de tudo, ela queria encontrá-la e abraçá-la e assegurar a promessa de protegê-la. Queria dizer que ela sabia a verdade terrível que ela havia escondido por — quanto tempo? Quanto tempo isso tinha estado acontecendo?

Silvia silenciosa, ouviu com atenção a cidade ao seu redor. Por te devolvido o corpo de Rico, exigiria outro hospedeiro dentro do tempo de um dia. Mas, no momento as vozes dos quase mortos estavam em silêncio. Isso aconteceu, por vezes, estas pausas nos corpos disponíveis. Assim, em seu estado invisível, ela correu para a casa de Bastian na esperança de encontrar Michaela. Em vez disso, ela encontrou apenas Sal ali dentro, que deixou de reconhecer o cheiro dela, mas sentiu sua presença e a perseguiu pelos corredores.

— Quietos! — Ela o chamou. Embora sua voz fosse imperceptível aos mortais, os animais eram mais conscientes dela, e o cão ficou em silêncio ao seu comando, inclinando a cabeça, enquanto ela seguia em frente.

Ela procurou através do piso principal, abrindo todas as portas, pelas quais ela passou chamando por Michaela. No estúdio, ela finalmente encontrou uma nota de Michaela dirigida a Bastian em sua mesa, ao lado da que ela tinha deixado para ele sobre Sal. E sem escrúpulo, ela a tomou lendo em voz alta:

— Ela mudou seus planos. Ela vai encontrá-lo na Suburra pouco antes do Chamado. — Ela olhou para Sal. — O que ela foi fazer lá?

O Suburra, um subúrbio do bairro Monti, era uma área onde só jogavam quem tinha má reputação, era para onde se ia se quisesse se prostituir, ou se engajar em atividades criminais. Embora fizesse pouco sentido que Michaela se arriscaria lá à noite, Silvia deixou cair à carta e correu para a porta.

A caminho da sala, ela tropeçou em uma garrafa deitada no chão. O líquido vermelho-sangue que continha tinha vazado e manchado um inestimável tapete que ela reconheceu como tendo sido tecido nos teares de ElseWorld.

Como isso foi deixado aqui com o melindroso Lord Satyr? Ela pensou. Levantando a garrafa de cristal finamente cortada, ela cheirou, naturalmente esperando vinho, uma vez que os Satyr eram bem conhecidos por serem viticultores.

— Maldição — Ela tinha esquecido que não podia sentir o cheiro de nada. Rapidamente, ela tomou sua forma corpórea e cheirou novamente. Era vinho isso era certo, mas seu perfume não era como qualquer bebida que ela já tinha encontrado antes. Era amargo, mais parecido com o de azeitonas verdes espremidas, misturado com uma variedade de especiarias de ElseWorld e algo mais indefinível. Um indicio de.... Ogro? Ela torceu o nariz, então percebeu que o último cheiro estava apenas na superfície do cristal, e não na bebida em si, que em sua essência estava um espírito alcoólatra de algum tipo. Ela estremeceu. Quem bebia uma mistura assim?

Mas este mistério foi imediatamente esquecido quando ouviu o som de cavalos e as rodas de carro, em seguida, a abertura da porta da frente. Ela colocou a garrafa de volta como ela encontrou, e espiou de dentro do estúdio para o corredor. Vozes de ambos os sexos atingiram seus ouvidos. Movendo-se furtivamente para a escada, ela viu que os irmãos de Bastian — todos os três — e uma única mulher tinham chegado.

Sal saltou para eles.

— Desde quando Bastian tem um cachorro? — Ouviu o irmão que ela não reconheceu perguntar. Se agachando ele esfregou alegremente as orelhas do Sal. Silvia sorriu para si mesma, sabendo que ele tinha feito apenas um amigo para a vida, pois havia poucas coisas que Sal mais gostava. Ela nunca tinha conhecido esse quarto irmão, Dane, mas este parecia ser ele, e sua esposa devia ser esta mulher de quem se ocupava tão ternamente.

Embora Silvia quisesse ficar e observá-los, outros assuntos chamavam sua atenção. Virando-se, ela foi para a parte de trás da casa, onde ela fechou a porta para todos eles e depois seguiu para Monti.

Seus pés voavam passando por fontes, igrejas, lojas, palácios, escadas acima, e praças ao longo de tijolos pontilhados com pessoas correndo para alcançar seus destinos antes da chuva chegar. Se ela tivesse sua pedra de fogo. Occia uma vez deixou escapar que, com sua ajuda, um portal de fogo poderia ser feito para funcionar dentro deste mundo. Se assim fosse, o seu caminho teria sido muito mais rápido! A lua não subiria por mais uma hora e meia pelo menos. Muito tempo para encontrar Michaela antes que ela se envolvesse com seu amante pela noite. Silvia queria estar longe antes que

Bastian aparecesse. Por que vê-los trancados em outro abraço seria mais do que ela poderia suportar em seu atual estado instável.

Virando o canto arredondado de uma loja de relojoeiro, Silvia derrapou até parar na rua de tijolos escorregadios pela névoa. Um par de cortesãs que estava trás dela continuou andando e passou para a direita através dela em seu caminho para a praça, nunca percebendo que tinham acabado de passar por uma efêmera. Silvia dificilmente as notou. Pois sua atenção estava voltada para o cavalheiro extremamente alto, de ombros largos que estava uns quinze metros à frente — seu empregador anterior, o próprio Lord Bastian Satyr!

Esquecendo por um momento que ele não podia vê-la, ela abaixou-se fora da vista na entrada rebaixada da loja. E por um momento, ela se entregou a seu desejo patético de simplesmente observá-lo. As cortesãs olharam para ele também, e por que não? Homens tão bonitos e atraentes como ele era uma visão rara em qualquer mundo.

Sua cabeça estava inclinada, olhando para algo em sua mão. Ela brilhou a luz do lampião, como... Fogo. Deuses! Era uma das pedras de Vesta? Antes que ela pudesse determinar alguma coisa, ele a colocou em seu bolso.

Pensando apenas em possuí-la, Silvia correu em direção a ele e mergulhou a mão no bolso que a continha. Mas é claro que ela estava sem forma e sua mão direita navegou através de ambos os tecidos e a carne. E através da pedra, se de fato é o que ele abrigava. Danação! Fosse o que fosse que ele tinha, ela não poderia recuperá-la, enquanto ela estivesse invisível.

Desesperadamente, ela pesquisou a praça ao seu redor. Ela precisava de um hospedeiro, e agora. Pela primeira vez em sua vida, ela se viu quase desejando que alguém estivesse morrendo! Ou seja, se tivessem destinados a, pelo menos. Uma reunião com a morte nunca foi algo que ela esperava. Para melhor das hipóteses, a assunção de outro hospedeiro era uma experiência comovente, na pior das hipóteses, era macabro.

Quando ela estava lá com a cabeça inclinada, Bastian a surpreendeu fazendo uma garra com os dois braços desajeitados em sua direção. Seus braços passaram por ela, naturalmente, mas ela saltou longe da sensação surpreendente. Quando eles se uniram brevemente, ela sentiu a adrenalina de suas emoções. Ele estava pensando em cor. Não, não só pensando nisso. Ansiando por isso. Desejando isso.

— Cores maldição. Não vão ficar. Deuses, a minha cabeça. — Ele se arrastou pesadamente para longe se sentando em uma borda, onde ele baixou a cabeça entre as mãos, abrindo caminho com os dedos através de seus cabelos ébano que brilhavam com a névoa.

Ela parou alguns metros à frente dele e depois se esticou mais perto, perplexa e um pouco preocupada.

— O que há de errado com você? — Ela murmurou, não esperando uma resposta.

Ele soltou um suspiro desgostoso.

— Eu não sei.

— O que quer dizer que você não aab... — Espere um minuto! Ele podia ouvi-la? Ela o testou. — Bastian, você pode me ouvir?

Nenhuma resposta. Ela se endireitou. Claro que ele não podia ouvi-la. O fato de que sua resposta cabia em sua pergunta tinha sido apenas coincidência. No entanto, algo estava diferente entre eles agora. De repente, ela percebeu o que era. Ela esticou o pescoço para frente e cheirou. Ela conseguia sentir o cheiro dele! Embora ela detectasse apenas o indicio mais fraco do álcool sobre ele, era evidente que a partir de seu comportamento que ele tinha bebido muito antes de sair hoje à noite.

Mas isso não foi nem aqui nem lá. Ela olhou para o seu bolso com saudade. Incapaz de resistir a uma tentativa, ela mergulhou os dedos nele. Desta vez, a sensação de passar através de tecido e carne foi semelhante ao de mover a mão por algo viscoso, como se estivesse nadando em um pudim.

Sua cabeça escura chicoteou para cima. Dedos fortes se enrolaram em seu pulso. E desta vez, segurou sua carne!

— Não! — Ela ofegou. — Como isso é possível?

Ela estava invisível. Intangível. Ele não podia agarrá-la! Mas, aparentemente, Lord Bastian Satyr não atendia as propriedades da física, pois ele passou a torcer o braço dela. Em um flash, ela estava de costas para ele e ela se sentava em seu colo, os seus joelhos firmemente presos entre o vão de suas pernas, e seu trazeiro estava contra a sua...

— Suas habilidades de ladrão deixam algo a desejar. — O hálito quente fez cócegas em sua nuca, provocando gavinhas de seu cabelo. Ela estremeceu e abaixou a cabeça para frente. Seu coração bateu forte o suficiente para saltar do peito. O que estava acontecendo? Como era que eles estavam agora interagindo como seres sólidos? Como era que sua respiração poderia agitar seus cabelos?

Ela olhou para ele.

— V-você pode me ver? — Oh Deus, se ela tivesse de alguma forma ficando mortal sem que tivesse tentado para isso?

Ele balançou a cabeça. Ela sentiu seus dedos brincando com seus cabelos desgrenhados. Parecia... Agradável. Íntimo.

— Como o por do sol — ele murmurou.

Ela endureceu e se virou para olhar sem ver toda a praça.

— Eu pensei que você não podia me ver!

Atrás dela, ela sentiu-lhe assentir.

— Não é possível.

— Então como é que você sabe a cor do meu cabelo?

— Como é que você sabe meu nome? — ele devolveu, e ela percebeu que ela deixou escapar mais cedo. — Quem é você? Por que não se mostra para mim? — Ele persuadiu em uma voz baixa e aveludada. Suas mãos se moviam sobre ela como se a determinar a sua forma, e ela deu um tapa nelas.

Pensando que ele estava falando com ela, uma prostituta começou a se aventurar mais e lhe enviou uma vez um olhar zombeteiro. Era óbvio que a mulher não podia vê-la, e que ela admirava os gestos estranhos que ele estava fazendo.

— Eu posso ser quem você quiser hoje à noite, signor — ela ofereceu, em uma voz sedutora. — Apenas me diga do que você gosta.

Ele a despediu com um gesto de mão casual, e com relutância, ela se foi.

Silvia olhou por cima do ombro para ele novamente.

— Não é possível, você pode adivinhar? — Perguntou ela em resposta tardia à sua pergunta. — Eu pensei que os Satyr eram cães de caça.

— Alguma coisa esta nublando meus sentidos no momento — ele admitiu de má vontade. — Mas você é mulher. Eu sei muito bem. — A mão que a segura se moveu até a curva de sua cintura e em todo seu corpo, cobrindo seu peito e puxando-a de volta contra ele. Fechando os olhos, ele deixou sua cabeça cair para trás contra a parede de tijolo, e ele suspirou com prazer.

Silvia exalou asperamente em um som que era uma mistura estranha de prazer e angústia, e cobriu a mão com a dele com a sua. E assentaram-se ali um momento. Ele meio deitado preguiçosamente contra a parede. Ela deitada sobre ele. Sua atenção mútua focada na posição atual de sua mão. Em seu peito. Em seguida, seus dedos flexionados em uma carícia lenta, moldando-a em uma série de suaves apertos como se testando o amadurecimento de uma fruta. Um polegar roçou seu mamilo através de sua movimentação, e uma emoção deliciosa ondulou pelo seu corpo, correndo em necessidade, quente

prontamente pulsando em seu núcleo. Em sua parte inferior, seu pau inchou e estremeceu dentro de suas calças.

— Michaela — ela sussurrou. O nome caiu de seus lábios e despencou entre eles, como uma cunha. Endireitando-se, ela empurrou a mão dele e lutou totalmente ereta, seu olhar varreu a praça. Não, Michaela. — Onde ela está, Bastian?

— No Esquilino. Em minha cama. E como é que você sabe sobre ela?

Ela se virou de lado e sua mão escorregou para descansar em sua coxa. Não havia nada de particularmente erótico sobre a natureza do seu toque agora, ainda assim ela nunca tinha sido mais consciente do contato com outro ser em sua vida. Do calor de suas coxas sob a dela. De sua mão.

Ignorando sua pergunta, ela disse.

— Sua nota. Eu pensei que ela veio encontrá-lo aqui.

— Humm? — A mão deslizou até sua coxa.

Ela removeu a mão dele com um tapa.

— Eu tenho que encontrá-la; Tenho que ir — Ela escorregou de seu colo e ele a deixou.

Mas no último minuto, ele cambaleou aos seus pés e puxou-a de volta para ele.

— Eu gostaria de nada melhor. Você não vai embora. — Suas mãos alcançaram seus quadris, levantando-a para que ela ficasse de frente para ele em uma borda mais baixa que corria ao longo da fachada do edifício adjacente. A parede de pedra em suas costas estava fria e úmida da névoa. Ele estava com um de seus antebraços apoiados no alto da parede à sua esquerda, e sua outra mão em sua cintura, a cabeça inclinada perto. — Era você na manhã um mês atrás, em minha biblioteca, não era? Você, em meus pensamentos, dia e noite. — Ele estava incoerente.

— Você está intoxicado — acusou.

— Errado. Eu não bebo. — Ele se inclinou, com os olhos prateados em sua boca.

Ela se afastou, achatando-se contra a parede.

— Você é um sátiro, mas você não bebe?

Ele tocou o nariz com um dedo como se quisesse dizer que ela bateu o nariz.

— Mas por que não?

Vagabundeando com seus lábios para baixo da linha de sua garganta, ele lhe disse:

— Vamos apenas dizer que os espíritos têm um efeito desastroso sobre mim.

Sua testa se enrugou sobre o enigma dele, mesmo quando ela sucumbiu à carícia de sua boca. Não! Ela não trairia Michaela desta forma. Ela tentou desalojá-lo com um aperto rígido de seus ombros, o que pouco valeu. Ela virou a cabeça de seus lábios e sem fôlego pressionou sobre, sentindo uma fenda em sua armadura.

— Eu não entendo. Nas vinhas da sua família crescem as uvas que são a força vital de todas as espécies de ElseWorld. Você e seus irmãos são os descendentes de Baco, dotados com a capacidade de beber livremente, sem ficarem embriagados.

— Tudo isso é verdade. No entanto, eu sou a exceção.

Ela estava quase feliz por ter este novo mistério para ocupar sua mente. Muito em breve, a morte viria a bater em sua porta, convocando-a as tarefas terríveis.

Ela estremeceu.

Ele puxou-a mais perto dentro do seu casaco, como se estivesse sentindo o cansaço de tais tarefas. Seus dedos percorreram seu bolso e ele arrancou-os severamente para longe. Mas não antes dela sentir o que era que ele tinha. Era de fato uma pedra de fogo! De quem ela não sabia, por que seu contato tinha sido muito breve. Bastian devia ter se deparado com ela durante o decorrer das escavações.

Danação! Sem um hospedeiro, ela não seria capaz de tirar isso dele. Pode ser sólido ao toque dela, enquanto ela também tocava sua carne. Mas uma vez ela se soltasse dele, cairia direito através de sua forma efêmera para bater no pavimento.

— Eu vi a garrafa em seu estúdio — ela provocou. — Ele tinha cheiro dos espíritos. Quem mais bebeu dela se não você?

— Eu a bebi. Todos os satyr devem tomar bebidas espirituosas na aproximação do Moonful para iniciar o Chamado. Mas a minha é uma bebida especial, concebida apenas para mim porque eu não posso beber como os outros fazem. — Oscilando ele se endireitou longe dela, em seguida, colocou a mão na testa. Testa franzida como um momento de clareza encheu seus olhos. — Infernos, eu acredito que você está certa. Estou INTOX... intoxi... bêbado.

Ela revirou os olhos.

— Bem, como você se tornou é um conto fascinante, estou certa, mas...

Seus dedos foram em concha na parte de trás de sua cabeça e ele se inclinou para ela de novo. Ela ficou na ponta dos pés, empurrando contra seu peito, usando palavras como uma barreira.

— Você parece ridículo, você sabe. Falando ao ar; seus braços circundando o nada.

Aquelas mãos grandes unidas sob sua parte inferior, levantando-a contra ele. E quando se ajustou a sua forma, suas pernas se abriram naturalmente para ele.

— Você não se sente como nada. — Ele sorriu. Ela sugou uma respiração cortante, o coração batendo forte. Tão perto, os efeitos do Moonful iminentes em seu corpo eram por demais evidentes.

Ela nunca tinha sido agarrada, desta forma por um homem em todos os séculos de sua existência. Embora em seu coração soubesse que ela estava errada, o corpo dela queria o dele. Os lábios tocaram os dela.

— Michaela. — Ela sussurrou o nome contra a sua boca, um talismã para afastar o seu desejo de derreter contra ele. Dobrando o queixo, ela olhou por cima de seu ombro em direção à praça, em busca na multidão por sua amiga. — Ela está aqui em algum lugar, Bastian... Lord Satyr. E se ela nos vê assim? Você me abraçando assim... Desta forma inadequada. — A perspectiva de descoberta a deixou se contorcendo e tentando desalojar a mão, de repente, mais desesperada do que nunca para ficar livre de seu domínio.

— Eu ficaria feliz em mantê-la muito mais de forma inadequada, mas só se você mostrar-se. Eu não conseguiria desenhar uma linha de acasalamento com uma fêmea que eu não possa ver.

De repente, ele não parecia tão embriagado. O que estava acontecendo aqui? Pegando-o desprevenido, ela conseguiu encontrar o seu pé e ir para longe dele, mas ele pegou suas costas em seu movimento.

— Não se afaste. Preciso de você — ele informou-lhe enquanto ela cambaleou de volta — Deuses, o que é esse saco hediondo que você está vestindo? — suas mãos sobre ela deu tapinha — sobre ela — e ela bateu em suas mãos.

— Uma passagem — disse ela. — E o que você quer dizer que você precisa de mim? — Ele estava em perigo? Ela sentiu um encontro de dificuldade ao longo dos últimos minutos.

Algo estava para acontecer, e logo. Ela olhou ao seu redor. A praça estava movimentada, com início da noite o tráfego — em sua maioria de prostitutas, cafetões e jogadores aumentava para começarem seu trabalho com

a chegada da noite. Eles pareciam ser muito perversos, monte de vagabundos — cada rosto astuto, desesperançados, ou cruéis.

Um pensamento horrível a atingiu. E se Bastian estivesse entre aqueles destinados a morrer esta noite? Talvez não tenha sido por acaso que ela tinha sido atraída por ele nesse local? Sentindo a necessidade de envolvê-lo e protegê-lo de qualquer dano que pudesse aborla-lo, ela virou as costas para ele e colocou suas mãos em suas coxas para trás dela. Seus braços vieram em torno dela e ela sentiu a sua primitiva e animal masculinidade às suas costas, camuflada sob um verniz de alfaiataria cavalheiresca.

Ela tentou imaginar tomando-o como hospedeiro — sua essência preenchendo tal corpo masculino em seu lugar. Como poderia ser se mover sobre o mundo com a força, como ele possuía? Ter multidões a seus pés. Ter as mulheres deleitando seus olhos em cima de você e homens a respeitá-la. Simplesmente porque você tinha uma presença física tão poderosa.

A necessidade de exercer algum controle sobre ele a levou a segurar os braços que ele havia enlaçado em torno dela enquanto ela analisava com suspeita a multidão. O vendedor de salsichas, o trio de prostitutas, o trapeiro. Será que um deles tinha em mente fazer mal a ele?

— Venha, eu vou encontrar um carro para alugar e enviar-lhe ao seu lar no Esquilino — disse ela, puxando-o para fazê-lo segui-la. — Sua família já está lá, e Michaela vai esperar por você lá, se ela não o encontrá-lo aqui.

— Como você sabe tanto sobre mim? — Ele exigiu enquanto ela o levava, suas palavras um pouco arrastadas. — Quando eu não sei nada sobre você?

Sorrateiramente, ela enfiou a mão em seu bolso. Ele pegou-a antes que alcançasse seu objetivo.

— Isso é meu. — ele rosnou suavemente. Não estava tão bêbado, depois de tudo.

— Deixe-me vê-la — ela adulou. — Por favor.

Oh, por favor, não...

Silvia inclinou a cabeça para trás, arrastando-a no peito dele.

Os apelos dos desencarnados relampejaram através de sua espinha, limpando toda a expressão de seu rosto e congelando seu sangue. Parecia o despertar dos quase mortos. Seus olhos corriam freneticamente ao redor da praça, não vendo nada de errado. Girando, ela agarrou as lapelas do casaco de Bastian e sussurrou:

— Você ouviu isso?

Seus olhos procuraram os dela, já estava olhando muito mais lúcido do que ele tinha estado quando ela se deparou mais cedo com ele, sua embriaguez parecia ir e vir.

— Ouvi o quê?

—N-nada. — Ela tentou ir, mas ele tinha seu braço em uma mão. Como ele não podia vê-la, ele obviamente percebeu que ele deveria continuar a manter uma mão sobre ela ou ela iria fugir.

Tinha sido um grito de pavor que ela tinha ouvido de alguém, em algum lugar, que estava sob ataque. Um primeiro reconhecimento de que o perigo estava próximo. Muito em breve isso iria se transformar em uma percepção de que a morte era iminente. E inescapável. No momento, Silvia não conseguiu detectar nada mais da situação. Embora o grito tivesse vindo de um lugar distante, o que tinha declarado que Bastian não estava envolvido no problema que ela sentiu. O que já era alguma coisa.

Ainda assim, isso significava que ela poderia ser chamada para longe a qualquer momento. E ela não podia deixá-lo aqui assim como estava. Muitos outros estavam levantando um copo ou dois aqui em Monti.

Ele poderia ser roubado ou ferido. Ou assassinado.

— Os planos mudaram e parece que não posso acompanhá-lo a casa, afinal de contas — ela informou a ele. — Mas você é um alvo fácil em sua condição.

Vermelho cortou as maçãs do rosto de seu captor.

— Eu sou muito capaz de cuidar de mim. — Naquele momento, ele tropeçou na pavimentação desigual, em seguida, correu a mão livre pelo seu cabelo cortado escuro, parecendo frustrado por que ela estava certa. — Noventa infernos.

— Vamos colocar alguma comida em seu estômago. Isso deve ajudar. — Ela tomou sua mão e levou-o para um dos vendedores que vendiam comida em um carrinho de rua na parte inferior da Escadaria de Espanha, em seguida, viu quando ele jogou uma moeda para o vendedor. Embora ela não conseguisse detectar o delicioso cheiro que emanava do carrinho, sua memória serviu-lhe muito bem, e ela salivou quando o pão foi grelhado, o queijo derretido e molho de carne derramado.

— Não pode ir mais depressa? — Ela implorou ao fornecedor, olhando extasiada para suas mercadorias. — Antes que eu seja chamado para longe. — Mas é claro que ele não podia ouvir. No entanto, por alguma razão, Bastian podia. Um quebra-cabeça que ela iria ponderar longamente nas horas que viriam.

— Chamada para longe, onde? — Perguntou Bastian. — E por quem?
— O que, signor? — Perguntou o vendedor.
— Shhh, Bastian. Parar de falar comigo. Ele vai pensar que você está louco — Ela o repreendeu.

— Quem mais vê espíritos, a não ser um louco?

Ela não respondeu, não querendo encorajá-lo, mas o vendedor de sanduíche olhou para ele com cautela, provavelmente imaginando que ele estivesse fora de seu juízo.

— O nevoeiro está denso esta noite, sim? — observou ele, quando entregou o alimento.

Bastian olhou ao redor, como se só então percebesse que o nevoeiro tinha rolado dentro.

— Muito. — Ele disse de forma sucinta, e colocou uma generosa gorjeta na mão do homem, como uma garantia para sufocar qualquer dúvida que ele pudesse ter.

Tomando os alimentos, ele começou a comer mecanicamente, como se ele os considerasse um antídoto para sua intoxicação, em vez de uma fonte de prazer. O nevoeiro se enrolou sobre ele, e ela assistiu a onda se inicializando em torno de seus tornozelos, tecendo entre suas coxas... E acariciar a protuberância grossa elevada entre eles. Ela arrebatou seu olhar para longe, esperando que ele não pudesse vê-la distintamente o suficiente para admirar suas bochechas rosadas.

Ele rasgou parte de seu sanduíche e estendeu-o para ela. Sem pensar, ela estendeu a mão para ele. Em seguida, ela balançou a cabeça. Era tentador, mas não valia a pena desistir de sua imortalidade!

— Eu não posso comer enquanto estou assim...

Pare! Eu lhe imploro!

Ofegante, ela apontou ao redor, seu cotovelo batendo no pão, queijo e carne de sua mão. Então ela olhou para a generosidade em ruínas, sem realmente vê-lo.

— Danação — ela rangeu baixinho. — Eu odeio quando é assassinato.

— Assassinato? — Ele repetiu, soando um pouco mais no controle do que ele tinha momentos antes. A comida tinha percorrido um longo caminho em direção a sobriedade dele. — Em que diabo está envolvida? — Ele chegou a sua direção. Todo o tempo em que ele esteve comendo, ele ainda manteve uma das mãos sobre ela, mas agora ela tinha conseguido se livrar.

Se afastando, ela olhou para ele, memorizando suas feições enquanto ele manteve o ritmo, perseguindo-a. Seu coração doía como um tolo para ficar com ele.

— Encontre Michaela. Vá para casa — Ela ordenou desesperadamente.

— Porra todos aos infernos — Ele começou, mas suas palavras foram abafadas por um grito novo que só Silvia podia ouvir.

— Nãããoo! — Rasgou a garganta de uma mulher desconhecida, o grito de pavor fugia pelas ruas como a própria vítima não podia. A cabeça de Silvia saltou para onde vinha o som. Ele tinha vindo de um beco, há apenas dez minutos.

Uma mão roçou as suas costas enquanto se movia. Bastian.

— Fique. Deixe-me...

Mas ela não olhou para trás para ele. Não esperou para ouvir mais. Era hora de ir fazer uma passagem. Pulando longe, ela correu como uma louca, pelos becos em zigue-zague no labirinto que era Roma, deixando-o para trás. Ela tinha feito tudo o que podia por ele. Era hora de ajudar o outro.

Se ela chegasse muito tarde, ela iria perder sua chance. Havia apenas uma pequena janela de tempo no ciclo da morte durante o qual um Ephemeral poderia tomar um hospedeiro. Então, ela voou para frente, de um beco atrás de outro, em direção ao certo perigo. Contornando o canto de uma casa de penhores que estava fechada durante a noite, ela tropeçou em um assassinato em progresso. Um violento, como ela esperava.

A vítima era uma mulher, como ela havia previsto. Jovem, talvez vinte ou mais, com cabelos escuros. Mas os olhos de Silvia estavam para o seu atacante, a terrível criatura que tinha a intenção de espremer a vida fora dela. Ele tinha mais de dois metros de altura, seu corpo intimamente pressionado contra o dela e os seus longos dedos ossudos acondicionavam em torno de sua garganta vulnerável.

— Deixe-a ir! — Silvia ordenou.

A cabeça do vilão chicoteou em sua direção. Seus olhos negros procuraram por ela, mas não conseguiram a encontrar já que ela estava atualmente invisível. Ele era predominantemente um Ogro, talvez com uma pitada de fadas, mas ela não poderia dizer na penumbra da rua. Se este fosse o caso, ele tinha nascido de estupro. Nenhuma fada jamais iria de bom grado para a cama de um Ogro, pois eram os idiotas do Mundo adjacente, e conhecidos por serem amantes cruéis e egoístas. Ainda pior, normalmente eles jantavam as vísceras de seu parceiro quando se cansaram da cama deles.

Por cima do ombro, a vítima levantou a mão suplicando pelo som de sua voz. Seus olhos estavam arregalados, a cor violeta machucada.

Deuses, não! Era Michaela! O coração de Silvia parou no peito e, em seguida correu em terror selvagem tumultuado. Ela correu em meio à neblina em direção ao casal entrelaçados. Como se ela pudesse mudar o destino. Como se ela pudesse salvar sua amiga da Morte. Ela, uma efêmera atualmente sem um hospedeiro.

Michaela não tinha chances contra esse monstro. Nem ela, mas sua melhor esperança residia na surpresa. Ela correu em direção a eles, pretendendo assumir a sua verdadeira forma no último minuto e bater seu corpo as costas dos joelhos do Ogro, então tentar correr com Michaela.

Mas quando ela ainda estava dez metros de distancia deles, ela veio de encontro a uma parede imóvel, muro de ferro. Um muro invisível. Ela ricocheteou nele e foi amassada na calçada. Pulando para cima novamente, ela deu de ombros, não sentindo nenhum osso quebrado. Ela empurrou os braços à frente dela, empurrando o ar com as palmas das mãos, e sentiu o escudo encantado que o atacante tinha erguido em torno de si mesmo e de sua vítima.

— Eu disse para deixá-la ir — Silvia berrou.

Os dedos do Ogro soltaram Michaela, apenas o suficiente para permitir-lhe umas respirações.

— Você ssse oferece para tomar ssseu lugar?

— E se eu fizer? — Silvia circulou o perímetro do escudo, acariciando-o, enquanto ela tentava desesperadamente encontrar uma brecha nele. — Você vai me levar, em vez dela? Posso prometer a você que eu daria uma refeição muito mais saborosa.

Os gananciosos olhos negros brilharam e as narinas se inflamaram.

— Deixe-me vê-la primeiro, então eu vou decidir.

Os olhos de Michaela se arregalaram com medo e ela balançou a cabeça. Rosnando, ele deu um tapa nela.

Não a mate, não a mate, Silvia pediu silêncio. Michaela não podia morrer. Não era possível. Ela bateu ambos os punhos contra o escudo.

— Agora, você sabe que eu não posso fazer isso, Ogro. Só quando chegarmos a um acordo. Ou você só me levará cativa também.

Mostrar-se a uma criatura de ElseWorld não teria nenhum efeito sobre sua imortalidade se eles estivessem do outro lado do portão. Mas aqui neste mundo, era perigoso. Ele poderia reivindicar a posse dela. E tão estúpidos

como eles eram, os Ogros mudavam de ideia muito rápido. Ele poderia estar ao seu lado em segundos.

A expressão dele ficou astuta.

— Dê-me seu nome, pelo menos, e eu vou deixá-la ir.

— Rico — ela mentiu.

Olhando decepcionado com sua resposta, ele apertou as mãos sobre a garganta de sua vítima novamente e o coração de Silvia torceu dolorosamente. Quando ela chegou aqui de ElseWorld, ela tinha estado tão confiante em sua capacidade de proteger Michaela de Pontifex. Mas aqui estava ela a menos de uma hora mais tarde, impotente contra um de seus capangas.

— Via? — Michaela sufocada. Ela não podia ver Silvia em sua forma atual. Mas ela conhecia sua voz, e em sua angústia, ela revelou muito.

— Sssim. — O Ogro balançou a cabeça, atacando na revelação. Ele olhou para o lugar que ele tinha pensado que ouviu a voz de Silvia, apesar de que ela estava a vários metros à esquerda agora. — Esssse é um bom começo.

Movendo sua cativa em direção a Silvia usando-a como um escudo, ele moveu-se para trás com uma mão apertando Michaela contra si pela frente de sua garganta. Seu polegar em garra acariciou a vulnerável laringe, desenhando um filete de sangue. Ela choramingou, mas segurou a língua.

— Agora, dá-me o resto e eu vou liberar a sua amiga aqui — ele prometeu a Silvia. — Você sabe que eu devo escutar de seus próprios lábios.

O impulso de revelar seu nome e rosto era forte, mas isso não iria ajudá-las em nada. Ele só teria duas cativas então.

— Deixe-a ir primeiro, e quando ela estiver longe daqui, eu serei sua — Silvia prometeu.

Ele lambeu os lábios.

— Pena que eu não posso levá-la mesmo com o que oferece. Você parece ser um bocado deliciosso. Aposto que sua pele tem um gosto doce. — Suspirou com pesar. — Mas você só me engana. E eu tenho as minhas ordens.

— Ordens de quem? — Silvia inquiriu, atingindo a parede dolorosamente com o ombro. — Pontifex? Por que ele a quer morta? — Sua mente trabalhava furiosamente.

Ogros eram uma raça rara, mas Pontifex os empregava como guardas. Recentemente um tinha visitado o estúdio de Bastian e lidou com a garrafa que ela tinha encontrado. E agora este. Os incidentes tinham que estar

relacionados. Se ela pudesse descobrir isso ela poderia ser capaz de algum modo de usar o truque com o atacante de Michaela.

Passos ecoava à distância, e o Ogro olhou em direção ao som. Por agora, o choro de Michaela tinha se tornado um choramingo lamentável. Ela estava desvanecendo-se.

— Polizia! — Silvia gritou, pedindo que alguém pudesse ouvir.

O rosto do Ogro se voltou em sua direção e fez um som de assobio, como um fogo a ser apagado.

— Fêmea Essstúpida. Não deveria ter feito isso. O Moonful vem esta noite. Não é um tempo bom para criaturas como nós sermos encarcerados em prisões humanas.

Sem aviso, suas mãos apertaram fortemente. Os olhos de Michaela se arregalaram e seus dedos se curvaram como garras sobre os dele. Ossos estalaram quando ele deu-lhe no pescoço uma chave rápida, deixando-a respirar apenas o suficiente para que ela sofresse uma morte lenta.

— Veja o que você me fez fazer? — Ele sorriu para Silvia, um horrível vinco de seu rosto, que descobriu fileiras duplas de pequenos dentes afiados. Depois dos danos causados, ele galopou na escuridão de um beco.

Agora que o aperto tinha ido embora de sua garganta, Michaela caiu sobre os paralelepípedos, o nevoeiro girando violentamente ao seu redor. Parecia uma espécie de papoula, bela e murcha enquanto ela estava lá em meio às pétalas esmagadas de suas saias carmesins.

— Nãããooo! — Silvia gritou, como se as palavras por si só pudessem negar a morte a sua mais recente vítima. Ela bateu na parede de magia novamente e caiu para frente, descobrindo que já não existia mais.

A partida do Ogro tinha dissipado-a. Ela correu para o lado de sua amiga e ajoelhou-se lá no tijolo. Com lágrimas escorrendo pelo seu rosto, ela solidificou-se em sua forma verdadeira.

Os cachos ébano de Michaela estavam em uma desordem encantadora, com a cabeça inclinada em um ângulo anormal, e a segurar sobre a vida tênue. Arregalados, os olhos violetas olhavam sem ver o céu crepuscular. Teria ela já ido? Mas, então, sua mão se contraiu e Silvia levantou-a para seu colo, embalando-a dentro do seu abraço. Já estava tão pálida, tão fria.

— Não... quero... morrer — Michaela sussurrou com voz rouca.

— Deuses, Kayla — disse Silvia em um soluço. — Eu daria qualquer coisa se... — Suas palavras sumiram. Seus olhos se encontraram, e a verdade terrível se pendurou tácita entre elas.

Não havia nada a ser feito. Michaela iria morrer. Eles sempre morriam. Embora não ajudasse em nada, Silvia ajustou sua cabeça para um ângulo mais natural sobre o tijolo, precisando fazer alguma coisa. A necessidade de ajuda quando não havia nenhuma maneira de ajudar. Ela esfregou a mão macia de Michaela e murmurou palavras de conforto enquanto juntas esperavam. A morte cruel, cruel. Silvia sempre tinha odiado esses momentos pouco antes de ela chegar. Não só porque era muito doloroso quando terminava a vida de alguém, mas também por causa da pequena, centelha vergonhosa da ganância que sempre crescia dentro dela. A necessidade de precisar que alguém morresse para que ela pudesse viver. Se é que alguém poderia realmente chamar sua vida de existência.

Mas nunca, nunca ela tinha desprezado a morte mais do que ela fez agora. Ela nunca quis algo tão desesperadamente e com todo o seu ser.

— Leve-me — ela implorou — Deixe-me ser a única a morrer.

Michaela falou então, suas palavras quase inaudíveis, mas ainda assim surpreendentes.

— Eu tenho uma pedra de fogo em minha posse. É a de Aemilia. Ela deu-me para guardar naquela noite, quando todas nós escapamos do templo em chamas. Pontifex de alguma forma descobriu e enviou um bilhete ameaçador. Fui instruída para trazê-la... aqui. Que alguém me encontraria e... — Ela riu, um som áspero, gorgolejante.

Silvia cerrou os dentes, a raiva contra Pontifex brotando novamente nesta confirmação de que ele estava por trás do ataque do ogro. Ela tentou acalmar-se. Para saber o que Michaela exigia dela agora. Haveria tempo para a raiva depois. Ela tinha ouvido as últimas palavras, os anseios, os arrependimentos e os desejos dos mortos inúmeras vezes ao longo dos anos. Mas ela nunca tinha imaginado que um dia estaria envolvida neste ritual com sua amiga mais querida no Universo!

— Eu não imaginei que o assecla de Pontifex iria me prejudicar... — Michaela continuou. — Mas ele planejava matar-me o tempo todo... Oh quão estúpida eu fui por vir aqui. Você foi sempre a inteligente. Beleza e inteligência. Pontifex sempre disse que, juntas, teríamos sido uma mulher completa. — Ela riu, um som suave e histérico.

Silvia nunca o ouviu dizer tal coisa, mas ela não a contrariaria.

— Está tudo bem. Nada disso importa.

Lágrimas espremidas nos cantos externos dos olhos de Michaela rolaram para o emaranhado de seus cabelos em ambos os lados de seu rosto.

—Eu não quero morrer... oh, queridos Deuses... não justo quando eu encontrei o amor. — Sua garganta funcionou. — B-Bastian.

— Querida Kayla — Silvia a acalmou, escovando um cacho de cabelo escuro de sua testa lisa. A morte estava se aproximando. Ela sentiu-a. Viu os sinais.

Michaela fechou os olhos, seu rosto de repente sem esperança, parecendo aceitar que tudo estava perdido.

—Você vai me tomar... como hospedeira?

Silvia acenou com a cabeça, incapaz de falar com o nó na garganta. *Oh, Michaela, como vou viver quando você se for?* Tentando soar calma, ela se forçou a dizer o que ela disse a todos os outros que ela tinha atendido em situações semelhantes.

—Se houver qualquer coisa que você deixou de fazer aqui neste mundo, diga-me, e eu... — Um soluço grande escapou, mas ela se forçou a continuar. — E eu juro que terei prazer em vê-lo feito. — As palavras dela escorregaram com facilidade como se ela tivesse dito-as centenas de vezes antes. E ela tinha dito. Mas esta vez era diferente. Esta era Michaela. Que estava morrendo! Cinquenta mil infernos! Como ela poderia suportar? Ela mordeu de volta outro soluço.

Os olhos de Michaela se abriram de novo e os lábios secos se separaram. Inclinando-se, Silvia sombriamente esperava para testemunhar seu desejo de morte.

Então ele veio, num murmúrio, baixo e chocante.

— Eu quero que você... deite com... Bastian esta noite em meu lugar... Deixe-o acreditar que você sou eu — Michaela murmurou asperamente. — Eu quero que você faça amor com ele. E diga-lhe eu... você...lhe diga que eu o amo.

Silvia olhou silenciosamente para ela, atordoada e em silêncio. Esta noite era Moonful! Deitar-se com Bastian durante o Chamado implicaria muito mais do que um único acoplamento. Em noites como esta, era bem conhecido que os Satyr acoplavam desde o anoitecer até o amanhecer. Sem perceber, ela começou a sacudir a cabeça.

Michaela agarrou seu braço com uma força surpreendente.

— Prometa-me, Via — ela insistiu. — Eu quero mais tempo com ele. Você pode dar isso para mim. Por favor...

Uma batalha se desenrolava dentro de Silvia. Não! Não me peça isso. Você vai descobrir que o meu coração a traiu, pois eu o amo também. Sim! Eu quero que ele para mim.

Não! Se eu deitar com ele, isso só vai me ligar mais ao que eu não posso ter. Embora ela quisesse gritar uma recusa, Silvia apenas balançou a cabeça, sussurrando.

— Sim, é claro. Eu prometo.

Parecendo mais em paz, Michaela levantou a mão e tocou o rosto de Silvia, seus olhos cheios de carinho compassivo. Silvia cobriu com sua própria e ficou surpresa ao sentir a magia nela. Michaela estava lhe concedendo um feitiço de despedida!

— O que você está...?

— Você não deve chorar por mim, Via, não enquanto você estiver com ele. — Michaela falou suavemente. Silvia olhou para ela, uma contradição de consternação e gratidão girando dentro dela enquanto Michaela continuava. — Hoje, você vai ser tudo o que ele exigir. Você vai acomodá-lo em seu prazer assim como eu o...

Michaela subitamente ficou pálida e um medo selvagem e mortal empurrou todos os pensamentos de Silvia.

— Oh, por favor, não, não me deixe. Não tão cedo.

Mas os olhos de Michaela estavam maçantes agora, e ela não respondeu. Ela respirou, um fôlego raso, e depois outro vacilante. Em seguida, sua mão caiu para deitar sobre vestido amassado carmesim.

Uma dor debilitante ameaçou Silvia, e ela queria desesperadamente se deixar levar por ela. Mas ela havia prometido a Kayla.

Já era tempo.

Movendo-se como um autômato, ela começou o rito familiar de passagem. Inclinando para frente, ela deixou a cortina de cabelo vermelho-dourado em volta do rosto de Michaela para criar uma pequena privacidade onde elas poderiam fazer o que deviam.

— Eu te amo — ela sussurrou. E então ela apertou os lábios nos de Michaela.

Com um suspiro cortante ela capturou o sopro final da vida de sua amiga amada. Inalando e levando-o em seu próprio corpo. Então veio esta nebulosa, pausa infinitesimal quando a vida facilitou para a morte.

Um segundo beijo. E desta vez, Silvia gentilmente exalou e sentiu o familiar engasgar e a pitada de sua própria força vital movendo-se para fora enquanto, lentamente, ela respirou vida de volta no corpo de Michaela. Reanimando-a. Tornando-se ela.

E, em seguida, Silvia estava deitada de costas, na rua de tijolos transformada numa cama úmida e implacável sob seus pés. Ela piscou os

olhos violetas, olhando para o rápido escurecimento, o céu de nuvens inchadas. Por um momento ela estava ali, desorientada e insegura de quem ela era ou o que tinha acontecido. Em algum lugar distante, ela ouviu passos. Exclamações. Polizia. Ela se lembrava de ter chamado por eles. Por quê? Cautelosamente, ela se sentou e sentiu dor. Ela pôs a mão em sua garganta. Deuses queimava como se ela tivesse usado uma força. Ela tinha usado uma vez, cinquenta hospedeiros atrás. Ou foi uma centena? Ar fresco a encontrou e ela olhou para baixo, com os olhos cada vez maiores. Sua mão baixou para cobrir seus seios. Ela não tinha sido bem dotada com isso já há algum tempo. Seu vestido era do tipo que pretendia atrair abelhas para seu mel. Quem era ela? Então, num piscar de olhos, tudo voltou correndo para ela. Michaela era sua anfitriã agora! O que significava que ela tinha... Morrido. Oh deuses, não! Isso significava que elas não tinham mais de um mês para ficarem juntas. Talvez menos, então... Não, ela não conseguia pensar em perder Michaela à morte para sempre. Ainda não. Estranhamente, sua dor pela passagem de sua mais querida amiga era no momento uma dor maçante, distante. Ela lembrou que o calor da mão de Michaela esteve em sua bochecha momentos atrás. O feitiço. Michaela aparentemente tinha trancado o conjunto específico de emoções que teria feito seu luto possível. A dor não viria até mais tarde, depois que ela cumprisse o último desejo de sua amiga.

Você não deve lamentar-me, Via, não enquanto você estiver com ele.

De olhos secos, Silvia ficou de joelhos, encontrando seus pés. Ela não perguntou a Michaela pela verdade sobre seu relacionamento com Pontifex quando teve a chance, pois ela tinha assumido que quando ela tomasse posse deste corpo, a ela seria dado todos os seus segredos. Mas a vontade de Michaela ainda estava forte, e por razões que Silvia não pode imaginar, ela estava bloqueando essa informação.

Ela deu alguns passos cambaleantes, depois parou. Assassinato sempre era o pior, porque os corpos das vítimas eram dolorosos. A garganta dela ainda estava em chamas. Afinal, ela tinha acabado de ser estrangulada até a morte. Mas essa dor e as marcas em sua pele iriam desaparecer dentro de uma hora.

Um homem passou, seus olhos gananciosos movendo-se à medida que a viu. Ela ajustou o corpete superior e o cheiro agradável de perfume florido de Michaela flutuou ao seu nariz. Ela não estava acostumada a ser tão atraente. Beleza chamava muita atenção, muita das quais indesejadas.

— Mexa-se em frente, signor! — Disse ela bruscamente. Ignorando sua recusa, ele deu um passo em sua direção. Eles se enfrentaram, preparando-se

para defender-se se ela precisasse. De repente, o homem olhou através dela, arregalando os olhos. Atrás dela, ela ouviu passos e os clip clop distante dos cavalos. O homem moveu-se, aparentemente, pensando melhor sobre forçar suas atenções sobre ela.

Assumindo que a Polizia tinha chegado, Silvia sabia que eles podiam supor que ela fosse uma prostituta e, portanto, levá-la sob custódia, já que havia leis recentes que lhes dava licença para fazê-lo. Mentalmente formulando um conto crível que explicaria a sua presença aqui, como inocente, ela sorriu e virou-se para cumprimentar...

Bastian!

Capítulo 11

No primeiro momento, Bastian não teve dificuldade em acompanhar o fantasma do sexo feminino que tinha seguido da praça, pois tinha inadvertidamente deixado um rastro de cor na sua esteira. No entanto, o nevoeiro, o labirinto de ruas tortuosas, e os efeitos da chegada iminente do Moonful finalmente começou a derrotá-lo. Ele precisaria de uma mulher em breve. Era tempo para fazer o seu caminho para um porto seguro, onde ele poderia começar o ritual. Sua barriga já estava endurecendo como uma rocha, e as cólicas logo começariam. O licor que ele inadvertidamente bebeu hoje à noite ia fazer o chamado ser especialmente penoso para ele.

Então, justo quando ele decidiu procurar sua casa, ele viu um toque de vermelho a dois quarteirões à frente. Um vulto de mulher levantou-se da rua aspergida como um cadáver levanta-se de um túmulo. Era uma mulher, uma bem torneada vestida de vermelho. Vermelho; corações; sangue; papoulas, lábios, sua mente livremente associou. O fantasma que tinha vindo dessa forma devia ter emprestado a sua cor para ela. Ele estremeceu, a querendo. Não ela em particular. Qualquer mulher teria feito o mesmo para ele agora. Ele estava em um estado lastimável. Ele deveria ir para casa e chamar um ou dois Shimmerskin para atendê-lo antes que fosse tarde demais. Mas, mesmo com esses pensamentos girando em sua cabeça, ele deu um passo em sua direção.

Parecia que outro tinha planos semelhantes aos dele, pois enquanto a mulher ajeitava a roupa, um homem aproximou-se dela. Bastian tenso, um animal do macho protegendo seu território, essa mulher desconhecida era a que ele queria foder. Ele galopou em direção ao par, entrando e saindo dos halos de luzes a gás ao longo da rua, o golpe das botas na calçada fazendo-o conhecido por seu adversário. Vendo-o como uma ameaça, o homem se afastou da mulher e desapareceu nas sombras.

Ela era sua agora. Bastian orou aos deuses que ela fosse uma prostituta. Uma disposta. Não a esposa de outro homem ou uma filha inexperiente. A julgar pelo relógio biológico, a lua estava facilmente 45 minutos longe de mostrar-se. No entanto, o desejo de empurrar esta estranha contra o edifício mais próximo, e fodê-la com tudo o que estava dominando. O desejo não deveria ser tão forte, ainda não. Não tão no início da noite. Era o vinho. Quando a lua viesse, ele não seria capaz de confiar-se a não recorrer ao estupro.

Ele parou abruptamente uma meia dúzia de passos dela. O que os infernos que ele estava fazendo? O licor estava afetando a sua razão, como sempre. Blasfemou contra quem tinha contaminado sua garrafa!

Ele tinha que chegar em casa antes que a mudança viesse em cima dele. Com um passado, olhar, persistente e luxurioso na fêmea, ele rangeu os dentes e fez força para dar a volta.

Mas então ela se virou. E tudo mudou.

— Michaela?

Os lábios vermelhos formaram seu nome.

— Bastian — Suas bochechas estavam vermelhas coral; seus cabelos sedosos negros tinham destaques azuis, seu vestido era vermelho. E seus olhos estavam violeta como as violetas. Ela brilhava com uma luz interior que nunca tinha visto nela antes, como uma joia na noite escura, puxando-o para o lado dela.

— Linda — ele murmurou enquanto ele a levou em seus braços. Olhando estranhamente nervosa, ela lançou a divagar sobre alguma explicação por que ela estava aqui.

As suspeitas dele estavam despertadas, mas tudo o que ele conseguia pensar era tirá-la de seu vestido. De transar com ela aqui em um dos becos, ou talvez invadir um destes edifícios onde ele poderia transar com ela na privacidade do anoitecer ao amanhecer. Uma necessidade desesperada o alagava a de enterrar-se em sua profundidade feminina antes que a cor fosse afastada como parecia sempre acontecer, transformando-a num cinza cadavérico como o resto do seu mundo.

— Então foi por isso que eu lhe pedi para me encontrar aqui no Monti — ela terminou.

— Monti? — Ele repetiu. Só então ele se lembrou do bilhete que havia encontrado emitido por ela, em seu estúdio. Sim, foi por isso que ele veio aqui. Ela pediu-lhe para encontrá-la na praça. Ele tinha bebido da garrafa antes de sair, querendo dar tempo para o elixir trabalhar através de seu organismo. A bebida deveria ter domado a besta que ele se tornaria esta noite, pelo menos em certo ponto, mas não tinha. Ele havia jogado a garrafa longe no momento em que percebeu que tinha sido contaminada com vinho alcoolizado. Desde que ele tinha comido na praça, já não tropeçou ou distorceu suas palavras. Mas por dentro, ele podia sentir os efeitos intoxicante do que ele involuntariamente havia bebido. Ele ainda estava contaminado. E ainda era perigoso. Para ela.

— Não importa — ele disse a ela, sua voz profunda escovando fora suas palavras. Sua mão foi para o início de suas costas, puxando-a para perto enquanto seus dedos foram para frente de seu corpete, rasgando as fixações.

Ela segurou os lados soltos de seu vestido juntos, olhando alarmada, mas ele bateu suas mãos de lado, e mergulhou a própria mão dentro do corpete dela e apartando-os para encontrar e apertar um seio exuberante. Ele esfregou seu polegar sobre seu mamilo, saboreando o fato de que ele estava duro para ele. A outra mão foi para baixo para agarrar seu bumbum e força o ventre dela a se apertar contra o dele. Ele se inclinou justo contra ela. Seu corpo reagiu de maneira previsível.

— Deuses, eu quero você — ele determinou, seus lábios acariciando o queixo dela.

— Aqui? — Ela rangeu. — Mas alguém está vindo.

Ele levantou a cabeça, abruptamente percebendo o som rítmico do estalido das ferraduras batendo contra a pavimentação. Dois de seus irmãos surgiram do nevoeiro como aparições a cavalo, saudando-o.

— Onde nos infernos você esteve? — Sevin exigiu, seu corcel resfolegou enquanto ele puxou-o num impasse. Ao lado dele, Lucien freou em seu rastro também.

— Vagando em Monti, meio bêbado — Bastian disse a ele de forma sucinta. — E agora, se vocês nos derem licença... — Ignorando as expressões de seus irmãos estupefatos, ele levantou Michaela em seus braços, carregando-a para o próximo beco escuro.

Antes que eles pudessem alcançar o beco, no entanto a Polizia de repente desceu sobre eles.

— Deuses, o que é isso? Uma convenção? — Ele rosnou, e viu o sorriso de Michaela. Vermelho. Seus lábios. Frutos vermelhos. Ele abaixou a cabeça e provou-os avidamente com os seus próprios, justo enquanto os oficiais os chamavam.

— Nós ouvimos relatos de problemas. Algum de vocês viu alguma coisa?

Ele ouviu Sevin inventar alguma resposta, então todo o resto foi esquecido, exceto a boca sob a sua. Michaela sempre teve esse gosto?

— Você está diferente. — ele murmurou contra sua boca e sentiu seu corpo enrijecer em seus braços.

Uma palma suave curvou-se em seu rosto e o calor natural do seu toque sacudiu seu sexo. Ele rosnou baixo em sua garganta e soltou suas

pernas, segurando o corpo dela perto enquanto este deslizava lentamente para baixo ao longo dele. Ela não podia ver, mas sentiu sua ereção.

— Eu preciso muito te foder — ele disse, sua voz foi anormalmente baixa.

— Eu estou perto o máximo que posso... — disse ela. — Mas, seus irmãos... A Polizia. — Ela fez um gesto em direção a eles. Sua mão foi para o seu corpete novamente, e ele resmungou com desagrado quando descobriu que ela tinha enganchado o fecho novamente.

Em algum lugar atrás dele, ouviu Sevin tranquilizar os policiais.

— Tudo está bem. Estamos apenas a caminho de casa no Esquilino. Para a casa de meu irmão, Lord Bastian Satyr. — Ele enfatizou o nome, obviamente, acreditando que iria reconhecê-lo, e que sua reputação iria rapidamente fazer com que eles se afastassem. Parecia que ele estava certo, pois eles começaram a se despedir.

— Você está bem, senhora? — Um dos oficiais persistiu, aproximando. Bastian rangeu os dentes, lutando contra a vontade de enganar o homem.

— Sim, muito. — Michaela sorriu docemente sobre um ombro para ele, e o policial tirou o chapéu nas mãos, claramente encantado.

— Vamos lá, cara — chamou um dos seus parceiros, e o oficial relutantemente foi-se. Aparentemente, tendo dado a todos mais uma vistoriada foi suficiente para deixar os Polizia satisfeitos e estes seguiram em frente, pesquisando beco e testando maçanetas.

— A noite acende perigosa — Lucien pronunciou com uma voz estranha, como se soubesse algo que o resto deles não. Os olhos de Bastian estalaram para onde ele ainda estava a cavalo. Seu irmão mais novo, Luc, tinha sido sequestrado da família na tenra idade de cinco anos e havia passado os treze subsequentes anos de sua vida preso dentro de um labirinto sob as ruínas do Fórum. Durante esses anos, ele havia adquirido alguns poderes muito peculiares.

Infernos, quem sabia o que seu irmão mais novo estava pensando metade do tempo? Os médicos em ElseWorld o haviam encontrado como um enigma completo. Eles ainda confidenciaram que suspeitavam que ele estivesse brincando com eles, a fim de impedir a compreensão total de seus talentos.

Em um movimento decisivo, Bastian pegou o braço de Michaela e levou-a para o lado de Lucien.

— Monte com Sevin. Vou levar o seu cavalo — ele instruiu seu irmão. Sem argumento, Lucien deslizou do cavalo e agilmente saltou para trás de Sevin.

Levantando Michaela para a cela, Bastian se agarrou na cela, em seguida, com uma bota no estribo, se içou por trás dela. Tomando as rédeas, ele cutucou com os calcanhares, impulsionando sua montaria para o sudoeste, em direção ao Capitólio, uma das sete colinas que cercavam o Fórum Romano.

— O Esquilino é para este lado! — Sevin protestou. — Nós deveríamos nos reunir em sua casa uma hora atrás, lembra? Dane e Eva, nos esperam lá.

— Tarde demais! — Bastian apontou para o céu escuro. — O Salone está mais perto. Dane irá gerir a sua mulher esta noite muito bem sem nós.

— Para o Capitólio, então — Sevin concordou, virando para segui-lo. Os quatro correram em direção ao santuário. Para o Salone di Passione, um porto seguro onde os Lords de Satyr passariam esta noite como sua antiga herança ditava.

Silvia que montava lateralmente na frente de Bastian, aconchegou-se em seu abraço forte, a cabeça encostada em seu ombro. Suas pernas estavam cobertas por um das dele, e ela em sentiu sua coxa poderosos músculos trabalharem enquanto ele impelia seu cavalo para frente durante a noite.

— Espere — ele rugiu. Seu casaco estava aberto, então ela lançou seus braços em torno dele por dentro, abraçando sua força sólida. Virando o rosto para o oco de sua garganta, ela o beijou. Seus olhos se estreitaram e cintilaram sobre ela e sua mão apertou as rédeas. O cavalo pinoteou em reação, quase os jogando. Amaldiçoando, ele soltou a aderência e seguiu em frente, seu rosto severamente determinado.

Quando ela o tinha visto pela primeira vez na rua ainda a pouco, a alegria tinha borbulhado dentro dela. O tipo de efervescência interior e uma leveza que uma mulher sente na companhia do homem que ela ama. Uma alegria que ela compartilhava com sua anfitriã — por esta noite, todas as suas emoções seriam uma mistura inebriante de Michaela e da sua própria. Ambas eram absolutamente atraídas por ele. Mas ele pertencia a apenas uma delas. A Michaela, uma mulher que não estava morta nem viva.

Ainda assim, Silvia antecipava as próximas horas de prazer sem culpa acompanhado de uma pontinha de desconfiança. Depois de séculos de usar sua inteligência para proteger sua virgindade, ela estaria disposta a perdê-la esta noite, em espírito se não de fato.

O corpo de Michaela tinha conhecido muitos homens antes, e seu corpo seria companheiro de seu amante sob a lua cheia. Apesar de que seria Silvia a se acoplar com ele, ela, no entanto, desfrutaria de certa impunidade. Este corpo não era verdadeiramente dela, e a própria virgindade ainda estaria intacta quando ela finalmente voltasse para sua forma verdadeira.

Em vez de invejar a partilha de seu amante, Michaela parecia satisfeita com ela por estar indo com ele agora. Ela tinha aconselhado por longos anos Silvia contra ser tão rígida na sua interpretação de seus votos de castidade, afirmando que a fornicação, enquanto no corpo de outro hospedeiro não constituiria uma traição a eles. Mas Silvia tinha sempre defendido o contrário e havia permanecido firmemente pura ao longo dos séculos. Ainda esta noite, ela faria como Michaela tinha insistido há muito tempo. Ela ficaria com um homem pela primeira vez em sua vida.

Uma leve garoa se iniciou quando eles contornaram o Palazzo Nuovo, e Bastian a protegeu dela com seu corpo o melhor que pôde. Era do tipo protetor, como Michaela tinha afirmado. Esse gesto, mesmo pequeno, tocou o coração de Silvia.

Vários quarteirões depois, eles chegaram ao seu destino: o Salone di Passione. O prédio de três andares recendia a magia de ElseWorld. Ao longo de sua fachada, tinha uma série de janelas de guilhotina alternadas com pilastras coríntias coroadas com ramos de oliveira entalhada. Lâmpadas a gás tremulavam além de suas janelas, e as gotas de chuva se agarravam ao vidro estilhaçando sua iluminação em centenas de joias minúsculas. O salão servia apenas a um contingente de elite de criaturas de ElseWorld e havia sido encantado para que os inexperientes não pudessem ver esse prédio ou qualquer ida e vinda dele. Para os seres humanos, era inexistente, aparecendo somente como um bosque impenetrável. Mas para os seres de ElseWord, era um paraíso sensual.

Dois grifos de pedra enorme os assistiram desmontarem e deixarem seus cavalos fora nas mãos de criados na parte inferior da escada da frente. Os cavalos estavam nervosos agora e evitavam os irmãos quando eles os desmontaram. Em um nível mais profundo dos sentidos, eles reconheciam que esses homens estavam desenvolvendo esta noite algo mais animalesco.

Quando todos eles estavam já no nível de cima, Sevin surgiu ao lado de Silvia e falou em um aparte.

— Bastian bêbado. Você sabe como isso aconteceu?

— Uma garrafa contaminada em seu estúdio — respondeu ela.

— Quanto ele bebeu? — perguntou Lucien atrás deles.

— Eu não sei.

— Infernos, não importa. Uma única gota maldita e ele está bem oleado — disse Sevin.

— Eu estou bêbado, não surdo — Bastian lembrou-lhes secamente quando eles chegaram à porta. — Alguém enriqueceu minha garrafa com Sangiovese.

— Quem? — Os três perguntaram ao mesmo tempo.

— Não faço ideia. Foram apenas algumas gotas, graças aos deuses. Mas eu ainda sinto seus efeitos. — Seu olhar varreu Silvia, escaldando-a.

No limiar do salão, Sevin se colocou a suas costas, as suas palavras deixando claro que ele supôs que ela era Michaela.

— Este Chamado ele vai acertá-la mais duro do que você já viu antes — ele alertou. — Se você quiser correr, vá agora. Uma vez que tudo começar, será tarde demais.

Seus olhos se arregalaram. Correr?

Bastian voltou-se na porta, olhando entre eles. As narinas infladas e seus olhos se estreitaram com suspeita selvagem que ela nunca tinha visto emanar dele antes. Ele estendeu o braço para ela.

— Michaela?

Michaela. Sim. Isto era para ela. Silvia entrou no Salone e tomou o braço que ele ofereceu, tentando fingir para si mesma que isso era apenas para ser uma realização de outro abnegado desejo de morte e que não era meramente uma desculpa para fazer precisamente o que ela queria. Deitar com este homem — o amante de sua melhor amiga.

Um gigantesco sentinela de um olho acenou para os quatro e levou seus casacos quando eles passaram por uma elegante sala de estar. Esta estava pontilhada com pequenas mesas e sofás e uma multidão de criaturas de ElseWorld — centauros, duendes, fadas, Nereida, mermen, e muito mais. Todo mundo aqui parecia estar formando alianças e negociações em preparação para o que aconteceria, uma vez que entrassem no salão principal além desta sala.

Silvia esperava os irmãos para soltar a sua guarda, uma vez que a ameaça de descoberta humana era inexistente dentro destas paredes. No entanto, sua tensão só tinha aumentado. Suas expressões eram ferozes e vigilantes quando eles se posicionaram em torno dela, formando uma fortaleza masculina ao seu redor enquanto eles navegaram pela sala. Ela logo começou a perceber por que.

Ela tinha vindo aqui antes com Michaela, enquanto estava no corpo de Rico. Mas essas visitas tinham sido a luz do dia quando a atmosfera aqui tinha estado alegre e fácil. Ela descobriu que o salão ganhou um clima completamente diferente depois do anoitecer, quando a lua cheia estava à espreita. Agora, um humor, contraditório carnal picante estava nas imediações. Todo homem estava cuidadosamente guardando seu companheiro escolhido, seus olhos fixos nele ou nela com sincera intensidade. Aqueles que tinham vindo sozinhos vagavam, buscando avidamente por um parceiro em potencial ou um grupo disposto a incluí-los em sua noite de entretenimento.

Os irmãos não pararam nesta antessala, mas rapidamente introduziram-na através de uma cortina de veludo vermelho e até a próxima câmara. O salão central, onde todos iriam passar esta noite especial.

Era uma gigantesca, magnífica sala com um teto dourado abobadado que subia três andares de altura para formar uma cúpula. Circundando a vasta circunferência dos andares superiores estavam filas de camarotes com varandas. Candelabros enormes forjados de metais preciosos foram posicionados entre os camarotes, banhando áreas estratégicas do chão em seu brilho radiante, enquanto propositadamente deixando outros na sombra. No centro do salão, um carrossel girava com lentidão hipnotizante. Dragões envernizados, unicórnios e outras criaturas fantásticas arremessavam para cima e para baixo sobre ele, alguns dos pilotos pegos em eróticos, ondulantes abraços.

As suaves cepas de música que emanava do carrossel eram pontuadas com o clique ocasional de uma abertura de porta para admitir aqueles que buscavam privacidade em uma das câmaras menores que cercavam o piso principal do salão. Os sons abafados de risos, conversas, e gemidos cobriam o ar cada vez que uma porta era aberta.

A mão de Bastian estava quente na cintura de Silvia, guiando-a através da sala. Era um gesto nobre e territorial. Seus olhos corriam ao redor do salão. Quando tudo começaria? Onde ele estava levando-a? Será que eles entrariam numa daquelas câmaras que cercavam o expansivo assoalho principal?

Pelo menos metade deles eram meramente alcovas, ela viu algumas com cortinas em suas entradas, e outras deixadas abertas para o salão principal, de modo que qualquer pessoa podia ver os participantes dentro. Os interiores dos quartos tinham sido projetados para atender uma variedade de inclinações. Um imitando um verdejante jardim, floral com uma passagem,

fontes de pedra e bancos de ferro forjado. E outro cheio de feno para estábulo.

Havia configurações austeras contendo apenas um ou mais estágios de plataforma e mobiliário desconfortável. Parafusos de ferro misterioso e pequenos visores foram embutidos em intervalos em ambas as suas paredes e teto, bem como em locais estratégicos sobre o mobiliário. Grande parte destas ferragens foi enfiada com extensões de couro, que terminavam em fivelas de metal. Em uma câmara por qual passou, uma mulher estava prendendo os próprios pulsos com algemas delicadas enquanto seu parceiro observava.

Em contrapartida, algumas alcovas foram feitas exuberantes — um quarto de vestir feminino, com babados iluminado em tons pastel, e outro com um divã, sofá de descanso, e balanço estofado, tudo iluminado no berrante, excitante escarlate e roxo de um bordel.

Parecia que qualquer fantasia que se possa imaginar podia ser encontrada aqui em uma dessas salas. Qualquer entretenimento. Ela olhou para Bastian e encontrou seus olhos em seu peito. Ela colocou a mão lá, e seus olhos se encontraram prata e violeta.

— Onde estamos indo? — Perguntou ela.

— A gruta — veio sua resposta dura.

Sevin olhou para ele, e leu algo de que não gostou em seu rosto, ele apertou seu braço, chamando seu grupo a um impasse.

— Deixe-me possuir Michaela esta noite. Luc e eu vamos tomar conta dela e devolvê-la a você bem e satisfeita pela manhã.

— O quê? Não! — Silvia se opôs violentamente. A sugestão chocante tinha feito sua mente lutar para reformular a imagem dele. Ela se tornou amiga de Sevin rapidamente, enquanto ela estava na forma de Rico, e, portanto, só tinha visto um lado avuncular dele. Mas ele era um homem, afinal. Que dividia o mesmo sangue Satyr luxurioso com Bastian. Sua voz estava como aço agora e nervosa, e ele estava olhando para ela com sua própria marca de fome masculina. E com um toque de preocupação. Parecendo não ouvir sua recusa, ele a pegou pelo braço e deu a seu irmão um olhar intratável.

— É para seu próprio bem. Você sabe que é.

Silvia estendeu a mão para Bastian, colocando uma mão em sua camisa branca.

— Eu sou um brinquedo para ser passado ao redor sem o meu consentimento? — Ela protestou. Existia apenas um homem aqui que ela ansiava para ela própria.

Embora sua expressão fosse uma nuvem de tempestade de emoções conflitantes, seu braço veio ao redor de sua cintura e sua mão apertou de forma tranquilizadora.

— Ela é minha.

Sevin parecia prestes a discutir mais, mas parou quando Luc se aproximou dela. Sem palavras, ele levantou a mão delicadamente em concha e tocou em seu seio e em nenhum outro lugar. Assustada, ela pulou para trás, assim como Bastian a puxou para ele. Um alerta baixo foi emitido do fundo de sua garganta. O som parou todos em seus lugares. Ele realmente rosnou, como um urso ou um lobo! Como se ele não fosse um homem, mas sim algum animal selvagem defendendo sua companhia.

— Hoje não. — Era um pronunciamento um tanto obscuro para a sua mente, mas seus irmãos pareceram entender seu significado. Presa, ela assistiu um flash de comunicação silenciosa entre o trio. Michaela provavelmente entenderia as nuances de tudo que estava acontecendo. No entanto, ao contrário de outros hospedeiros que Silvia tinha tomado, ela estava guardando segredos, revelando apenas o que ela queria que Silvia soubesse quando ela queria que ela soubesse disso. Era uma compreensão perturbadora e deixou Silvia com uma sensação desagradável de que estava a um passo de um precipício e cair em algum desastre imprevisto.

Lucien olhou à deriva por sua rejeição. Sua expressão claramente indicava que ele tinha vindo aqui na suposição de que ele iria se deitar com ela. Mas Bastian não lhe ofereceu nenhuma simpatia, e em vez disso passou os braços em torno dela e beijou-a profundamente, como se a esfregar que ele a possuía no rosto de seu irmão mais novo. Foi um longo, profundo e emocionante beijo que marcou sua clareza quanto a dele. Seus lábios se agarraram, e seus olhos.

— Sim — ela murmurou, respondendo a pergunta silenciosa do seu corpo. Sim, ela queria a ele. Só ele.

Havia outras companheiras em oferta para seus irmãos. Pelo menos uma meia dúzia de fêmeas de ElseWorld já se reuniam nas proximidades e estavam olhando os irmãos com fome feminina. Quando outros parceiros potenciais revoaram perto, eles foram rejeitados. Essas mulheres estavam, obviamente, esperando que os Lordes Satyr pudessem escolher parceiras dentre elas para a noite. Uma delas enviou a Sevin um sorriso de vem cá. Com um aceno, ele acenou e sinalizou que ela abordasse Luc com seus favores.

Mas Luc levou a todos a ficarem em guarda de repente aproximando-se de Silvia novamente, desta vez enroscando um braço em torno dela em um

movimento ousado que causou desprazer em seu irmão mais velho. Ela sentia a tensão dos músculos endurecidos em Bastian, em seguida, ouviu Sevin cauteloso, pegando o braço dele quando ele fez um movimento de ataque em direção a seu irmão mais novo.

— Deixe que ele tenha esse tanto, Bastian.

Então tudo o que ela sentiu foi Luc, pois ele a puxou para mais perto, seu braço juntando-se ao de Bastian na parte de trás de sua cintura enquanto sua cabeça se inclinava para a dela. Seus irmãos mais velhos pairavam sobre eles, vendo como suas mãos foram para os músculos rígidos de seus braços, incertos. Mas este irmão mais novo não era desconhecido para Michaela, Silvia rapidamente pescou. E seu corpo respondeu quando ele apertou os lábios nos dela. O beijo de Luc era todo intensidade solene e calor apaixonado. Parecia proprietário, como se ele acreditasse que tinha algum direito a ela. Como se tivessem sido amantes. Eles haviam sido, ela percebeu de repente. Quando ele se afastou, seus olhos estavam sabendo. Seu olhar ascendeu para Sevin e viu um homem diferente daquele encantador urbano que ela veio a conhecer. Seus olhos prata tinham derretido e ficado possessivo, o corpo tenso, com ameaça carnal. O Instinto lhe disse que este era o macho que se tornaria no escuro, com uma mulher. No seu olhar quente ela leu o mesmo conhecimento que ela tinha visto em Luc, um conhecimento que lhe disse que ele tinha acasalado com esse corpo que ela agora usava.

Uma visão desabrochou abruptamente e saltou em sua mente, arrancado das memórias de Michaela. Era um quadro congelado de quatro amantes, — os quatro —, em vários estados de despir-se e fechados juntos num abraço hedonista.

Vestindo apenas uma camisa desabotoada, Sevin estava esparramado em um divã extravagante, com os pés plantados amplos sobre o tapete diante dela. Vestida apenas com meias, Michaela ajoelhava-se entre suas coxas, as próprias pernas ligeiramente afastadas posicionadas para ele, e seus dedos bifurcando as dobras de sua delicada carne rosada feminina em um convite. Uma de suas mãos entrelaçava a curva de sua cintura, e sua outra mão guiava o eixo de sua ereção imensa. Seus olhos observavam atentamente quando a gorda cabeça de cogumelo a perfurou, começando a sua penetração inicial.

Diretamente atrás dela, Lucien estava completamente vestido e de joelhos. Ambas as mãos estavam no traseiro dela, abrindo suas bochechas para um pau que se igualava a seu irmão em tamanho e que angulava das calças aberta, empurrando sua cabeça em sua divisão.

Mas era Bastian que dominava a cena. Ele estava em pé diante de Michaela, ao lado da coxa de Sevin, com uma das mãos em concha na sua nuca e seus olhos prateados brilhando para ela com uma espécie de afeto lascivo. Seu peito, largo musculoso estava nu, sem camisa e as calças abertas pendiam quase a seus joelhos. A mão direita de Michaela estava levemente apoiada em seu quadril e a outra cercava seu pau enorme e ingurgitado. Ele subia como uma arma erótica e escura de sua virilha e era tão grosso na circunferência que seus dedos não se reuniam em torno dele. Seus lábios estavam molhados e se separaram, os olhos adoráveis em seu belo rosto enquanto ela se preparava para atraí-lo em sua boca, mesmo enquanto ela recebia dois de seus irmãos dentro de seu corpo.

Silvia olhou de relance para Bastian e corou a consciência em sua expressão. De alguma forma, ele adivinhou seus pensamentos tão facilmente como seus irmãos também tinham feito. Embora todos esses três homens, aparentemente houvessem deitado com Michaela, ela somente agora tinha confidenciado esta informação para Silvia. *Um aviso mais cedo teria sido bom*, Silvia murmurou silenciosamente.

— Basta — Bastian ameaçou, as mãos em punhos quando Lucien não recuou com rapidez suficiente para longe.

Luc sacudiu os olhos para ele em desafio. Apesar de seu toque ter sido masculino e confiante, não a havia afetado nem a feito derreter como o de Bastian fez. Pois ela amava esse homem e não o outro.

— Sinto muito — ela disse a ele, tocando a mão dela com a dele.

— Não procure problemas, Luc — Sevin murmurou. Movendo-o em direção as fêmeas que haviam se reunido nas proximidades, ele fez um gesto para elas. — Escolha outra. — Em seu reconhecimento, várias de suas admiradoras o rodearam, tocando seu corpo familiarmente. Ele era dono do salão e isso provavelmente lhe dava acesso a muitas camas das mulheres aqui, Silvia coletou.

Uma fada fêmea corajosamente apertou-se contra Luc e puxou sua cabeça até a dela. Ele beijou-a profundamente, mas de uma maneira que indicava que a sua mente estava em outro lugar. E então, como um autômato, ele colocou um braço ao redor dela e seguiu Sevin e as outras em direção ao muro das câmaras.

A grande mão de Bastian veio em volta de Silvia, e ela imediatamente se esqueceu de seus irmãos e suas mulheres quando ele virou, orientando-a para seu destino escolhido.

Capítulo 12

Com pressa sombria, Bastian dirigiu Michaela para trás do carrossel e em direção ao alto portões de ferro forjado ele procurou justo além dele. Shimmerskins,— seres servis que poderiam ser evocado do nada apenas pelos Satyr — e que atuavam como sentinelas aqui, se afastaram quando ele se aproximou, abrindo os portões. Vestidos de forma formal, com roupas pretas, eles tinha seus olhos em frente, cuidado na sua falta de reconhecimento das idas e vindas de seus mestres.

Depois que ele e Silvia passaram pelos portões, os servos fecharam e os trancou. Vendo isto, Silvia olhou para ele. Ele leu a pergunta em seus olhos: *O que acontece aqui que deve ser mantido tão seguro?*

Ele deslizou a mão até sua coluna, sob a queda de seu cabelo sedoso, e guiou-a para cima ao longo de um caminho trabalhado em pedra deliberadamente cru forrado com vegetação exuberante.

— Sevin a avisou contra mim esta noite — ele disse a ela. — Você deveria ter corrido, em seguida, se você quisesse.

— Eu não quero correr.

Ele deu uma risada, oca e melancólica. Ela não sabia o que ele iria se tornar, sob a influência da uva. Nem mesmo seus irmãos sabiam.

Mas eles iriam pensar de maneira diferente se o tivessem visto durante os anos que ele passava seus dias e noites fornicando, com uma garrafa de vinho sempre de fácil acesso.

Sua primeira experiência com o vinho feito pelo esmagamento de uvas cultivadas em antigos vinhedos Satyr havia chegado a sua primeira noite de Chamado. E sobre aquele pequeno, experiência inicial, ele havia caído em um abismo. Tinha sido a semana de seu aniversário de dezoito anos — no mesmo dia seus pais tinham morrido da Doença. Ainda assim a lua não tinha lhe mostrado nenhuma compaixão. Tinha sido implacável em chamá-lo para adorar a noite, exigindo que ele se envolvesse nos rituais antigos carnavais dedicados a Baco.

Uma vez que tudo tinha terminado e chegado o amanhecer, ele deixou a Itália e seus irmãos mais novos, que tinham precisado dele. Mas o vinho tinha sussurrado a ele que disparasse, e o ordenou a vagar, buscando só o prazer. Ele viajou ao continente, visitando sítios arqueológicos de todos os tipos e encontrando seu caminho entre as coxas de centenas de mulheres, em uma bebedeira que durou quatro anos. Ele só parou por acidente, quando ele

ficou preso em uma montanha de neve na Mongólia por uma semana sem os espíritos. Assim, ele tinha sido libertado do feitiço do vinho. Ele nunca havia tocado uma gota de bebida alcoólica desde então. Até hoje.

Uma gota suave do toque de cachoeiras chegou aos seus ouvidos enquanto ele conduzia seu cordeiro para o abate sibarítico ao longo de um caminho que os levava sempre para cima.

— Onde estamos? — Ela perguntou.

Ele lançou seus olhos em sua direção, seu apetite por ela só aumentou com a visão de seu corpo esguio feminino e o conhecimento que ela era sua pela noite por vir. Seu próprio corpo insistiu com ele para possuí-la imediatamente, aqui neste paraíso suntuoso. Mas ele devia aguardar a Mudança. Apenas mais alguns minutos até que tudo começasse.

— É uma espécie de ilha, que fica distante do resto do Salon de Passion em virtude das grades de ferro que a cerca — ele disse a ela. — Um domínio privado estritamente para uso da minha família. Dedicado ao nosso deus.

O caminho terminou em uma idílica clareira exuberante, cercada por plantações densas de flores de ElseWorld, uvas viníficas, e outras vegetação. No seu centro estava uma gruta encantadora, que tinha forma de um anfiteatro. Suas laterais erguiam-se para formar uma caverna rasa de 20 metros de altura e largura. Milhares e milhares de escudos tinham sido colocados em seu cimento, formando um mosaico de cenas eróticas em que os deuses visitavam os mortais. Em torno de sua borda foram esculpidos animais fantasiosos e bestas lúgubres. Este paraíso foi construído por Sevin e ele frequentemente passava seus Chamados aqui. Mas esta noite, Bastian o tinha reclamado para si mesmo, necessitando desse confinamento de paredes como uma contenção que ele precisaria pelo que se tornaria.

Ele já sentia câibras no abdômen, sua pele formigar. Um clarear baixo de pelos em breve cobririam suas ancas e se estenderia mais baixos ao longo de suas pernas chegando até os tornozelos. Outra característica da besta insaciável que ele se tornaria. Ele parou ao lado da piscina, que ironicamente era dedicada a Baco, o Deus romano do vinho. Seu deus, que iria assistir ao longo dos trabalhos desta noite e se deliciar com seus trabalhos aqui.

Os olhos de Bastian foram para o altar situado no muro baixo na frente da piscina rasa, e a visão aperfeiçoou sua necessidade, torcendo em direção para o desejo lascivo da obsessão. Este era um altar que os Satyr tinham utilizado desde os tempos antigos para celebrar suas noites nupciais e outros Chamados como este. Ele tinha sido trazido até aqui de um templo de ElseWorld. E era aqui que ele iria unir seu corpo com o de Michaela,

exatamente como legiões de sua espécie tinham acasalado seus amantes nos séculos passados. Ele não tinha certeza do porque parecia tão crucial para que ele trazê-la aqui, agora, quando ele nunca tinha sentido essa necessidade antes. Mas algo estava diferente nela esta noite, e desde o momento que ele tinha visto ela levantar-se da rua, ele só pensava em trepar com ela aqui. De amá-la aqui, diante do Deus de sua família.

Tenso por seu vício, ele olhou em sua direção novamente e viu um clarão vermelho-dourado se sobrepondo ao brilhante cabelo escuro. Instantaneamente, isso foi embora. Que inferno foi isso?

Ela levantou as sobrancelhas.

— O que há de errado?

Ele balançou a cabeça.

— O vinho... Está me afetando.

O vinho sozinho foi o suficiente para fortalecer seus apetites sexuais para além do que Michaela estava acostumada. Mas a cor que surgiu agora estava empurrando-o sobre a borda de um âmbito de um novo território onde as delícias carnavais acenavam mais intensas do que ele nunca perseguiu, e onde ele não podia confiar em si mesmo para conter qualquer impulso lascivo.

Deuses, quando a lua chegaria! Ele tinha que fazer alguma coisa para ganhar a batalha de sua luxúria ou ele iria começar muito cedo com ela. Rasgando seu corpete, ele colocou as mãos em sua camisa, querendo sentir seu toque. Então ele viu suas próprias mãos moverem-se incessantemente sobre sua roupa, moldando seus quadris, costelas, peito.

— Continua? — ela disse em resposta tardia ao seu comentário, enquanto suas mãos começaram a passear sobre seu peito. — Mas eu pensei... Que seus efeitos pareciam ter diminuído.

— Eu quis dizer quando a mudança vier. O vinho que eu bebi antes vai tornar as coisas entre nós... diferentes... do que você está acostumada comigo.

Suas mãos acalmaram e o seu olhar inclinou até o dele, vagamente alarmado.

— Por quê? Você e seus irmãos bebem um elixir feito de uvas de vinho da sua família antes de cada Moonful. Todos os Satyr fazem isso.

Ele pegou seus ombros, deslizando os dedos sob o tecido do vestido.

— Eu sou diferente de meus irmãos. Não consigo tolerar os espíritos. Você nunca perguntou por que eu só bebo da garrafa em meu escritório?

Ela assentiu, olhando estranhamente furtiva, como se ela não soubesse disso e tinha só agora conhecimento disso por seus lábios. No entanto, ele sabia que não era o caso.

Ele empurrou os ombros de seu vestido de lado fazendo seus braços relaxarem para baixo, fazendo com que seu corpete para ficasse totalmente aberto. A cabeça dela se inclinou e os dentes brancos puxaram o lábio inferior enquanto ela observava-lhe acariciar as curvas voluptuosas que tinha revelado.

— Essa garrafa contém uma bebida que substitui o vinho e é feito especialmente para mim — continuou ele, somente prestando metade da atenção em suas próprias palavras. — Eu nunca lhe disse por que não era necessário. Mas agora... você deve saber que, enquanto a noite avança, vou tornar-me mais... — Ele se inclinou para cobrir o bico de uma mama com a boca quente, chupando fortemente sobre ela. Ela baixou os cílios e sua cabeça pendeu para trás, seus dedos nos punhos de sua camisa.

Ela sempre teve um gosto tão doce, tão desejável? Ele se afastou, apreciando a vista de seu mamilo, molhado e ereto pela sua boca. A cor que a tingia apenas tinha tornado-se mais intensa desde que ele segurou-a. Uma onda primitiva de propriedade lavou em cima dele, e dentro de sua calça, seu pau doeu por ela.

Ele rangeu os dentes. Talvez tocá-la assim, quando ele ainda não podia possuí-la sob ele não fosse uma boa ideia, afinal.

— Sim? Você se tornará mais...? — Ela solicitou.

— Mais territorial... insaciável... mesmo bestial — ele terminou bruscamente. Ele a soltou e passou a mão pelos cabelos. — Infernos, eu não sei mais o quê.

Ela colocou uma mão no braço dele e ele olhou para ela.

— Eu não vou deixar você — Ela prometeu. — Não importa o que aconteça. Eu...

Agora, Silvia pensou. Agora era a hora de dizer a ele. De conceder o ultimo desejo de Michaela. Para confessar seu amor. Agora. Ela lambeu os lábios, olhando para ele com o coração de duas mulheres em seus olhos.

— Bastian, eu...

De repente, ela ouviu um barulho e olhou para cima para ver se formando uma rachadura no teto abobadado alto do salão.

— O que está acontecendo?

Bastian afastou-se dela e baixou os braços para os lados, em seguida, falou em um tom monótono e sinistro.

— Começou.

Acima deles, o teto abobadado continuou a se dividir por uma única linha central, as suas duas metades retraindo para revelar uma segunda cúpula exterior, esta era envidraçada. Bastian moveu-se para o outro lado da clareira e estava olhando para baixo. Ela foi até ele e colocou uma mão em suas costas, querendo dar conforto.

Desse ponto de vista, a gruta era ignorada por grande parte do salão abaixo. Enquanto observavam, cada porta e cada cortina foram abertas. Não importa em que estado de vestir ou despir-se estavam, cada criatura no salão aventurou-se para a sala central, olhando para o céu. Um suspiro coletivo soou quando a lua finalmente recompensou-os. Deslizando por trás de uma nuvem, ela de repente banhou todos em uma luz branco azulado glorioso.

E cada rosto se levantou para ela, comemorando a sua chegada. Os braços levantados e murmúrios infundiram no ar, todos a acolher a vinda da lua.

Até mesmo Silvia foi afetada, tendo o antigo sangue de ElseWorld bombeado nas veias de Michaela e na sua própria. Mas os Satyr eram bem conhecidos por serem muito mais afetadas por este evento que qualquer outro ser do seu mundo distante. Ela observava Bastian, encantada. Seu rosto estava virado agora, e ele usava uma arrebatadora expressão enquanto ele se vangloriava ao abraçar a lua. Ali de pé sobre o controle do Chamado, ele parecia tão poderosamente construído e tão surpreendentemente bonito como qualquer deus que ela já viu.

Enquanto a luz lunar divina o banhava, Bastian sentiu as cólicas familiares se apoderar cruelmente de sua barriga esticada. Todos os músculos do seu corpo contorcido se contraíram. Um surto de luxúria encheu seu pau, endurecendo-o como uma rocha. E ainda assim ele ficou lá, com o rosto levantado para a Lua, deixando acontecer. Deixando o êxtase lavar sobre ele.

De todos os lados ao redor deles vieram gemidos de excitação, deleite, prazer e dor. Eles subiram em uma cacofonia maravilhosa de todos os cantos do salão, quando cada raça de criatura de ElseWorld mudou fisicamente a sua maneira — na forma como os antigos tinham decretado que deveriam.

Sua barriga atada sob uma súbita torção de uma bárbara faca afiada. Um áspero gemido irrompeu de sua garganta e ele caiu de joelho. Seu rosto tornou-se uma careta sublime e agonia terrível. Uma mão se atrapalhou nos fechos de suas calças e sua outra arrancou sua camisa. Tudo o mais foi esquecido, quando esta, — a última alteração física da noite de Chamado — ocorreu.

Longos momentos depois, tudo estava acabado. Ele estava uma criatura bizarra agora do tipo que povoava a mente dos seres humanos como “pesadelos eróticos”. Uma anomalia bizarra a qual era apenas sussurrada, e que em alguns períodos da história haviam sido caçados e capturados por seus haréns particulares e zoológicos. Que neste século, eles eram como mito e rumor.

Ele tocou-se, levando dois dedos para cima ao longo da parte inferior de um eixo de carne recém-despertado. Circulando a cabeça, roliça e brilhante deste comprimento prodigioso, ele o encontrou e esfregou a pérola do pré-sêmen em sua fenda. E ele estremeceu. Moonful o tinha premiado com esse novo eixo de nervos e tendões — este segundo pênis arrancado de sua própria carne. Depois de uma única ejaculação, se recolheria novamente, para reaparecer com a próxima lua cheia. Mas, por enquanto, ele se estendia alto e duro de sua pélvis e era de comprimento e grossura idêntica à do pênis que estava enraizado justo a uma polegada mais ou menos abaixo dele, em seu pelo escuro. Ambos ansiavam o santuário de um corpo feminino.

Michaela. Seus olhos encontraram-na, e por um instante, ele viu outra imagem impressa sobre ela mais uma vez. A de uma mulher com os olhos azuis como o céu claro e de selvagem cabelo vermelho-dourado. Seu desejo aumentou dez vezes. Velas tremulavam ao redor dela, e o nevoeiro ascendendo da piscina se agarrou a ela, borrifando-a com centenas de minúsculas joias perfeitas. E então era Michaela novamente, com seu cabelo escuro e sedoso e olhos violeta sensuais.

Ele se levantou em um movimento ágil. Seus olhos desceram para sua virilha. Apesar de sua calça estar aberta, sua camisa escondia suas ereções pelo momento. Ele olhou para ela, seu olhar prateado inabalável, predatório. A besta dentro dele se escondia perigosamente perto da superfície.

— Venha aqui — ele rosnou.

O coração de Silvia bateu com uma espécie de emocionante e aterrorizante antecipação. Ela não tinha nenhuma experiência pessoal nos assuntos carnavais com os homens. E, a julgar pelo brilho no olhar de Bastian, isso não estava destinado a ser uma introdução calma. Seu pulso tremulava na base da sua garganta e ela engoliu contra um tremor de medo.

Ao longo dos anos, ela tinha tomado cortesãs, concubinas e esposas entre seus hospedeiros. No entanto, ela sempre conseguiu iludir as artimanhas de seus homens. Até agora, suas habilidades em subterfúgio quando se tratava de se esquivar das obrigações de suas hospedeiras concupiscente eram bem afiadas. Mas esta noite, ela não iria empregar esses artifícios contra Bastian.

“Esta noite, você fará tudo o que ele ordenar. Você vai acomodá-lo em seu prazer”. As palavras, do encantamento, de sua querida amiga ressoaram em sua cabeça.

Michaela queria que ela estivesse aqui. Queria isso. Na verdade, Silvia queria isso também.

Nenhum Moonful antes tinha despertado suas paixões tão fortemente. Antes, ela havia passado todas essas noites em contemplação silenciosa como tinha sido ensinada no templo.

O que estava diferente esta noite? Seria este lugar? Seria a presença de Bastian e Michaela, e seu amor por ambos que pediu que se deitasse com ele?

Seus passos foram silenciosos enquanto cruzou a curta extensão de terra coberta de musgo e foi até ele. Ela colocou uma mão — a mão morena de Michaela — em seu peito.

Os dedos dela deslizaram para dentro do fosso entre os botões de sua camisa, encontrando a pele resistente dourada por baixo. Ela acariciou um mamilo, retesado e plano e os músculos do peito flexionaram sob seu toque. Imagens dele envolvido com outras parceiras durante outros Chamados do Moonful encheram sua mente — imagens dadas a ela por Michaela, em que seus olhos prateados brilhavam e seu corpo tinha virado mais animal do que humano.

Ela arrebatou sua mão para longe.

Duas Shimmerskins femininas vestidas com seda fluído translúcida apareceram ao seu lado, aparentemente conjuradas das trevas circundantes. Bastian devia tê-las trazido, pois a habilidade de invocar tais criaturas era um talento peculiar dos Satyr. Seus movimentos e vestidos eram exóticos, destinados a excitar. Quando suas mãos vieram para lidar na fixação das roupas de Silvia, ela automaticamente recusou.

— As deixe. — Ao comando da voz baixa de Bastian, o humor na gruta de repente mudou e foi permeado por uma nova tensão crepitante. Seu olhar a queimava como sua propriedade. Exercendo sua vontade masculina agora, ele estava dando o tom de como tudo seria entre eles. Ele iria dirigir as coisas, não ela. Assim era o modo do Chamado. Em outras noites, uma fêmea poderia ser um parceiro igual na dança sexual, mas nesta noite, a vontade masculina sempre dominava a feminina. E era o que ela desejava dele. Nesta noite.

Ainda assim, ela não conseguia deixar de recordar de outros olhos masculinos que tinham repousado em seu corpo há muito tempo, em uma noite diferente, quando outras velas tinham queimado nas

proximidades. Estes foram os olhos de seis homens, cujo único objetivo foi o de machucá-la. E estas memórias deram-lhe agora uma pausa.

Silenciosamente e suavemente, Michaela cortejou para longe estas dolorosas memórias sussurrando suas próprias lembranças. Ao preencher sua mente com pensamentos de como o poderoso corpo deste homem lhe trouxe prazer. De como ele poderia fazê-las se sentirem esta noite se apenas Silvia lhe permitisse vê-la. Tocá-la. Para fazer o que ele quisesse.

E assim a hesitação dela e suas mãos cederam lentamente, e Silvia o deixou assistir as Shimmerskins habilidosamente revelá-la. Ela rapidamente deduziu que isto não era para ser um exercício de eficiência, mas sim uma intenção de provocação. Enquanto os seres graciosos trabalhavam vagarosamente, ela sorriu para si mesma, pensando que seus ritmos estavam sob a instrução de Bastian. Mãos lentas, Michaela tinha dito. Quando seu corpete e espartilho foram retirados, suas assistentes gentilmente abriram o tecido dando a luz para a apreciação de seu amante. As suas mãos em concha em seus seios, elevando os roliços mamilos e suavemente comprimindo-os em pico. As mãos de Silvia se fecharam em punhos em seus lados e ela corou, sentindo os olhos de Bastian na carne que ela nunca antes exibira a um homem... de bom grado. Quando apenas as meias e calcinha permaneceram, ele finalmente mandou parar.

— Deixem o resto — disse ele em um tom de voz escura e áspera. As Shimmerskins deixaram-na e cada uma tomou um de seus cotovelos, levando-a para o muro baixo de pedra que cercava a piscina da gruta.

Terminando suas funções, elas simplesmente desapareceram na bruma. Despojando-se de suas botas e calças, Bastian veio até ela e tomou-a nos braços antes que ela tivesse oportunidade de apreciar plenamente a visão de seu corpo. Quando ele a puxou para mais perto, ela engasgou com os eixos rígidos que esticados contra sua barriga. Embora escondidos sob a bainha de sua camisa, o seu poder, força e tamanho eram inconfundíveis. O alto entre as pernas dela, sua carne privada derreteu, chorando por falta deles.

Ele beijou-a profundamente e as mãos dela curiosas aventuraram-se para baixo, encontrando os eixos gêmeos de aço aveludado. Mãos algemaram seus pulsos, tomando ambos por trás dela e mantendo-os na base de sua espinha. Seus olhos brilharam duro, feroz, e ela sentiu que ele estava se movendo perigosamente perto da linha que separava o homem de algo mais sombrio e irredimível. Seus lábios roçaram em seu ouvido e sua voz chegou quente e faminta.

— Você sabe do que eu preciso.

De joelhos. Sussurrou uma voz dentro dela.

De alguma forma, compreendeu o que era pedido, Silvia soltou seus pulsos, desviou-se dele e ajoelhou-se no altar do seu deus. E quando seus joelhos foram amortecidos pelo musgo maleável verde que cobria o banco diante do altar, ele ajoelhou-se atrás dela, seus joelhos no vão entre os dela. Sua mão grande pressionou em suas costas, e ela caiu para frente sobre o negro altar de ardósia natural. Ela engasgou com o frio que seus seios encontraram, pois o altar estava molhado de névoa da cachoeira, que tinha se acumulado em sua superfície irregular.

Ela inclinou seus braços, apoiando-se um pouco mais acima. Dando uma torção para olhar para trás, para ele, ela viu quando uma das Shimmerskins foi rematerializada ao lado dele e segurando um jarro ela o inclinou na direção dele. Ele colocou as duas mãos em concha imprecisamente diante dele e o óleo foi derramado em suas palmas. Encontrando o seu caminho por entre os dedos, um pouco caíram para embeber o tecido de sua roupa íntima. Suas mãos foram sob a barra de sua camisa e começaram a trabalhar lá, alisando o óleo sobre seus paus. Silvia observou em fascínio, não tendo certeza se sentia frustração ou alívio por sua camisa permitir a ela apenas lampejos aleatórios enquanto as mãos dele se moviam, preparando-os. Para ela.

Parecendo ter pena dela, a Shimmerskin desabotoou sua camisa e puxou-a abrindo-a e prendendo-a a sua volta para mostrar-lhe o que queria ver. Sorrindo para seu arquejo, a criatura então desapareceu novamente. Silvia sentiu os olhos ávidos de Bastian em seu rosto enquanto ela o observava descaradamente alisar-se com o óleo que ele tinha pego, os punhos subindo e descendo nos dois eixos em ereção voluptuosa, desde as raízes até as cabeças inchadas, e vice-versa. Ambos os pênis estavam ingurgitados e enormes, os seus comprimentos proeminência de nós com veias azuis, e suas cabeças lisas ruborizadas arroxeadas com fome carnal.

Dentro de instantes, ele estaria indo para colocá-los dentro dela. Socando-a com eles tão duro e tão longo como ele gostava, e por meio deles iria transmitir a sua semente.

Se de alguma forma, ela se libertasse e fugisse dele agora, ele só iria caçá-la e arrastá-la para baixo dele novamente, diabolicamente inclinado a ter o seu caminho.

Embora ela não tivesse intenção de fugir, saber que ele ansiava por ela com exasperado desespero masculino era uma emoção deliciosa.

Até agora, a cabeça estava girando levemente — com uma sensação semelhante a que ela tinha experimentado uma vez ao beber vinho um pouco demais.

— As flores — ela murmurou surpresa, olhando para as plantações exuberantes à beira da gruta. — Elas são afrodisíacas. — Sua fragrância estava em toda parte neste lugar, perfumando o ar. Relaxando e preparando-a para o que viria.

O olhar de Silvia disparou para Bastian. Seus olhos se estreitaram e brilharam para ela, sua expressão predatória. De repente, tudo começou a se mover quase demasiado rapidamente. Enganchando seus quadris, ele a reposicionou ante ele, num movimento que a obrigou a olhar para longe dele e para a parede extrema da gruta. Rip! Com um empurrão sem remorso, ele fez um longo rasgo na parte traseira de sua calcinha, em seguida, rasgou e jogou-a longe, desnudando-a. Um joelho derrubou suas pernas alargando-as, e as coxas dela pressionaram contra a parede de rocha lisa, fixando-a aberta para seu uso apaixonado. Mãos grandes amassaram as bochechas de seu bumbum.

Paralisada, Silvia olhava sem fôlego na piscina da gruta, que rodou suavemente no altar sobre o qual ela estava. Ela viu o movimento em suas águas. A torção de corpos iridescentes. Criaturas Mer de passagem.

As cabeças elegantes de seus paus cutucaram suas entradas. Suas suavidades, quentes insistentes separaram sua carne, uma pressionando entre a divisão de seu traseiro e a outra nas dobras de sua entrada feminina que já estava embaraçosamente lisa com seu desejo.

Deuses, ele era grande. Maravilhosamente assim. No entanto, ela se sentiu impelida a afastar-se da intensa pressão de seu avanço. E não poderia, pois as coxas delas estavam grudadas a frente do altar e os seus joelhos nos dela a abriam amplamente, deixando seu corpo sem escolha, a não ser acomodá-lo. Ela gritou quando sua carne foi esticada além do conforto. As mãos de Bastian a acariciaram e ele murmurou-lhe em uma linguagem antiga — palavras calmantes que seu deus provavelmente havia usado uma vez para subjugar donzelas mortais enquanto ele caminhava à terra. Eventualmente, ela relaxou e tomou apenas o bastante da carne masculina dentro dela própria, pela primeira vez em sua vida.

Um balanço superficial começou, enquanto ele deu a ela apenas suas cabeças e metade do seu comprimento antes de roubá-los de volta, uma e outra vez. Quando ele viu toda a parte de seus paus em suas entradas, ela começou a ficar desesperada. A sensação era muito excitante, muito. Ela gemeu e se inclinou para ele, na esperança de conquistá-lo mais profundo.

— Por favor.

Suas mãos suavizaram em seus flancos.

— Diga-me que você me quer.

— Eu quero — ela jurou, e ele ouviu dela o desejo de tê-lo.

— Implore por isso — disse ele, em voz antinatural e escura.

— Eu quero você, Bastian. Por favor, eu imploro, venha mais profundo.

Antes de ela terminar, suas coxas já estavam tensas entre as dela e então veio o requintado dor-prazer em seu longo, lento arado para dentro. Apesar da experiência de Michaela, esta não foi uma fácil adesão. Mas Silvia estava embalada pelo aroma sedutor das flores e do amor em seu coração. E assim ela relaxou para ele, ansiando, aceitando, acolhendo. Centímetro por centímetro deslizando, a carne macia e trêmula deu lugar ao aço implacável, até que finalmente, incrivelmente, ele estava em casa — enterrado profundamente, tão profundo dentro dela que ela gritou com a astuta alegria de sua consumação.

Após a conclusão deste curso, um som contente masculino o deixou, meio rosnado, meio ronronar. Em seguida, seu amante moveu seus quadris, recolocando-se ligeiramente e empurrando ainda mais profundo. E de novo. Mais uma vez, mais duro desta vez. Ela gemeu, sem saber o que fazer com as emoções que ela estava experimentando tendo o seu corpo tão completamente acoplado ao do homem que amava. Ela queria gritar a sua alegria, para agradecer-lhe, a pedir-lhe que permanecesse dentro dela como estava para sempre, e ao contrário implora-lo para que se movesse de alguma forma que pudesse curá-la dessa terrível, maravilhosa, dolorosa, agradável, quente, dor da necessidade de liberação. Mas mais do que tudo, ela queria memorizar a sensação decadente de segurá-lo desta maneira íntima. Pois não importa o que viesse amanhã, neste momento precioso, ele era todo dela.

Descansando sua testa na pedra, ela gemeu novamente na plenitude erótica.

— Obrigada Deus — ela sussurrou, e uma única lágrima rolou pelo seu rosto para espirrar no altar.

As mãos dele apertaram com força em seu traseiro quando ele se retirou com seus dotes se arrastando duplamente. Então ele estava se empurrando para frente novamente, estabelecendo um ritmo rigoroso, poderoso enquanto ele copulava agora a sério. E todo o tempo, ele falou com ela, sua língua lentamente devolvendo-se em grunhidos de prazer misturado com grosseiro, carnal — às vezes selvagem —, palavras faladas em uma mistura de latim e sua língua antiga de ElseWorld. Cada vez que ele

escorregou em casa, ela se arqueou para ele, amando a sensação de seus quadris batendo em seu traseiro. Suas coxas estavam mais fortes e peludas que antes da mudança, e as suas repetidas abrasões em suas coxas a cada um de seus empurrões era uma excitação em si mesmo. Com o desejo em escalada acentuada, e os olhos fechados apertados quando pequenos tremores começaram a repercutir sobre sua carne inferior.

Descansando em seus braços, Silvia olhou fixamente para frente, seu rosto ficou com uma expectativa febril.

— Sim, Bastian — ela choramingou. — É tão... Bom.

Outro daqueles ferozes, sons bestiais de satisfação o deixaram como resposta e cobrindo seu corpo com o dele e unindo-se a ela, enquanto continuava com sua rotina de investidas. Ele a segurou dessa forma, costas apertadas contra o peito enquanto ele a fodia duro, empurrando em movimentos curtos que o levavam para fora apenas alguns centímetros antes que ele batesse em casa novamente. Ela se sentiu capturada, engaiolada — um vaso receptivo destinado exclusivamente para acomodar o prazer debochado de seu cônjuge.

Enquanto ela estava enlaçada pelo abraço de seus braços musculosos, seus seios estavam descobertos para o altar, e eles balançando e roçavam contra a sua superfície arenosa em cada penetração. Seus mamilos se torciam apertados ao abrigo do presente que era o esfregar delicado, e necessidade feroz disparando direto em seu âmago. A qualidade e a força de sua fornicção se tornaram cada vez mais intensa, escura, urgente enquanto dirigia seus corpos em direção a satisfação. Sua respiração acelerou, e pequenos gemidos e suspiros derramaram de seus lábios. Ela o sentiu inchar dentro dela e sentiu que ele foi arremessado em direção ao seu gozo. Ele sussurrou para ela em sua veluda, voz áspera, dizendo-lhe quão bem sua carne abraçava a dele, o quanto sua bem-vinda quente lhe agradava, quando ela estava indo para fazê-lo...

Suas mãos bateram no altar em cada lado dela enquanto ele se retirou fortemente em um longo, puxão, quase a deixando. Ela fez um som agudo e suave de protesto.

— Não, não vá! — Sua carne desolada ondulou e tremeu na sequência de sua partida precipitada. Ela precisava dele. Ela queria... Estava indo para...

Então ele a penetrou profundamente novamente, retornando duro, as lanças duplas a encheram, amando-a, completando-a, e a fez gritar. Sua boca veio em sua nuca e ele a beijou profundamente, marcando-a com os dentes brancos, com uma quente sucção, anunciando que era sua propriedade. Seus

corpos se arquearam juntos enquanto se moviam como se fossem um no altar de pedra, tremulando em precipício do êxtase.

Então, pela primeira vez em sua vida, Silvia sentiu a vinda das sementes de um homem. Seu próprio grito se entrelaçou com o grito masculino quando o primeiro jorro escaldante cremoso disparou duro, atacando seu ventre e profundamente dentro do seu traseiro. Seu corpo estremeceu e então veio uma onda tão apertada que torceu seu clitóris, apunhalando seu canal feminino, e mandou-a caída em seu próprio orgasmo. E depois outra onda lavou sobre ela, e novamente, até que ela mal podia respirar entre cada ataque de prazer.

Por um longo tempo sem fim, ele arqueou protetor sobre ela, seu corpo poderoso ardentemente ancorando apertado com o dela. Com cada bombear, requintado e zeloso de sua semente, sua carne ordenhava a dele em gratidão, aceitação amorosa e ficou sem fôlego para mais.

Em algum momento, ela sentiu seu pau superior — que só saía na noite de lua cheia — de forma lenta e pesarosamente desacoplar e depois retraindo-se ordenadamente em seu abdômen.

Mas seu pau inferior, o que estava enraizado no ninho de pelo escuro masculino, não se afastou. Não amoleceu como o de um homem comum deveria após a relação sexual. Em vez disso, ele começou a balançar-se novamente, em pulsos curtos, e depois mais longos, arando facilmente agora na maciez dos fluidos mútuos que banharam o sulco feminino. E depois do quarto ou quinto empurrão, ela esteve pronta para gozar novamente, e novamente. Uma sensação gloriosa seguia outra a cada pulsação de seu pênis alimentando seu orgasmo o bastante para que ele nunca morresse. Silvia chorou na plenitude de seu corpo e coração, desejando que ele pudesse durar para sempre.

Eventualmente, a qualidade do seu acasalamento se alterou ligeiramente e aninhando seu rosto no cabelo dela. Ele falou com ela novamente. Falou de forma quente, com palavras eróticas, devassas com a pretensão de excitar.

— Meus irmãos. Você pode senti-los transando?

Chocada, Silvia virou a cabeça, capturando seus olhos. Um sorriso diabólico brincou em seus lábios, então ele baixou a cabeça, descendo sua boca até a curva onde sua garganta aliviava seu ombro. O sangue sátiro ligava os membros da família, e ela sabia que o prazer de seus irmãos aumentaria o seu próprio. Por isso, seu êxtase estava sendo prolongado seu cio!

— Dane esta com Eva, sua nova e formosa mulher — ele murmurou com uma voz distante, que lhe disse que estava tendo uma visão, de outra sala, outro casal.

— Bastian... — Começou incerta, mas ele parecia não ouvir.

— Sua mulher é doce... arrojada — ele continuou. — Ele a ama, ama transar com ela. Eles estão em meu quarto, na minha cama no Esquilino. O seu pênis está enterrado dentro dela, movendo-se dentro dela. Você pode vê-los?

Em seguida, seu amante lhe deu a visão que ele via de seu irmão, aquele a quem ela ainda não conhecia. Então ele deu-lhe ainda mais, causando algum tipo de transferência, para que ela pudesse sentir de repente esse irmão desconhecido dentro dela, justo como sua esposa poderia!

— Eles podem nos sentir, também. Sentir-nos transando — Bastian informou-lhe, sua voz embargada pela excitação. — Meu irmão agora sabe como é colocar o seu pau no seu interior. Como eu faço agora. E sua esposa, ela pode sentir o que é ter-me dentro dela. Transando com ela. Como eu estou te comendo.

Silvia olhou sem ver do outro lado da piscina, suspensa em cada palavra dele.

— Eu sabia que todos vocês experimentam o prazer um do outro, mas eu não sabia... — Sua voz foi sumindo. — Oh Deuses. — Seus olhos se arregalaram e ela se esqueceu de respirar, ficando completamente imóvel. Seu irmão ia...

— Estamos quase gozando — Bastian sussurrou. Ela sentiu o calor de seu pau engrossando dentro dela, e sua passagem feminina estremeceu em resposta. Era Bastian que se acoplava a ela, e ainda assim era como se ele não agisse sozinho. Era como se dois homens se deitassem com ela ao mesmo tempo agora, ambos com a intenção de arrebatá-la o prazer dela. A barriga dela ficou tensa quando todos os quatro participantes nesta atividade desenfreada de repente foram capturados em conjunto um frágil, terrível, fio de navalha compartilhada na borda da antecipação.

Então gemidos masculinos infundiram no ar e veio uma súbita explosão de esperma fundido que fez seu corpo inteiro se curvar, quando os dois irmãos jorraram dentro dela. Ela choramingou baixinho, seu clitóris latejante e seu canal ordenhando com força. E então ela estava gozando também e compartilhando o êxtase da mulher de seu irmão justo como se fosse ela própria.

— Ele está gostando — Bastian sussurrou, sua voz quente. Que ele sentia o prazer de seu irmão e o da outra mulher desconhecida ficou evidente na maneira como seu corpo movia-se no dela. — É bom para ele. Ele está gostando de você.

— Eu... sei... — Silvia murmurou, ofegante. — Eu posso senti-lo.

Apesar de que a visão logo sumisse, sua paixão residual não se foi por algum tempo. Mas eventualmente, Bastian percebeu que ela estava debilitada e ele desengatou. Levantando-a, ele a levou para a piscina rasa, onde ele a inclinou contra uma grande pedra, com as pernas ligeiramente inclinadas. E lá ele a colocou sentada escarranchada em seu colo, com as pernas dela em torno de suas costas enquanto extasiado ele acariciava seus seios, percorrendo seu corpo com as mãos.

Ele era um amante incansável e, como o passar das horas, cada orgasmo dele inspirava o dela. Sempre que seu corpo começava a arder pelo atrito e ela implorava por uma pausa, ele só a levava para a piscina mais uma vez. As propriedades mágicas das suas águas gentilmente acalmavam sua carne, limpando e reparando os tecidos, afastando o desconforto, e preparando-a para começar de novo.

Quando a meia-noite badalou, Bastian levou-a em seus braços a um banco estreito escondido atrás da grande cachoeira que derramava da crista do arco de pedra da gruta. Era sombrio lá, e isolado. Ele estava sobre ela e empurrou-a a ajoelhar-se diante dele na névoa que girava e turbilhonava um pouco acima do chão. Ele afastou os pés, um pé em cada lado de seus joelhos, e com dois dedos sob o queixo, ele inclinou o rosto. Deuses, ela era tão linda com seu inteligente, olhos sensuais e cabelo vermelho-dourado. Não. O cabelo dela era ébano. Não era?

— Que cor é seu cabelo? — Ele exigiu, a besta dentro dele irritada com a confusão.

Uma pausa. Então.

— Negro.

Sua mão enrolou a volta de sua garganta, empurrando suas costas contra uma parede lisa de mosaico que mostrava as façanhas dos deuses. Seus olhos se encontraram.

— É mentira — ele a acusou com uma ameaça macia, e ela não o refutou. Uma necessidade primitiva de dominá-la surgiu nele de modo que ela nunca pudesse sentir a tentação de enganá-lo novamente. Um conjunto de argolas foi inserido no projeto do mosaico, disfarçado dentro do recorte das escamas da cauda de uma Nereida. Ele levou as mãos para um par que foi

colocado uma em cada lado de sua cabeça e ordenou-lhe que enganchasse as mãos nelas. E então ele emaranhou os dedos longos de uma mão no cabelo sedoso que ela alegava ser negro, segurando-a enquanto sua outra mão ofereceu seu pênis. Em seguida, a primitiva, besta, grosseira enlouquecida nele rosnou. — Abra para mim. Esta noite eu possuo essa boca linda mentirosa, e eu quero que me foda.

As bochechas de sua amante ficaram vermelhas e ela baixou os cílios, escondendo seus segredos dele. Seus dedos apertaram em seu cabelo e ele viu os lábios vermelho cereja abrindo para ele. Observou-a esticar a boca em torno de sua cabeça quando ela o levou dentro. E quando ele entrou nela, ele deu-lhe outra visão. A de seu irmão Sevin, que atualmente estava ajoelhado sobre colchas de cetim escuro da alcova no bordel no salão principal abaixo, suas coxas ribeirando os ombros de uma Shimmerskin que estava deitada no colchão embaixo dele.

Olhos violetas brilharam para Bastian, questionando.

— Sim, ele sabe. Ele sentirá sua boca nele, também. — E, quando Bastian colocou um braço elevado acima dela na parede, do mesmo modo Sevin colocou a mão em uma cabeceira de latão e dirigiu-se mais profundo em outra garganta feminina. Bastian sentiu duas bocas levá-lo. Sabendo que a mulher que se ajoelhava diante dele também experimentava o empurrar e puxar do pau de seu irmão movendo-se em sua boca enriquecendo o prazer de Bastian em dar-se a ela dessa. A besta nele queria que ela entendesse que está noite ela lhe pertencia, e que ele poderia compartilhar ela como ele gostasse.

Ele contraiu os músculos da coxa e do quadril, balançando-se fora de seu calor líquido e depois voltando para mais. Seus lábios se curvavam e franziam enquanto ele suavemente serrava em sua boca de veludo molhada. Ele sentia suas bolas ficando apertadas, seu pau inchar. Sua cabeça foi para trás contra a parede e seu pau seguia, implacavelmente enchendo-a. Seus olhos fechados tremulavam e ela gemeu. Ele apoiou ambos os antebraços acima dela agora, olhando levá-lo.

— Eu quero que ele te sinta — Bastian disse naquele tom suavemente selvagem que mal reconhecia como seu. — Saiba que eu estou te comendo assim. Que meu pau está em sua boca maravilhosa, talentosa. Que a qualquer minuto eu vou gozar em sua garganta. Que eu tenho você.

E de alguma forma este conhecimento só despertou a paixão de Silvia. Pois neste momento, ela saboreou o tratamento de seu amante. Queria que ele a dominasse, comandasse e a dobrasse a sua vontade. Amanhã, ela iria

lembrar-se deste momento e se sentir tímida de novo, e provavelmente ficaria maravilhada sobre sua vontade nesse sentido. Mas agora ela mamava seu pau, apreciando a pressão de sua língua e o poder que tinha ele tinha sobre ela neste ato.

Quando ele gozou, os nós de seus dedos ficaram brancos sobre as argolas que agarrava e ela arqueou sua garganta e engoliu seu gozo apaixonado. E em algum lugar no salão, a Shimmerskin anônima levou o gozo de outro homem e ambos compartilharam um êxtase glorioso.

À medida que a noite continuou, Bastian parecia ainda delegar, seu acasalamento e as suas instruções a ela cada vez mais animais e carnis, às vezes brutal. No fundo de seus olhos, ainda permanecia uma inteligência refinada, mas estava completamente em desacordo com seu semblante terrível agora. Ele era apenas seu devasso, seu mestre. E ela era seu brinquedo, sua escrava, sua companheira. E apesar de uma vida inteira de tal tratamento faria não ter feito tudo, nesta noite, ela achou que isso seria uma ocupação emocionante.

Depois, muito depois, eles estavam deitados em cima daquele banco macio de musgo, e a ela foi dada ainda uma outra visão, esta foi de seu irmão mais novo, Luc. Em algum lugar no salão distante, ele estava entre as pernas de uma mulher. E como Bastian cobria o corpo de Silvia com o seu próprio, como Luc ela sentiu transando com ele. Os solenes e sábios olhos de Luc vendo seu rosto enquanto ele trabalhava nela... assim como seu irmão mais velho fazia.

Deitada de costas com os dois braços descuidadamente arremessados para cima, o olhar apaixonado de Silvia foi atraído para cima, além de seu amante, em direção à noite. E a lua. Até que o amanhecer viesse, seus olhos sem piscar iriam vigiá-los e abastecer seu ardor. Até então, Bastian iria continuar à mercê de seu próprio e cruel, apetites libidinosos. E seu corpo faria uma festa lasciva dela. As mãos levantadas para curso em suas costas, amando a sensação de sua carne, dourada e resistente e a flexibilidade de seus músculos, quando ele visitou-se sobre ela.

Parecia notável que sua própria virgindade permaneceria intacta quando ela voltasse para sua verdadeira forma um dia no futuro. Ela quase desejou que assim não fosse — desejou ao invés que estivesse fisicamente mudada por ele para marcar essa noite maravilhosa. Esse era um tempo precioso que ela nunca, jamais esqueceria, não importa quantos séculos ela sobrevivesse. A noite de puro êxtase físico. A noite ela tinha ficado com seu primeiro amante masculino. O homem que amava.

E com esse pensamento, ela se curvou a partir do solo coberto de musgo, capturada no agitar de outro orgasmo. Seus escuros cílios derramaram-se para seu rosto, e ela arquejou por ele. Derramando seu creme por ele. Rígido. Mais uma vez.

Scena Antica V

384 dC Vestal House, Roma, Itália

Silvia colocou a flauta no colo, ao seu final, observando as doces notas se afastarem na brisa suave da noite.

— É injusto que você tem que cuidar do fogo hoje à noite — disse quando ela e Michaela sentaram-se juntas no templo de Vesta. — Não no seu aniversário de dezoito anos.

— Não estou cuidando dele. Você fez todo o trabalho esta noite.

— É meu pequeno presente para você, porque você não deveria nem mesmo estar aqui. Você deveria estar comemorando.

Michaela jogou-lhe um olhar indecifrável. Depois de um longo momento, ela falou.

— Eu já fiz minha comemoração.

— Como? Eu pensei que você tivesse passado o seu dia na Casa Atrium.— Vendo que o fogo estava diminuindo na lareira de Vesta, Silvia colocou sua flauta de lado para ir despertá-lo.

— Não o dia todo — disse Michaela. — Eu fui ao mercado, lembra?

— Você chama isso de celebrar?— Levantando a barra, Silvia subiu os três degraus de mármore que levavam até o pedestal alto no centro do templo de Vesta. Ela inclinou-se perto da tigela rasa de ouro que estava sobre ele, sentindo o calor do fogo baixo lavar seu rosto.

— Você sabe aquele menino de olhos escuros no mercado?

— Qual? — Silvia perguntou. Postando suas mãos em conchas, ela soprou entre elas em direção ao centro da lareira. Embora não houvesse carvão ou madeira ou óleo na bacia para alimentá-lo, a chama saltou bem alto e forte de novo, simplesmente pela força de sua magia.

— O filho mais velho do comerciante de especiarias, o único que sempre me olha — disse Michaela.

Um leve sorriso curvou os lábios de Silvia quando ela retornou ao seu lugar.

— Todos eles te olham. Você é linda, como eles não olhariam?

— Bem, este me teve esta manhã. Atrás da tenda de seu pai no mercado. Em pé, contra um poste.

Silvia engasgou, esquecendo tudo abruptamente.

— Não!

Os olhos de Michaela brilhavam.

— Sim.

Ela olhou para a amiga mais atentamente, em busca de sinais exteriores de que ela tinha sido violada. Mas ela não parecia diferente.

— Como você pôde? O bem-estar de Roma depende de que continuemos em castidade.

O violeta dos olhos de Michaela brilhava como joias na fogueira.

— Você realmente acredita nisso?

— Sim — Silvia insistiu. Depois, mais suavemente. — Você não?

— Às vezes — veio à resposta de Michaela. — Mas, oh, Silvia, você deveria ter visto como ele me queria. Devo dizer-lhe o que aconteceu?

Silvia arqueou uma sobrancelha.

— Você deixaria de falar dele, mesmo se eu quisesse?

— Não. — Sorrindo, Michaela estava deitada de costas, a cabeça dela encontrando um repouso no colo de Silvia. — Bem, tudo começou da maneira mais emocionante. Ele me segurou assim, presa ao poste. — Cruzando os pulsos para demonstrar, ela levantou-os sobre sua cabeça. — Então ele jogou minhas saias para o alto e enfiou seu joelho entre os meus. Então, ele colocou-se em mim, Via. Todo o caminho por dentro.

— Será que isso...

— Sim, doeu. Não houve nenhum prazer nisso para mim. Mas ele me garantiu que irá melhorar com a prática. E vamos tentar novamente em alguns dias, quando for ao mercado novamente.

— Kayla, não. O Pontifex ou Vestalis vão descobrir.

— Eles não vão — disse Michaela. — Porque eu vou embora em breve. Assim como você também vai.

— O quê? — Com os olhos arregalados, Silvia balançou a cabeça. — Não, nós fizemos votos.

Michaela sentou-se e agarrou seu braço, dando-lhe uma sacudidela.

— Você quer morrer sem marido? Sem filhos? Em poucos anos, nossa beleza vai desaparecer e depois definhar. Vou fugir antes do próximo Moonful venha. Antes que seja tarde demais. Você tem de vir também.

Imaginando a reação de Pontifex para este tipo de fuga, Silvia estremeceu. Ela tinha que convencer Michaela da imprudência de seu plano.

— Disseram-me que há coisas que podem ser feitas. Nós vamos usar uma bexiga de uma ovelha, ou algo assim.

— Isso não é necessário. Ninguém vai pensar em examinar-me, não até eu casar — disse Michaela. — Mas você está certa de que uma bexiga provavelmente engane um novo marido, por isso vou lembrar-me de

empregar uma na minha noite de núpcias. É estúpido, mas os homens querem sempre ser os primeiros em tudo o que tentem. — Ela revirou os olhos.

Apesar de seu sofrimento, Silvia riu com ela.

— Assim é melhor. Eu odeio quando você está com raiva de mim.

— Eu não estou zangada. Estou com medo por você.

Michaela encolheu os ombros.

— Não fique. Ninguém será capaz de dizer que eu estou diferente.

Percebendo que o fogo tinha afundado outra vez, Silvia se voltou.

— Vesta cresce com fome.

Michaela a segurou.

— Eu vou — disse ela, subindo os três degraus, pela primeira vez naquele dia. Em pé perto da lareira, ela fez uma concha com as mãos e soprou entre elas, como Silvia tinha feito para alimentar o fogo interminável.

Mas desta vez, nada aconteceu. A chama só continuou a diminuir. Ela tentou de novo. Nada. Ela se virou seu rosto em pânico.

— O fogo! Eu não posso... Eu não tenho nenhum efeito sobre ele.

Silvia correu em sua direção. Empurrando-a de lado, ela colocou suas próprias mãos em concha.

Atrás delas veio um suspiro.

— Você deixou o fogo apagar?

Ambas voltaram-se ao redor para ver Occia e Aemilia de pé no outro lado do templo. Elas tinham vindo para tomar seu lugar na vigília. Os olhos de Occia moviam-se entre elas e se iluminavam com uma espécie de prazer e malícia.

Apressadamente, Silvia persuadiu o fogo a levantar novamente.

Michaela apressou-se a falar.

— Foi minha cul...

— A culpa foi minha — Silvia interrompeu. — Eu deveria ter agido mais cedo. Ainda assim, como você vê, está tudo bem. — Ela apontou para a chama crepitante.

Mas Occia já tinha ido espalhar a notícia. Aemilia só ficou lá, sua testa enrugada.

— Você está com problemas?

— Tente impedi-la — disse Silvia à outra menina, que imediatamente saltou para acatar a sua licitação.

— Eu vou — ela prometeu, correndo atrás de Occia. Como as outras, Aemilia tinha sido escolhida para o templo devido à sua perfeição física e o calor das palmas de suas mãos. Ainda assim, embora tivesse um coração

gentil, ela era o desespero de seus tutores e não conseguia aprender a ler ou escrever com qualquer proficiência. Sua mente vagava e a ela não se podia confiar para cuidar do fogo sozinha. Ela nunca iria se tornar uma professora das futuras iniciadas, e Silvia, às vezes se preocupava que Pontifex pudesse achar alguma desculpa para deserta-la de sua Ordem Vestal.

Michaela colocou as mãos em concha novamente e tentou atizar o fogo para ficar maior, mas sem sucesso. Desesperadamente, ela apertou as palmas das mãos nos braços de Silvia, com uma pergunta em seus olhos.

— Suas mãos ainda mantêm o calor — Silvia assegurou-lhe. — Nada mudou.

E assim Michaela tentou uma terceira vez agitar o fogo. Medo real brilhou nos olhos dela quando ela não conseguiu.

— Você está errada. Antes eu conseguia levantar esse fogo, mas agora... Deve ser porque não sou mais pura. Quanto mais cedo eu sair daqui, melhor. Mas eu não vou deixar a culpa cair sobre você. Eu vou ficar o tempo suficiente para receber o castigo.

Enquanto ela olhou para sua amiga mais querida, as palavras sinistras do filósofo Plutarco dançavam na cabeça de Silvia, alimentando o medo crescente em relação à natureza das punições que eram consideradas aptas para os crimes contra Vesta: Por delitos menores, estas virgens foram punidas com chicotadas, e às vezes Pontifex Maximus deu-lhes a disciplina estando nuas, em algum lugar escuro e ao abrigo de um véu, mas ela que quebrou seu voto de castidade seria enterrada viva junto a Porta Colline.

— Não — Silvia insistiu. — Se for descoberto que você foi desonesta, você pode acabar enterrada junto à porta. É isso que você quer?

— Claro que não, mas...

Silvia fez um gesto cortante com uma mão, silenciando-a.

— Não podemos permitir que a suspeita vá em sua direção. Vou aceitar qualquer flagelação. Assim é como deve ser.

Capítulo 13

Silvia acordou tarde na manhã que se seguiu ao Moonful. Ela estava deitada em uma cama macia perfumada de musgo de ElseWorld na gruta. Sozinha. Sentia o corpo desossado, saciado, deliciosamente bem utilizado. Mas seu rosto estava molhado de tanto chorar. Michaela. Estava. Morta. Lágrimas escorreram dos olhos violeta, escorrendo pelas suas bochechas. Elas eram as lágrimas não de uma mulher, mas de duas. Duas amigas de uma longa vida que se afastariam para sempre no seguinte Moonful, apenas um mês a partir de agora.

Quando Silvia deveria tomar um novo hospedeiro.

Gradualmente, ela sentiu que seu humor alterar e acalmar sob a influência de sua anfitriã atual. Michaela não permitiria que ela pensasse sobre coisas tão melancólicas. Ainda não. Não enquanto as duas ainda tinham algum tempo juntas.

Ela enxugou as lágrimas com a colcha que Bastian tinha produzido logo após o amanhecer, quando eles se aconchegaram aqui juntos repletos e exaustos. Abaixo a gruta, o salão estava em silêncio, esta manhã, salvo pelos sons ocasionais de uma porta abrindo e fechando ou o tilintar de louça quando os ocupantes aleatoriamente pediam o café da manhã. Machos de ElseWorld iriam buscar seus negócios mais cedo hoje, ela sabia. O Chamado sempre teve o efeito de energiza-los. Mas, para suas mulheres, era uma questão diferente. Elas costumavam dormir até tarde o dia seguinte ao Moonful. Era sem dúvida o que Bastian esperava que ela fizesse. No entanto, ela tinha tarefas a cumprir. Localizar as pedras de fogo. Talvez pudesse dispor apenas de mais alguns minutos, porém, antes que ela fosse sobre essas coisas.

Ela espreguiçou luxuosamente e bocejou, sentindo uma pontada nos músculos doloridos. Ela riu baixinho, sacudindo a cabeça com tristeza. Como de costume, Michaela tinha conseguido o que ela queria. Ela manobrou Silvia na cama com ela e seu namorado na noite passada, mas Silvia estava grata. Tinha sido o que ela queria, e agora Michaela sabia, e parecia aceitar.

Foi uma sorte Bastian ter deixado sua cama improvisada, pois assim ele não iria questionar as lágrimas ou o riso. Ela deveria ir antes que ele retornasse. Nas próximas semanas ela não deixaria sua órbita inteiramente, não até que ela tivesse as pedras de fogo que ele sem querer iria ajudá-la a localizar. Mas, entretanto, ela distanciar-se-ia. Permaneceria aqui no salão, em vez de voltar ao Esquilino. Deixaria sua cama. Seu coração apertou com o

pensamento. Mas ficar e tê-lo como dela, enquanto Michaela fosse sua anfitriã seria uma traição insuportável. Talvez depois de que muito tempo tivesse passado e todas as pedras de fogo estivessem sidas encontradas... Talvez uma vez que ela tivesse tratado com Pontifex... Talvez então ela pudesse voltar um dia e ver se a sua paixão era do tipo duradoura. Mas esse dia não era hoje. Não enquanto Michaela estivesse com ela. Não enquanto ainda havia seis pedras para encontrar.

Com o pensamento das pedras, ela gemeu. Ela tinha esquecido completamente da opala no bolso de Bastian na noite passada! Depois que ele dormiu, ela poderia tê-la roubado dele tão facilmente. Tola!

Enquanto ela estava lá, tentando chamar a energia para se mover, um sussurro entrou em sua mente, como um fio de fumaça ondulando de um incêndio se apagando. A voz de Michaela.

A pedra de Aemilia esta aqui... Eu não a levei comigo na noite passada depois de tudo... Não sou tão estúpida como Pontifex acredita... Não, ela está escondida aqui...

Silvia sentou-se ereta, a colcha caindo até sua cintura.

— Onde? — Perguntou ela em voz alta. Sua pergunta sumiu, sem resposta. Ela empurrou o cobertor de lado e se levantou da cama. Movendo-se para a piscina, ela rapidamente se lavou sob a cachoeira e depois limpou os dentes em uma fonte próxima, a sua mente corria o tempo todo. Parecia que Michaela tinha revelado tudo o que ela planejou para o momento. Mas se a pedra que faltava estava neste edifício, era provável que ela tivesse escondido em seu apartamento pessoal, e Silvia estava ansiosa para procurá-lo.

Toalhas limpas haviam sido deixadas para ela no muro em volta da piscina, todas dobradas. Seus lábios se curvaram diante do gesto prestativo. Bastian. No entanto, sua cortesia não se estendia às roupas. O vestido e as meias de Michaela de ontem à noite estavam encharcadas e rasgadas, e ela encolheu-se ao pensar em vesti-los. Em vez disso, ela embrulhou a toalha volumosa em torno de si mesma, e com um olhar, melancólico e persistente na gruta, ela tomou o caminho para baixo.

As sentinelas Shimmerskin ainda montavam guarda fora dos portões e quando os abriram sem palavras para ela, ela escorregou para fora do paraíso. Sentindo-se como uma ladra, que ela era, ela atravessou furtivamente o salão silencioso. Lá, ela passou outras mulheres, que estavam do mesmo jeito que ela estava, cada uma com os cabelos emaranhados e pouca roupa ou amarrotada, e cada uma com as marcas dos amantes da noite passada em sua

carne. Elas se entreolharam com sorrisos secretos que reconheciam a maneira prazerosa em que todas passaram a noite anterior.

Tendo visitado aquele lugar antes, Silvia sabia onde era o alojamento de Michaela — seu "armário glorificado", como ela carinhosamente o denominava — no terceiro andar. Quando ela chegou lá e entrou, olhou ao redor da sala com desânimo. Ela havia esquecido a governanta desastrada que Kayla era. Saias, vestidos, coletes, luvas, fitas, leques, chapéus, rendas, — todos estavam espalhados sobre a cama, atirados sobre as cadeiras, ou pendurados ao acaso nas gavetas do armário. Michaela ainda recusava permitir que ela sentisse qualquer tristeza e bloqueou todos os pensamentos de morte, assim a visão de suas coisas não causou nenhuma dor a Silvia. No entanto, ela nunca encontraria nada aqui até ela se vestisse e limpasse isso.

Ela tinha acabado de tirar um vestido de dia do armário quando ela ouviu a porta do corredor se abrir. Bastian! Seu coração saltou de alegria ao vê-lo, embora estivessem separados por apenas algumas horas. Ele se juntou a ela na sala pequena, sem convite, e ela se virou para ele, pressionando o vestido de Michaela a frente de seu corpo como se ela fosse uma espécie de boneca gigante de papel, que pudesse usá-lo dessa forma. Ele estava vestido com roupas frescas — calças e botas pretas, uma camisa de cor creme, e uma jaqueta preta — típico de uso diário que convinha a um cavalheiro. Um olhar superficial não revelou nenhuma saliência reveladora de uma opala em qualquer um de seus bolsos.

Ainda assim, ela não podia deixar de notar uma protuberância bastante impressionante de outro tipo na parte da frente de sua calça. Memórias concupiscentes da noite que eles passaram juntos abruptamente lotaram sua mente e seu rosto corou. Será que ele lembraria? Não, na noite passada tinha sido apenas outro Moonful para ele. Mas ela sabia que sempre valorizaria esse tempo roubado.

Bastian fechou a porta atrás dele e recostou-se contra ela, olhando ao redor da sala.

— Eu pensei que você fosse dormir hoje — ele começou depois de um momento.

— Eu pensei que você estaria nas escavações — disse ela, ao mesmo tempo.

Empurrando-se da porta, se aproximou. Ele estudou o rosto dela e, depois, seus olhos desceram para o vestido que ela colocou como um escudo.

— Rico desapareceu, deixando apenas seu cão e uma nota enigmática em meu estúdio. Passei a manhã com a Polizia e outros contatos, no envio de mensageiros para procurá-lo.

Silvia engoliu culposa. Ela sabia que ele iria se preocupar, mas não havia nada que ela pudesse dizer a ele, sem se acusar.

— Achei que você ficaria feliz por não tê-lo sob os pés.

— Eu estava me acostumando bastante a ele para que isso acontecesse.

— Alcançando-a, ele traçou com os dedos masculinos a renda frágil do decote do vestido que ela segurava. — É um lindo vestido.

Ela assentiu com a cabeça, tímida com ele agora.

— Sim.

Ele sorriu para ela, tendo se revertido para o cavalheiro polido, mais uma vez com a vinda do sol desta manhã. De repente, seu tempo na gruta parecia como um sonho erótico distante. Mas no profundo em seus olhos, ela viu a besta carnal de ontem à noite à espreita, apenas temporariamente colocada na baía. Colocando um antebraço no armário, ele abaixou a cabeça e roçou seus lábios até o lado de sua garganta. — Um vestido encantador de fato.

—Umm-hmm.

A mão dele foi para sua cintura e depois, desceu sobre seu bumbum, gentilmente moldando sua nudez. Sua respiração ficou presa.

— Muito, muito bonito — acrescentou. — No entanto, gostaria de ver qual beleza a mais ele esconde. — Sua mão se fechou em punho no tecido entre eles e ele lentamente arrancou o vestido de suas mãos, em seguida, casualmente o lançou para longe. Em um farfalhar de cetim, ele despencou para o chão em algum lugar atrás dele.

Ela cruzou os braços sobre ela e arqueou uma sobrelanceira para ele.

— Eu começo a ver como esta sala veio a tal desordem.

Ele apenas riu e levantou suas mãos planas para descansar no peito de sua camisa, desenhando a sua nudez contra ele até que ela sentiu sua protuberância impressionante contra sua barriga. Agora era o momento de mencionar seus planos de se mudar de volta para o Salon de Passion em uma base de tempo integral. Antes que qualquer coisa acontecesse. No entanto, o desejo de Michaela por ele e seus próprios giravam dentro dela, bombeando paixão renovada através de seu organismo. E ela não conseguia decidir-se a dizer às palavras que iriam mandá-lo embora.

Nas primeiras 24 horas, as emoções de um hospedeiro permaneciam com uma força persuasiva. Silvia queria que Michaela tivesse o que ela

quisesse. E o que Michaela queria com urgência apaixonada era o que Silvia também queria — este homem.

Reconhecendo e sentindo a dureza entre eles, ela inclinou a cabeça, dando-lhe um olhar provocante.

— Você quer alguma coisa?

Ele sorriu de novo, um flash de dentes brancos, e ela se viu levantada e jogada sobre a cama para deitada entre os pertences de Michaela.

Localizando uma anágua perdida pelo tato, ela puxou-a para cobrir seu peito até o meio da coxa.

A mão de Bastian foi para suas calças, abrindo-a.

— Sim, eu quero alguma coisa.

Ele despojou-se de suas calças e botas, então desceu entre suas pernas.

Silvia encarou-o com espanto.

— Mais uma vez? Depois da noite passada, pensei que estaria...

— Saciado? — Bastian sorriu para ela novamente, pois ainda queria uma terceira vez. Realmente, ele estava ficando muito tonto. Seus irmãos iriam provocá-lo por isso. Era considerado falta de educação acasalar com uma parceira de novo logo depois do Moonful. Mas havia algo nela que o encantava e o atraía. Ela parecia diferente desde que ele a tinha encontrado na última noite, e não era apenas a cor que ainda se agarrava a ela e sangrava mais em seu entorno próximo. Ele se apressou em suas ocupações, esta manhã, correndo de volta para ver que ela havia desaparecido da gruta.

Os guardas haviam sido instruídos para informá-lo de suas idas e vindas, então ele sabia que ela não tinha ido embora do salão. Ainda assim, o alívio que ele sentiu ao encontrá-la aqui neste quarto foi ridículo. Ela era um enigma, possivelmente perigoso. Aquela que tinha acabado de sentir em seu bolso. Um comportamento que ela tinha em comum com a presença que tinha encontrado em Monti. No entanto, ele a desejava. Assim, ele iria mantê-la perto e trabalhar lentamente os segredos dela.

Deixou cair um beijo em seus lábios.

— Obrigado pela noite de ontem. Foi muito bom.

— Não vamos falar sobre isso — disse ela, ainda olhando encantadoramente tímida para ele.

Suas sobrancelhas se enrugaram. Não falar sobre isso? Isso vindo de Michaela, que geralmente queria chafurdar na conversa no rescaldo do coito, muitas vezes indo bem além de sua resistência. E quando ela tinha ficado tão modesta? A mulher sob ele agarrava a saia contra o peito como um escudo.

— Você está bem? Eu sei que eu estava...

Ela assentiu com a cabeça, corando, mantendo em segredo seus pensamentos.

A necessidade de tê-la sob ele mais vulnerável ascendeu nele, de uma forma que ela não conseguisse esconder o que sentia dele. Ele se apoiou sobre um cotovelo e sorriu para ela. Sua mão vagou sobre a anágua que ela apertava a si mesma, e ele desenhava padrões sem rumo com a ponta dos dedos, movendo-se cada vez mais para baixo.

— Estou perguntando por que eu quero estar com você novamente, mas eu não quero te machucar.

— Oh. — A ponta de sua língua deslizou para fora, umedecendo os lábios. — Você não vai.

— A piscina de Sevin fez o seu trabalho, então? — Ele persistiu.

— Sim, eu estou bem. Eu... eu quero que você faça.

Seu sorriso se alargou.

— O que eu quero, minha querida Michaela, é que você abra as pernas para mim novamente. — A menção de seu nome pareceu assustá-la, mas ela relaxou um pouco para ele e sua mão escorregou sob a bainha de seu escudo. Seus olhos se agarraram quando ele foi entre suas coxas, encontrando seu calor.

— O que eu quero — ele informou-a — É colocar minha boca em você aqui e senti-la gozar debaixo do meu beijo. — À medida que seu toque elaborou ao longo de seu sulco feminino, a plena consciência do que ele pretendia escureceu seu olhar. O rosado de suas bochechas se aprofundou para vermelho quando ela conseguiu outro aceno.

— Você vai me deixar te provar? — Ele observou-a enquanto seu dedo traçou ao longo de sua fenda novamente, desta vez mais profundo. — Aqui, onde eu estive a noite passada. Querida, doce Michaela? — Ele pontuou as últimas três palavras com um movimento de corte suave que imitavam o ato carnal.

— Deuses, sim — ela murmurou, estendendo a mão para ele.

Deslizando sua coxa entre as dela e seu corpo o seguiu. Suas mãos estavam frias sobre os músculos de seus braços enquanto ele roçava os lábios com os dela.

— Bom — ele murmurou.

Então ele estava se movendo mais para baixo no colchão. Envolvendo os braços sob as coxas dela, ele empurrou-a mais larga e alta, com seus ombros largos. Contemplando as pétalas rosadas do seu coração carnal e lembrando o prazer que lhe dera na noite anterior, sua necessidade galgou.

Virando a cabeça, ele beijou ao longo da face interna de sua coxa e sentiu o corpo dela ficar tenso com antecipação. Quando se despediu dela com as pontas dos seus dedos, ele a levou com a sua boca e sua língua, apreciando-a gemer. Ele não se barbeara, esta manhã, e ela sempre se contorcia de prazer sob o arrastar de seus pelos preto-azulados em sua carne aqui. Ele sabia o que estava prestes a fazer. Sabia exatamente como sugar e enlouquecer uma mulher. Dentro de minutos, os nós dos dedos que estavam segurando a anágua ficariam brancos, seu clitóris se contorcia em sua boca quente, e seu canal estava ritmicamente apertando-se nos dois dedos que ele estava usado para fodê-la. Quando seu gozo desacelerou, ele puxou a anágua dela e enxugou seu rosto, então ela chegou para ele e puxou-o para pressioná-la no colchão com seu corpo. Ela abriu-se e deixou que ele empurrasse seu pau entre os lábios lisos, que ele tinha acabado de beijar. E entrando como recompensa num túnel cremoso, suavemente amanteigado pelo gozo daquele beijo. Juntos, eles fizeram amor vagarosamente ali no sol da manhã entre um emaranhado de fitas e babados e rendas. E enquanto ele sentia o apaixonado ordenhar do seu corpo no dele, passando dentro dela, faíscas radiantes em todas as cores do arco-íris rasgaram sob de suas pálpebras, atordoando-o com o seu brilho. Em seu suspiro, doce suave, uma ternura feroz o varreu.

Eu te amo. As palavras se formaram em sua mente, e ele congelou, chocado com a força do impulso que o incentivou a falar em voz alta. Era apenas a cor que era tão nova para ele e os efeitos residuais do vinho da noite anterior fazendo-o sentir essas emoções estranhas. Tinha que ser. Afinal, esta era Michaela.

Michaela, a quem ele não tinha sido capaz de amar por todos os meses anteriores, que ele a tinha conhecido. Não fazia sentido que ele de repente, a amasse agora. Ainda assim ele não tinha esquecido a visão que ele teve do cabelo vermelho e dourado na noite passada. Se tivesse sido causado pelo vinho? Ou pela cor que ele percebeu apenas quando ela estava perto? Ou era algo totalmente diferente? Até que ele se sentisse intrigado, ele queria mantê-la perto. Desengatando-se dela, ele sentou-se para recuperar as calças.

Eu te amo. As palavras se formaram na boca de Silvia enquanto ela o viu se vestir, mas se recusou a deixar saírem de sua língua. Quando ela as falasse, o desejo de morte de Michaela seria completamente cumprido. Então não haveria mais desculpas para ficar. E esta manhã, ela sentiu que Michaela queria permanecer com ele, para gozá-lo por tantos dias que pudesse. Assim, as palavras poderiam esperar um pouco — pelo menos até depois que ele involuntariamente a levasse às pedras de fogo.

— Eu quero que você saia daqui completamente — Bastian disse a ela enquanto ele puxava uma bota debaixo da perna da calça. — Para vir morar comigo no Esquilino. Deixe que Sevin tenha esses quartos para outro uso.

Seu coração saltou. Seus olhos se encontraram, tanto que não foi dito entre eles. Ela cantou em uma ópera, fabricou barris como tanoeiro, limpou arenque, arrombou fechaduras. Todos os talentos que ela tinha absorvido de outros hospedeiros anteriores. E agora parecia que ela estava prestes a acrescentar outra profissão a seu crescente repertório. A de amante. E não amante de um homem qualquer, mas do Lord Bastian Satyr. E ela não poderia se arrepender por isso.

— Sim — ela disse a ele. — Sim.

#####

Três semanas mais tarde, a carruagem de Bastian gemeu e balançou em seu caminho para baixo, de Esquilino Hill, os bancos de couro caros rangendo enquanto os seus três ocupantes dirigiam-se ao Fórum.

— Estamos atrasados. Luc não pode ir mais rápido? — Bastian exigia.

Sevin enviou a Silvia um olhar divertido, então respondeu-lhe.

— Você é a pessoa que nos atrasou, irmão. — Silvia voltou seu sorriso fácil, seu relacionamento com os irmãos de Bastian tinha retornado à amizade que tinha sido antes do Moonful passado, e nenhuma menção foi feita sobre o que havia acontecido entre eles durante a noite decadente. Parecia ser compreendido entre todos os irmãos que ela pertencia a Bastian, e eles não iriam invadir sem convite.

Ela e Bastian passaram esta manhã na cama, como Sevin tinha sem dúvida ter sentido. Tinha sido um acoplamento preguiçoso ao amanhecer, depois de uma conversa, um leve café da manhã, mais acoplamento. Ela tinha sido gananciosa e os fizera se atrasarem, mas ela queria desesperadamente as mãos dele sobre ela uma última vez. Pois até o final do dia de hoje, ela já teria saído de sua vida.

Eles estavam agora a caminho da celebração, abertura oficial do complexo do Templo Vestal que Bastian tinha desenterrado. Dignitários estariam lá, e multidões. Ela iria encontrar um tempo para escapar e examinar a estátua de Vesta. E recuperar as pedras.

Disfarçadamente, ela estudou o seu amor, memorizando-o. Ele estava vestido em esplendor da alfaiataria atual, a escuridão de seu casaco bem adaptado acentuando seus ombros largos. Seu cabelo ébano cortado muito

curto tinha sido cuidadosamente desenhado para enquadrar perfeitamente sua forte, e belas feições. Amor por ele brotou em seu peito, torcendo seu coração. Ela desviou o olhar para olhar para fora da janela à paisagem que passava.

Três semanas parecia tal uma extensão interminável de tempo a três semanas atrás. Mas as horas voavam muito rapidamente, e agora o terrível dia tinha chegado quando ela devia deixá-lo. Oh, ela voltaria em algum momento pela pedra de fogo que ele possuía. Ela procurou de alto a baixo por ela em sua casa, em vão. Mas quando ela chegasse ao seu lado de novo, ele não saberia. Ele realmente não tinha sido capaz de vê-la em sua forma efêmera, naquela noite em Monti. Então, seguia-se que, enquanto nessa forma, ela poderia voltar em segurança para observá-lo até que ele finalmente a levasse até a pedra.

Delicadamente, ela apertou os dedos sobre a bolsa no colo, confortando-se ao sentir o sólido volume da pedra de fogo de Aemilia que tinha dentro. Como ela suspeitava, tinha estado entre os pertences de Michaela, escondido em sua caixa de joias. Uma a menos, cinco para buscar.

Atraída por sua obsessão, ela espiou Bastian novamente, começando por suas botas, num vagaroso estudo para cima. Ela escolheu sua roupa hoje, pois este era um serviço que Michaela aparentemente fazia para ele. Era estranho que ele permitisse, mas ele parecia quase incerto quando se tratava de combinar um tecido com o outro. Ainda esta manhã, ele pegou meias que não eram pares e não pareceu notar quando ela escolheu um par diferente e compatível para ele em seu lugar.

Ela tinha tornado-se bastante domestica ao longo das últimas semanas. Tinha se encontrado tendo prazer em tarefas como dobrar sua calça. Em alisar seu colarinho, endireitando a gravata. As ações de uma mulher que sabia do que ele gostava e queria agradá-lo. As ações de uma esposa. Ela estava jogando um jogo perigoso, que iria acabar em desilusão.

Porque ela não era sua esposa. E nem mesmo completamente uma amante também. Não, ele pensava que ela fosse o que Michaela era — uma companheira. Era uma profissão que estava em algum lugar entre as duas primeiras ocupações.

Quando eles chegaram ao seu destino e o transporte partiu, a mão de Bastian veio na parte de trás do corpete de sua capa. Ela se recostou em seu toque tão ligeiramente. Essa mão a fazia se sentir querida e protegida. Como Michaela tinha dito, ele sabia como tocar uma mulher. Na cama e fora dela. Ela adorava o simples ato de caminhar ao lado dele. Ele e seus irmãos

eram gigantes, e ele era construído como um bruto, mas ele era um homem admirável. Inteligente e interessante com um senso de humor irônico. Ele encontrou nela uma companhia interessante, assim, ela sabia, pois ela o divertiu, intrigou, e desafiou-o. E eles compartilhavam uma paixão pelas escavações. Mas ele achava que ela era Michaela. Se ele soubesse que ela era com uma impostora, ele não iria tratá-la tão gentilmente.

Sempre cortês, ele guiou-a para as festividades. Mesas haviam sido colocadas em toldos sinalizadas com base no Fórum. Eles estavam carregados de culinária deliciosas feitas pelos chefes mais famosos de Roma, e seu estômago roncou delicadamente ao delicioso cheiro. Bastian ouviu e sorriu para ela.

— Faminta, *cara*? — Como ele amava provocá-la sobre seu fascínio com a comida! Ela estudou seu sorriso, se perguntando se essa poderia ser a última vez que ela o recebia dele.

Sua expressão endureceu e ele se aproximou, com as mãos em sua cintura.

— O que há de errado?

— Bastian! Sevin!... Michaela. — A voz feminina que os saudou foi infinitamente mais fria ao pronunciar seu nome no momento. Esta era a esposa de Dane, Eva. Apesar de que sua maneira tinha sido amigável nas poucas ocasiões em que elas se encontraram, ela era uma casamenteira, e ficou claro que ela não a considerava uma companheira de vida adequada para Bastian. Eles nunca tinham falado daquela noite no Moonful passado, quando as linhas entre eles haviam tornado-se tão sensualmente turva, e Silvia se perguntou se ela estava mesmo ciente de que Bastian havia sido seu parceiro. Eva tinha um coração bondoso e aceitava, e nunca tinha feito nenhum comentário maldoso a Michaela como pessoa, então Silvia desculpou-a pela malícia. No entanto, ela ficaria sem dúvida satisfeita quando Michaela desaparecesse da vida de seu cunhado.

Silvia esperou tanto tempo quanto ela pode, ouvindo o breve discurso de Bastian e circulando com ele entre os convidados por sua insistência. Mas ela só estava prolongando o inevitável.

Um homem se juntou a eles, o jovem ministro, lembrou-se daquela primeira manhã na tenda. Ela desculpou-se usando o pretexto de visitar uma das mesas de sobremesa, e Bastian não objetou. No entanto, ela sentiu seu olhar especulativo sobre ela. Ela notou a maneira como ele a olhava de vez em quando, como se algo sobre ela o confundisse. Ele tinha notado diferenças entre ela e a mulher que tinha conhecido como Michaela. Depois de três

semanas, a essência de Michaela estava desaparecendo e sua própria personalidade estava se mostrando cada vez mais e mais. Ele havia se tornado desconfiado. Mas outra razão para que ela partisse, antes que ele a descobrisse e frustrasse seus planos de roubá-lo.

Casualmente, ela olhou em sua direção, e o viu envolvido em uma discussão bastante acalorada com o ministro. Agora era sua chance, enquanto a sua atenção estava em outro lugar. Ela caminhou para a Casa Atrium, seus olhos sobre a característica principal — a estátua recentemente revelada de Vesta.

#####

— Diga-me, você acha que esse lenço combina bem com o meu casaco? — O Ministro Tuchi perguntou a Bastian.

Seus olhos estavam em Michaela, que estava vagando em direção as mesas de alimentos, Bastian estava apenas meio ouvindo sua conversa banal.

— Pergunte ao seu alfaiate.

— Eu estou perguntando a você.

— Por quê?

— Para que eu possa dissipar um boato sobre você.

Isso chamou a atenção de Bastian e ele olhou para o jovem ministro, um homem que estava ganhando poder dentro do Departamento de Cultura de Roma.

— Que boato? Você vai ter que ser mais específico, por que muitos circulam sobre minha família. Nós somos muito intrigantes.

— Um rumor de que você é daltônico. — Tuchi sorriu para ele, divertindo-se com sua espetada.

Bastian inclinou sua taça de cristal e tomou um pequeno gole de sua água, sua mente corria. Ele há muito aguardava que alguém pudesse descobrir esta falha nele e se perguntava como ele reagiria. Mas agora ele só deu de ombros.

— Eu suponho que este boato específico foi iniciado pelo capataz que você enviou como espião? Diga a Ilari que ele está fora do trabalho. A partir de agora.

O olhar de Tuchi varreu por ele.

— Quanta inflexibilidade. Mas por que não discutimos o assunto mais detidamente antes de agir com pressa? Talvez em meu clube de cavalheiros para uma bebida?

— Eu não bebo.

Ele ergueu as sobrancelhas com isso, olhando para o copo de Bastian, mas apenas disse:

— Muito bem, para fumar um cigarro, então.

— Eu também não fumo também.

— Que modelo que você é, Lord Satyr. Diga-me, que tipo de vício você tem, para que eu possa melhor satisfazê-lo? — O tom do homem trazia uma aresta de flerte. Rico tinha tido razão sobre ele? O menino havia sido encontrado há duas semanas no aqueduto, morto, vítima de uma infecção. Embora Bastian o houvesse enterrado, ele ainda lamentava privadamente sua perda.

— Eu o asseguro que tenho muitos vícios para enumerar. — Bastian colocou seu copo sobre uma bandeja que passava, então se aproximou do homem. — Você esta me cantando?

O ministro respirou forte, então disse cuidadosamente.

— E se eu estivesse?

— Você gosta de homens?

Tuchi olhou para ele, girando a taça por sua haste.

— Por ocasião. Alguns mais que outros. Você. O que você diz sobre isso?

Bastian encolheu os ombros.

— Seus eleitores e sua esposa poderiam ter uma desavença com as suas preferências, mas eu não tenho nenhuma. No entanto, se você respirar uma palavra da sua acusação falsa sobre mim, eu vou ter a notícia de seus pecadilhos na primeira página dos jornais. Assim em vez de me foder, eu sugiro que você se foda, Ministro. Bom dia. — Ele tirou o chapéu.

O sorriso de Tuchi morreu instantaneamente, seu rosto ruborizado.

— Você vai se arrepender disso quando votarmos em Ilari como seu próximo sucessor no outono — ele protestou as costas de Bastian.

Silvia olhou para o templo enquanto ela o contornava. Mil e quinhentos anos atrás, ele tinha estado glorioso e abrigava o fogo eterno, mas tudo o que sobreviveu do mesmo agora era oito colunas e um frontão. Aventurando-se ao seu lado sul, ela se moveu de lado da barricada que estava ali para manter as multidões à distância e entrou na Casa Atrium. Ela não estava preparada para a nostalgia pungente que a inundou.

Ela viveu aqui nesta casa dos 6 anos até os 23. Dezessete anos. Naquela época, seu pátio tinha sido revestido com mármore branco e rodeado por um pórtico de dois andares imponente. Mas agora, as paredes estavam apenas na

fundação e várias estátuas quebradas foram deixadas. Um toldo tinha sido temporariamente colocado sobre a área para a celebração, e vários indicadores haviam sido colocados para mostrar como as coisas haviam sido arranjadas. Ela foi ao lugar onde ficava sua alcova, em seguida, afastou-se rapidamente, incapaz de lidar com as emoções que vieram à tona.

Tudo tinha ido embora. Não, não tudo.

Ela se moveu para o centro do pátio. A estátua de sua deusa reinava lá agora como ela sempre fez, uma expressão de benevolência em seus olhos. Tantos anos se passaram desde sua última reunião.

Os braços de Vesta estavam em seus lados, um pouco impulsionados para fora do seu corpo. Na mão esquerda, ela segurava o sagrado brasão da Castidade, e em sua direita, o de Fogo. Silvia se ajoelhou diante dela e murmurou a bênção. Em seguida, ela escorregou as mãos tremulas para as da estátua. As palmas de Vesta estavam lisas, frias. Mas em questão de segundos, ela sentiu o calor reconfortante reacendendo-se entre elas. Ela apertou seus dedos em um dos brasões para localizar a pequena imperfeição que ela sabia que estaria lá. Sim — lá estava ela. Ela apertou-o apenas assim, encontrando o oco. E a pedra escondida dentro dela. Sua pedra de fogo. Como era bom reunir-se com ela novamente depois de séculos. Então ela a alcançou sob o brasão, onde a pedra de Michaela estava escondida, e ela sentiu a alegria de Michaela, quando ela a segurou também.

Rapidamente, ela puxou a pedra de Aemilia do bolso. Ela precisaria da força de todas as três se ela fosse tentar fazer um portal de fogo sem desalojar-se desta forma mortal. Ela olhou para as pedras enchendo as palmas das mãos, sentindo seu fogo quente.

— Michaela?

Juntando as pedras ao peito, Silvia ficou em pé e virou-se para ver Bastian. Ele deu um passo mais próximo, o seu olhar de prata desconfiado.

— O que você está escondendo?

Ela olhou para ele, memorizando suas feições. Da próxima vez que eles voltassem a se encontrar, ela estaria em um novo corpo estranho para ele.

Seus olhos se estreitaram, ele deu mais um passo na direção dela.

— Eu tive um monte de tempo para pensar nas últimas semanas. Desde o Moonful.

Ela deu um passo atrás.

— Sobre o quê?

— Sobre a noite no Salon, quando você disse a Sevin que eu tinha bebido de uma garrafa contaminada.

— E?

Ele avançou mais um passo e ela retrocedeu mais um, sua dança cheia de tensão.

— Eu não lhe disse isso. O que significa que você ou tinha alguma coisa a ver com a contaminação do licor, ou você era o fantasma feminino a quem eu tinha explicado a questão anteriormente naquela noite. Qual opção é a verdadeira?

— Eu não contaminei nada, embora eu acredite que eu sei quem fez.

Um silêncio.

— Que infernos acontece, Michaela? — Disse ele em voz baixa. — Eu estou tentando não chegar a uma conclusão ruim aqui. — Ele inclinou a cabeça para as mãos. — Eu vou perguntar a você de novo. O que você está escondendo?

Lentamente, ela revelou as pedras em suas mãos, mantendo-as fora como se fosse dar a ele. Mas em vez disso, ela curvou a cabeça e tocou suavemente sobre elas. Instantaneamente, uma parede de fogo saltou entre ela e Bastian. Ela olhou para onde ele estava fora do fogo, recuando ao seu calor. Palavras não ditas borbulhavam. Ela abriu seus lábios para lhe dizer o que Michaela foi tão inflexível em que ele soubesse. O que sentia no seu próprio coração.

— Eu te amo.

Algo mudou em seu rosto. Ele avançou em sua direção. Em direção ao fogo. Ela se moveu para ele, assim, para o fogo que ela criou, a partir de seu lado oposto. E diante dos seus olhos, ela simplesmente desapareceu, a chama piscando e minguando, apenas alguns segundos após sua partida.

Bastian olhou para o local onde ela esteve, atordado, seu mundo abalado pelo que ele tinha acabado de ver. Pelo que ela tinha dito. Indo para a estátua, ele examinou os braços nas palmas de Vesta. Encontrando as cavidades debaixo delas, onde as pedras deviam ter sido escondidas. Como tinha Michaela sabido que estariam lá? Para quem ela trabalhava?

Um rubor avermelhado chamuscava os ossos de seu rosto, mas havia pouca coisa que indicasse exteriormente sua fúria.

As pedras de fogo tinham ido embora. E ela junto. Michaela era uma ladra.

Raciocínio dedutivo simples.

Ela só tinha ficado com ele todo esse tempo, a fim de roubar? A raiva quente da traição rugiu dentro dele. Ele a alimentou durante sua viagem de

volta e se viu em seu estúdio, onde ele empurrou de lado uma estante enorme com a força de sua ira.

Atrás dele havia uma porta de aço de dez centímetros de espessura. Ele rodou uma série de números da combinação de travamento, e quando se abriu revelou uma câmara secreta, ele entrou. Dentro havia um tesouro dos mais inestimáveis de todos os artefatos de ElseWorld que ele e seu pai tinham encontrado em vários sítios arqueológicos em toda a Europa. Com grande custo e problemas, eles foram trazidos aqui para sua custódia. Cada peça foi criada com o uso de encantamentos ao longo dos séculos passados, e muitas zuniam com a magia.

Ele não parou para admirar qualquer um deles agora, mas apenas prosseguiu diretamente para o alto, para o cofre envidraçado de joias. Milhares de pedras preciosas brilhavam e piscavam dentro dele, mas duas dentre elas brilhavam com um fogo interior que ardia mais intensamente do que qualquer outra joia que ele já tinha visto. Opalas gêmeas. Ele tinha encontrado uma delas três anos atrás e a outra só no último Moonful, nas escavações do Fórum. Elas coincidiam exatamente com as três que Michaela segurava. O que significava que existiam cinco delas. Provavelmente seis, pois ele acreditava que houveram seis vestais, e que cada uma tinha recebido uma pedra em sua iniciação. Alívio o encheu ao ver que as suas ainda estavam ali. Michaela tinha estado nesta casa há meses e não tinha dúvidas de que esteve procurando por elas.

O que foi que a fez querer estas pedras com tanta ânsia que ela veio até aqui e o enganou, a fim de obtê-las? E o que infernos era ela? Não era a Michaela que ele conhecera antes, mesmo que ela se parecesse com ela. Nestas últimas semanas, algo nela havia mudado. Era como se ela tivesse começado no último mês a desempenhar o papel de Michaela com precisão, mas ao longo dele tinha esquecido lentamente sua essência e agora tinha se tornado outra pessoa.

Ela alegou a amá-lo. Ha! Que tipo de mulher roubava algo tão precioso de um homem a quem professava amar?

Graças aos deuses que ele não tinha revelado seus próprios sentimentos para ela. Ele sabia que seus irmãos o achavam incapaz de amar, mas ele evitou envolvimento apenas porque ele era dedicado ao seu trabalho. Ele nunca tinha antecipado amar qualquer mulher. Mas, ao longo das últimas semanas, tudo tinha mudado. Ele tinha começado a cultivar sentimentos profundos por Michaela. Amá-la. E ela tinha retribuído o seu afeto com a traição.

Ele virou as opalas em suas mãos, perguntando-se sobre seu poder. Como ela criou o fogo com elas e depois fugiu por ele? Deuses, o que infernos era ela?

O espectro em Monti havia tentado roubar uma dessas opalas no Moonful passado. E aquela noite marcou o início da mudança em Michaela. Como estavam as duas fêmeas relacionadas? E como elas estavam relacionadas à presença que sentira aqui em sua casa há dois meses, e a de Rico? Todos os quatro dividiam o tema em comum de levar-lhe cores. Quando ele tinha perdido o espectro em Monti, ele a seguiu pela trilha da cor que tinha inadvertidamente deixado para trás. Mas Michaela tinha simplesmente desaparecido, sem deixar vestígios.

No entanto ele iria encontrá-la de outra forma. Colocando como isca aquilo que ela mais queria, diante dela. Uma dessas opalas. Ele iria atraí-la com ela, e ela viria para ele.

E então ele iria fazê-la pagar.

Cenário Antigo VI

384 dC

Regia, Roma, Itália

Um anel de onze velas brilhantes rodeava a sala, tudo iluminado pelas chamas de Vesta e trazidos aqui para a Regia para esta ocasião solene. Cada uma representava uma das vestais, que não estavam presentes aqui. A Vestal XII, Silvia, ficou sozinha no centro do anel, à espera da punição. Sua de costas eretas, queixo altivo. Ela não iria se acovardar.

A sala ao seu redor estava perto da escuridão e ela não conseguia ver além das velas. Estavam todos os seis pontífices ali para testemunhar a sua punição?

— Por que vocês não se mostram? — Ela desafiou, e ouviu o farfalhar de suas vestes engomadas.

Vestalis Maxima entrou no centro do anel, segurando um cálice de ouro para ela.

— Beba isso. Vai suprimir qualquer dor.

Silvia balançou a cabeça, amotinada.

Chegando perto, Vestalis murmurou em seu ouvido.

— Eles vão forçá-la a beber se você não aceitá-la de mim. Assim você não vai gritar.

Gritar? Naturalmente, o que ela tinha esperado? Que uma flagelação seria indolor? Silvia levantou o cálice e engoliu a dose toda, de repente, ansiosa para que o calvário começasse, por que isso significava que acabaria logo.

— Eu irei agora remover suas vestes — disse Vestalis. Sua voz era gentil, mas ela não aceitou. Silvia bateu em sua mão. — É nossa doutrina que importa proceder desta forma — Vestalis insistiu. — Se você lutar, eles só irão segurar seus membros e amordaçá-la para que eu possa continuar.

Quando ela estendeu a mão novamente, Silvia não a impediu dessa vez, e Vestalis começou a remover sua infula, depois de retirar a sua estola.

— O açoite será aplicado leve. Apenas doze chibatadas. — Silvia foi informada. Uma vez que ela foi despojada de sua camisa, cinto, e fascia, um conselho final foi oferecido.

— Permanece ainda, Silvia. Ainda como a morte. Eles não vão marcá-la. A não ser que você recue. — Vestalis deu-lhe um aperto de mão reconfortante em despedida. Então, deixando-a vestida apenas com o seu puro véu suffibulum, ela voltou em seu caminho a partir do anel, com os olhos baixos, em deferência aos pontífices. A porta abriu-se quando ela partiu. O estalido da fechadura girando foi alto na sala. Não haveria como escapar agora, não até que sua punição fosse desferida.

Alguns momentos se passaram e Silvia sentiu o olhar de homens poderosos. Ela se recusou a quebrar o silêncio. Recusou-se a quebrar-se. Eles haviam levado suas roupas para humilhá-la, mas ela não lhes daria a satisfação de vê-la encolher-se em sua presença.

De repente, a voz do Pontifex soou.

— Virgin Silvia, você é culpada de um crime hediondo contra Vesta, você permitiu que seu fogo diminuísse. — Ele estava atrás dela em algum lugar, envolto na escuridão. Em sua acusação, ela ouviu a agitação de roupas e murmúrios dos outros.

— Mas eu não abandonei meu posto — ela lembrou-lhes.

— Uma distinção de sorte, ou você não iria se livrar tão facilmente.

Facilmente?

Ela sentiu seu calor em suas costas. Sua carne encolheu, mas ela permaneceu imóvel como Vestalis tinha aconselhado. Algo — alça de couro trançado de seu chicote — levantou a cortina de seus cabelos para frente e empurrou-o por cima do ombro para que ele envolvesse seus seios e mostrou-a de volta para a próxima chicotada. A ponta do cabo sacou sua coluna, então se afastou.

— Faça o que tiver que ser feito com isso — disse Silvia. — Eu não vou rastejar.

Sua voz alugou as trevas, suave e temível.

— E é precisamente por isso que você me atrai.

Atrair ele? Ela estremeceu, a repulsa varrendo-a.

— Você está com frio?

— O que você acha? — Disse ela, mas sua voz soou estranha para seus próprios ouvidos, e ela se sentiu de alguma forma separada dele. Ela sentiu seus olhos lentamente dilatarem-se, suas bochechas ficarem rosada. A poção que ela tinha bebido do cálice estava tendo o efeito pretendido sobre ela.

— Eu acho minha cara Virgem, que você está pronta — respondeu ele finalmente.

Lentamente, ele começou a circular por ela. Embora seus olhos escaldassem cada centímetro de sua pele, eles não iriam atenderem a seus próprios desejos agora, ao fazer isso poderiam transformar o que ele faria aqui em uma violação ao invés de um rito sagrado.

Então ele falou, sua voz soando com autoridade, uma vez que encheu a sala.

— Virgem Silvia, pela sua grave ofensa contra a nossa deusa mais sagrada, está sentenciada hoje à noite a uma flagelação. Uma dúzia de chicotadas. Cada pontífice se apresentará para administrar duas delas, para que possamos igualmente compartilhar partes da carga da sua punição. Vamos começar.

Parando diante dela, ele estendeu o chicote por cima do ombro em direção a algo, alguém, além dela. Ela ouviu passos e o farfalhar de vestes. Outro dos pontífices estava atrás dela, ela supôs. Levando o chicote, ele recuou apenas o suficiente para que ele pudesse atacar.

Crack! O movimento do chicote veio de forma inesperada, lambendo fogo em seu ombro. Ela inclinou para frente, então se endireitou. Deuses, como é que ela conseguiria suportar mais onze?

Os olhos do pontífice queimaram e ele falou de novo.

— Mais uma irmão. Ela merece mais um pela sua mão.

— Irmão? — Silvia ecoou.

Pontifex sorriu para ela.

— É seu direito tomar parte na sua punição. Eu lhe cedi meus dois açoites atribuídas a ele.

Silvia virou a cabeça quando o chicote golpeou novamente, e sentiu a sua segunda mordida cortar sua bochecha. Ela levantou os dedos em seu rosto e eles saíram com sangue. Ela caiu de joelhos. Através de uma névoa de dor, ela viu um rosto, querido e familiar.

— Pai?

Murmúrios de angústia giraram em torno dela. Ela olhou em direção as vozes dos outros pontífices anônimos escondidos nos arredores de breu além das velas. Quando ela olhou de volta para onde seu pai estava, ele tinha ido embora. Seu olhar em busca disparou descontroladamente ao redor da sala, mas ele estava longe de ser encontrado. A cara de Pontifex nadou em sua vista. Ele levantou-a a seus pés, e sua mão em concha seca inclinando o queixo, as suas feridas para a luz.

— O que todos dirão quando virem como você o deixou me desfigurar? — Ela o provocou, na esperança de lhe impingir vergonha. Mas ele só apertou um beijo em seus lábios, e disse:

— Eles vão dizer que você é bonita — fraca, ela o empurrou.

Uma batida veio do lado de fora da porta.

— Parem! Deixem-me entrar! Eu sou a única culpada.

Michaela? Silvia balançou a cabeça e tentou falar, mas sua língua estava grossa em sua boca. A poção. Com uma liberação do bloqueio, a sua amiga mais querida estava na sala e ao lado dela, abraçando-a perto.

— Eu sou responsável pelo que aconteceu — Michaela anunciou para a sala em geral. — Eu fui a única que deixou o fogo diminuir, não ela.

— Occia relatou de outra forma — alguém respondeu.

— Ela mentiu. Ela tem ciúmes de Silvia. Pergunte a qualquer um.

Silvia conseguiu formar palavras.

— Não, a punição é minha. A culpa foi minha. Mais dez chicotadas. — Ela balançou e colocou a cabeça entre as mãos como se fosse mergulhar.

Michaela a deixou e aproximou-se de Pontifex — além do decoro permitido. Seu tom se reduziu a uma provocação sedutora.

— Deixe-a ir, Pontífex. Puna a mim.

O Pontifex estudou seu rosto e algo mudou em suas feições. Ele apontou um atendente para frente.

— Leve Silvia de volta para a casa — ele instruiu.

— Não — Silvia murmurou, mas ela estava muito drogada para lutar, e assim foi levada e reenviada e aos cuidados de Vestalis. Conforme mãos suaves a protegiam, a poção que ela tinha bebido a superou. Quando ela acordou na manhã seguinte, ela encontrou Michaela na enfermaria ao seu lado, deitada de bruços. Silvia engasgou com a visão dos dez vergões vermelhos que atravessavam suas costas lisas.

Vestalis estava aplicando compressas sobre eles.

— Shhh. Eu dei-lhe um encanto medicinal. Ela vai dormir durante o dia e à noite. E, ao contrário das suas, as marcas irão desaparecer. — Silvia colocou uma mão em seu rosto, sentiu o corte fresco. Quando Michaela acordou naquela noite, ela se recusou a quebrar o seu silêncio sobre tudo o que tinha acontecido no Regia após Silvia ter saído. Ela fez Silvia jurar nunca perguntar a Pontifex sobre isso, e ela nunca mais abordou a possibilidade de escapar do templo. Mas Silvia sabia que algo terrível tinha acontecido. Nunca mais ela confiou em Pontifex ou em seu pai, ou em qualquer homem.

E a partir daquele dia, nenhuma delas cuidaria do fogo de Vesta sem a outra. Porque das duas, apenas o calor de Silvia poderia depois reaviva-lo. E isso era algo que ninguém deveria jamais descobrir.

Capítulo 14

Com as pedras na mão, Silvia andou ao longo da antiga rua, Via Sacra. Ela ainda estava na forma de Michaela, ambas ilesas pelo fogo que ela criou quando lançou a Bastian uma despedida apressada. Ela tinha ficado muito aliviada ao descobrir que Occia tinha razão em dizer que a posse das pedras a capacitaria a criar um portal de fogo para viagens dentro deste mundo. Tentar tinha sido arriscado, mas valeu a pena. O portão a tinha transportado da Casa Atrium a esta estrada em uma explosão rápida. Mas mesmo com a ajuda das pedras, ela não tinha sido capaz de viajar para longe, enquanto em um hospedeiro mortal.

E agora ela tomaria essa estrada para longe daqui. Desde que ela não ousava confiar na forma frágil de Michaela para mais viagens pelo fogo, ela teria de ir a pé pela estrada humana. Ela passou pelo trevo de Vicus Eros, onde o santuário de Baco ficava, e no cume acima, o colosso de Nero. E ainda ela seguiu em frente. Cada passo era uma tortura, pois ela desejava simplesmente se enroscar e chorar.

A maior parte do impacto pelo desaparecimento de sua querida amiga tinha sido em grande parte mantido em suspenso nas últimas semanas, mas agora isso vinha correndo para ela, inundando-a com tristeza. As milhas se passaram e seus olhos ficaram vermelhos e ásperos de chorar até que às vezes, ela mal podia ver a estrada. Ela continuaria com Michaela por tanto tempo quanto pudesse. Mas sua mente se enfureceu com o conhecimento de que muito em breve, ela iria perdê-la como ela tinha perdido todos os outros hospedeiros que ela tinha encontrado no passado.

Uma semana depois de deixar Roma, o Moonful veio e se foi. Silvia não voltou para ElseWorld para se reabastecer, pois isso significaria um afastamento permanente da forma de Michaela. E ela não estava pronta para enfrentar isso ainda. Não estava pronta para enfrentar Pontifex ainda, não até que ela tivesse todas as seis pedras. Em vez disso, na noite de lua cheia, ela encontrou uma pequena caverna nas colinas fora da vista da estrada principal, e lá ela pôs suas três pedras de fogo sobre uma rocha. Ela adorara Vesta e convocara a chama a partir deles, e este ritual parecia servir no lugar de uma visita ao lar, ela tinha visto com segurança através da noite. Mas ela não deixou que seus pensamentos se voltassem para Bastian, pois ela não queria refletir sobre como — ou com quem — ele passou seu próprio Moonful.

Quando a manhã seguinte amanheceu, ela seguiu em frente. Era nestes últimos dias de existência que os hospedeiros se tornavam frágil. Agora que Michaela já não era forte o suficiente para escondê-los, todos os seus segredos vieram à tona. Silvia soube então as coisas que Michaela desejou que ela jamais tivesse que saber, alguns dos sussurros de Michaela foram muito, muito terríveis: *Naquela noite da flagelação... depois que você foi mandada embora... Eu fui colocada à disposição da luxúria de Pontifex... e dos outros pontífices também... Eles ameaçaram machucá-la se eu lhe dissesse... Ou se fugisse... Então eu fiquei...*

Embora Silvia se encolhesse pelo horror dessas revelações, ela ouviu sombriamente enquanto Michaela compartilhava seu passado, regalando-a com detalhes sórdidos daquela noite terrível. Houve seis deles. Homens adultos de religião e política, que tinha usado ela em formas vis. Nenhum deles tinha sido tolo o suficiente para profanar sua virgindade, porque temiam represálias de Vesta, e Michaela tinha pensado que se poupou dessa violação, pelo menos.

Mas no Moonful seguinte, Pontifex tinha sido derrotado pela luxúria, e a levava para sua cama. Quando ele descobriu através de seu estupro que ela tinha já deitado com outro, — o menino do mercado de especiarias — o seu destino foi selado. Uma barganha foi martelada. Ele não quis vê-la enterrada viva por seu crime — um simples ato de fornicação com o filho de um comerciante de especiarias — ela se tornaria sua concubina. Posteriormente, quando as outras vestais tinham ficado em orações individuais nos Moonful, ela tinha ficado com ele em segredo. Mesmo depois da queda do templo, ela fora com ele. Por séculos. Para proteger Silvia.

Era só uma vez por mês. Michaela disse-lhe calmamente, parecendo sentir o quão debilitante esta nova informação foi para Silvia. *Não foi tão horrível.* Mas tinha sido, e Silvia uivou com o horrível conhecimento completo de tudo o que havia acontecido. Desejando que ela tivesse sabido. Desejando que pudesse voltar a essa tarde, quando elas estavam com dezoito anos e cuidando do fogo. Desejando que ela houvesse concordado em abandonar o templo para sempre, quando Michaela tinha sugerido isso.

E em outro dia nesta caminhada final, que elas tomaram juntas, Michaela compartilhou ainda outro segredo devastador para ela: *Bastian não me amava.*

Quando este pensamento sussurrado veio, Silvia parou na rua. Ela teria ouvido mal? Mas Michaela continuou: *Cara Via não fique zangada com ele... Ele me avisou que ele não poderia me amar antes de ficarmos juntos... Mas eu pensei que poderia mudá-lo... Infelizmente, eu não consegui...*

E em seguida, nos outros dias foram melhores, memórias mais felizes dos acontecimentos alegres em suas vidas. Silvia sorriu e riu e chorou quando Michaela trouxe para sua mente muitos dos momentos divertidos que tiveram quando meninas. As primeiras paixões por meninos, brincadeiras feitas em outras vestais, o aprendizado da magia, a aquisição de bens em seus nomes próprios, os tempos de tranquilidade, elas cuidando do fogo juntas, e as ocasionais, noites de verão suaves de amor. Milhares de bobas, pungentes, pequenas, preciosas, lembranças compartilhadas entre as mais próximas das amigas.

Estou cansada. Michaela sussurrava-lhe quase diariamente agora. *Deixe-me descansar.*

Mas a cada vez que ela ouvia isso, o pânico se agitava em Silvia e seus passos apenas aceleravam.

— Só um pouco mais — ela implorava. — Eu não quero perder você. Não ainda.

E então um dia quando a neve começou a cair, Michaela estava farta: *Eu estarei sempre com você, Via... Me leve em seu coração e eu vou levá-la no meu... Mas meu corpo está cansado... Deixe-me ir... Está na hora...*

Silvia respirou profundamente, estremecendo e parou na rua, completamente exausta. Ela parou ao lado de um antigo marcador de milhas. Em intervalos ao longo das estradas em que ela andou, ela passou muitas dessas colunas de duas toneladas. Cada coluna erguida tinha cinco metros de altura e vinte centímetros de diâmetro. Ela sabia disso porque na era Republicana, ela se juntara a um hospedeiro que fez parte da equipe que havia fixado os marcadores no chão. O painel ao nível dos olhos indicava a distância até o centro da antiga Roma — o Fórum. Ela caminhou exatamente cem milhas.

Ao longo destes últimos dias, ela mal tinha comido, mal dormido. Michaela estava certa. Elas não podiam ir em frente. Cedendo com a maior relutância, ela saiu da estrada principal e vagou profundamente em uma floresta primitiva de cipreste, pinheiros, oliveiras e plátanos.

Ela estava de olhos secos e agora se movia como um autômato insensível quando ela localizou um pequeno buraco entre as raízes de uma antiga árvore de azeitona retorcida. Lá, ela enterrou as três pedras de fogo para guardá-las, pois ela não seria capaz de levá-las quando ela retomasse sua forma efêmera de espectro.

Em seguida, ela juntou ramos e urze polvilhada de neve para formar um palete de espessura de cerca de cinco metros e meio de comprimento e

três metros de largura. Era para ser uma pira de funeral, porque ela não iria deixar o corpo de Michaela para os asseclas de Pontifex encontrarem.

Quando tudo estava pronto, e ela deitou de costas sobre a pira suave, uma pira com aroma de doce e ela olhou para a neve descendo de um céu sombrio. O ar estava fresco e frio em seu rosto. Ela alisou o cabelo próximo e arrumou suas pernas, dobrando as mãos sobre o peito.

Então as amigas queridas sussurraram um último adeus.

Silvia fechou os olhos e inalou profundamente, até que seus pulmões estiveram cheios e perto de estourar. Então, ela expeliu todos os punhados de ar que detinham... E sentiu a sua essência fugir junto com isto...

No instante seguinte, ela estava sem forma corpórea — uma efêmera mais uma vez. Ela ficou lá na floresta silenciosa, olhando para baixo na bela Michaela, ainda corpo no perfeito.

Descendo, Silvia juntou os ramos de pinheiros e urzes mais ordenadamente em torno de seu corpo e, em seguida, polvilhou com pétalas de sua neve branca. Enquanto ela orava a Vesta para aceitá-la em seu cuidado abençoado, ela convocou um portal de fogo, e com ela acesa, ela tomou suas chamas, ateou a pira. Ela ficou lá ao lado de Michaela, até que tudo terminou. Até que sua amiga querida se foi de ambos os mundos para sempre. Finalmente em paz.

Pela primeira vez em sua vida extraordinariamente longa, Silvia sentiu-se verdadeiramente só. Ela falhou em proteger Michaela, e agora ela estava morta. Mas existiam outros sofrendo sob o domínio do Pontifex. Ela se preocupava com o destino daquelas vestais, quase todas elas trancadas em êxtase agora por centenas de anos. Ela poderia salvá-las. Iria salvá-las. Este pensamento a manteve em seu caminho. E na manhã seguinte quando ela tomou sua forma invisível e viajou, um calor feroz queimava dentro dela. De vingança.

Seu próximo chamado a levou a uma menina jovem humana que tinha se perdido no bosque, tropeçou, e fatalmente foi atingida em sua cabeça. Os seres humanos eram apenas para breves viagens, não significavam uma longa estadia. Depois de tomá-la como anfitrião, Silvia recuperou as pedras de fogo, guardando-as em um local mais seguro. Um dia depois, o corpo da menina foi achado em sua cama, bem vestido e bem cuidado. Seu desejo de morte tinha sido voltar para casa, e assim ela fez.

Silvia vagou em direção ao norte, em seguida, permutando de um corpo para outro, apenas vivendo. Enquanto ela corria de sua solidão, ela continuou procurando as três pedras restantes. Apenas o paradeiro de duas era incerto,

pois ela sabia onde residia a sexta. Atrás em Roma. Com Bastian. Ela iria buscá-la somente após ela ter as outras cinco em sua posse. Quando seu coração estivesse suficientemente curado contra ele.

E quando ela tivesse as seis pedras, ela iria visitar Pontifex novamente. Em seguida, eles teriam, cada um, metade das pedras. Metade da potência. E depois veriam quem venceria dos dois.

Uma dor esmagadora viajou com ela quando ela lamentou a perda de Michaela. Ela chorou muitas vezes e tornou-se acostumada a ver seus olhos vermelhos e suas bochechas rachadas das lágrimas e geada. Inverno se tornou primavera, primavera verão e então tornou-se o outono, e ela mal percebeu. Ela sentiu a chamada de Pontifex nos Moonfuls que tinha passado, mas ela se escondeu dele e se recusou a prestar atenção a ele. As três pedras de fogo que ela possuía continuaram a compensar os efeitos da lua naquelas noites, permitindo-lhe reabastecer seu fogo Vestal para sobreviver.

Eventualmente, ela ouviu rumores de um opala grande na cidade de Ravenna. Este tinha originalmente pertencido à Vestal Floronia, mas atualmente estava pendurada numa corrente em volta do pescoço de uma dama da sociedade que não tinha ideia do que era. Quando uma de suas empregadas domésticas adoeceu e morreu, foi matéria fácil tomá-la como hospedeiro e fugir com a opala.

Após o roubo, Silvia depositou as quatro pedras de fogo em um banco em Florença para guarda e continuou sua procura pelas outras. Durante o curso de sua caça, ela foi lentamente forçada a reconectar com o mundo ao seu redor, a fim de obter informações que pudessem levá-la para outra pedra. Finalmente, em setembro, ela recebeu uma pista sobre uma quinta. Parecia que teria um leilão em Veneza em breve. Um que apresentaria uma opala excepcionalmente considerável.

Setembro 1881

Uma semana depois, Silvia estava em Veneza. Varrendo os pingos de chuva fora de seu manto, ela correu para dentro da imponente residência particular, assim quando o leilão estava prestes a começar. Atrás dela, as portas maciças duplas através da qual ela entrou na casa se fecharam com uma sólida conversão dispendiosa. Ela tinha entrado um minuto antes de ter de pagar a taxa que as casas de leilão tradicionalmente cobravam contra os retardatários.

No entanto, este não era um local tradicional de leilão, ela rapidamente percebeu quando o mordomo tomou seu manto encharcado. Era um grande salão de uma majestosa mansão Renascentista, era palazzo, que fronteava o Grande Canal de Veneza. O único acesso era através de gôndola, e desde que o dia era de tempestade a passagem aqui tinham sido difíceis e os atrasos inevitáveis.

A câmara que tinha sido destinada ao leilão era opulenta, suas paredes pintadas em tons suaves com afrescos. Ele continha poucos móveis além das três dezenas de cadeiras de espaldar reto, enfileiradas formando um arco e ocupadas por outros participantes.

Os itens a serem leiloados estavam bem empilhados na sala adjacente, que ela podia ver através de uma porta. Ela pretendia mais chegar cedo, a fim de examinar a opala e muito possivelmente roubá-la, mas a tempestade a tinha impedido de fazê-lo.

Uma vez que o leilão parecia uma ocasião promissora para encontrar uma das pedras de fogo, ela estava lendo atentamente os catálogos de casas de leilões já há algum tempo, o que a levou aqui. Ela não era uma estranha para os leilões. Na Roma antiga, tinha sido popular a venda de pilhagens de guerra e propriedades de família, e muito mais tarde, um de seus anfitriões tinha estado envolvido na venda em leilão de vinho toscano.

O grupo de rostos sombrios dos homens enchia a sala de licitação, as cabeças inclinadas enquanto eles examinavam os boletos impressos que haviam sido dados. Alguns eram notórios caçadores de tesouros. Cada um estava já absorvido no cálculo das compras que seriam mais prováveis para trazer-lhes lucro.

Quando ela encontrou um assento, o cavalheiro ao lado dela atirou nela um sorriso interessado. Sua hospedeira atual era jovem e bela, com olhos verdes, cabelos castanhos, e uma cintura fina. No entanto, o sorriso do homem murchou quando notou o hematoma no rosto pálido. Ela leu a pena em seu olhar. O hematoma tinha estado pior apenas uma hora atrás, quando ela tinha tomado este corpo como anfitrião, mas já estava desaparecendo e provavelmente iria logo desaparecer. Sua ocupação de um corpo geralmente curava tais feridas rapidamente. Infelizmente, a sua própria cicatriz não era tão fácil de ser despachada.

Quando ele continuou olhando, ela inclinou-se perto dele e confidenciou:

— O pior de todos está nas minhas costas, onde não dá para ver. Maridos ciumentos podem ser brutos. — Seu olhar foi contundente ao

seu anel de casamento. Então, ela deu-lhe um sorriso doce, o prazer pela expressão horrorizada do homem foi grande, pois ela não estava em um estado de espírito para ser caridosa para com os maridos.

Sua hospedeira atual havia sido espancada até a morte com um atizador por seu esposo esta tarde. Após o crime, ele tinha ido ao andar de cima alegremente com a sua amante. Sem dúvida, ele foi surpreendido quando retornou à cena do crime apenas para ver que o corpo da esposa sumiu, juntamente com sua pistola e todas as economias de seu seguro. Como desejava poder ter visto a expressão em seu rosto!

O leiloeiro tomou seu lugar no púlpito, agitando partículas de pó quando ele os deu boas vindas e depois abriu o leilão. A Primeira oferta foi de uma coleção de taxidermistas funcionais. Em seguida, uma oferta de livros antigos, em seguida, um conjunto de ferramentas de escultor e diversos bustos, algumas joias. Estes eram os ativos de devedores cujos bens foram confiscados e enviados aqui para ser liquidados.

A origem do objeto de interesse para Silvia estava listado como sendo uma propriedade em Roma. Ela daria muito para saber como o proprietário anterior conseguiu ter em seu poder essa opala. Sua proximidade com o Fórum significava que ele poderia ter ido lá recolher antes das escavações começassem. A caça a tesouros nas ruínas tinha sido nas décadas anteriores uma versão da “vagabundagem” para os cidadãos romanos. Algo feito como uma brincadeira durante um piquenique no Fórum numa tarde ociosa.

Aguardando a opala, Silvia avaliava sua competição, entretanto, fazendo o seu melhor para não chamar atenção indevida. O que era difícil quando ela era a única mulher presente. No entanto, isso poderia reverter-se em seu benefício. Muitos anos atrás, em um leilão semelhante, ela ganhou um item, simplesmente porque seus concorrentes eram muito cavalheirescos para licitar contra ela.

Eventualmente, o leiloeiro chegou à opala. Na menção a isto, ela sentiu uma onda maior de conscientização sobre o grupo. Sua ansiedade aumentou. Seria o dinheiro em sua bolsa suficiente para ganhar?

— Esta rara e colacionável opala é oferecida... A luz de vela... Conforme as instruções do vendedor. — o leiloeiro zumbia.

— Quem poderia ser? — Alguém gritou. Silvia esticou o pescoço para ver o homem, mas ele não parecia ter nada fora do comum.

— O proprietário prefere se manter anônimo — disse o leiloeiro. — Agora, como eu disse, estamos a proceder a luz de vela — Ele apontou para cima, e Silvia viu uma tábua plana e larga tinha sido ancorada em uma posição

horizontal a cerca de cinco metros ou mais abaixo do lustre ornamentado que pendia bem acima deles. Enquanto observavam, um rapaz ágil foi enviado por uma escada para colocar uma única vela sobre ele e iluminá-lo.

— O maior lance no momento em que a chama se apagar vai ganhar o item — esclareceu o leiloeiro quando o menino repercorreu os degraus da escada para baixo, para o chão.

A confiança de Silvia aumentou. Tendo assistido a vários leilões ao longo de sua longa vida, ela descobriu o segredo de ganhar neste tipo de venda. No instante antes de a vela se apagar, a fumaça poderia inverter o seu curso e começar a descer. Que é quando ela agiria.

As persianas do quarto trifólio das janelas estavam fechadas, e um silêncio assustador reinou na sala escura por um tempo. Em seguida, definindo uma agitação e uma licitação desconexa começou. Encorajado, o leiloeiro continuou a exaltar as virtudes da opala.

Acima deles, o brilho da vela e a fumaça subindo eram visíveis, mas a vela em si não era, sendo obscurecida pelo suporte sobre o qual ela estava assim que ninguém poderia ver o quão perto ela chegava ao seu fim. Depois de mais dez minutos decorridos, toda a mundo estava sentado reto, observando com grande interesse. Um leilão normalmente não durava mais de um sexto de uma hora — que era o que levava para uma vela extinguir-se. Silvia prendeu a respiração, os olhos apertados. A qualquer minuto agora.

Todos em volta dela, lances virem mais rápido e seu pulso manteve o ritmo.

Quando ela viu a fumaça começar a descer, ela lançou o seu primeiro e único lance.

— Cento e cinquenta liras!

— Duzentas! — Outro homem latiu. No mesmo instante, a luz da vela se apagou.

— Vendido! — Proclamou o leiloeiro enviando pânico deslizando para baixo a cada botão em sua coluna. Silvia ficou em pé em perigo. Ela viajou todo esse caminho e, em seguida, atuou uma fração de segundo apressadamente. Um homem com óculos sentado do outro lado da sala tinha vencido.

Os outros estavam de pé agora e arquivando o que tinham ou não adquirido, passando através da porta e depois pela mesa do contador no vestíbulo. Lá, eles iriam resolver suas dívidas e fazer acordos para a entrega dos itens que haviam comprado. Ansiosa, ela fez seu caminho em direção ao homem que comprou a opala. Vários outros participantes se reuniram em

torno dele com a mesma finalidade. Ele rapidamente os informou que ele estava agindo em nome de outro comprador cuja identidade ele não quis revelar. Quando tanto ele como o leiloeiro saíram da sala, os licitantes remanescentes os seguiram como um bando de corvos negros sobre a intenção de pescar mais informações deles.

Abruptamente, Silvia encontrou-se sozinha. Aproveitando a oportunidade que se apresentou, ela entrou no depósito adjacente. Se ela fosse rápida, ela poderia ter tempo para furtar a pedra de fogo. As janelas não tinham sido reabertas e era difícil ver, mas ela empurrou os itens e foi os examinando apressadamente a trabalhar seu caminho ao longo do perímetro da sala.

De repente, algo lhe chamou a atenção. Um flash. Rebitado, ela esticou o pescoço, apertando os olhos. Era uma das opalas! De quem, ela não poderia dizer até que ela a segurasse. Ela havia sido colocada sobre uma almofada de veludo dentro de uma pequena caixa de vidro do tamanho de um pedaço de pão. E este, por sua vez, foi situado dentro de um alto armário de vidro, que ficava atrás de uma escrivaninha grande. Ambos estavam trancados. Ela se prensou atrás de uma tela pintada em um dos lados do gabinete e rapidamente abriu o cadeado com um grampo. Então ela pegou a caixa de vidro pequena do interior. Envolvendo-a em sua saia para abafar o som, então ela bateu um dos seus lados de vidro contra a escrivaninha, forte o suficiente para quebrá-lo. A força de sua quebra enviou a opala deslizando para do corte aberto para o chão. Agachando-se, Silvia colocou a caixa de lado e agarrou-a, sentindo-se quase tonta de ter encontrado, a quinta pedra.

Estava quente em sua mão. Agora que ela a segurava, ela conseguiu intuir seu proprietário original. Licinia.

— Como você veio parar aqui? — Ela murmurou, pensando no caminho tortuoso que poderia ter tomado.

O som repentino de saltos se aproximando atingindo o piso de mármore veio como as rachaduras e o estalo de um chicote. Silvia se empurrou ao redor, inadvertidamente, fazendo com que a pequena caixa de vidro à ponta do seu lado caísse com um tilintar de vidro quebrado. Tinha ouvido o intruso?

Havia lacunas finas entre as ripas na parte inferior da tela pintada que escondia as escondia. Cautelosamente, ela espiou para fora. Pernas estavam se aproximando. Pernas de homem, forte e resistente como troncos de árvore e envoltas em fina lã e botas pretas.

O proprietário daquelas pernas parou no meio da sala, posicionando-se entre ela e a saída. Sentando-se de costas reta em um sofá de veludo de aparência desconfortável, ele se sentou de frente para sua direção e atravessou o tornozelo de uma bota polida sobre o joelho oposto.

Ela podia ver mais dele agora. Sua roupa era escura e sem corte na parte traseira de suas coxas. Um colete não trespasado com três botões e um V profundo enfatizou seus ombros largos. Mesmo tentando, ela não conseguia ver o rosto dele sem expor a si mesma.

O silêncio reinou entre eles. Ela debatia entre permanecer na clandestinidade até que ele fosse embora ou para mostrar a si mesma, acenar para ele, e simplesmente sair caminhando, na esperança que ele se não perguntasse o que ela estava escondendo. Então ele falou.

— Será que você espera que te responda? — As palavras eram levemente divertidas. Masculina. Querida e familiar. Bastian.

Condenação. Desde que ele obviamente, sabia que ela estava aqui, seria tolo continuar se escondendo. Deslizando a opala no bolso, ela deu um tapinha no duro conforto da pistola que tinha trazido com ela. Então ela se levantou e saiu de trás da tela para confrontá-lo.

Capítulo 15

Oh, doce Vesta! Ele *era* Bastian! Uma ridícula alegria a inundou por vê-lo novamente. Quantas noites ela tinha sonhado com ele? No entanto, na carne, ele era muito mais atraente do que em seus sonhos. Seu queixo forte e quadrado, e seu nariz e sobrancelhas retas. E seus lábios — o superior tinha uma borda de aço masculino, mas o inferior foi cortado sensualmente como uma estátua renascentista. Sim, ele era bonito, sem dúvida, sim.

Conforme seus olhos famintos o devoravam, os dele parecia fazer o mesmo com ela. Bem, deixe-o olhar. Ele não iria reconhecê-la nesta nova forma. Seus olhos desviaram para a porta. Ela deveria ir. Se ele tivesse adivinhado que ela tinha pego à opala, ele iria tentar impedi-la de sair com ela. Sem falar com ele, ela caminhou em direção à porta com as pernas tremendo, esperando a qualquer momento ser assaltada. O alívio inundou-lhe quando ele não agiu para detê-la.

Ela tinha empatado mesmo com ele. Agora, tudo que ela podia ver era seu perfil aristocrático. Ela fez uma pausa, perguntas giravam em seu cérebro. Por que ele estava aqui?

Seu atraente, rosto taciturno lentamente virou-se para contemplá-la, seus olhos prateados embaraçando com os verdes de seu anfitrião.

— Eu acho que você tem algo que me pertence.

Ela olhava para sua boca enquanto ele falava, então corou. Uma estranha calma caiu sobre ela, liberando a tensão no pescoço e ombros. Fazendo com que ela quisesse responder-lhe. Ela abriu seus lábios, em seguida, bateu os dedos sobre eles.

— Não, — ela sussurrou, balançando a cabeça lentamente, negativamente.

— Não?

— Não se preocupe em usar suas magias em mim, — ela repreendeu, revelando seu conhecimento de suas origens ElseWorld e, inadvertidamente admitindo suas próprias. — Eu só fiquei para trás para examinar os objetos em leilão, como eu não tive tempo para estudá-los mais cedo.

Em um casual, movimento elegante tingido com a força quase incontida, que caracterizava ele e seus irmãos, ele pôs um braço sobre o encosto da cadeira ao lado dele, dobrando seu corpo em sua direção.

— Eles já foram todos comprados e não estão mais disponíveis para o estudo do público, — ele informou a ela. — Ou para roubar.

— E quem é você para dizer?

Ele agitou uma mão para abranger em geral a sala.

— Eu sou o dono desta casa, bem como outras explorações aqui em Veneza e em Roma. O proprietário do último lote sobre o qual você deu lance. E perdeu. Para mim.

— Você tinha um lance em seu nome? — Ela perguntou em consternação. Esta opala era a que ele tinha com ele em Monti? Isso significava que não haveria necessidade de voltar a Roma afinal de contas, e esta noite poderia ser a última que ela veria ele.

Ele balançou a cabeça.

—Mas, por que deu lance em sua própria propriedade?

Ele apenas deu de ombros, olhando para ela de uma forma perturbadora, como se soubesse algo que ela não sabia. No entanto, certamente o inverso era verdade! Ele não tinha ideia de quem ela era.

A atmosfera entre eles tinha uma extremidade perigosa, e ela agora tinha a quinta joia. Melhor manter o seu plano original e buscar pela sexta. Se tudo corresse bem com Pontifex, talvez... Não, ela não iria pensar tão à frente.

— Estou saindo agora. E eu estou levando *isso*. — Ela puxou sua pistola para que ele pudesse vê-la. — E a sua “propriedade” comigo. Bom dia, signor. — Ela foi para a porta, seus passos acelerados enquanto ela se aproximava cada vez mais da liberdade. Sem qualquer aviso, ele bateu-a e fechou antes dela, a força de seu movimento momentaneamente insuflou sua saia e rodopiaram gavinhas de seu cabelo.

Silvia parou de surpresa, então correu para frente puxando a maçaneta de bronze. Ela estava trancada! Embora ela não tivesse o ouvido mover-se, de repente ela sentiu as costas quentes. Sua pistola foi sumariamente removida de sua mão e jogada longe ao chão com um barulho em algum canto longínquo entre outros itens em leilão. E com a mesma rapidez, a opala deixou seu bolso em sua mão e foi rapidamente cair no bolso de suas calças.

— Embora meu irmão mais novo tenha o maior talento, confesso que a movimentação de portas é algo que posso fazer por minha conta quando eu quiser fazer o esforço.

— Que bom para você, — ela conseguiu. Frustrada por ter perdido a opala, ela silenciosamente planejou a melhor maneira de recuperá-la.

Sua grande mão espalhou plana sobre sua barriga, e ela deslocou-se girando em torno de dentro de seu abraço, preferindo a fuga contra qualquer agressão.

Ela olhava para sua boca, depois corou. Uma expressão estranhamente satisfeita atravessou o rosto dele, como se seu toque confirmasse algo para ele.

As mãos dele se encaixavam perfeitamente na curva de sua cintura, moldando sobre ela a partir da costela ao quadril, como se ele gostasse da sensação tátil dela. Seus olhos traçando seu rosto, em seguida, seus dedos se seguiram.

— O que aconteceu com você?

Ela se encolheu se afastando, momentaneamente, supondo que ele se referia à cicatriz que seu pai lhe dera. Lembrando que ele só podia ver os hematomas do rosto da hospedeira, ela deu de ombros.

— Eu tinha um marido abusivo.

— Teve?

Ela o empurrou para trás e ele deixou-a escapar para tentar a outra porta na sala, achando-a trancada também.

— Posso comprar a pedra de você? — Ela perguntou, olhando para ele por cima do ombro.

Ele cruzou seus braços, um pequeno e pesado silêncio passou. Embora seus olhos não se movessem, ela sentiu que ele tinha acabado de avaliar e memorizar cada característica sua.

— Talvez.

— Por qual preço? — Perguntou ela, virando-se para ele, esperançosa.

— Para a resposta a algumas perguntas.

— Pergunte-as.

— Onde está Michaela? — Ele exigiu.

As palavras dele atingiu-a como um golpe e ela empalideceu, seu estômago deu cambalhotas. Deuses! Ela estava no corpo de uma mulher completamente desconhecida para ele.

Era como se ele tivesse adivinhado que ela era em tudo familiarizada com Michaela. Tardiamente tentando parecer inocente, ela perguntou:

— Michaela, que você disse? Sinto muito, mas eu não sei...

Ele estava ao seu lado antes que ela pudesse terminar. Subitamente, feroz, ele a agarrou contra a porta com um antebraço na garganta. Ela sentiu o sangue quente inundar seu rosto enquanto o ar era negado a ela.

— Você a conhece, muito bem. Seu rosto é um livro aberto. Agora, me diga onde ela está, ou eu vou fazer você se arrepender.

— Morta. — admitiu ela, sua voz um fraco, grasnido desesperado.

Por um momento, a pressão em seu pescoço aumentou e ela envolveu seus dedos brancos em torno de seu antebraço, temendo que ele fosse estrangulá-la. Só quando os pontos começaram a dançar à sua frente, ele cedeu, batendo os punhos em cada lado dela bastante duro amassando os painéis da porta.

— Foi você que a matou? — Ele rangeu.

Ela colocou uma mão à garganta machucada e tossiu.

— Não! Eu a vi assassinada em Monti naquela noite que você estava bêbado.

Ele lhe deu um único chocalhar de ossos estremecendo-a.

— Deuses... maldita seja você mentirosa. — ele murmurou. — Eu estava com Michaela naquela mesma noite. Era Moonful, e ela estava muito viva.

O som de vozes alcançou seus ouvidos de fora da porta. Alguém estava vindo. Silvia fez uma tentativa lamentável de chamar por socorro. Mas o braço musculoso de Bastian serpenteava em volta de sua cintura, levantando-a contra ele, e sua mão livre cobriu sua boca. Ela foi rapidamente levada para o outro lado da sala, como se ela pesasse nada e depois levada por uma série de corredores e quartos, e levada até uma escada nas costas como um saco de farinha.

Finalmente, chegaram à outra porta, e depois Bastian a levou através dela, ele a soltou no que parecia ser uma biblioteca bastante acolhedora. Ele entrou dentro com ela, então virou a porta fechando-a atrás dele, efetivamente sequestrando-a dentro. Girando a chave na sua fechadura, ele fez um show ao embolsa-la. Então, ele cruzou os braços.

— Agora, fale.

Sua mente trabalhava furiosamente enquanto ela tentava decidir o que ele sabia. O que ela devia dizer. Quando ela não respondeu rapidamente o suficiente de acordo para ele, ele deu um passo ameaçador em sua direção e logo teve suas costas contra uma estante de vidro.

— Seu antigo marido pode não ter conseguido controlar você, mas eu estou bem perto de terminar o trabalho eu mesmo se você não me contar o que aconteceu com Michaela.

Uma mistura parcial de verdades e mentiras parecia sua melhor opção, pois muitas verdades sólidas podiam levar a outras que ela não deseja compartilhar.

— Ela foi assassinada por um Ogro. Não naquela noite em Monti, mas em outra noite. . .

— Um Ogro? Quando? Onde?

— Em... Florença. Um mês atrás. E eu não sou tão amiga o suficiente para diferenciar um Ogro de outro.

— Você é uma pobre mentirosa, realmente deve desistir disso. — Sua mão pegou na sua nuca, e seu polegar traçou os hematomas que ele tinha feito em sua garganta. Sua voz estava em um limite perigoso. — Não me faça te machucar para conhecer a verdade.

— Eu não a matei — disse ela com sinceridade. — Eu a amava.

— Tudo bem, então — disse ele com mais calma, parecendo acreditar nisso, pelo menos. — Nós temos a noite toda para chegar ao resto da verdade. Toda a semana. Todo o mês. Fique a vontade. E para cada mentira que você contar, eu vou acrescentar mais um dia à sua detenção.

Ela apenas riu de sua ameaça, surpreendendo-o.

— Eu posso sair desta sala, sempre que eu quiser. E quando eu fizer isso, você terá um corpo morto em suas mãos.

— Você se importa de explicar esse mistério?

Ela encolheu os ombros. Tinha sido uma ameaça vã. Ela só poderia roubá-lo enquanto em forma corpórea, seja ela hospedeira ou em sua própria forma. E se ele a visse em sua forma efêmera de verdade, seria um caminho para se fazer mortal.

Sua mão caiu e ela foi para longe no momento em que a soltou.

— Vamos fazer um acordo — ele sugeriu. — Você vai ficar até que responda a cada uma de minhas perguntas. Então eu vou dar-lhe isso.

Ele puxou a opala do bolso, mostrando a ela. Ela olhou para ela com cobiça. Ela lhe diria quase toda a verdade, a fim de tê-la. Mas ela poderia confiar nele?

#####

Bastian viu seus olhos verdes se iluminarem com interesse. Seus olhos eram bonitos, mas eles eram da cor errada. Ela era a mulher errada. Ou era ela?

Cinco meses atrás, Michaela tinha partido de Roma, levando três outras opalas e toda a cor com ela. Desde então, tudo em torno dele havia sido desolador, uma existência vestida em tons de monótono cinza e austero preto e branco.

Mas no momento em que ele tocou essa mulher lá embaixo, a cor saltou a vida novamente. Sua pele era pálida, seus lábios pêssego, seu cabelo de um castanho brilhante, seu vestido listrado em lavanda e verde. Quanto mais tempo ele estava em sua companhia, mais a cor se estendia para fora dela, mesmo quando ele não estava tocando-a. A cor os havia seguido através de sua casa e agora pintava metade da biblioteca ao seu redor.

Ela estava em pé atrás de uma das suas cadeiras estofadas de leitura, observando-o com uma cautela calculista. Seu olhar foi para a mão dela, onde ela descansou no encosto da cadeira e encontrou o anel que ela usava. Ele só esperava que ela fosse viúva, pois a chegada da cor no seu mundo estava tendo seu efeito costumeiro em sua anatomia.

— Sua proposta é muito aberta. Em vez disso, eu vou lhe dar cinco respostas a cinco perguntas. — ela negociou. — Em troca, eu quero a opala e minha liberdade.

— Dez perguntas — Ele rebateu.

— Tudo bem.

Ele inclinou a cabeça.

— Feito.

— Jure por seu Deus.

— Eu juro — disse ele facilmente.

Ele foi se sentar em uma cadeira e depois apontou-a a sentar ao lado dele na qual ela atualmente utilizava como uma barreira entre eles.

— Venha, deixe-me ver o seu rosto para que eu possa melhor dizer se esta dizendo verdade ou mentira.

Ela acomodou-se sem argumento, sentando-se e dobrando as mãos no colo. Ele colocou a opala na pequena mesa entre os braços de suas cadeiras. Seus olhos aquisitivos foram em seguida para se fixarem nos seus.

Ele sentou-se para trás, seu olhar direto.

— Quem é você, e como você conhece Michaela? — Ela pareceu tão horrorizada com a sua salva de abertura que ele quase quis rir. Quase.

— Isso são duas perguntas — ela evadiu.

— Vamos contar como duas, então, assim eu tenho duas respostas verdadeiras de você.

— Muito bem. Eu sou uma Efêmera — admitiu sem rodeios, como se esperasse chocá-lo. — Assim como foi Michaela.

Uma curta rajada de riso o deixou nesta mentira fantástica. Ephemerals eram criaturas mitológicas.

— Um carniceiro mitológico? Eu acho que não.

Ela cruzou os braços.

— Esse é um termo ofensivo.

— Ladrão de corpos, então?

— Também ofensivo, como você bem sabe. E essa foi a sua terceira pergunta.

Seu aborrecimento foi um grande incentivo para convencê-lo. Seria possível que ela não estivesse mentindo? Afinal, sua própria família podia criar Shimmerskins da névoa.

Seria a existência de uma efêmera realmente um conceito tão estranho em comparação?

— Ephemerals são criados por Deuses — ele meditou.

— Isso foi uma pergunta? Ou...?

— Eu vou reformular. Que deus criou você? E espero uma resposta completa, que me convença que o mito é real — disse ele.

Uma pausa, então ela deu a ele sua admissão tranquila.

— Vesta. — Quando ele apenas olhou-a com ceticismo, os lábios apertados, ela se inclinou em direção a ele, querendo que acreditasse nela. — Você acha que Michaela ou eu pedimos por esta vida? Nós não pedimos. Foi imposto a nós quando éramos meninas, séculos atrás, em tempos antigos, quando as mulheres não tinham nenhum poder. Você queria saber se existiam doze vestais, em vez das seis que citaram os filósofos. Bem, eu posso resolver esse enigma para você se isso for ajudar a convencê-lo. Havia de fato seis Virgens. Mas havia também seis Companheiras. Nós treinamos lado a lado, tendo as nossas refeições juntas e cuidando do fogo juntas. Todas nós dedicando a Vesta. E quando seu templo foi violentamente dissolvido, ela transformou todas nós em Ephemerals.

— E como você sabia que eu me perguntava se seriam doze vestais? — Ele perguntou em voz baixa.

Ela recuou. Percebendo seu erro, ela ficou evasiva.

— Eu...

Mas ele já tinha sua resposta. Em sua mente, ele se viu sendo levado para o local do templo de Vesta, onde ele viu não seis, *mas doze* aparições. E, em seguida, apenas dois dias mais tarde, um menino de doze anos de idade, marcando fatos na sua tenda de trabalho no Fórum: *Um: Enéias trouxe o fogo eterno, para o templo de Vesta de Troy. Dois: Ele queimou lá por 900 anos. Três: Doze vestais o cuidava não o deixando apagar-se.*

— Deuses, foi você quem me levou ao templo, não foi? E você era... Rico. — Seus olhos chicotearam sobre ela, quase incapaz de dar crédito

que essa... pessoa... fosse o mesmo ser... a aparição da menina, assim como o menino que ele tinha conhecido no Fórum há cinco meses. De repente, a mulher que já o intrigava se tornou a criatura mais fascinante que ele já conheceu. — Você está realmente dizendo a verdade. Você é uma efêmera, e você tomou Rico como hospedeiro a fim de ganhar acesso às escavações do Fórum.

Manchas gêmeas se formaram, austeras em seu rosto pálido. Embora ela parecesse completamente mortificada que ele tenha adivinhado, tudo o que ela lhe deu em resposta foi um simples.

— Sim, qual a próxima pergunta?

Bastian balançou a cabeça lentamente, ainda tentando digerir o fato de que esta mulher e Rico foram uma única coisa. Ele e Rico tinha trabalhado muito tempo, horas tardias juntos. Cearam juntos, brincaram, argumentaram. O menino tinha alternadamente o irritado e divertido. Eles compartilhavam uma verdadeira paixão pelas escavações. Quanto disso foi ela? Qual a aparência dela na sua verdadeira forma? Ele levantou a opala e colocou-a na palma da mão. Seus olhos a seguiram.

— Por que você simplesmente não se faz uma aparição agora, toma esta opala, e foge com ela? — ele perguntou.

— Porque, com uma forma não corpórea, não posso carregá-la. E isso completa seis perguntas.

— Vou adicionar uma sétima. Você é uma mulher?

Ela assentiu, parecendo desconfortável na virada em sua conversa.

— Aquela que parece ter um efeito venenoso sobre aqueles que você entra em contato. Você vai me matar também?

— Eu não *matei* Rico. Ou Michaela! — Ela protestou, parecendo perder a rédea curta que ela tinha, até agora, mantido seu controle. — Eu não queria que qualquer um deles morresse. Eu amava Michaela, eu já lhe disse isso. Muito mais do que você fez. E eu gostava de Rico. Mas ele estava morto quando o conheci. Ou morrendo, de qualquer maneira, de uma mordida de rato. Ele era um estranho para mim, uma vida que eu emprestei por algumas semanas além de sua existência natural. E Michaela foi assassinada naquela noite em Monti. Não havia nada que eu pudesse fazer para impedir que qualquer um deles morresse. Nunca há!

— Você está perturbada. Mas tem um anel honesto pelo menos. — Ele se levantou e foi para o seu carrinho de bebidas bem abastecido, e por um momento o único som no o quarto foi o tilintar de cristal.

Ela olhou o conteúdo da garrafa de onde ele derramou.

— E você é um bêbado desagradável, signor. Espero...

Tendo servido duas taças, ele bateu com a garrafa de cristal sobre o carrinho.

— Eu começo a notar sua semelhança com o Rico cada vez mais com o passar do tempo. Suas observações, muitas vezes me irritavam também. — Ele pegou um copo e deu para ela, bebendo do seu próprio.

Depois de cheirar o dela, ela bebeu, obviamente, tendo percebido que era apenas água e limão.

— Faça suas duas últimas perguntas para que eu possa ir.

Silvia não olhou para cima quando Bastian veio e ficou em pé acima dela, seus longos dedos tocando sua taça. O que estava se passando em sua mente? Ela se perguntava enquanto ele a olhava beber. O conceito de outros Ephemeral tanto fascinava quanto repelia por turnos. Será que ela a enojava?

Ele estava revisando todas as conversas que ele tivera com Rico, como ela era? Tinha sido tão fácil de brincar com ele quando ela se disfarçou como um menino de doze anos de idade. Mas agora, de repente, sabia que todos os comentários provocadores tinham realmente vindo dela. E que a camaradagem que ele tinha compartilhado com Rico, em realidade, foi uma proximidade compartilhada com ela.

Ela gemeu interiormente, lembrando-se dos cartões eróticos naquela manhã na sua tenda, e sua discussão sobre o Ritual da purificação em ElseWorld. Dezenas de pequenos embaraços mais passaram pela sua mente. Ela se endireitou, dizendo a si mesma que não importava e não somaram nada no esquema geral das coisas. Ela teria o que ela queria com ele e sua liberdade em breve.

Outra pergunta veio, sua nona por sua contagem.

— Quantos anos você tem?

Ela deu um suspiro de alívio e deu-lhe um leve sorriso.

— Para sempre 23 — disse ela. Mas, mesmo para seus próprios ouvidos, seu tom tinha saído como uma desvantagem pungente, ao invés de caprichosa que ela tinha destinado a parecer. Ela se mexeu e sentou-se para frente, pressionando as pernas de lado e se fixando diante de uma grande janela. Lá fora, a tempestade piorou. Alguns diziam que Veneza sumiria um dia na violência de uma tempestade. Ela se virou para olhar para ele, onde ainda estava em pé diante da cadeira. — Próxima.

— Algo me quebra a cabeça. — Ele olhou para ela sobre a borda de sua taça, em seguida, colocando sua bebida de lado. — Se Michaela morreu em Monti naquela noite em que eu estava bêbado... — Seus olhos aguçados

fixaram-se sobre ela. — Então, quem estava comigo naquela noite de chamado?

Seus olhos se arregalaram. *Deuses, não! Não o deixe adivinhar.*

— Você — ele disse baixinho, respondendo à sua própria pergunta. — Você a tomou como hospedeira e, em seguida, passou o Moonful comigo. Fodendo comigo. Na noite em que sua amiga mais querida morreu.

Ela recuou como se tivesse sido atingida, em seguida, saltou em sua própria defesa.

— Você me acha insensível. Mas você não sabe nada.

— Explique, então. E isso é um comando, e não outra pergunta, só assim nos entenderemos.

Silvia queria que ele entendesse, precisava que ele o fizesse para não pensar mal dela neste assunto. Então, ela respondeu.

— Quando um hospedeiro morre, eles sempre deixam alguns assuntos pessoais que lhes são importantes inacabados. Eu faço o meu melhor para conseguir o que quer que eles desejem em seus momentos finais de vida. Eu cumpro seus últimos desejos. Por exemplo, Rico queria um lar para Sal.

Uma luz raiou em seus olhos.

— E você encontrou um para ele. O meu.

Ela assentiu com a cabeça.

— E Michaela, ela... Ela queria deitar com você novamente.

— Eu vejo. — Ele levantou a opala da mesa, girando-a mais e mais em sua mão. — E assim você a satisfez.

Ela olhou para a joia em seus dedos fortes e acenou com a cabeça novamente.

— Você fez isso com entusiasmo gratificante. E por semanas.

Ela enrubesceu, sentindo-se nua diante dele agora e vulnerável, e desejando que o chão se abrisse para que ela pudesse cair por ele.

— Você teve suas dez perguntas e respostas. Acredito que estamos entendidos, senhor. Você me deve a opala e minha liberdade.

Ela foi até ele e ofereceu uma mão de palma, para cima.

A opala foi para o seu bolso.

— Temo que você tenha contado errado. Eu mesmo respondi a última pergunta.

O queixo dela caiu.

— Você é um trapaceiro, senhor! — Disse, indignada. — Bem, pergunte a outra, então, e vamos terminar com isso!

— Assim que tenhamos comido. Vamos fazer uma pausa até que determinemos mutuamente que a contagem começar de novo. De acordo? — Ele deu um puxão em um torsal com franjas convocando os servos.

Quando seus lábios se apertaram amotinados, ele apontou para a janela.

— A tempestade cresceu furiosa. Os canais estarão intransitáveis até que ela facilite. Até então, fique comigo. Como velhos amigos compartilhando uma refeição. Venha, temos sido amigos no passado, não é mesmo? E eu sei como você gosta de comer.

Silvia só olhou para ele e depois foi olhar para dentro do canal, vendo imediatamente que ele estava certo. Não havia um único barco que se atrevesse no bravo das ondas enormes abaixo. A chuva era tão impenetrável que ela mal podia ver a linha de edifícios em tons pastel através do canal de sua casa. Ela suspirou.

— Você tem algum cioccolato? — E ele sorriu por isso, sabendo que ele tinha começado o seu caminho.

Eles comeram juntos lá em sua biblioteca, e ela regalou-o com a vida que ela viveu em Roma na idade de 6 a 23, antes que o templo tivesse sido destruído. E como seus servos perfeitamente os atendendo, ele parecia determinado a ser divertido, contando-lhe histórias de sua infância. Este era um lado dele que ela não tinha visto. O cavalheiro urbano, com um eficiente equipe bem treinada, ele parecia fazer um exame para ser aceito.

— Onde você cresceu? — Ela perguntou por fim, curiosa sobre ele. — Você e seus irmãos?

Ele parecia se fechar em suas emoções, então por mais estranho que pudesse ser dessa vez ele forneceu as informações.

— Em ElseWorld, até que eu completei onze anos. Então, todos nós viemos aqui para a Itália.

— Por que aqui?

Ele sentou-se a mesa.

— Um conto para outra hora. Sua história é mais fascinante esta noite.

— Não é tão fascinante como a vida de qualquer um — disse ela. — No dia em que entramos no templo, fomos legalmente emancipadas da autoridade de nossos pais. Juramos castidade por 30 anos sem saber o que dizíamos.

— Um voto que você quebrou. Comigo.

Ela só encolheu os ombros, não querendo entrar nas nuances bizarras da questão de sua virgindade com ele. Ela olhou pela janela.

— Já é tarde. — Ela empurrou a cadeira e ele pegou o pulso dela antes que pudesse afastar-se.

— Você se sente culpada porque estava comigo enquanto estava nela. Apesar do que você disse antes.

Ela se recusou a olhar para ele.

— Kayla era minha melhor amiga. E ela estava apaixonada por você.

Ele estava em pé diante dela e a puxou contra ele com suas mãos entrelaçadas sobre o seu coração, as suas quentes em cima das dele.

— Eu não poderia amá-la como ela queria que eu a amasse. Teríamos nos separado mesmo se ela não tivesse morrido. Mesmo se você não tivesse aparecido.

— Dê-me a opala — ela sussurrou em seu peito. — E deixe-me ir.

— Eu estou apaixonado por você.

Ela riu, um som áspero, irritado, e empurrou-o para longe.

— Você não está apaixonado por mim.

Ele a observou, imperturbável.

— Dificilmente essa é a resposta que eu estava esperando, meu amor.

— Não me console. Eu não sou estúpida. O que você acha de ganhará contando-me essa mentira? As opalas? Não vai funcionar.

— Vamos, nós temos que tira-las do caminho, então. Não estou lhe dizendo que te amo, a fim de obtê-las.

— Você disse a Michaela que você não poderia amar ninguém — ela o acusou, recuando quando ele veio em sua direção.

— Que eu não poderia amá-la — ele corrigiu.

Ela jogou as mãos para cima.

— Como você é valente! Você não poderia amar uma companheira que tinha matado o coração de milhares de outros homens? E ainda assim você diz que me ama, a mim a quem nem sequer conhece? A mim? A quem nunca nem ao menos viu na verdadeira forma? — Ela parou e empurrou contra ele. — E pare de perseguir-me!

Seus olhos ardiam sobre ela.

— Mostre-me, então. Mostra-te a mim.

Ela riu amargamente.

— Como Michaela fez? Ela fez-se mortal por você!

Isto o chocou.

— Ao mostrar-se a mim em sólida forma efêmera?

Ela cruzou os braços, balançando a cabeça.

— E quando lhe deu o seu nome verdadeiro. Isso foi tudo o que precisou.

— Eu não pedi isso a ela. — Ele correu os dedos pelos cabelos. — Deuses, ela era uma fada mortal quando eu a conheci. Eu não sabia que ela já tinha sido qualquer outra coisa.

— Eu vi você trabalhar noite após noite para decifrar os segredos de um mero fragmento de cerâmica. No entanto, você nunca encontrou tempo para montar o quebra-cabeça que foi Michaela. Ela amava você. E você a machucou.

Ele olhou para ela.

— Sem querer.

Ela enfiou um dedo em seu peito.

— Você sabe o que eu acho? Eu acho que ela foi um desafio para você. Você queria provar que era forte o suficiente para suportar a emoção do toque de uma companheira. Eu nunca soube de outro homem que pudesse fazer isso.

— Isso indicaria que eu era o desafio para ela e não o contrário.

— O quê?

— Michaela queria o que era inalcançável. Com o tempo, acho que ela teria ficado entediada com qualquer homem que a amasse.

Silvia balançou a cabeça.

— Não fale assim dela. — Mas uma pequena parte sua se perguntou se ele poderia estar certo. Impossível saber agora que Michaela tinha ido embora.

Uma pausa, então sua voz veio para ela novamente.

— Eu tenho feito publicidade da pedra que possuo desde que você desapareceu. Onde você esteve nos últimos cinco meses?

— O leilão foi uma armadilha, então?

— Sim, e parece que eu a peguei. — Havia mais de uma dica de satisfação masculina no seu tom. — Parece que eu só tinha de utilizar a isca certa.

— Você perguntou a mais do que sua cota de perguntas por agora. Você vai me dar à opala? Você jurou em seu Deus.

— Nós concordamos em determinar mutuamente quando a contagem oficial iria recomeçar.

Ela olhou para ele.

— Você não tem a intenção de dá-la para mim, não é?

— Eu vou manter a minha barganha. Na verdade, vamos concordar que esta questão seguinte será a de número dez: Por que é tão importante que você tenha essas opalas?

Ela virou a mesa.

— Por que você as quer tão duramente?

Ele respondeu com facilidade.

— Porque eu acredito que elas são poderosos. E eu acredito que se eu puder reunir todos as seis aqui em Roma, mais uma vez, elas vão proteger todos os seres de ElseWorld que vivem aqui neste mundo. Pense nisso, não precisa de mais um reforço constante da magia para nos esconder aqui. Não haverá mais medo de sermos descoberto.

Silvia o encarou, chocada. Ele não sabia que seis opalas já tinham ido para ElseWorld. Mas se ele estivesse certo, o que aconteceria se ela levasse as outras seis para lá também?

— E eu espero persuadir você e suas opalas a ficar em Roma também. Comigo. Nós trabalhamos bem juntos no Fórum. E eu vou necessitar de um novo capataz em breve, uma vez que eu me livre de Ilari. Você é uma arqueóloga talentosa. E eu te amo.

Ela beliscou o interior de seu cotovelo, intencionalmente trazendo-lhe lágrimas. Os olhos enevoados dela foram para olhar para ele.

— Realmente? — Infelizmente a mão dela foi pega quando se aventurou em seu bolso pela opala. A outra mão dele levantou seu braço, beijando o mesmo lugar que ela beliscou.

— Dê-me essa pedra maldita e me deixe ir — ela grunhiu, empurrando-se para longe.

— Desde que eu sou do tipo otimista, eu vou assumir que você quer dizer isso apenas como uma rejeição temporária — disse ele. — Mas você não respondeu minha pergunta, mais uma vez. E até que eu tenha a minha última pergunta — pergunta oficial — então você deve permanecer comigo. — Indo para seu cofre de parede, girou o bloqueio e prontamente depositou a opala lá dentro.

— Deixe-me tê-la ou eu te juro que vou deixá-lo com um corpo morto em seu sofá.

— O meu? — Ele perguntou suavemente.

— O de minha anfitriã! — Ela gritou.

— Ouça-me — disse ele, seu tom ficando sério. — Há outras razões para que você permaneça comigo. Desde que você partiu, os investigadores de

ElseWorld estiveram à espreita do Fórum perguntando sobre o paradeiro de Michaela.

Alarme a encheu. Mais dos capangas de Pontifex. Tinham que ser. Ela começou a andar, parando na janela com vista para o canal. Empoleirando-se no assento da janela, ela considerou seu próximo passo.

— Diga-me por que você quer as opalas. Deixe-me protegê-la — disse ele, chegando a ficar à sua frente.

— Eu posso me proteger — ela informou a ele.

Ele tocou o hematoma em seu rosto, e ela deu de ombros.

— Isso aconteceu com o minha hospedeira, Angelique, não comigo. Ela foi deixada para morrer por seu devotado marido.

— Deuses — disse ele, balançando a cabeça, como se algumas da realidade do que sua vida era comesse a afundar dentro — Esta é a forma dela; este corpo que você habita. Quanto tempo você vai mantê-lo?

— Ela vai realmente morrer dentro de semanas.

— E depois?

— Então eu vou me tornar efêmera.

— Visível?

— Eu posso alternar entre a forma sólida ou efêmera como eu escolher para uma duração de 24 horas. Depois disso, eu torno-me fraca e devo tomar outro hospedeiro ou então perecer.

— Então, agora eu conheço o pior — disse ele. — E eu ainda quero você.

Ele puxou-a nos seus braços e ela deixou, querendo sentir seus braços em torno dela uma última vez. Tomando seu lugar no assento da janela, ele a pôs em seu colo e acariciou seu rosto machucado com seus lábios, suas mãos acariciando as costas.

— Eu garanto que você não conhece o pior, signor. — Sua expressão sombria, ela tentou afastá-lo com palavras. — Você não me conhece, Bastian. Nem mesmo eu me conheço. Eu nunca sei quando eu acordo de manhã, se eu vou para a cama naquela noite, como a mesma pessoa. Eu tenho trocado de hospedeiro, centenas de vezes através dos séculos e estou afetada por cada um. Eu sou um amontoado de suas peculiaridades e habilidades. Uma certa estranheza vem com isso.

Mas ele não fugiu dela, e só esfregou as costas dela com a mão grande e acomodou-os com mais segurança no assento da janela.

— Como você consegue manter a sanidade?

Ela encolheu os ombros.

— Eu não olho muito à frente. Então me dê o opala e aceite que eu tenho um uso importante para ela. E nunca mais me diga que você me ama apenas para obter informações.

O rosto dele se aninhou em seu cabelo.

—Eu sei como obter informações de uma mulher sem a pretensão de amá-la.

— Eu sei tudo sobre o prazer que você pode dar a uma mulher. Eu fui Michaela por um tempo, lembra?

A tensão caiu entre eles, uma girada de recordações sensuais.

— Sim, eu lembro bem. E também me lembro de como você e ela partiram para longe de mim. Eu só lembro-me do quanto eu antecipei nosso reencontro. — A mão dele levantou seu rosto.

Ela procurou seus olhos e lembrou-se também.

— Então vamos ficar juntos outra vez — ela sussurrou. — Uma vez mais, e nós vamos adiar a discussão sobre outras coisas por um tempo.

Sua boca tocou-lhe e os seus braços se apertaram em torno dela, sua própria boca faminta. Ambos trabalharam na sua saia até que ela estava livre dela, então ele a levantou e a fez ajoelhar-se sobre seu colo, de frente para ele. Suas mãos se atrapalharam entre eles, e tão logo ele abriu sua própria calça ele se impulsionou dentro dela. Ela ofegou e arqueou contra seu peito, as mãos agarrando seus ombros. E por um momento nenhum deles se mexeu, apenas emocionados com a sensação de seu acoplamento inicial.

Suas mãos acariciaram sua nuca.

— Eu tive saudades de você — ela admitiu contra sua garganta.

Seus braços foram ao redor dela outra vez.

— E eu de você. — Então ele estava se movendo sobre ela com uma necessidade masculina e a força que disparou de seu desejo maior. As cortinas batiam na janela de vidro atrás dele enquanto a tempestade se alastrava, combinando com o ritmo selvagem de seu coração. Fizeram amor ali no paraíso tempestuoso do assento da janela, seu acasalamento duro e desesperado feito às pressas, seus suspiros e gemidos apimentavam o ar.

Ele falou quente contra sua pele.

— Deuses, eu te amo... — Então — Noventa infernos, qual é seu nome?

Ela balançou a cabeça, e em várias punhaladas mais, e os corpos há muito tempo negados estavam ambos juntos estremecendo em êxtase. Momentos depois, ela caiu sobre ele, sua respiração ainda ofegante pelo orgasmo.

Sua cabeça caiu para trás contra o vidro, com as mãos segurando seus quadris.

— Anya.

Ela olhou para ele, franzindo a testa.

— O quê?

Seus olhos quase fechados se abriram para olhar para ela.

— Seu nome. Estou tentando adivinhar.

Ela balançou a cabeça, sorrindo. Feliz por estar com ele e desejando que pudesse durar.

Suas mãos começaram a passear, acariciando sobre a sua forma.

— Maria, então? Não, eu já sei: Esmeralda.

Ela riu.

— Pare.

Suas mãos nas costas dela a empurraram para frente a estendendo sobre ele. Ele ainda estava duro nela e ela pulsado sobre ele, um eco do orgasmo que ele tinha dado a ela.

— Isso é bom entre nós efêmera. Não negue.

Ela abaixou a cabeça, braços laçando suas costas, em silêncio.

Empurrou seu ombro para ela, sem palavras que requisessem uma resposta.

— Eu não gosto de ceder em reminiscências pós-coito.

Uma mão acariciou o cabelo dela, empurrando uma mexa atrás da orelha.

— Eu vejo. Vou me lembrar disso.

— O que isso quer dizer?

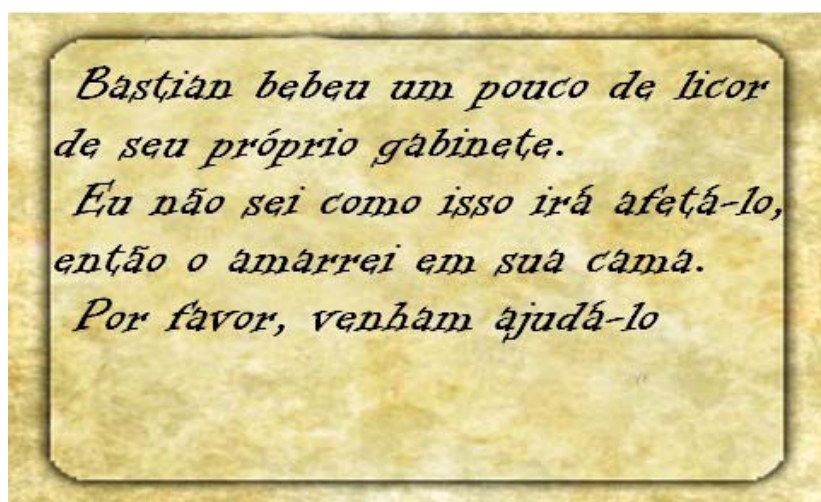
— Isso significa que eu pretendo transar com você outra vez no futuro.

— Ele flexionou os quadris ligeiramente, empurrando mais profundo em sua maciez. Sua carne pulsou em torno dele novamente mais duro neste momento. Ela olhou para além dele na paisagem que a chuva lavava fora da janela. Estava escuro e solitário lá fora. Ele estava quente, convidativo. A manhã faria uma despedida tão boa quanto essa noite. Convencendo-se muito facilmente, ela arrastou os dedos em seus cabelos e procurou o seu beijo.

— Num futuro muito próximo, eu espero — ela murmurou contra seus lábios, e sentiu seu lento, sorriso sexy.

Deitaram-se novamente em sua biblioteca e mais tarde em seu quarto, juntando-se uma e outra vez até a exaustão. E ao amanhecer, quando seus servos trouxeram o café da manhã, ela inclinou uma meia dúzia de gotas de licor que ele mantinha para agradar seus visitantes em seu cappuccino. Um

quarto de hora depois, ela o beijou em despedida e fechou a porta do quarto, deixando-o dentro, desmaiado. Ela foi à biblioteca e dedilhou o número que ela tinha o visto usar no dial de seu cofre. E quando ela teve a opala no bolso, sentou-se e rapidamente escreveu um bilhete:



Ela começou a assiná-lo e, em seguida, olhou para a folha, a caneta pronta acima dela. Uma lágrima rolou pelo seu rosto e pulou sobre a carta. Ela não tinha um nome para dar. Dar o seu seria o mesmo que dar um passo em direção de torná-la mortal. Então ela simplesmente apagou todas as provas de sua lágrima, selou a nota, e depois se aproximou de um dos seus servos com ela.

— Lord Satyr ficou doente — ela disse a ele. — Algum de seus irmãos está aqui em Veneza?

— Apenas um deles, Lord Lucien — ela foi informada.

— Procure-o e dê-lhe isso. Diga-lhe que seu irmão se trancou em seu quarto e pede para vê-lo. — O servo de olhos arregalados correu para entregar sua missiva. Bastian ficaria com raiva quando acordasse. Melhor não estar aqui.

Ela saiu pela manhã calma e pegou uma gôndola de aluguel que passava sob o céu azul. Quando ela estava sentada lá dentro, ela sentiu o conforto da pedra que ela tinha roubado dele no bolso. Ela tinha cinco agora, e uma delas era a sua. Ela não tinha nenhuma razão viável para vê-lo novamente. Mas talvez o amor fosse motivo suficiente para uma visita a Roma um dia depois de seu trabalho ser concluído. Ou seja, se Pontifex não a matasse antes que ela pudesse controlá-lo. E se a tomada das opalas não destruísse tudo que Bastian

tinha construído aqui na Itália. Se não tornar-se este mundo seguro para sua família e para todos os seres de ElseWorld como ele acreditava que poderia. Eram “SES” demais.

Cena Antiga VII

389 dC Roma, Itália

De três horas agora, Silvia ficou sentada na almofada de penas e pelúcia, do sofá mármore — assento de honra, que tinha sido especificamente designado para ela usar esta noite. Apesar da multidão barulhenta em torno dela, ela estava isolada. Diferente. Considerada muito virtuosa para se misturar com qualquer um que não fosse os idosos dignitários.

Agora que estava com 21 anos — marcando meio caminho no seu serviço de trinta anos para Vesta — ela tinha sido solicitada para officiar aqui esta noite por ocasião das Calendas mensais. O que anteriormente havia começado como uma celebração de dança, poesia, música e proezas de mágica sobre as peças de artistas talentosos agora se devolvia em um espetáculo sibarita.

Vinho borbulhava alegremente diante das fontes ornamentadas tão prontamente como a chuva em uma tempestade de tarde de verão. Os dedos dos hóspedes estavam gordurosos de uma refeição de azeitonas e caça. Esposas olhavam com olhos cansados seus maridos puxarem as dançarinas núbias em suas voltas, para que elas se contorcem sobre eles em um processo lento, sensual e erótico. Os arlequins, que tinham anteriormente confinado a sua magia à tração de pombas, lenços, e frutas atrás das orelhas, agora os arrancavam por debaixo das saias das várias senhoras na multidão, arrancando risos cacofônicos dos espectadores.

No entanto, todo este desporto alegre não distraía Silvia, pois ela estava completamente excluída. Ela não se atreveu a relaxar a guarda e desfrutar da ocasião como outros faziam. Era inédito para uma das vestais participar de tais libertinagem.

Um escravo núbio parou para oferecer-lhe um prato com uma seleção de mel derramada sobre melão, um soufflé, peixes em alho-poró, e uma variedade de uvas passas, azeitonas e nozes. Ela mandou-o embora.

Em sua visão periférica, ela viu a luz ardente de fogo sendo jogado lá no alto. Ela sentiu os olhos escuros nela. Sentiu-os repetidamente sobre ela toda a noite. Bebendo seu vinho, ela furtivamente lançou um olhar sobre o que a atormentava. O malabarista de fogo principal. Seu corpo era musculoso e esculpido e deu à luz da cintura, seu cabelo escuro, longo e sua mandíbula quadrada, e sua cor morena. Ela tinha ansiado abertamente olhar sobre ele muitas vezes, mas tinha permitido seus olhos caírem sobre ele apenas intermitentemente.

Enquanto Silvia observava, ele jogou cinco tochas para o alto, uma após a outra. Ele tinha um talento incrível para comer fogo e tinha extinguido mais de uma das chamas com sua própria boca, apenas para reinflama-los novamente com um sopro de ar. Desta vez, ele girou e pegou cada tocha infalivelmente, para os suspiros e prazer em grande parte de sua audiência feminina. Seus olhos diabólicos pegaram Silvia sobre ele e ele piscou os olhos, seu sorriso mexendo com alguma coisa dentro dela. Alguma necessidade. Ela se mexeu desconfortavelmente na cadeira e olhou para longe. Seu olhar, inadvertidamente, caiu sobre um membro do Conselho de ElseWorld cuja mão estava vagando profundamente dentro da roupa de uma senhora ao lado dele, que não era sua esposa. Em algum lugar distante, ela ouviu os sons de cópula e ela gemeu baixinho. Isso poderia ficar mais horrendos? Poucos minutos depois, e para seu grande alívio, sua liteira chegou e partiu para a Casa Vestal.

Michaela já estava em sua alcova quando ela caiu na cama ao lado dela.

—Você cheira a vinho — ela brincou com a voz sonolenta.

Silvia virou em sua direção.

— Graças aos deuses você ainda está acordada.

Pelo luar visto de sua janela, ela viu o bocejar de Michaela.

— O que há de errado?

— Eu estou irritada — grunhiu Silvia, socando seu travesseiro — É o que há de errado. Pontifex e o trote do Conselho nos pedem para presidir cada uma das ocasiões menores porque são preguiçosos demais para frequentar por si mesmos. E então eles desfilam a tentação diante de nós em cada momento e esperam que a gente abra mão dela. É cruel.

— Tentação? — Michaela ficou totalmente desperta, os olhos se iluminando enquanto ela rolava em seu lado para olhar para ela. — Eu sinto que uma história deliciosa e madura esta para ser contada.

Silvia encolheu um ombro.

— Nada fora do comum. Foi o típico das Calendas. Havia uma festa, dançarinos, mágicos, políticos licenciosos.

— E?

— E... — Ela sorriu timidamente. — ...Um malabarista de fogo vindo da Romênia. Um muito bonito, malabarista de fogo, alto, com cabelos escuros e uma compleição dourada. E bem oleados músculos que brilhavam à luz do lampião.

Michaela elaborou um pouco mais alto.

— Sim. Conte mais. Continue.

— Bem, ele era bastante... grande. E muito habilidoso em sua performance. E ele parecia me observar. — Silvia virou sobre seu estômago, enterrando sua face cicatrizada no travesseiro. — Mas isso não pode ser. Meu rosto está arruinado.

— É apenas uma pequena cicatriz, e você é linda — Michaela a repreendeu. — Os homens olham para você com muito mais frequência do que você vê.

Ela só encolheu os ombros, não acreditando, e falou para os braços cruzados.

— Estou muito inquieta para dormir. Talvez eu devesse ir aliviar Aemilia e cuidar do fogo em seu lugar.

— Não, a sua vez não virá por dois dias. Relaxe. O sono virá. — Michaela a tocou em sua costa, esfregando a mão dela lá em um círculo lento alta entre as omoplatas.

Silvia murmurou um som suave de contentamento e sentiu o nervosismo começar a diminuir. Os círculos gradualmente rolaram mais baixos para o pequeno vão suas costas e mais abaixo ainda, sobre seu bumbum. Diante disso, ela olhou para Michaela sobre um ombro, uma pergunta em seu olhar. Mas os olhos de Michaela estavam fixos no que ela estava fazendo. Seu toque se derramou mais baixo dentro do tecido para sua pele, na parte traseira das coxas de Silvia. Em seguida, ela alisou para cima novamente em uma massagem sem pressa, arrastando seu turno maior até que o tecido agrupado no vão de suas costas e seu bumbum ficou descoberto.

Silvia congelou, olhando para seu travesseiro agora com os olhos arregalados. Nenhuma das duas falou por um longo momento, e uma tensão palpável entre elas subiu, repleta de possibilidades. Então veio um dedo, desenhando levemente para cima ao longo do vinco que separava o pêssago maduro do traseiro de Silvia.

Ela se afastou e rolou para o lado dela, de frente para ela.

— Michaela — ela sussurrou incerta.

Do outro lado do travesseiro, os olhos de Michaela eram piscinas violeta escuro.

— Shhh. Não fique tão assustada — ela sussurrou. Sua boca acariciou Silvia, então ela a atraiu de volta. — É só tocar, Via. Eu quero que você conheça um pouco de prazer. Não é certo que você não conheça.

Uma palma quente veio em seu quadril, e Silvia mordeu o lábio, sem saber se ela deveria mantê-la lá ou tirá-la.

— É maravilhoso com alguém que sabe o que está fazendo — Michaela prometeu. — Quando ele coloca-se dentro de você. — Sua mão puxou para baixo sob Silvia movendo-se, cobrindo a barriga e deslizando para sua parte inferior para encontrar o ninho logo abaixo no ápice de suas coxas. — Aqui.

A mão apertou levemente, e quando Michaela concedeu o dom de seu calor sobrenatural, uma sensação voluptuosa atirou direto para o lago feminino de Silvia. Os lábios de sua vagina intumesceram, pulsando a alegria surpreendente disso. Ela juntou suas coxas apertadas, abraçando a próxima sensação deliciosa.

Ela sentiu que Michaela queria falar, mas sua garganta estava grossa com indecisão, seus músculos congelados. A mais alta e única coisa em sua mente era que ela absolutamente não queria que as sensações gloriosas parassem.

Silvia engoliu, rígida.

— Eu sei... — ela disse fracamente.

— Não, você não sabe nada, pequena inocente — Michaela disse, soando superior e meio divertida.

Curiosidade ferida apertou nela.

— É isso que eles ensinam na sua instrução clandestina da tarde?

Mas Michaela apenas sorriu com aquele sorriso secreto que excluía Silvia de alguma riqueza de conhecimento que era uma cunha sempre crescente em suas amizade.

— É maravilhoso, Via. Você vai ver. Eu quero que você veja, sinta, saiba.

Ela chegou mais perto, até que suas barrigas estiveram coladas, e alisou o cabelo de Silvia para trás, pressionando a boca fechada com um beijo na bochecha danificada. Um braço curvado sobre sua cintura e uma mão veio para segurar a partida de seu bumbum, apertando e enviando um tremor agradável ao longo dos tecidos já trêmulos.

— Então me mostre, — Silvia ouviu-se sussurrar. — Eu quero saber o que você sabe. Quero apagar o abismo que sinto se ampliar em nossa experiência. — Rolou em suas costas, e abriu seu coração e seu corpo para o amor.

Michaela não fez nada salvo um momento para olhar para ela considerando. Então ela colocou uma mão na mandíbula de Silvia. Estudando sua boca como se fosse nova para ela, ela correu um dedo sobre seus lábios.

— Em seguida, feche seus olhos para mim, querida Via — disse ela. — E pense apenas em seu belo malabarista de fogo, moreno. — Ela esperou até que os cílios de Silvia cílios se deitaram mais baixo, então murmurou: — Agora, imagine que seus olhos escuros estão vagando sobre seu corpo, queimando sobre ele... para mais baixo em suas coxas delgadas, sua barriga plana. Ele gosta do que vê e quer explorar. Mas primeiro ele quer sua boca sob a sua novamente. Aberta para ele, Via.

Lábios macios angularam sobre Silvia, e a agitação delicada que transmitiu pipocou sobre ela, se estabelecendo em se aninhar e pulsar dentro da caverna úmida de seu sexo. Dedos entrelaçaram-se nos cabelos dela, segurando-a para que a língua deslizasse ao longo da dela. Silvia puxou para trás em uma inalação dura, sua cabeça pressionando profundamente no travesseiro para olhar acima em Michaela.

— Você gosta de seu beijo — Com as sobrancelhas levantadas, Michaela esperou até Silvia acenasse com a cabeça, em seguida, ela moveu o braço para deitar no movimento de Silvia, sobre o peito. Ela os espremeu delicadamente, movendo-se em um movimento quase imperceptível e circular, lento e fácil, apenas o suficiente para arrastar o tecido grosseiro sensibilizar primeiro um mamilo e depois o outro. — Você quer senti-lo aqui, não é?

Silvia pensou nos olhos escuros do malabarista de fogo, olhos a rir e piscar de forma marota. Seu "sim" veio, quase imperceptível.

— Em seguida, feche seus olhos novamente, Via. — Silvia fez. — E pense em seu olhar perverso e escaldante em você. Em seus olhos escuros observando a seu encontro na multidão de hoje à noite em Calendas. Pense nele, morrendo de vontade de tocar sua carne. Morrendo de vontade de colocar suas mãos grandes e quentes em você, arrastando-as sob suas pernas, empurrando-as mais altas. — Silvia sentiu sua ascensão aumentar, como as ações eram adequados para as palavras. — Ele expõe os seus fartos seios perfeitos para o ar da noite apenas para que ele possa assistir seus pálidos mamilos rosados torcerem e apertarem no frescor. Ele quer marcá-los com a boca, então você vai se lembrar dele amanhã e saberá que não foi um sonho. Assim, ele curva-se mais perto e toma o que ele quer.

Silvia ofegou quando uma boca quente se fechou sobre o pico de seu peito, sugando-o delicadamente no início, depois chupando mais fortemente com o emocionante raspar de dentes, até que ambos os mamilos ficaram duros e molhados ao luar. Lábios torturantes sopraram sobre eles, então, o enviaram tremores de prazer por ela. Gemendo sofregamente suavemente no silêncio da noite.

— O flash de seu branco sorriso, arrogante. Você lhe agradou... Mas o seu romeno... Ele é ganancioso. Sua boca, seus olhos, seu corpo todos iram fazer um festim em você esta noite. E você quer que ele faça. É o que você desejou desde o momento em que pôs os olhos em cima dele.

Uma mão escorregou para baixo, colocando-se em suas partes íntimas novamente.

— Você quer que sua boca venha aqui. Seu hálito quente, áspero e a língua lambendo fogo entre suas coxas. Você deve dizer a ele o que você quer. Ele não deseja invadir onde não é desejado.

No olho da sua mente, Silvia viu o malabarista de fogo de novo, seus lábios sensuais e os fortes ossos de sua face, masculino, seus ombros largos e braços poderosos e suas coxas.

— Sim, eu quero isso — ela sussurrou.

O calor de um corpo tomou conta dela então, seios contra seios. Lábios tocaram a base de sua garganta.

— Bom — veio um sussurro. — Ele está feliz. — O corpo deslizou mais baixo, então ainda mais para baixo até que as pernas de Silvia se separaram naturalmente. Ela sentiu a respiração roçar seu ninho macio de cachos.

— Ele pensou em você toda a noite, você esta com as pernas tão pressionadas cerimoniosamente juntas, selada contra ele. Como você se sentou em seu pedestal virginal, e ele se perguntou sobre você. Quis saber como seria seu gosto. Ele ansiava por uma oportunidade de descobrir se você pudesse olhar em sua direção. Se você iria deixá-lo descobrir.

A qualidade da voz hipnotizante fazia de Silvia uma escrava e seus dedos se fecharam em punhos nos lençóis a seus lados, cada fibra do seu ser esticada com antecipação.

A ponta do dedo suave veio, traçando curso, corando suas dobras, e Silvia se sentia desfraldar para isso. Então veio uma língua, molhada e lisa, lambendo seu vulnerável e inexperiente sexo com uma varredura lenta de fogo doce.

Silvia respirou fundo entre os dentes cerrados e os olhos dela se apertaram com mais força, sem saber o que fazer com o emaranhado de emoções que se contorciam dentro dela nesta nova sensação prazerosa. Sua mão trêmula levantou cegamente sobre a cabeça escura que trabalhava entre suas coxas. Seus joelhos se levantaram e se estenderam mais abertos.

— Um pouco mais duro — ela implorou. Mas a língua de seu amante só funcionaria sobre ela com as lentas, varreduras sensuais. A almofada de um

polegar encontrou sua pequena protuberância, sensível e a regou com seu próprio mel. E a língua a lambia mais ainda, atraindo-a para o prazer cada vez mais alucinante.

Quando ele a deixou, Silvia fez um som ininteligível de protesto. Ela sentiu uma inalação quente de ar contra o sua maciez.

— Por que você... ele parou?

Uma voz hipnotizante reduziu-se para um murmúrio de desculpas.

— Estou com muito medo de que ele quer transar com você, agora que ele tem teu gosto. Ele é muito, muito ganancioso, o seu romeno. Se você permitir isso, ele vai empurrar o seu pau, lindo e grosso dentro de você e foder-te novamente e outra vez, você queimara com seu fogo até ficar em chamas.

Um silêncio tenso caiu.

Em seguida, um dedo acariciou uma vez ao longo da pétala de sua fenda casta e Silvia lutou contra o impulso de concordar.

— Meus votos — ela sussurrou.

— Ele não vai foder muito profundo. Nada que seja irrevogável. Ele gosta de sua pequena virgindade quente tal como ela é.

Ela queria acreditar, pois no momento nada parecia mais urgente do que encontrar o êxtase que ela sentia que estava fora de alcance.

— É uma promessa?

— Ele sabe o que faz. Você ainda vai ser virginal na manhã por vir.

— Sim, então — Silvia concordou sem fôlego antes que ela pudesse mudar de ideia. Antes que suas palavras morressem na distância, uns polegares para cima, pressionaram e apartaram cada lado de sua pequena e sensível protuberância, persuadindo-o para que não se escondesse e expondo-a para o chicote de uma língua demoníaca. Ele veio para ela novamente e novamente em molhados, pulsos rítmicos de tormento erótico, lavando sobre ela. O queixo de Silvia arqueou e suas costas também se arquearam mais alto do palete enquanto ela era pendurada na beira de.... Alguma coisa... maravilhosa.

Então esse dedo a tocou novamente, empurrando em seu sulco, liso tremendo, até que encontrou a barreira frágil de sua virgindade sobre o qual ele não se atreveu a transgredir. Ele deslizou para fora novamente, só para voltar de novo com um parceiro. Dois dedos, depois três, quatro, todos transando com ela juntos em águas rasas, pulsando. E depois que a boca doce se fechou sobre o nó de sua protuberância, com base em um único cabo, muito forte e com um grito, num êxtase, Silvia deu para o malabarista do fogo um delicioso primeiro orgasmo.

Capítulo 16

Três semanas se passaram e Silvia começou a temer que ela nunca pudesse encontrar a sexta pedra. O conhecimento de que as outras vestais ainda estavam presas era um fardo cruel, que ela havia carregado por centenas de anos agora. Era hora de procurar ajuda. Agora que Bastian sabia que ela existia, talvez eles pudessem trabalhar juntos para encontrar a sexta pedra. Talvez pudesse convencê-lo que sua necessidade de obtê-la era maior que a dele. Se não, uma vez que ele a ajudasse a encontrá-la, ela simplesmente a roubaria dele.

E em verdade, ela sentia falta dele. E sua cama. Depois de ter ficado com ele por um mês como Michaela, ela ansiava por mais. Algumas noites, ela virava na cama até o amanhecer, lembrando-se de seu toque e das horas que passaram fazendo amor. Por que era amor o que ela sentia por ele. No entanto, ainda assim, ela não confiava que era amor o que ele sentia por ela. Ela se perguntava se ele tinha se esquecido dela, se ele a odiava. Ou se ele sentia falta dela também.

Então, ela viajou a Roma novamente, onde ela aguardava o retorno de Bastian por uma semana, passando as horas durante sua ausência, procurando em sua casa e na terra mais uma vez pela sexta pedra de fogo. Ela não encontrou nada. Onde ele estava?

Antes de voltar, ela foi enviada para Nápoles pelas necessidades de sua hospedeira, Angelique, que passou sua infância lá. Após passar mais alguns dias fazendo arranjos escritos para seu funeral glorioso, Angelique se estabeleceu na casa de sua mãe e logo faleceu. A morte dela foi dada como causas naturais. Conforme seus últimos desejos, ela iria passar a eternidade no jazigo que era de sua família no cemitério de Nápoles, que não incluía nenhum espaço para o seu marido assassino.

Depois, Silvia tomou sua forma efêmera fantasma mais uma vez e retornou a Roma. Lá, notícias rapidamente chegaram a ela de que Bastian iria comparecer em uma recepção oficial do governo no coração da cidade naquela noite. Uma vez que esta parecia ser a maneira mais conveniente para encontrá-lo, e um local no qual ele não poderia facilmente buscar vingança pelo que ela tinha feito para ele em seu último encontro, ela foi à busca de um novo hospedeiro, que pudesse permitir sua entrada facilmente as festividades. Ela esperava por um membro da equipe de garçons ou a esposa

de um dignitário, mas logo ouviu uma voz ainda mais adequada chamar-lhe, uma voz que a atraía ao mesmo tempo em que lhe repelia.

No final da tarde, ela se viu entrando no apartamento de um cavalheiro, jovem e bonito, que tinha bebido em demasia e estava em coma e em breve morreria. Um jovem político do Ministério Romano da Cultura chamado Signor Tuchi.

Invisível agora, ela escorregou em seu quarto de dormir, ao mesmo tempo em que outro homem saía dele. Furtivamente, ele verificou o corredor, então silenciosamente desapareceu nas escadas. Ele estava apenas meio vestido, como se estivesse vindo de uma atribuição.

O Signor Tuchi ainda estava lá dentro, mas ele não estava sozinho em sua cama. Ela assistiu um dos dois homens restantes estapearem seu rosto, tentando acordá-lo. Olhando aterrorizado, o outro estava colocando apressadamente sua própria roupa enquanto recuava. Ela conhecia este homem e o buscava em sua memória. Ah, então ele veio para ela. Este era Ilari, o chefe das escavações de Bastian, que tinha irritado muito Rico. Interessante.

— A culpa é sua! Você amarrou-o com muita força — acusou Ilari, pulando enquanto tentava vestir as calças.

— Ele insistiu! O que eu estava a fazer? — O outro homem assobiou.

— Nós não podemos deixá-lo assim. — Os dois se voltaram para olhar para a figura do ministro, os seus olhares temerosos. — Para o inferno com o filho da puta — disse Ilari. — Ele queria que fosse duro. Ele teve a dureza que pediu. Não foi culpa nossa. Suas próprias peculiaridades foram o que o derrubou. Eu nem sequer tinha tirado minha calças corretamente para dar uns bons empurrões no traseiro dele.

— Bem, se você gosta de foder com os mortos, agora é a sua chance — disse seu companheiro.

— Ele era o bilhete para minha sorte, maldição! — Ilari criticou. — A votação é hoje à noite. Mas sem ele, que chance eu tenho de assumir o cargo no Fórum por mim mesmo?

De repente, o corpo de Tuchi deu uma contração muscular dura e os dois homens pularam como se tivessem visto um fantasma. Em seguida, eles fugiram imediatamente do quarto e da casa, fazendo o mesmo caminho que o primeiro homem tinha feito.

Uma vez que eles tinham ido embora, Silvia soltou rapidamente as amarras que seguravam os pulsos do Ministro Tuchi dos postes de sua cama e ela puxou a mordação de sua boca. Hospedeiros humanos não duravam tanto

quanto os de origem ElseWorld, e este não era um homem ao qual ela teria escolhido. Mas se ela o levasse, ela poderia influenciar a votação da noite em favor de Bastian. Este seria o seu presente para Bastian, uma forma de retribuir-lhe o que ela tinha roubado dele. E o que ela iria roubar.

Poucos minutos depois, o ministro era dela. Sua respiração estava azeda de sua bebedeira, mas ele não estava tão bêbado quanto ela tinha assumido. Foi a mordança que inadvertidamente o tinha sufocado. Depois de uma luta breve e desagradável para vomitar, ela limpou sua boca. Os acontecimentos do dia, o ministro e sua vida foram facilmente lidos agora que ele era seu hospedeiro. Ele era casado com uma socialite que o desprezava porque era realmente um ser desprezível. E ele era corrupto. Em sua ausência hoje à noite, ele convidou três dos seus companheiros para virem aqui para um encontro ilícito. Todos eram homossexuais, mas que tinham que esconder o que eram. Na Roma antiga, as coisas teriam sido diferentes, não tinham ainda inventado o preconceito para essa opção de vida.

Tropeçando na porta, ela abriu a porta que dava para o corredor e gritou para os servos em sua voz masculina agora.

— Arrumem algo para esta dor de cabeça, caramba! — Então, coçando a barriga, ela acrescentou: — E um banho e um jantar, porra! — Ela se sentia culpada por perturbar os servos, desta forma, mas tal tratamento era o que sua família estava acostumada.

E, embora o pensamento de alimentos em seu estômago, ela só tinha à tarde a frente para se preparar para esta noite. Ela e seu novo hospedeiro tinham uma grande noite planejada.

#####

Bastian cruzou a movimentada Piazza del Campidoglio, em cima do Capitólio, a pé, passando belas carruagens que foram alinhadas quarteirão acima. Lanternas a gás cortavam em seus ganchos no vento de outono, iluminando a escadaria de mármore monumental enquanto ele subiu e depois entrou no Palazzo Senatorio. Policiais tinham sido postados em cada porta para guardar os tesouros dentro deste edifício palaciano. Já em tempos antigos, os registros do governo tinham sido armazenados aqui, e durante a Idade Média, esse era o centro do governo civil. E há apenas duas décadas, o palácio tinha finalmente sido oficialmente designado como salão da cidade de Roma.

Hoje à noite, todos se reuniriam aqui para ver e comemorar o espetacular achado que ele fez recentemente no Templo Vestal e na Câmara do Fórum. E ele seria o convidado de honra.

Ajustando os punhos da jaqueta sobre as luvas brancas, Bastian acenou para os guardas e entrou no palácio, encontrando o seu interior inteiramente iluminado por luzes a gás. Quase imediatamente, ele sentiu o peso das expectativas. Homens da mais alta hierarquia política e social em Roma estariam reunidos aqui. Homens instruídos ansiosos a se sentirem fascinados por suas narrativas das escavações do Fórum. Homens gananciosos que queriam construir suas próprias fortunas e carreiras com suas descobertas. Todos eles precisavam dele de uma forma ou de outra. Ainda assim, alguns tolamente tentavam derrubá-lo.

Seu contrato como arqueólogo-chefe do Fórum estava aberto para renovação, e o Parlamento votaria mais tarde hoje à noite em que iria assumir o comando das escavações. Nos últimos 11 anos, o trabalho havia chegado facilmente em seu caminho com todos os votos, e todos os envolvidos tinham festejado e o cortejado, pois era óbvio que ele era a melhor escolha para o trabalho. No entanto, agora o ambicioso ministro Tuchi estava definindo-se contra ele, e que preferia dar o voto a seu chefe, Ilari por lhe ser mais obediente. Ele envenenou a mente de um pequeno grupo, mas influente de políticos, e a votação lhe era precária neste momento. Bastian não pretendia deixá-los ganhar.

Ao longo dos meses, ele supervisionou o arranjo dos mostruários dos artefatos nestas salas, em preparação para esta noite. Agora parecia que revoadas de corvos tinham descido entre eles, pois como os convites tinham especificado de forma rigorosa, todos os cavalheiros aqui usavam preto. Esta era uma sorte para ele, uma vez que isso tinha feito uma vantagem. Seu casaco era a única peça colorida em seu guarda-roupa. Uma aquisição de suas viagens no Oriente, que foi bordado com um fio iridescente que, em certa luz revelava um padrão de terríveis monstros míticos. Só podia esperar que eles mantivessem alguns dos mais irritantes funcionários do governo longe de si hoje à noite.

As senhoras aqui estavam vestidas com vestidos totalmente enfeitados, com o decote abaixo dos ombros e com saias que foram mais justas e com babados e ornamentos ao extremo. A moda nunca lhe chamou nenhuma atenção, mas ele tinha desprezado as saias largas da temporada anterior. As silhuetas eram delgadas agora e a cintura fina, uma vista que ele preferia muito mais.

— Gostaria de saber se há um pássaro, laço, ou plissado deixado nas estantes das lojas das costureiras — disse uma voz em seu cotovelo. Virando a cabeça, Bastian viu um dos homens que ele menos gostava em Roma, o mais jovem e mais novo dos Ministros do Departamento de Cultura — Signor Lino Tuchi.

— Uma piada? Você me surpreende, Ministro.

Um leve sorriso curvou os lábios do homem e havia um olhar divertido e secreto em seus olhos que confundiu Bastian.

— Espere mais surpresas num futuro muito próximo. — O ministro acenou com a cabeça em despedida, e enquanto ele movia-se, os olhares de várias senhoras seguiam sua progressão. O membro pomposo do Parlamento estava exatamente como um dândi. A manga de sua manga roupa esbarrou em Bastian quando ele partiu. E assim enquanto ele era engolido no meio da multidão, houve um flash de cor. Foi tão rápido que Bastian poderia ter assumido que era sua imaginação, se não fosse pelo efeito que teve em sua libido. Ele estava duro. Quando ele mergulhou na confusão atrás do homem, ele só pode agradecer aos deuses que seu casaco incomum escondesse esse fato.

No entanto, seu progresso foi rapidamente impedido pelo próprio rei da Itália, Umberto I. Quando ele fez uma pausa para falar com o homem, o governador e outros políticos enxameavam todos ansiosos para reivindicar serem conhecidos dele. Enquanto isso, o ministro saiu da vista.

— Vinho, signor?

Bastian acenou para o servo que passava e aceitou uma taça de sua bandeja. Libações seriam oferecidas repetidamente, a menos que ele segurasse um copo na mão. O cheiro do vinho era sedutor, mas ele não era o tipo de viciado que tinha um desejo incontrolável por ele — não enquanto ele se abstivesse totalmente. Assim ele apenas segurava o copo como um suporte, enquanto ele conduzia alguns dos convidados de mais prestígio em uma excursão abreviada de alguns dos artefatos mais importantes. Todo o tempo, uma parte dele foi ocupada com a vigília de um certo jovem Ministro. Não foi difícil, já que ele continuou a ser a única cor perceptível na sala. Quando sua presa desceu por um corredor, Bastian saiu do círculo de conversa.

Um momento depois, ele encontrou-se com ele.

— Gostaria de falar com você, Ministro — disse ele. Ele pegou o cotovelo de seu companheiro e sentiu um choque desconcertante de luxúria. Soltando-o, ele recuou. Detestava este homem. E ele era... Um homem!! Deuses, o que os infernos estava acontecendo aqui? Ele abriu a

porta mais próxima de forma aleatória, e encontrou uma sala que estava vazia, estendeu um braço para indicar que o ministro deveria precedê-lo.

Em vez disso, o ministro rebateu:

— Tenho um escritório no andar superior onde podemos ficar mais a vontade e termos privacidade.

Bastian inclinou a cabeça.

— Conduza, então. — Eles ficaram em silêncio até que chegaram ao andar de cima numa sala pequena, mas elegantemente mobilhada. Fechando a porta atrás deles, Bastian viu o ministro se servir de um copo de vinho do armário de canto e depois sentar a sua mesa, cruzando as botas sobre a sua superfície.

O homem fez um gesto com o copo na direção geral das festividades.

— Parabéns pela exposição. Eles estão todos querendo ter proximidade com você, você sabe. Querem saber como você encontra tesouros com tal aparente facilidade. — O ministro levantou a cabeça de uma forma que lhe era estranhamente familiar.

Empurrando-se da porta, Bastian redirecionou a conversa.

— E você sabe o que eu me pergunto, Signor Tuchi? Eu me pergunto o que você sabe sobre os Ephemerals.

O ministro sorriu secretamente. Ele olhou para o copo de vinho de que se ocupava, em seguida, tomou outro gole.

— Você não deveria estar me fazendo perguntas mais pertinentes? Tal como a forma como vou votar na questão de sua reintegração?

— Você vai votar contra mim, claro. Porque você não ganhará nada por voto em mim. E porque você é um burro.

— Uma verdade em ambos os casos. — O homem sorriu e, colocando seu vinho de lado, cruzou os braços atrás da cabeça. — O Ministro Tuchi é um burro. Mas eu não sou.

— Chega da brincadeira de gato e rato. — Bastian foi para trás da mesa e pegou-o pelo colarinho, sacudindo-o. Seus corpos se encontraram e cor explodiu. Sua pele se arrepiou, e seu pau endureceu como uma rocha. Sua fúria aumentou com a atração. — Quem diabos é você?

— Como deliciosamente poderoso você é, signor. E tão másculo. Mas eu também sou... hoje à noite.

Os olhos prateados procuraram os pretos.

— É você!? — Bastian acusou em uma voz baixa e intensa.

Vendo o reconhecimento em seus olhos, Silvia deu de ombros, um movimento que momentaneamente esticou os ombros da jaqueta que usava

sobmedida para seu corpo masculino delgado. Ela era a personificação do belo, jovem cavalheiro elegante esta noite, vestido a rigor de negro exatamente como Bastian estava.

Ele a deixou ir, seu olhar varrendo-a sem deixar nada escapar.

— Você poderia ter feito sua escolha em um contingente, ainda assim você optar por visitar-me na forma de um homem? Um homem que eu desprezo? — Uma sobranceira escura se arqueou, especulativa. — Gostaria de saber se isso é algum tipo de teste para meus afetos.

Um sorriso afundou e ela caiu na cadeira novamente.

— Ele estava morrendo. Eu vi isso como uma oportunidade para balançar o voto em seu favor. Apesar do fato de que ele quer que eu faça o contrário. Na verdade, o seu último desejo foi que eu votasse contra você, e será o primeiro desejo de morte que eu já recusei conceder. Desculpável, entretanto. Porque, como você diz, ele é um burro.

Cruzando os braços, Bastian se recostou em sua mesa de trabalho, e pairou sobre ela.

— Um burro que tem as minhas opalas.

— Minhas opalas — ela respondeu suavemente. — E eu vou estar lhe fazendo um carinho na votação de hoje à noite. Um pequeno agradecimento seria bom.

Seus olhos vagaram sobre ela.

— Você o matou? Não que eu me importe. Eu só estou curioso.

— Você está constantemente acusando-me de provocar o caos — disse ela em irritação. — Efêmeras não são assassinos.

— Não, só drogam seus amantes, deixando-os amarrados a suas camas, e roubam suas opalas.

Ela olhou para o vinho em seu copo, vendo seu reflexo masculino em sua superfície brilhante. Ele disse que a amava, mas hoje ela presenteou-o com uma amostra das dificuldades muito reais de amar um Ephemeral acarretaria. Se ele estivesse que rejeitá-la, que o fizesse agora. Ela olhou para ele através de seus cílios e perguntou baixinho:

— E apesar de tudo isso, você ainda professa amar-me, Lord Bastian? Você me ama como eu sou esta noite, hospedada por um homem? Que você despreza? — Ela estendeu a mão e correu um dedo, com luva, para baixo nos botões de sua camisa, com os olhos segurando o seu, enquanto se dirigia para sua virilha. Bastian agarrou sua mão afastando-a.

Ela sorriu levemente e inclinou a cabeça.

— O que há de errado? Você não quer transar comigo?

Ele olhou para ela beber, então a pegou e jogando-a na cadeira de sua mesa de trabalho com um forte movimento que lhe disse que estava com raiva.

— Você está bêbada.

— Não. Sim. Um pouco. — Colocando a mão na testa, ela fez uma careta. — Sinto muito. Eu te disse, a personalidade do anfitrião permanece nos primeiros dias, influenciando a minha própria. Não me culpe por tudo o que eu faço e digo aqui esta noite. Parte da culpa por qualquer temperamento mais feio — a maior parte dele neste momento — deve ir para o ministro.

Ela sentiu seu interesse despertar.

— Será que Michaela a influenciou todas as noites em que estivemos juntos? — Ele perguntou.

Escapando da cadeira, ela fez um circuito lento no escritório e sentiu o seu olhar quente segui-la. Ela fez uma pausa no outro lado.

— Na primeira vez. Mas ela estava lá cada vez menos em todos os dias que estivemos juntos, você e eu.

— O que significa que você estava lá mais e mais. — Indo para ela, ele plantou as mãos na parede perpendicular, encurralando-a no canto. Ele estudou seu rosto, sua gola masculina e a gravata. — Deuses, por quanto tempo você vai ficar assim?

— Homem? — Ela sorriu para ele. — Eu gosto de ser do sexo masculino em alguns aspectos. Os homens têm mais privilégios neste mundo. E as funções corporais são certamente uma matéria mais simples. Mas este hospedeiro não vai durar mais do que um dia ou dois. Os seres humanos não são duráveis. — Ela correu as palmas das mãos em seu peito e tentou afastá-lo com a verdade desprezível. — Pode-se eliminar dez corpos humanos em dias, ou mais, se não tiver nenhuma fada para estabelecer-me, as fadas duram um mês inteiro.

Bastian se endireitou se afastando e passou a mão pelos cabelos.

Suas mãos caíram para os lados.

— Muito horrível? Eu avisei que eu sou difícil de amar. Complicada. Corra enquanto pode, signor — ela provocava em sua macia voz de macho. — Antes que você fique mas envolvido comigo.

Ele examinou-a por um longo momento. Então, sem uma palavra, ele foi para a porta.

O coração de Silvia bateu dolorosamente no peito, e ela comprimiu os lábios contra a necessidade de chamá-lo de volta. Mas foi como ela esperava. No primeiro teste verdadeiro de sua frágil relação, ele fraquejou.

Como doeu.

Ela foi até a mesa, pegou o vinho novamente, e tomou um longo gole.

— Você achou que eu iria vacilar nesse obstáculo temporário?

Ela olhou por cima do ombro, surpresa ao encontrá-lo ainda dentro do quarto com ela. Ele só tinha trancado a porta para dar-lhes privacidade.

— Não é um convite que a maioria dos homens iria aceitar.

Esperança tola subiu nela quando Bastian veio até ela e pegou seu copo. Cheirando, ele franziu a testa e o colocou de lado. Então, ele a levantou pousando-a na mesa de trabalho ante dele. Cutucando suas coxas separadas, ele se empurrou entre elas e segurou seus braços.

— Eu te amo, efêmera. E eu quero você. Não importa a forma que você tome, sempre será assim. — Sua boca passeou em seu rosto, por sua frente. — Se você está me convidando para caçar o meu prazer físico no corpo que você escolheu, eu aceito. Alegrementemente. Com todo meu coração.

E com cada palavra sua, de amor e aceitação, a dúvida de Silvia diminuía e ela começou a acreditar. Uma alegria hesitante floresceu — doce, nova e cheia de esperança — e ela virou seus lábios em direção aos dele, uma flor ao seu presente. Mas ele se afastou, sua altura superior lhe permitindo facilmente manter seus próprios lábios fora de alcance.

Ela puxou para fora suas luvas e deixou-as cair na mesa.

— Beije-me devidamente — ela confessou, tocando ao lado de sua garganta.

— Você bebeu, por isso não posso — disse ele, tomando-lhe a mão e pressionando um beijo em sua palma pesaroso. — Não em sua boca.

— Você é tão sensível assim à bebida? De qualquer tipo? — Silvia o empurrou para trás para que ela pudesse ler seus olhos. — Não será só porque estou como homem que você não vai beijar-me?

— Eu prometo a você, eu vou te beijar em qualquer lugar que você goste e queira, a não ser aqui. — Ele pressionou um dedo à boca, depois direcionou a mão para os botões das calças, ao mesmo tempo em que sua própria mão começou a desabotoar as dele.

— Você já fez amor com um homem antes? — Perguntou ela.

— Eu não vou fazer amor com um homem. Eu estarei fazendo amor com você — Arrancando as luvas e jogando-as fora, ele atirou-lhe um olhar cortante. — Qual é o seu maldito nome?

— Você pode me chamar de ministro Tuchi — ela disse-lhe maliciosamente.

Ele soltou um grunhido de riso.

— Eu acho que detecto algo do humor de Rico em você.

Ela sorriu para ele, então de repente engasgou. Tendo aberto suas calças, suas grandes mãos tinham ido dentro para empurrá-las mais abaixo. Ela fez um movimento para pará-lo.

— O que há de errado?

Ela corou e com relutância o deixou continuar.

— Nada. Eu não sei. Um homem não pode esconder o que sente como uma mulher consegue.

— Você tem algo a esconder? — Puxando-a mais perto, ele empurrou suas calças mais abertas, o seu tom de provocação. — Ahh! Sim, eu vejo o que você esconde, Ministro. — Ele envolveu um punho suavemente na raiz do seu pau e deu um aperto deslizante causando um considerável prazer, unicamente pelo toque de seu punho. Ela mordeu o lábio e se esqueceu de respirar. Em sua viagem de volta, um gemido suave lhe escapou.

O clima de repente tornou-se escuro entre eles, repleto com a antecipação deste novo ato proibido, de amor.

As mãos ficaram duras e ele a virou. Seus corpos se pressionaram perto, o peito nas costas dela. Ela sentiu-lhe empurrar suas próprias calças até os joelhos atrás dela. Então, a fenda de seu traseiro aninhou sua alta ereção.

Ela lambeu os lábios e sussurrou:

— E se alguém aparecer?

— Nós estamos em seu escritório. Basta mandá-los embora.

Ele estendeu a mão na mesa de trabalho e pegou o copo de vinho, e ela o ouviu despejar um pouco do seu conteúdo na palma da mão em concha, então alisou sobre seu comprimento.

— Eu vou te machucar se eu não usar algo — ele murmurou.

Sempre o protetor, mesmo agora.

Uma mão apertou seu quadril, segurando-a. Ela sentiu a cabeça lisa de seu pau rastejar entre as bochechas de seu traseiro. Sentiu a pressão de seu primeiro impulso.

Sua respiração ficou presa. Ela virou a cabeça ligeiramente em direção a ele e cochichou:

— Ele gosta... Áspero.

Uma pausa. Sua mão em seu quadril se flexionou.

— Ele? Ou você?

— Hoje somos a mesma pessoa. Ele não consegue chegar ao gozo através da ternura, o que significa que eu não posso, enquanto estou unida com ele. Ele gosta de ser usado. Gosta...

— Áspero — Bastian terminou por ela, sua voz ficando grave.

Ela concordou e acrescentou em um sussurro.

— Com poucas preliminares.

Ele ajustou a sua posição mais amplamente e sua voz veio, quente contra sua nuca.

— Então é assim que me esforçarei para servi-la.

Ela sentiu a sutil diferença na forma como ele segurou-a em seguida. Seu agarre foi mais duro e mais implacável, seu corpo se aproximou de alguma forma maior sobre a dela, dominando-a com a ameaça de sua força física superior. Ele empurrou seu pau para baixo no ângulo entre eles, empurrando a cabeça de seu pau para o escroto dela. Então, ele puxou para cima, puxando a glândula na divisão de seu traseiro, até que esteve bem assentado na sua abertura anal.

Seu braço oposto se curvou sobre ela passando por seu peito coberto pela roupa. Ela provou o vinho na palma da mão masculina, uma vez que esta cobriu sua boca. Então veio um impulso acentuado quando a cabeça de seu pau a perfurou. E ela gritou em sua mão, enquanto ele a fodeu, seu impulso longo, liso, brutal. Lágrimas se formaram em seus olhos, escorrendo pelo rosto. Mas ele só segurou-a mais apertado para ele com uma mão sobre sua boca e a outra em seu quadril. E ele a comeu, duro. E áspero, com toda a sua força, sacudindo-lhe o corpo inteiro com cada batida de seus quadris em sua parte traseira. Com cada pincelada, ela gemeu, gritou, latejou. Suas calças escorregaram chegando-lhe nas panturrilhas e em seguida nos tornozelos. E ela se moveu rapidamente em direção à libertação. Seu próprio pau se contraiu, e incapaz de ajudar a si mesma, ela correu os dedos sobre ele.

A mão em seu quadril caiu para espalmar sua nádega e ele apertou com força, uma dor doce. Em seguida, a mão caiu em torno de sua barriga e a rodeou. Seu pau estremeceu, balançando para cima, sob seu toque. Ela ofegou, nunca tendo sentido tal sensação, e sua mão saltou longe. Suas coxas tremiam e sangue correu quente através de seu pau, aquecendo-o.

— Coloque sua mão sob a minha — ele comandou em seu ouvido — E me ajude a te foder. — Quando ela hesitou, ele deu um tapa com força suficiente para arder. — Faça — ele grunhiu. Sua mão trêmula se juntou a dele.

Juntos, eles ordenaram seu pau com movimentos voluptuosos guiados pelas mãos de homens que sabiam como os homens gostavam de ser masturbados. A sensação de tê-lo dentro dela, enquanto suas mãos masturbava seu pau foi além de qualquer coisa que ela tinha sentido antes. Os

sacos abaixo de sua raiz se contraíram em punhos dolorosos. Sêmen estava fluindo através de seu pau, como lava ardente. E ainda o macho quente em suas costas comendo-a em longas estocadas profundas que ardiam como fogo doce.

E então ele gozou, profundo e quente e úmido dentro dela, e ela gritou uma última vez na sua mão. Explosões de branco encheram sua visão como rajadas de neve. Ele empurrou seus joelhos com os seus próprios, assim ele se fez ainda maior dentro dela quando ele passou a si mesmo. E ela arqueou de volta contra o seu peito quando ela derramou em sua própria mão. Juntos, eles gentilmente masturbavam seu pau, liso agora com seu próprio sêmen. Ela estremeceu quando mais gozo brotou de novo e de novo com cada onda de prazer. Quando se tornou muito, ela caiu para frente sobre a mesa, ofegante.

Eventualmente, ele baixou sobre ela, seu peito quente ao longo de sua espinha. Sua voz era grossa e baixa, com emoção reprimida enquanto seus lábios roçaram ao longo de sua nuca.

— Sinto falta da queda de seu cabelo comprido — ele disse a ela. — Se você ficar como um macho, você vai deixá-los crescer para mim?

— Umm. — Ela suspirou, repleta, preguiçosa. — Eu não vou ficar nada. Isso é o que você ainda tem que aceitar.

Ela sentiu-lhe olhar para o relógio na mesa do ministro.

— Danação. O dever chama — disse ele. — Eu estou atrasado para um discurso. — Com um beijo em sua nuca e uma carícia em apaixonada em seu traseiro, ele se retirou dela e foi lavar-se com um jarro de água que encontrou no armário de bebidas e um estoque de lenços de com o monograma do ministro. Ela limpou-se da mesma forma, e eles endireitaram as calças e camisas, abotoando os botões, encontraram um pente na mesa e pentearam seus cabelos, calçaram suas luvas.

— Quando vou encontrá-la novamente? — Ele perguntou enquanto eles faziam o caminho de volta para a festa de gala.

— Eu vou encontrá-lo. — Ela olhou para ele. — Na verdade eu vim aqui com a esperança de discutir sobre as opalas, antes de nós... perdermos o rumo. Eu tenho cinco. E me perguntou se poderíamos trabalhar juntos para localizar a sexta.

— Para que você possa roubá-la de mim também?

Ela olhou para ele.

— As minhas razões para querer as opalas não são gananciosas, eu lhe garanto.

— Fica para o resto da gala. Então venha para casa comigo — pediu quando se aproximavam da multidão no palácio. — E nós vamos discutir o assunto. Entre outras coisas.

Ela balançou a cabeça.

— Eu vou ficar apenas o tempo suficiente para a votação. Este corpo é humano. Eu não posso permanecer nele. — Ela desviou o olhar. Ela não queria que ele conhecesse os detalhes do exercício macabro que ela iria empreender, a fim de alienar-se de seu hospedeiro atual.

— Olhe para mim. — Quando ela fez, ele se inclinou para ela e a beijou na boca, assustando-a e levantando murmúrios chocados daqueles ao seu redor.

Ela se empurrou para trás, empurrando-o também. Ele a deixou ir, mas seus olhos se mantiveram estáveis nos dela.

— Faça o que você deve fazer, então. E depois, volte para mim.

Emoção brotou nela em sua ousadia em fazer tal afirmação pública para ela enquanto ainda era do sexo masculino, mas ela só balançou a cabeça e deixou-o. E atrás dela, ele ficou no meio da multidão e viu sua amante ir.

Cena Antiga VIII

391 dC Fórum Romano

— Eu arranjei outro amante — Michaela sussurrou uma noite quando Silvia estava caindo no sono.

Silvia virou a cabeça no travesseiro, de imediato, alarmada. Desde a noite da flagelação, Michaela não havia admitido quaisquer outros atos contra seus votos. Mas ela desaparecia de vez em quando, sem explicação, e Silvia tinha suspeitado.

— Quem desta vez?

— O próprio Teodósio.

— Não! — Silvia apoiou-se em um cotovelo. — O imperador? Ele é o seu novo amante?

— Shhh. Não tão alto. — Michaela colocou a mão sobre sua boca. Silvia puxou para longe.

— Como? — Ela sussurrou. — Onde você estava que sua esposa não a achou?

— Em seu estábulo. Eu estava de véu contra os olhos de seus servos. Mas ele sabia quem eu era e pediu para me ver novamente.

— Kayla, não, você vai ser descoberta.

— Eu não estou pedindo a sua aprovação. A única razão de estar lhe contando é para avisar de um perigo que eu descobri. Há rumores de antagonismo contra os deuses antigos. Há discussão sobre derrubar os templos.

Silvia olhou para ela.

— Isso não pode ser.

— É sim, eu lhe digo. — Ela olhou especulativamente para Silvia. — Você sabe o que poderia significar para nós? Se o Templo de Vesta for destruído, estaríamos livres. Livres para casar. Ter filhos. Ser normal.

Silvia balançou a cabeça.

— Eu fiz um voto.

— Sob coação, quando tinha seis anos.

— Mas desde então, tenho me dedicado a Vesta. Estou ligada a ela agora. E as outras vestais também. Kayla, eu estou te implorando. Não vá ver o imperador novamente. Ele tem uma esposa ciumenta. Ela vai se certificar que você seja castigada. Talvez o resto de nós também.

— Neste momento de turbulência política, a minha conexão com ele oferece segurança — Michaela argumentou.

— É muito perigoso, eu te digo!

Mas Michaela apenas sorriu e encolheu os ombros.

— O que é perigo para gente como nós? Nós jogamos com o fogo todas as noites desde os seis anos neste lugar, depois de tudo.

Capítulo 17

— Às vezes eu acho que a luz do sol pode ser o melhor antisséptico — Bastian murmurou três dias depois.

— Ainda estamos falando sobre a missiva do Conselho — perguntou Sevin.

Bastian assentiu.

— Olhe para todo o esforço que gastamos em esconder o que somos dos seres humanos. Se fosse feito com muito cuidado e diplomacia, não poderia ser melhor revelar a nós mesmos e negociar as regras de nossa miscigenação?

— Noções heréticas, irmão — disse Sevin.

Em seu humor negro, Bastian apenas deu de ombros e continuou a olhar para baixo em direção ao piso principal a seguir a partir da janela de vidro fumê do escritório de Sevin no terceiro andar do Salone di Passione. Hoje ele parou o trabalho cedo no Fórum, a fim de se reunir com Sevin aqui a negócios. Outra direttriz tinha chegado do Conselho, este com previsões mais terríveis sobre a instabilidade dos encantamentos que protegiam as criaturas de ElseWorld da detecção humana neste mundo. E agora à noite estava chegando, e as fadas cortesãs estavam surgindo diante de suas câmaras no salão para se misturar com os clientes. Seu irmão iria convidá-lo para ficar e desfrutar por si mesmo, mas Bastian lhe pediria desculpas. Havia apenas uma mulher que ele desejava. E ela não lhe daria o nome dela.

Enquanto ele observava o piso inferior, uma bela mulher passeava no salão principal na direção da sua saída da frente, seus quadris balançando em uma exagerada moda que chamava a atenção masculina. Ela olhou em sua direção rapidamente, e o interesse de Bastian se aguçou.

— Quem é essa?

Sevin ergueu os olhos de sua papelada e forneceu o nome dela.

— Christiana.

— Uma funcionária?

Sevin assentiu.

— Estou surpreso de vê-la passeando por aí. Foi-me dito que ela tinha adoecido. Se você quiser, eu poderia apresen... — E então ele ficou falando para o ar, por que Bastian tinha partido para as escadas.

A funcionaria de Sevin só conseguiu chegar à calçada, quando Bastian pegou o braço dela, detendo-a. Seu cabelo era da cor da manteiga de novo e ela usava um vestido para combinar. Cor. Ele estava imediatamente rígido.

— Onde infernos você esteve? — Ele exigiu.

A mulher sorriu, obviamente em um quadro leve de espírito.

— Boa tarde para você também, querido. — Ela não ofereceu nenhum protesto quando ele deteve-a, apenas deu-lhe tempo para examiná-la como ele queria. Seu vestido era de gola alta e surpreendentemente puritana, seus seios fartos e cintura bem ligada. Uma única mecha de cabelo louro caía ingenuamente sobre um ombro, o resto reunido no alto de sua cabeça. E o plano inteiro estava coberto com um chapéu de barrete com pontas de asas de pombas brancas.

Depois da análise, ele comentou:

— E eu aqui pensando que você tinha uma aversão a pássaros e quantidades ridículas de babados.

— Você está pensando em meu anfitrião passado. Meu novo hospedeiro gosta muito deles. Acompanha-me?

Apesar de si mesmo, Bastian sorriu. Como Rico, ela o divertia. Na verdade, havia várias qualidades agradáveis que se enfiou através de todas as personalidades dela que ele conhecia até agora, inteligência e um interesse em antiguidades que combinava com o seu próprio. Estes, ele assumiu eram seus próprios traços, em vez dos de seus hospedeiros.

Três dias se passaram desde que ele a tinha visto, e ele estava ávido para tê-la novamente. Envolvendo um braço em volta de sua cintura, ele a levou debaixo de um conjunto de escadas que levava até uma casa de moda. Lá, ele a puxou para mais perto e apertou os lábios nos dela. Uma explosão de cor o agrediu. Seu corpo reagiu da maneira previsível.

— Satisfeito? — Ela murmurou, quando ele finalmente se afastou. Ela ajeitou o chapéu, parecendo um pouco atordoada.

— Só para ter certeza.

— É assim que você sabe que sou eu quando nos encontramos? — Perguntou ela, correndo um olhar para ele. — Pelo beijo? Ou é um toque? Um olhar?

— Essa é uma informação que você terá de mim só quando eu tiver o seu nome real vindo de você.

Diante disso, ela passou por debaixo de seu braço e partiu em um ritmo acelerado. Ele pegou o ritmo de seu passo.

— Então você está loira agora — observou.

Ela se inclinou em sua direção e falou com ele da maneira que se usa para confiar a um tolo que não pode compreender as questões mais simples.

— É tintura, monsieur.

— *Et tu étais également française?*

Descuidadamente, ela acenou com a mão enluvada.

— *Oui*. Eu sou tanto loira e francesa. Você é muito observador.

— E você é chamada de Christiana desta vez? — Ele perguntou casualmente. — e Fada, pelo seu perfume.

— Certo outra vez. Eu sou muito amável, muito vaidosa, muito sedutora, muito recentemente quase morta Christiana, que passou os últimos dois dias na cama com uma febre terrível. E ao que tudo indica, esta agora recuperada. — Ela suspirou de alegria. — Um milagre, n'est-ce pas?

— Eu quero ficar sozinho com você.

Ela assentiu com a cabeça facilmente.

— Minha anfitriã tem esse efeito na maioria dos senhores que a conhecem. Mas primeiro tenho negócios com esta senhora. — Fez uma pausa, tocando no ombro de uma jovem mulher que tinha vindo de cima. — Para você, Sabina. Com minhas desculpas. — Ela apertou uma carta nas mãos da conhecida, que olhou para ela como se não fosse possível acreditar em sua boa sorte. Em seguida, tomando o braço de Bastian, Christiana afastou-se pela calçada novamente.

— É uma carta que minha anfitriã estava usando para chantageá-la — ela informou-lhe em resposta à sua pergunta não formulada.

— Ah, outro desejo de morte concedido pela fada boa... um, qual é mesmo seu nome?

Ela sorriu levemente.

— Christiana se arrependeu de sua chantagem maliciosa no último momento. Ela é realmente uma pessoa bastante doce em geral.

Bastian olhou para ela, imaginando novamente o quão solitário sua existência deveria ser. A preocupação por ela brotou nele.

— Há mais parecidos com você? Outros Efêmeras para lhe dar conselhos, agora que Michaela se foi?

O passo dela acelerou, como se a correr de sua compaixão. Será que ela achava que aceitá-la a tornaria fraca? Ela era sempre tão cuidadosa, agia com tanta cautela. Algo nos mundos a ameaçava, e ele seria condenado se não descobrisse o que era e a protegesse nem que fosse a última coisa que ele fizesse.

— Vamos falar sobre algo mais interessante — Ela sugeriu. — Sobre as opalas, por exemplo.

— Muito bem. — Puxando-a para uma parada, ele pegou a bolsa dela. — Vamos começar com a questão de seu atual esconderijo. — Seus

olhos azuis continuaram o olhando enquanto ele espremia suavemente sua bolsa na mão e depois se voltava para ela, tendo determinado pelo tato que a bolsa não continha qualquer uma das joias.

Ela colocou as tiras finas da bolsa mais uma vez em seu pulso e sua cabeça se inclinou em um ângulo de paquera.

— Gostaria de olhar debaixo do meu chapéu agora, monsieur?

Ele acariciou a longa mecha loira atrás da concha de sua orelha e pôs a mão no lado de seu pescoço, o polegar acariciando seu colar, alto e rígido.

— Sob ele e em outros itens de sua roupa — ele informou-lhe sem rodeios. — Diga-me, exatamente quantas opalas existe? Seis? Ou há mais?

— Leve-me para casa com você para o Esquilino. Para a sua cama. E talvez eu te diga.

— O quel? Você não tem nenhum roubo agendado para esta noite? Nem em busca de cadáveres? —Tomando-lhe o braço, ele saiu para a calçada e imediatamente chamou um transporte.

Apesar de que roubo era precisamente o que Silvia tinha em sua mente, tudo o que ela disse foi:

— Felizmente, eu tenho um hospedeiro adequado no momento, como você vê. Portanto, estou livre para me concentrar em você. — Ela entrou na cabine fechada, e depois esperou que ele se junta-se a ela. — E como consequência disso, eu tenho uma necessidade particular por ter você neste momento. — Ela admitiu, quando ele se sentou em frente a ela.

Ele levantou uma sobrancelha de forma sardônica e puxou-a para sentar-se de lado em seu colo.

— Eu mal posso esperar para ouvir qual.

Ela puxou as pontas das suas luvas.

— Bem, parece que tem outro desejo de Christiana que eu prometi cumprir.

— Qual é? — Seus dedos começaram a trabalhar para abrir seu corpete.

— Que ela possa atingir a satisfação sexual meia dúzia de vezes esta noite.

Ele riu, uma mão deslizando sob a seda e renda para encontrar seu peito.

— Você está brincando.

Ao seu toque, ela murmurou baixinho e se abandonou amolecida contra ele, descansando a cabeça em seu ombro.

— Eu asseguro que eu não estou.

— Esse foi um dos seus desejos?

Ela assentiu com a cabeça e olhou para ele.

— Mas se você não está à altura da tarefa... — Sua mão vagou entre eles, parando na parte da frente de sua calça. Ela sorriu. — Oh, eu vejo que você está. Que bom para todos os interessados. Posso sugerir que façamos um acordo de reciprocidade neste alcance de realização? Eu acho que você encontrara os talentos de minha atual hospedeira bem ao seu gosto. — Seus olhos se voltaram provocadores. — Sua especialidade é de uma escolar desgarrada.

— Deuses — disse ele, rindo.

Silvia enviou-lhe um olhar severo, em seguida, colocou uma mão enluvada no peito.

— No entanto, há uma coisa a qual devo adverti-lo.

As sobrancelhas dele subiram novamente.

— Bem, eu sinto muito dizer-lhe que a pobre Christiana foi bastante travessa a tarde. A chantagem e tudo. Acho que você vai ter que administrar alguma disciplina a fim de... Ajudá-la juntamente com o assunto do seu desejo.

— Eu vejo — disse ele, intrigado. Ele cutucou a abertura de seu corpete mais aberta e seus olhos escureceram enquanto ele observava sua mão em concha o peso quente de um seio, pálido e voluptuoso. Seu polegar acariciou ponta, uma vez, novamente, em seguida, juntou-se o dedo indicador. Rolaram seu mamilo entre eles até que estive bem esticado, então suavemente o comprimiram. Com as faces coradas ela se moveu em seu colo, excitada.

Seus olhos encontraram os dela.

— Uma mostra imprópria para uma inocente escolar perdida — disse ele suavemente, perversamente. Eles compartilharam um sorriso, lento mútuo.

— Com muita certeza — ela concordou.

O clima entre eles alterou, então, aliviando em direção a paixão. Sua cabeça escura dobrou-se e tomou-lhe o mamilo em sua boca, sugando profundamente e lavando-a com sua língua áspera.

Sua cabeça caiu para trás sobre seu ombro forte, enquanto o seu desejo por ele se acendia. Como se alguma faixa erótica ligasse as partes de seu corpo, ela sentiu a força de sua sucção no alto entre as pernas.

— Umm. — Seu rosto se virou para ele para que ela pudesse beijar sua garganta, e sua mão enluvada foi para o seu rosto.

— Diga-me — perguntou ele, quando ele se moveu para cuidar de sua outra mama. — Christiana ... já esteve com um homem? Intimamente? — Sua mão foi sob sua saia.

— Certamente que não — ela murmurou, quando o calor e seu toque se moveu sobre seu tornozelo, seu joelho, sua ligas, e mais alto ainda. — Ela é uma colegial inexperiente, monsieur. Mas muito brilhante e interessada em adquirir novas habilidades.

— Excelente. Só trabalho com as mais promissoras das estudantes. — Sua mão escorregou entre suas pernas, e ela engasgou quando ele encontrou sua vagina já sedosa com seus fluidos. — E ela realmente parece... promissora.

— Você não vai ter nenhuma queixa com seu trabalho — Silvia assegurou-lhe sinceramente.

Seus dedos o deixaram e foram para o fecho das calças.

— Eu temo não poder aceitar sua palavra sobre isso. Eu vou querer colocar suas habilidades à prova antes de tomá-la como seu tutor.

Ela olhou em direção a janela, vendo que eles tinham começado a subida íngreme para Esquilino.

— Teremos tempo?

— Vamos fazer este primeiro teste bem rápido — ele assegurou a ela. Erguendo-a sobre ele, trabalharam em conjunto para elevar suas saias.

— Mas um com o resultado desejado — insistiu ela, enquanto ele a acomodava para montá-lo.

Ele assentiu com confiança arrogante.

— Os cinco orgasmos restantes podem ocorrer de uma forma mais agradável. Na minha cama e talvez em outros móveis que possam se adequar.

Ela arregalou os olhos, inocente.

— Estou ansiosa para a sua instrução em seu mobiliário monsieur. — Então ela envolveu os braços em volta de seu pescoço, pressionando sua boca na dele, e afundou-se sobre seu pênis.

#####

— Meu pai teria gostado de você — Bastian disse-lhe duas horas mais tarde.

Deitada de costas ao lado dele, entre os lençóis suntuosamente amarrotados de sua cama, Silvia virou a cabeça para olhar para ele.

— O quê? — Ela perguntou, pensando ter ouvido mal.

Bastian rolou em sua direção, sua mão indo ao seu redor para moldar sua nádega. Ela estremeceu.

— Você está bem? — ele perguntou, erguendo-se em um cotovelo, para olhar para ela. Sua mão traçou sobre as marcas avermelhadas que seu amor havia deixado aqui e ali em seu corpo. Para induzir ao sexto e último orgasmo, ele colocou uma Christiana quase nua sobre seus joelhos e bateu em sua bumba com força antes de colocá-la em seu colo nu para "instruí-la".

Ela assentiu, sorrindo.

— Foi maravilhoso, Bastian. Obrigada. Por mim e Christiana. — Ela levantou a cabeça e beijou-o, então caiu de volta para o travesseiro sentindo-se agradavelmente mole. Algo arranhou a perna dela, e ela se abaixou para encontrar o ramo fino de cordel do chicote que ele tinha arrancado de uma de suas bétulas no caminho para sua casa. Seu traseiro e as costas de suas coxas traziam riscas que rapidamente desapareciam e que ele havia deixado nela, precipitando o orgasmo número três. Pegando-o, ela jogou-o no chão. — Você estava dizendo? Sobre o seu pai?

— Só que ele teria gostado de você. E minha mãe também teria.

— O que aconteceu com eles, seus pais? — Perguntou ela, estudando-o.

Sua expressão se fechou para ela e ela achou que ele não responderia. Mas depois de um longo momento, sua voz veio sobre o silêncio.

— Eu lhes aconteci. Seu filho talentoso. A Terra falava, sussurrando seus segredos e levando-me a descobrir tesouros. Tudo começou com os petróglifos (imagens esculpidas em rocha) perdidos em ElseWorld quando eu tinha cinco anos.

Seus olhos se arregalaram.

— Seu pai é creditado por esse achado.

— Ele assumiu o crédito para me proteger do Conselho. Mas eles nos descobriram quando fiz outra descoberta durante sua ausência.

— E por causa de seu talento, eles mandaram você e sua família aqui para escavar o Fórum? — Ela adivinhou.

Ele balançou a cabeça.

— Com ordens para encontrar e proteger qualquer tipo de artefato que pudessem sugerir a existência dos seres de ElseWorld.

— O que aconteceu? — Ela perguntou novamente.

— Nós estávamos aqui há seis anos, quando meus pais contraíram a doença. Se não fosse por mim, nunca teriam vindo. Eles ainda poderiam estar vivos.

Silvia pôs uma mão afetuosamente em seu rosto. Partia seu coração imaginá-lo quando jovem de luto, de repente deixando de cuidar de si mesmo em um mundo desconhecido, enquanto assumia as responsabilidades dos três irmãos mais novos e as escavações.

— Então você retribuiu o sacrifício deles, através da realização de seu trabalho.

Ele pegou a mão dela sob a sua.

— Não tenha pena de mim, *cara*. E não faça de mim uma figura heroica. À noite em que eles morreram era um Moonful, meu primeiro Chamado. Durante o ritual, eu tive minha primeira experiência com o vinho, e depois, eu abandonei meus irmãos, que precisavam de mim.

— Sob a influência do vinho — ela protestou, defendendo-o quando ele não iria se defender.

Ele deu de ombros.

— Eventualmente, eu escapei de seu manto e voltei para os meus irmãos. Para as escavações. É um trabalho que eu amo. — Ele beijou a palma de sua mão. — O trabalho que eu quero compartilhar com você.

Ela endureceu, cautelosa.

— O que você está dizendo?

— Essas visitas furtivas, nunca saber quando ou se eu poderei vê-la novamente. Não é suficiente — ele disse a ela com determinação macia. — Quero compartilhar minha vida com você.

Atordoada, ela deslizou dele e foi sentar-se contra a cabeceira da cama, puxando o lençol sobre a sua nudez.

— Você pede demais! Eu não posso simplesmente decidir tornar-me mortal por um capricho. — Cativos por Pontifex dependiam dela e ela precisaria de seus poderes efêmeros, a fim de gerir o socorro. Quem sabia quanto tempo poderia levar para libertá-las? A melhor coisa seria deixar este homem e nunca mais voltar. Então ele poderia encontrar alguém para amar. Seu coração se torceu dolorosamente com a perspectiva.

A mão de Bastian deslizou sob o lençol, acariciando seu tornozelo, panturrilha, a parte traseira de um joelho.

— Eu não estou pedindo que você se torne mortal. Tome quaisquer hospedeiros, sempre que você precise. Só peço para você trazê-los — e você mesma — a minha cama. Todas as noites. E que você gaste o dia que você puder comigo.

Uma alegria pungente tomou conta dela na sinceridade e fome primitiva em sua voz. Mas ainda assim ela manteve-o afastado.

— Deuses, Bastian. Você realmente quer esse tipo de vida para si mesmo?

— Sim.

Ela balançou a cabeça. Havia tantas coisas que ele não sabia. Tanto que ela não poderia dizer a ele. Ainda não. Ele queria manter as opalas aqui, mas ela precisava tomá-las. E isso os colocava em desacordo. Ela olhou para a porta.

— Eu...

— Não corra — Disse ele, puxando-a para ele. — Isso é tudo que eu peço agora. Dormir com você. Vamos conversar amanhã.

Deslizando para baixo, Silvia se enrolou nele, a cabeça em seu ombro e uma coxa suave entre as dele. A mão preguiçosa acariciou seus cabelos, embalando-a para o sono. Ela sentiu a força do seu batimento cardíaco sob a palma da mão e desejou que pudessem ficar juntos assim para sempre.

Ela passou um dedo sobre bochecha lisa de Christiana sobre o lugar onde a chicotada de seu próprio pai tinha cortado a sua há séculos atrás.

— Eu estou marcada. — Sua dura admissão sussurrada despencou no silêncio. — Imperfeita. Aqui, no meu rosto.

A mão em seu cabelo fez uma pausa. Então seus lábios acariciaram o alto de sua cabeça.

— Não é o seu rosto ou sua aparência que me fazem te amar. É você. Se você é mortal ou efêmera ou algo no meio disso, meus sentimentos por você não vão mudar. E eu não sou nenhuma perfeição.

Lágrimas de alegria lhe encheram os olhos, e naquele momento, ela caiu ainda mais profundamente em seu amor por ele. Ainda assim, ela se esquivou de prolongar esse tipo de discussão emocional e procurou aliviar o clima.

— Sim, é realmente triste como você é imperfeito — ela brincou com cuidado. — Alto, bonito, inteligente, rico. É uma maravilha que qualquer mulher queira você.

Ela ouviu o sorriso em sua voz quando ele respondeu:

— Então você tem que ter pena de mim, pois se você não tiver pena de mim, quem vai ter?

Se ao menos ela pudesse tê-lo! Se ela ousasse revelar seu nome e sua forma real para ele, para que ela fosse feita mortal. O ciclo sem fim de tomar hospedeiros e aliviar-se deles tinha começado a se tornar irritante, e com todo o seu coração, ela desejava ficar aqui e construir uma vida com ele. Ela agora entendia precisamente porque Michaela fez-se mortal por ele. Ela entendeu

que o amor pelo o homem certo fazia com que a escolha fosse fácil. Era uma escolha que ela faria agora de bom grado se pudesse.

Mas primeiro ela tinha um dever para com as outras e devia ver isso passar. Amanhã ela iria tomar posse da sexta opala. Se seu plano desse certo a partir daí, ela iria libertar as outras vestais das garras de Pontifex.

Só então, — talvez então — ela poderia voltar aqui. E um dia verdadeiramente pertencer a este homem maravilhoso, e ele a ela.

Cena Antiga IX

391 dC Fórum Romano

Uma mão tremula acordou Silvia e Michaela em sua alcova. Era Aemilia no pé de sua cama compartilhada. Fora de sua janela, a noite negra estava pontuada com tochas à distância.

— O que está acontecendo? — Silvia exigiu em alarme.

— Eles estão destruindo nossos templos — sussurrou a menina, olhando assustada.

— Eu avisei que este dia estava chegando! — Disse Michaela, uma vez que saltou da cama.

Floronia se juntou a elas na alcova, de olhos arregalados.

— Eles estão desmantelando tudo. Acabando com toda adoração pagã. Afastando-se dos deuses antigos. Vesta certamente vai ser a próxima.

— O que vamos fazer? — Perguntou Aemilia, com a voz trêmula.

Silvia deu-lhe um abraço rápido.

— Tudo ficará bem, *cara*. Venha, vamos reunir as outras. Nós tomaremos as pedras de fogo e fugiremos.

Momentos depois, todas as doze vestais tinham corrido da casa para o templo, vestida apenas com suas túnicas de dormir. O som dos pilares monumentais sendo derrubados e o clamor das multidões na distância era aterrorizante.

Juntas, elas subiram os degraus do templo. Cada uma delas arrancou a opala da lareira de Vesta e segurou-a firmemente enquanto solenemente assistiam o fogo se extinguir.

Então voou perguntas entre elas.

— Onde vamos esconder as pedras? Para onde iremos? Como vamos viver?

Occia acenou com a mão em direção à multidão sedenta de sangue vindo em sua direção.

— Vocês acham que eles simplesmente nos deixarão ir, suas idiotas? Nós lutamos por tudo o que eles querem destruir. Seríamos lembretes constantes do passado, da religião pagã. Não, eles vão nos colocar em julgamento e fazer um espetáculo de nós, então nos enterrarão no Campus Sceleratus! — Várias meninas começaram a soluçar.

— Acalmai-vos — Michaela repreendeu.

— Vamos nos separar agora e concordar em reunir-nos em num marco de uma semana a partir de hoje — sugeriu Silvia.

— Ou nós poderíamos ir para ElseWorld para nos juntarmos ao templo de lá — disse Aemilia.

— Como? — Occia zombou. — A porta entre os mundos está na Toscana, que fica a centenas de quilômetros daqui. Não, eu estou indo embora do meu jeito. Agora. Para o inferno com o resto de vocês. — Mas quando ela se virou para ir, todas viram que era tarde demais. A multidão tinha chegado, alguns já nos degraus.

— Olhem! O Fogo de Vesta voltou — gritou Floronia. Como um só, as vestais olharam para a lareira e ofegaram ao vê-lo ardendo brilhante novamente.

— Eu não entendo. Foi extinto pela tomada das pedras — disse Michaela.

— No entanto, ele queima mais uma vez — Silvia murmurou, com espanto. — É um milagre.

Então o fogo sagrado de Vesta saltou para fora, em torno do templo e colocando-as em uma parede de fogo que manteve a multidão e seu ódio a distancia. O templo começou a encher de fumaça. As vestais amontoaram-se perto umas das outras e tomou-a em seus pulmões, tossindo e sufocando.

— Algo está acontecendo comigo — sussurrou Licinia, parecendo horrorizada.

Silvia olhou para ela, chocada ao ver que seu corpo estava vacilante e crescia indistinto. Por um momento, ela esteve pálida como uma estátua. Então, de repente ficou translúcida como um espectro. Silvia olhou para si mesma. Viu que a mesma coisa estava começando a acontecer com seu próprio corpo e os das outras.

— Corram! — Gritou Michaela, agarrando a mão dela. Antes que o processo estivesse completo, ela e Michaela fugiram com suas pedras. Na confusão, correram para a Casa Vestal e através de sua porta da frente, com a intenção de fugir de costas para iludir a multidão.

— Meus dedos estão enfraquecendo. Vou soltar minha pedra em breve — lamentou Michaela enquanto seus corpos ficavam cada vez mais transparentes.

— Dê-me — disse Silvia. Rapidamente, ela escondeu ambas as pedras de fogo nas mãos da estátua de Vesta. — Mantenha-as seguras — ela sussurrou para a deusa. A multidão entrou na casa, mas não pareceram notar qualquer uma delas enquanto elas saíam correndo pela porta na extremidade do átrio.

Como elas iriam descobrir mais tarde, as outras vestais tinham se espalhado através do Fórum e muito mais além. Todas as doze eram fantasmas agora e estavam invisíveis para seus perseguidores. E quando elas fizeram sua fuga selvagem, algumas perderam suas pedras de fogo e outras as esconderam para mantê-las seguras.

Uma hora mais tarde, Silvia e Michaela estavam no cume com vista para o Fórum, seus pulmões arfando por seu voo. Sua deusa as havia protegido da única maneira que podia. Estavam agora invisíveis. Imortais. Efêmeras.

Com as mãos entrelaçadas, elas olharam para o templo, olhando a sua destruição.

Capítulo 18

Na manhã seguinte, fazer amor com Bastian foi um tormento, com um carinho pungente, por que Silvia sabia que poderia ser sua última vez. Depois disso, ela fingiu dormir, esperando até que Bastian saísse para as escavações. Ela ouviu a porta bater atrás dele e ouviu o som de seu cavalo quando ele partiu. Então ela se levantou e vestiu uma de suas camisas, puxou uma longa ripa de madeira de apoio de debaixo do colchão e andou para o corredor com ela. Entrando em seu escritório, ela foi infalivelmente para a grande estante de livros que escondia seu cofre secreto.

Embora ele não soubesse, ela tinha vindo aqui duas noites atrás, enquanto estava em sua forma efêmera fantasmal. Invisível, ela pacientemente o espionou a noite toda, e finalmente foi recompensada quando ele a levou aqui para este cofre, sem saber que ele estava fazendo isso. Ela tinha ficado em silêncio, apenas a poucos metros de distância dele, e observou-o discar a tranca. Então, ela tinha ido dentro do cofre com ele e viu que ele possuía a sexta opala.

E agora ela tinha vindo para roubá-la. Como a estante de livros era muito pesada para se mover por conta própria, ela trouxe a ripa da cama. Usando-a como uma cunha entre a estante e a parede, ela conseguiu jogar a estante ao chão.

Então, ela discou a combinação da fechadura em sua memória, abriu a porta grossa de aço, e entrou no cofre. Andando para a caixa de joia de vidro ela a alcançou, então congelou em choque. Dentro de uma almofada de veludo não estava uma opala, mas todas as seis!

— Procurando por algo? — Ela se virou para ver Bastian de pé na entrada do cofre. — Por que você simplesmente não aceitou a minha proposta para ficar, *cara*? Em seguida, todas as seis poderiam ter sido sua.

— Como você encontrou as opalas que eu trouxe comigo? — Ela perguntou, gesticulando em direção a elas ao acaso.

— Eu suponho que você se refere as cinco que você enterrou no meu jardim para a custódia há dois dias?

Ela balançou a cabeça tristemente, enquanto a raiva e a desconfiança borbulhavam em suas veias.

Ele inclinou um ombro contra o batente da porta, cruzando os braços e estudando-a.

— Você deixou um rastro, e eu a segui.

— Que tipo de rastro?

Ele sorriu levemente, enfurecendo-a com sua presunção.

— Um que só eu posso perceber. Eu o segui à suas cinco opalas, desenterrei-as, e então eu esperei você fazer uma aparição. Você fez com que eu notasse você ontem no Salon de Sevin de manhã. Então, me juntei a você na rua, e depois eu deixei as coisas fluírem. — Sua voz era suave. — E agora aqui estamos nós.

— A noite passada foi um truque cruel, então? Suas profissões de amor foram apenas mentiras o tempo todo?

— Não, maldição. — Endireitando-se, ele fez menção como se quisesse vir para ela.

Arrebatando a almofada com suas pedras da caixa de vidro, ela a segurou ante ela com ambas as mãos apoiando a almofada. Ela se afastou enquanto ele avançava, protegendo-as dele.

— Essas opalas pertencem a Vesta e aquelas que a servem. Deixe-me levá-las, Bastian. Eu preciso. — Sem esperar a resposta dele, ela rapidamente soprou nas pedras e convocou uma parede de fogo.

No mesmo momento, ele pegou algo do chão no interior do cofre e fê-lo em sua direção. Splash!

Assustada, ela encolheu-se, deixando cair à almofada. As pedras se espalharam a seus pés. Então, ela ficou ali, com as gotas de água pulverizando-se e se torcendo em suas mãos. Quando seus braços vieram ao seu redor, ela piscou para ele. Ele veio preparado com um balde de água? Ele devia ter sabido o tempo todo que ela viria aqui para roubar as joias. E agora ele extinguiu a parede de fogo!

— Você... idiota. Você não sabe o que você fez. Você não sabe nada!

— Então me diga.

Seus olhos se estreitaram furiosa com o seu truque.

— Eu vou mostrar-lhe em vez disso. — Instantaneamente, ela, Christiana ficou mole em seus braços. Então, com um suspiro, ela caiu no chão, morta. Ele recuou chocado com a visão de sua alienação a si mesma de seu hospedeiro.

Agora em sua forma invisível Efémera, Silvia foi até a porta do cofre, na esperança de distraí-lo.

— Agora, você vê? — Como ela esperava, ele se virou para a entrada ao som de sua voz desencarnada. — Isso é como eu vivo a tomar corpos e deixa-los — disse a ele, olhando para formar desfalecida de Christiana além dele. — Desagradável, não é?

— Se é tão desagradável para você, por que não tornar-se mortal? Por que não fica comigo?

— Porque há um homem horrível, Pontifex, e ele, ele... — Frustração a encheu e ela mordeu sua explicação. Ele não sabia nada de sua situação e agora não era o tempo para explicar. Sabendo que ela não podia levar as pedras enquanto estivesse em sua forma fantasmal, Silvia tomou a única decisão que podia. Escorregando em torno dele novamente, ela se ajoelhou ao lado das opalas. Mantendo um olho sobre ele, enquanto ele fazia uma busca visual pelo cofre em busca dela, ela rapidamente assumiu sua própria forma corpórea e, em seguida, reuniu as pedras em seu colo em sua túnica.

Lentamente, levantou-se para enfrentá-lo, seus cabelos soltos longos como o pôr do sol dourado e os olhos de um azul claro. Seu olhar a percorria, com fome por este primeiro vislumbre dela em sua aparência Ephemeral verdadeira. Ela sentiu-se traída, exposta. Embaraçada por ele vê-la como ela era, desgrenhada e com cicatrizes.

— E agora você tem o que você desejou — ela disse a ele, desprezando o tremor trindo em sua voz. — A vista da minha forma corpórea danificada. Mas você nunca vai ter meu nome de minha boca!

Bastian se lançou para ela, então recuou a partir do calor da nova parede de fogo que ela criou.

— Pare, maldição! — Gritou ele.

— O que, sem segundo balde de água? — Ela perguntou sua voz agora desprovido de emoção. — Como foi extremamente descuidado de sua parte não ter antecipado tal necessidade, signor.

E então ela entrou na parede de fogo e foi embora.

Cena Antiga X

391 dC Fórum Romano

— É estranha, esta nossa nova existência efêmera — disse Silvia, olhando para baixo em suas mãos translúcidas.

— Mas é emocionante — disse Michaela. — Basta pensar que ninguém pode nos ver.

Menos de um dia tinha se passado desde a noite da destruição do templo de Vesta.

— E veja isso. — Silvia postou as palmas das mãos e soprou levemente entre elas. Uma parede vertical de fogo queimou ante ela, como bolhas vacilantes de calor no ar em uma tarde de verão. Algo puxou em direção a ela. Hipnotizada, ela pisou nele, dificilmente ouvindo o grito de terror de Michaela em sua ação. E, de repente, ela estava em ElseWorld e depois de volta novamente ao lado de Michaela.

Michaela olhava, espantada.

— O que foi isso?

— Um portal de fogo — disse Silvia. E depois Michaela tentou e conseguiu também.

— Apenas imagine o que poderíamos fazer com uma coisa tão maravilhosa — disse Silvia. — Isso pode mover os mundos.

Occia estava naquele mesmo preciso momento descobrindo a mesma capacidade e mostrando o seu talento para Pontifex.

E ele estava imaginando um uso muito mais nefasto para isso.

Capítulo 19

Occia estava de bruços na escrivaninha, grunhindo preguiçosamente enquanto o pau de Pontifex era embalado dentro e fora dela. Eles estavam em seu escritório particular e ele estava em sua mesa, movendo suas coxas entre as dela, sua mente nos negócios. Eles estavam assim por horas, e sua carne estava queimando e se irritando. Mas ela amava nada mais do que a sensação deste homem poderoso a fodendo. Como era habitual nestas sessões, uma bandeja de quatro pernas tinha sido posta sobre sua escrivaninha para moldar-se as suas costas, para que Pontifex pudesse estar entre as coxas dela e ainda gerir a sua papelada em cima da estação de trabalho improvisado. Sua riqueza e poder agiam sobre ela como forte afrodisíacos. E a cada rabisco de sua pena ou grossa de papel quando ele virava uma página, ele só crescia mais rico e poderoso. E sua necessidade por ele aumentava.

— Eu tenho uma tarefa para você, Occia — ele disse a ela, de repente, tirando-a de seu transe sensual. — Eu quero você atraia o sátiro mais velho aqui para minha sala do trono.

— Lord Bastian? Por quê? E por quais meios?

— Porque eu a estou mandando fazer isso. Use todos os meios necessários. Interrompa seu trabalho — ele colocou a bandeja de lado.

— E o que você vai fazer — ela olhou incisivamente para onde ele estava a empalando — durante a minha ausência?

— O que eu sempre faço!! — disse ele com uma ameaça silenciosa.

— É a mesma coisa a cada Moonful agora — ela acusou. — Você sempre encontra uma desculpa para livrar-se de mim esperando a chance de que Silvia volte. De modo que você possa transar com ela.

— Minha querida, se eu quisesse me livrar de você, você já estaria no fosso. E eu vou foder com quem eu quiser.

Para provar seu ponto, ele se retirou dela e acenou para outra vítima ao longo de um trio de Lares, sentadas sobre uma almofada de chão para assumir seu lugar. Ele se empurrou em sua escolha enquanto Occia observava, sabendo como ele a feria quando fazia isso. Cada vez que ele esfaqueou-se em outra mulher ao longo dos séculos, foi como uma facada em seu coração.

No entanto, Occia tinha sido generosa. Ela o tinha deixado tê-las todas. Mas ele não poderia ter Silvia. Porque temia o que aconteceria se ele alguma vez conseguisse. Parecia que Silvia deveria ser a que o Oracle tinha

profetizado que levaria seu filho. O que ele esperava para liderar um exército. Que lugar haveria em sua vida para Occia então? Ela que lhe dera tantos séculos de amor. Mas ele não se importava. Suas ambições eram tudo o que importava para ele.

Odio a encheu enquanto ela observava-o foder outra, assim como as lágrimas encheram seus olhos. Ainda assim, quando ela se virou e foi embora, ela ansiava para que ele a chamasse de volta.

#####

Silvia caminhou sobre o tapete no corredor em direção ao trono de seu nemesis. Sussurros a seguiam em seu progresso. Ela não tinha estado no covil de Pontifex aqui em ElseWorld por cinco meses.

— Bem, bem. Finalmente, ela veio — Pontifex gritou, seu tom de sarcasmo escorrendo. — O que você me trouxe? Melhor que seja algo bom.

Ela permaneceu em silêncio até que ela chegou a ele. Desta vez, ela chegou perto, até à borda do fosso, e olhou para ele através dele.

— Tenho as pedras de fogo.

Os olhos gananciosos de Pontifex procuraram por ela.

— Quantas? Onde?

— Todas as seis. — Ela estendeu os braços na direção dele. E em suas mãos em concha estavam seis pedras.

Ele empurrou a mulher que atualmente o atendia longe de seu colo, pondo-se de pé em seguida. Pela primeira vez, não era Occia, observou ela, surpresa.

Silvia abaixou suas mãos em direção à água escaldante.

— Se você ou seus guardas se aproximarem, eu juro que vou deixá-las neste fosso.

Ele procurou seus olhos, e vendo sua determinação, ele afundou.

— Como isso é cansativo. O que você quer em troca delas?

Sua destruição.

— Informação. Para começar. Por que você matou Michaela?

Ele deu com a mão, como se irritado com este assunto insignificante.

— Imaginei que desde que ela tinha se feito mortal, você poderia tomá-la como hospedeira. E que no Moonful, pareceria provável que você iria cair nas garras de Lord Satyr. É amplamente conhecido que o sêmen do Sátiros aumenta o poder de sementes de outro homem.

— Você planejou levar-nos para cama, Michaela e eu naquela noite, quando estávamos unidas? Esperando por um filho? — Ela estremeceu com repulsa.

— Eu mesmo enviei um dos meus guardas para batizar a bebida do bastardo Satyr, de modo que ele perdesse a cabeça e eu fosse capaz de te raptar. Mas esse plano não deu em nada, quando ele te trancou com ele no seu guardado ninho de amor no salão de seu irmão. — Ele fez um deboche. — Uma vergonha. Mas isso não é nem aqui nem lá agora. Michaela está morta. Os meus batedores encontraram apenas um traço de suas cinzas. Você estava completa.

Raiva a encheu, mas ela a abafou. Ela veio aqui com um plano e não iria arruiná-lo, deixando suas emoções se amotinarem.

— Eu não queria que ela decorasse o seu trono. Você a machucou o suficiente, você seu bastardo sujo.

— Cuidado — Pontifex advertiu calmamente. — Eu não tomei nada que ela não tenha oferecido.

— Você a estuprou durante séculos.

— A cada Moonful. Como um relógio — disse ele, impertinente. — Ela foi uma peça deliciosa em seu trabalho, sua Michaela. Mas ela já está morta e eu dei-lhe a sua informação. — Ele se inclinou em sua direção. — Agora, dá-me as pedras.

Observando os guardas rastejando mais perto, ela estendeu suas mãos para baixo para o fosso.

— Diga-lhes para manterem-se longe, ou...

Quando ele acenou com a mão na direção dos guardas, eles recuaram.

— O que mais infernos você quer?

— Liberte as outras nove vestais que você mantém cativas. Quando elas estiverem livres deste lugar, eu vou dar-lhe as pedras. — Depois de uma pausa, em que ele inclinou a cabeça, a esperança cresceu dentro dela. — E quando eu fizer isso, você vai me deixar ir também — ela acrescentou.

— Não — ele disse, e seu coração se afundou. — Isso eu nunca vou fazer. Você sabe, eu fiz uma promessa ao seu pai. Depois que o templo de Vesta foi destruído todos aqueles anos atrás, ele se aproximou de mim. — Pontifex estendeu o braço, acariciando cegamente um crânio apresentado no seu trono logo acima de sua própria cabeça. Era velho, e era um dos mais extravagantes nas suas decorações, nos lugares dos olhos vazios tinham um ar melancólico de fome, e ele ainda mantinha uma haste acobreada de cabelo. A

respiração de Silvia parou quando ela olhou para ele, realmente olhou para ele pela primeira vez.

— Sim, eu posso ver que você adivinhou que este é seu pai — Pontifex disse a ela. — Ao longo dos séculos, ele a tem observado do meu trono como você veio aqui para mim a cada Moonful com o seu dízimo. Assim como ele a observou toda a sua vida, traçando o seu futuro.

— Explique-se.

— Era patético realmente, a maneira como ele ia espionar você. Às vezes, ele penetrava na Casa Vestal para te contemplar em sua cama virginal tarde da noite. E ele sentia desejo por você. E ódio de si mesmo por isso. — Pontifex estremeceu e se mexeu na cadeira. Obviamente machucado por falta de uma mulher, ele começou a acariciar-se.

— Depois que os templos foram destruídos e nós soubemos o que as Ephemerals poderiam fazer, ele veio a mim com uma proposta. Através de você e as outras vestais, nós criaríamos filhos, ele disse. Um exército que poderia produzir paredes de fogo à vontade, e nos os usáramos para roubar e saquear. Gostaríamos de nos tornar homens ricos e poderosos.

— Mas nós não cooperamos.

Ele balançou a cabeça pesarosamente.

— Seu pobre pai, governado por suas paixões. — Sua mão acariciou o crânio de seu pai novamente. — Ele queria desesperadamente te foder, mas temia represália de seus deuses e de sua esposa. Em vez disso, ele me pediu para matá-lo para que ele pudesse finalmente ter o que ele queria através de mim. Então, eu o assassinei. E eu comi a sua carne para que ele fosse para sempre parte de mim. E antes que eu fizesse, eu prometi a ele que um dia iríamos foder você juntos. — Ele levantou-se e veio para ficar em frente a ela na beira do fosso. — Acho que hoje será esse dia.

Ela balançou a cabeça, horrorizada, e deu um passo perigosamente perto da borda do fosso.

— Eu vou pular antes de deixar que isso aconteça — ela alertou.

— Mas o que acontecerá com suas amiguinhas, então? — Ele acenou em direção à Parede de Portas, em seguida, ela ouviu um barulho quando a ponte começou a se mover em direção a ela para vincular os bancos entre eles. — Vinde, seja razoável. Nós estávamos esperando tanto tempo por você, seu pai e eu. Seja uma boa menina e obedeça ao seu último desejo. Vamos dormir juntos. E através de você eu vou criar um exército efêmero.

Vendo um fenômeno brilhante aparecer de repente um pouco além dele e adivinhando o que provavelmente era, Silvia disse:

— O que você fará de Occia?

— Essa vagabunda? — Ele jogou uma mão. — Ela não é nada para nós. Nada para mim. Se você quiser vê-la morta, então que assim seja. Quando ela retorna de sua missão, vou dar ordens aos meus capangas para a eliminarem.

— Bastardo! — Atrás dele, Occia apareceu em uma chama de fogo e voou com ele por toda a sala. — Eu sabia! Você me enviou em uma tola missão apenas para se livrar de mim, de modo que você pudesse tê-la. — Em um movimento que o pegou de surpresa, ela correu por ele e o atingiu na traseira de seus joelhos. Ele caiu, espirrado sem alarde, em seu próprio fosso. Em poucos segundos, as bolhas foram tudo o que restaram dele. Occia ali, o amaldiçoava e afastava as lágrimas de seus olhos furiosos. — Morra, seu fodido ingrato.

— Eu não poderia concordar mais — disse Silvia. Agarrando as pedras no peito, ela começou a correr em direção à Parede.

Occia enviou-lhe um olhar de ódio e acenou para os guardas para prendê-la. Quando hesitaram, ela jogou uma parede de fogo, incinerando um deles. Os guardas restantes rapidamente fizeram a sua licitação, agarrando os braços de Silvia e tirando as pedras dela. Quando elas foram dadas a Occia, ela apenas riu e jogou-as no fosso.

— Você trouxe pedras sem valor? Você sempre foi uma menina inteligente.

Andando para longe, ela atirou-se no trono de Pontifex, causando suspiros e sussurros das outras no fundo da sala em sua audácia em usurpar o lugar de honra.

— Você realmente acha que eu iria trazer-lhe as opalas verdadeiras? — Perguntou Silvia.

— Você quer dizer essas? — Tirando uma bolsa de seu bolso, Occia a virou de cabeça para baixo e deixou as seis pedras de fogo caírem no colo.

Silvia engasgou.

— Como é que você...

— Pontifex me enviou atrás de seu amante a tempo de testemunhar aquela cena comovente entre vocês dois em seu cofre. Depois, eu vi você enterrar as opalas no limite de sua propriedade antes de você chegar aqui, e por isso, tomei-as.

— Você trouxe-as através do portão quando você estava na forma fantasma efêmera?

Occia sorriu, balançando a cabeça.

— Um talento que eu adquiri por foder Pontifex. Ele tinha absorvido algumas habilidades interessantes através daqueles que canibalizou. E ele passou alguns deles para mim através de seu sêmen.

Silvia deu um empurrão duro em seus ombros, tentando sacar longe dos guardas.

— Fomos amigas uma vez, Occia. Em nome dessa amizade e da nossa deusa, vamos abrir as nove portas e libertar as outras.

— Nove? — Occia fez um som de riso. — Uma menina inteligente como você deve ser capaz de contar com mais precisão do que isso.

E foi então que Silvia percebeu que uma porta nova, a décima tinha sido adicionada! Seus olhos se encontraram, e Silvia recuou, adivinhando o que ela tinha planejado.

— Não.

— Eu acredito que Pontifex a construiu para que eu a ocupasse — ponderou Occia. — No entanto, eu tomo as decisões agora. — Ela acenou para os guardas. — Coloque-a com as outras.

Silvia se esforçou, mas quatro guardas eram mais do que podia dominar, e sem poder apertar as mãos juntas, ela não poderia criar um portal de fogo para escapar.

— O que você está planejando?

— Ocorreu-me que eu posso fazer eu mesma as crianças, sem Pontifex. Qualquer um destes guardas irá me acomodar. Eu farei o exército que ele ansiava por ter, um exército de crianças efêmeras que podem mover-se sobre os mundos através da utilização de portais de fogo. Só que eles vão fazer como eu mandar e não como Pontifex ou seu pai. — Seu olhar foi para o fosso, onde apenas algumas bolhas permaneciam como prova de que seu amante alguma vez tenha existido. Sua voz estava um pouco triste e melancólica, porque ela, obviamente, lamentava por ele, apesar de si mesma. — Eu vou ser a única a ser rica e poderosa. A única Vestal que ainda vagueia livre.

Então o mundo ficou escuro quando Silvia ficou inconsciente.

#####

Quando Silvia acordou novamente, tudo estava em uma escuridão negra. Ela estendeu a mão, e sua mão esbarrou em um muro inabalável. Cegamente, ela chegou em outra direção. E encontrou outra parede. E outra e outra. Havia paredes acima e abaixo e de todos os lados dela. Paredes tão

perto que ela não poderia ficar completamente em pé reta ou deitada. Histeria borbulhou e ela silenciou-a, obrigando-se a acalmar-se. Seu joelho colidiu com alguma coisa. Uma lâmpada a óleo. Sua mão se moveu ao redor e encontrou água e pão.

Seu coração bateu com o terror. Occia havia enterrado-a viva, como as outras! Nenhum desses três itens que lhe tinha sido atribuído foram feitos para serem usados. Eles eram meros símbolos para lembrá-la que ela estava bem e verdadeiramente presa. Os Antigos magistrados romanos tinham decretado que o óleo, água e pão seriam fornecidos a qualquer Vestal que violasse seus votos e fosse condenada ao sepultamento nos Campos Evil. A Parede de Portas eram envoltas em uma forma de mágica, que iria mantê-la viva, sem sustento ou ar fresco. Para sempre.

Ela bateu nas paredes de todos os lados dela, depois parou periodicamente para ouvir. Ela esperava ouvir um som de reciprocidade de uma das outras vestais aprisionadas nas proximidades na parede como ela estava, mas tudo era silêncio. Enquanto as horas passavam, ela considerou todas as maneiras possíveis de fuga, não importando o quão fosse improvável. Se ela pudesse criar um portal de fogo neste pequeno espaço, ela só queimaria a si mesma e, possivelmente, algumas das outras.

Sufocada pelo medo do escuro e da solidão, ela sucumbiu ao pânico.

— Não! — Ela gritou, se debatendo dentro de sua prisão. Mas nisto ela só conseguiu machucar a si mesma.

O pior de tudo era saber que não tinha conseguido ajudar as outras. Agora, ninguém viria para salvá-las. E ela iria passar os séculos, aqui, como as outras por quem ela tinha sentido por tanto tempo. Todas elas condenadas a uma morte em vida.

E Bastian nunca saberia que ela o amava.

O tempo passava lentamente. Horas, dias, semanas. Ela dormia um pouco e nadava dentro e fora da consciência. Ela não ouvia nada, não via nada. Não havia nada a ocupar sua mente, exceto a desesperança. Em algum momento, ela começou a alucinar. Ela viu os membros da família, mortos há muito tempo. E suas amigas. E Bastian. Sempre Bastian. As visões dele assombravam-lhe, fazendo ela sentir quando ela queria ser insensível.

Às vezes, ela era consolada quando ele sussurrava para ela na escuridão, prometendo vir para ela. Dizendo que a amava. Ela estava com tanta raiva quando eles se separaram. Tão tola e arrogante. Ela deveria ter confiado nele com seus segredos. Ele era um bom homem, alguém que poderia tê-la ajudado libertar as outras. Agora era tarde demais.

Suas visitas fantasmas a sua câmara tornaram-se uma tortura, pois a cada vez que ele aparecia e ela tentava lhe explicar, ele parecia não ouvi-la. Ainda assim, ela chamava por ele, tentando fazê-lo entender. Para lhe dar o único presente que podia. Seu nome.

— *Silvia* — ela sussurrava. Em seguida, ele desapareceria do nada, e ela ficava sozinha.

E assim um dia, quando ela ouviu sua voz querida, mais uma vez, e sentiu o conforto forte de braços musculosos masculinos a cercando, ela não acreditou que era realmente ele. E não era.

— Bastian? — Ela resmungou, sua voz um som mal discernível.

— Não, eu sou Sevin — foi à resposta lacônica, e ela viu que era de fato o irmão de Bastian que a segurava. Seu belo rosto fintou-a com um misto de pena e raiva. Virando a cabeça, ele gritou por cima do ombro para alguém do outro lado da sala.

— Ela está aqui! Segura.

Silvia virou a cabeça para seguir seu grito, mas, não acostumada à luz, ela ficou cega, na primeira visão e recuou. Sevin abraçou-a por um momento, suas grandes mãos correndo sobre ela em busca de ossos quebrados ou outros ferimentos, sem dúvida, enquanto ele sussurrava palavras calmantes para ela. Além dele, ela ouvia o barulho de espadas e facas. Uma batalha estava em andamento. Apertando os olhos, ela conseguiu ver a cena se desdobrando na sala do trono de Pontifex. Bastian, Dane, e Lucien sitiavam Occia e quase duas dúzias de seus guardas.

Bastian. A boca Silvia formou seu nome, mas desta vez nenhum som saiu. No entanto, como se a tivesse ouvido, seus olhos prateados apanharam os dela por alguns instantes. No mesmo momento, a lâmina de Occia cortou em sua direção, ferindo-o. Silvia engasgou.

— Occia, não! — Ela resmungou, e em seu terror, ela conseguiu fazer com que sua voz saísse forte. No som de seu nome, Occia lançou um olhar para as portas no muro. Aproveitando-se de sua distração, Bastian balançou um braço poderoso para ela. Tomada por surpresa, ela foi jogada para trás e, em seguida, gritou quando ela caiu nas águas venenosas de ácido do fosso. Quando ela se foi, os soldados desistiram de sua luta e saíram correndo.

Em uma meia dúzia de passos longos, Bastian estava ao lado de Silvia, levando-a dos braços de Sevin e levantando-a nos seus.

— Eu fico com ela. Abra as outras portas e veja o que você encontra — ele disse a seu irmão. Sevin acenou com a cabeça e deixou-os.

— Deuses! — Bastian olhou para ela, e ela viu as lágrimas em seu rosto. Ele a puxou para perto, segurando-a como se ele nunca fosse deixá-la ir. Ela sentiu o retumbar de suas palavras em seu peito.

— Estou aqui agora, meu amor. Você está segura. Eu estou aqui.

Por cima do ombro, ela viu seus irmãos trabalhando nas outras nove portas para soltar as outras Ephemeras da Parede. Floronia foi à primeira. Então Lucinia. Elas pareciam atordoadas — silenciosas, zumbis pálidas, após terem sido enjauladas por centenas de anos. E então, Aemilia. Ela respirou. Lutando para sair dos braços de Bastian, ela foi para as outras, instável em seus pés. Queridas amigas que tinham estado separadas durante séculos se abraçaram e choraram. Aemilia sorriu em seu doce sorriso, e quando elas se abraçaram, ela sussurrou:

— Eu sabia que você viria por nós. — Seus olhos correram para Bastian e seus irmãos. — Mas eu não sabia que você ia trazer esses senhores bonitos com você.

Silvia riu e em seguida, colocou a mão na testa, sentindo-se subitamente tonta. Bastian estava lá instantaneamente e ele levantou-a de novo, sua mandíbula sombria, enquanto ele a carregava da sala.

— Obrigada — ela murmurou. — Obrigada por libertá-las.

Ela deve ter caído inconsciente, pois em seu momento lúcido seguinte se encontrou deitada sobre folhas frescas em uma cama estranha, ainda no covil de Pontifex. Ela tinha sido banhada e vestida com um vestido leve, e seu cabelo selvagem e emaranhados tinham sido domado com um pente. Em seu ouvido, ela ouviu os batimentos cardíacos de Bastian, forte e reconfortante. Sua mão acariciava enfasiadamente para cima e para baixo sua lateral, como se ele precisasse do contato com ela.

Urgência brotou nela e ela puxou-se mais para olhar para o seu rosto querido. Seus olhos se abriram e seus braços a cercaram. Ele parecia tão cansado, sua mandíbula ofuscada pelo macio azul-preto do início de uma barba.

— Meu nome — ela sussurrou, sua voz quase inaudível. Seu corpo inteiro se arrepiou em sua expressão. — É Silvia.

E foi assim que ela foi feita mortal, e voluntariamente deixou sua vida efêmera para trás, para que ela pudesse ter uma vida com este homem maravilhoso. Seu salvador. Seu amado. Bastian.

— Silvia — disse ele, saboreando a palavra. — É lindo — ele respirou, o prazer em seu rosto. — Você é linda. E minha. Por fim. — Ele riu e a

revirou sob ele, beijando-a longa e profundamente, e só então ela descobrir que ele estava nu. E duro.

— Deuses, como eu te amo. Eu estava malditamente preocupado. Eu vi você em meus pesadelos todas as noites, presa aqui.

— Sinto muito — ela acalmou, afagando-lhe a barba e desfrutando de sua textura. — Como você me encontrou?

— Você mencionou Pontifex em nosso último encontro, e uma vez que cheguei até o portão na Toscana, este lugar não foi difícil de localizar. Mas a forma como eu soube onde você estava especificamente, sua porta na parede era a única que aparecia para mim em cores.

Ela levantou sua cabeça, seu olhar interrogativo.

Ele pegou o rosto dela em suas mãos e, em seguida, passou os dedos pelos seus cabelos, parecendo hipnotizado por sua cor e textura.

— Eu disse que era imperfeito e eu sou — sou daltônico. Ou eu era até você chegar. Não importa a forma que você toma, eu vejo você em cores. É a maneira que eu tenho monitorado você, porque você deixa um rastro residual em sua volta. Aprofunda o tom quando eu toco em você. E sempre tem o efeito de me fazer querer você fisicamente.

— Você me quer agora? — Ela sussurrou, com um sorriso curvando seus lábios.

Ele murmurou uma risada de autocensura, sabendo que ela deveria sentir seu pau mais do que duro em sua barriga.

— Você precisa perguntar?

— Quero que venha para dentro de mim agora — ela confessou baixinho.

Em seu olhar preocupado, ela disse:

— Eu estou bem, e eu preciso me sentir fisicamente perto de você. Já faz muito tempo. — Ele levantou a bainha do vestido que ele tinha adquirido para ela até sua barriga e levantou suas coxas em torno dele. Ela ofegou e arqueou quando ele se empurrou dentro dela sem prévias. Gentilmente, ele a sacudiu, e os amantes mantidos longe por muito tempo se reuniram rapidamente, atingindo o prazer doce de seus corpos em uma doce harmonia, seus braços ao redor um do outro.

Seu pênis ainda estava pulsando dentro dela, quando ele se levantou nos cotovelos sobre ela.

— Lembra-se do leilão? — ele perguntou.

— Hmm? — Seus olhos se entreabriram.

— Em Veneza. — Ele brincou com uma mecha de seu cabelo, escovando-o sobre o seu mamilo. — Você me deve a resposta a uma última pergunta.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Agora?

Ele deslocou seu quadril, empurrando mais profundo, e outro pulso de sementes quente inundou-a, trazidas em um forte eco do seu orgasmo.

— Mmmm. — Seus olhos deitaram-se fechado e seu corpo ficou mole.

— Case-se comigo.

Ela abriu um olho.

— É essa a pergunta?

Seu rosto ficou sério, sua voz severa.

— Você. Quer. Casar. Comigo? — Seus quadris continuaram se impulsionando, num ritmo preguiçoso, e um tremor de prazer suave ondulou em seu interior com cada palavra sua, com cada impulso.

— Se você tem...

— Tenho certeza — ele disse a ela. — Minha querida. — Um beijo em sua testa. — Deliciosa. — Outro na bochecha cicatrizada. — Silvia. — E outro na boca.

Ela lançou os braços em volta de seu pescoço e falou contra seus lábios.

— Sim, então.

— Via? — Ela olhou para além de Bastian para ver Aemilia na porta, observando-os como ela mesma uma vez observou-o com Michaela. Quanto tempo ela estava lá?

Bastian retirou seu pênis do corpo dela.

— A privacidade é mínima por aqui — disse ele sorrindo. — Voltamos a Roma amanhã e vamos nos casar no dia seguinte.

Em seu aceno de cabeça, ele deu um beijo de despedida em seus lábios e depois se levantou da cama, com um de seus lençóis envolto em seus quadris. Com os olhos arregalados e meio apalermada, Aemilia assistiu-o saindo do quarto. Silvia sabia exatamente como ela se sentia.

Quando ele se foi, as duas se juntaram as outras vestais para a cerimônia de iluminação. Cada vez que Silvia tinha visitado a lareira aqui depois da destruição do templo só tinha conseguido produzir uma chama frágil. Agora, ela esperou prendendo o fôlego, enquanto cada Vestal colocou uma pedra no coração da lareira. Havia nove ao todo, com Michaela e Occia mortas, Silvia feita mortal, e incapaz de conjurar fogo. Mas foi o suficiente. O

Fogo de Vesta saltou para a vibrante vida pela primeira vez em quinze séculos. E era uma bela visão para contemplar.

Se aquecendo em seu brilho etéreo, Silvia viu como três novas iniciadas entre as Lares foram empossadas para substituir as três que haviam sido perdidas pela ordem. Mas ao contrário de si mesma e das outras, essas novas meninas tinham escolhido servir, não mais seriam os servos de Vesta trazidos a ela pela força. Lá não haveria mais açoites, nem enterros prematuros. As vestais iriam governar a si mesmas agora. Mas Silvia não podia mais servir mesmo que ela desejasse. Pois ela era mortal agora e queria estar com aquele que ela amava.

Ela partiu no dia seguinte, prometendo voltar com frequência, pois ela ainda tinha vínculos com a deusa e sempre teria. E então ela viajou com Bastian e seus irmãos através do portão para a Toscana, e depois de volta para casa para Roma.

#####

— Alguma coisa está diferente — disse Silvia quando seu transporte se aproximava da periferia de Roma. Nos olhos de cada ser humano por quem passou, ela viu a desconfiança, curiosidade, e mesmo o medo.

Duas batidas vieram da parte da frente do transporte. Lucien e Dane estava dirigindo e sinalizaram em um aviso para eles. A mão de Bastian mão veio para descansar em sua coxa e ela sentiu a tensão nele. Do outro lado da carruagem, a preocupação em Sevin foi fácil de ler também.

— Eles sabem o que nós somos — Bastian cerrou. — A existência ElseWorld foi descoberta.

Pouco mais à frente, uma dúzia de homens humanos tinha encurralado um centauro no canto de um pátio e estavam tentando jogar um cinto sobre o seu pescoço. Silvia olhou para a cena de horror. Mais adiante, vários rapazes estavam perseguindo uma menina fada e gritando insultos contra ela.

Sevin fez menção como se fosse deixar o veículo e correr em seu socorro, mas Bastian pegou seu braço.

— É muito perigoso. Fique dentro.

— Nós não podemos deixá-los à mercê desses seres humanos bárbaros! — Sevin argumentou.

Bastian fechou as cortinas da pequena janela.

— Você vai enfrentá-los a todos eles sozinho? Não, a melhor maneira de lidar com isso é trazer nossos dois mundos para uma mesa de negociações.

—É por causa das pedras de fogo, não é? — Perguntou Silvia. — Porque elas se foram de Roma. — Ela não as tinha levado a ElseWorld mas Occia tinha. Ainda, assim, ela não podia ajudar, ela sentia-se um pouco responsável por sua perda e seus efeitos catastróficos.

— Você quer dizer que era as opalas que nos protegia todo esse tempo? — Perguntou Sevin. — Como você me disse uma vez ter encontrado sugestões nos textos dos filósofos?

— Não me traz nenhum prazer estar certo, eu lhe asseguro — Bastian respondeu. — Mas eu acredito que quando as primeiras seis pedras deixaram este mundo ao longo dos séculos, a mágica que nos protegia começou a falhar. E quando as últimas seis foram levadas há várias semanas, ela falhou completamente.

— Você não pode encantar todos estes seres humanos? Nublar sua percepção? Fazê-los esquecer? — Silvia pediu desesperadamente, quando eles passaram por um duende sendo despejado de sua casa, seus pertences jogados na rua enlameada.

— Encantar todos de Roma? Toda a Itália? Toda a Europa? Toda a humanidade? — Bastian balançou a cabeça. — Impossível. Agora que o segredo está fora, não pode ser engarrafado novamente.

— Então, vamos esperar que a luz do sol prove-se ser o melhor antisséptico como você uma vez afirmou, irmão — disse Sevin. — E vamos trabalhar por um futuro melhor.

Bastian balançou a cabeça, o rosto sombrio.

— Vamos trabalhar em direção à harmonia. Mas de uma forma ou de outra, é um novo dia para a nossa espécie aqui neste mundo.

Capítulo 20

Um mês depois

— Isso é uma nova urna?

Bastian olhou para cima em sua mesa para ver Silvia entrar em sua tenda de trabalho de lona onde eles se conheceram no Fórum. Por pura força de sua vontade, ele conseguiu manter sua posição aqui, como arqueólogo-chefe, apesar das suspeitas humanas em direção a sua espécie.

Desde que o véu de proteção tinha caído após a remoção das relíquias de Vesta, ele e seus irmãos tinham estado na vanguarda das negociações Intermundos. Entre o Conselho de ElseWorld, os políticos humanos, e da empreitada de Sevin em novos negócios, Bastian tinha encontrado pouco tempo para as escavações. Ou para a sua nova esposa. E ele sentia falta dela.

Quando ela se curvou para examinar seu achado mais recente, seus olhos agradecidos moveram-se sobre a linha de suas costas e quadris estreitos. Rapidamente, ele jogou um encantamento no perímetro fora da barraca que repelia até mesmo o mais astuto de intrusos.

— Vem cá, mulher — disse ele. E quando sua atenção foi lenta para deixar a urna, ele acrescentou — Eu tenho chocolate. — Ele sacudiu a caixa de confeitiro que ele tinha comprado para ela naquele dia.

Ela olhou para ele por cima do ombro, dando-lhe o meio sorriso adocicado dela. Por causa dela, a cor em sua vida era constante e agora se espalhava para cada canto de seu mundo. Não era mais necessário o contato constante de sua amada para mantê-la, mas se eles estivessem separados por um dia inteiro, a cor começava a se desbotar. Seu efeito sobre a sua libido era um zumbido baixo quando ela não estava perto. Mas quando ela entrava em sua órbita, ele ficou duro com o mesmo flash de fogo da necessidade com a qual ela sempre o envolvia. Assim como fez agora.

A frequência contínua de seus acasalamientos permanecia uma fonte constante de chacotas por seus irmãos, mas esta era uma miséria pequena e ele a suportava sem reclamar.

— Eu sempre gostei desta mesa — disse ela, alisando a mão sobre a sua superfície brilhante. — É tão grande. — Ela tirou seus chinelos e deu a volta para o seu lado da mesa, insinuando-se entre ele e seu trabalho. Ele empurrou os livros, mapas e documentos para longe, empilhando-os ordenadamente, de modo que ela pode pousar em sua superfície ante ele. Então ele levou sua cadeira mais perto para que seus pés estivessem dobrados de cada lado de suas coxas.

— Você não deve viajar sozinha — Bastian repreendeu, com as mãos encontrando seus tornozelos em baixo da saia dela e subindo para suas coxas. — Não é seguro. Ainda não.

— É menos de um quilômetro daqui até a casa. Além disso, os seres humanos pensam em você e seus irmãos como seres muito ferozes e têm medo de me incomodar desde que eu estou sob sua proteção. — Ela se inclinou para frente e colocou seu rosto em suas mãos. — E eu estava com saudades de você.

— Estou coberto de poeira do Fórum — disse ele em um tom apologético. Mas ele já estava empurrando sua saia e subindo para ficar no vão de suas coxas.

Ela só o puxou para mais perto.

— Você sabe que eu não me importo.

— Abra o seu corpete e solte o seu cabelo — ele ordenou-lhe enquanto desabotoava as calças. As mãos dela se moveram para obedecê-lo, seus claros olhos azuis olhando para ele através de seus cílios escuros. Ele nunca se cansava de ver seus seios cheios e rosados espreitando das suaves ondas de ouro acobreado de seus cabelos soltos e brilhantes. E quando o corpete foi aberto e seu cabelo esteve solto, ele esfregou os dedos ao longo de sua fenda e abriu-a. — Será que eu me lembrei de lhe dizer como sou feliz de te ter como minha mulher? — Uma risada escapou dela e, em seguida, desapareceu em um gemido quando ele enfiou seu pau quente e duro e longo, em seu calor feminino liso e bem-vindo.

Meia hora depois, ela estava deitada de costas em meio a um amontoado de mapas e coisas do gênero sobre a superfície da mesa, suas pernas em volta do seu quadril e seu coração ainda batendo no rescaldo da sua copula amorosa. Ele estava em pé diante dela ainda, mas agora seu meio torso estava sobre o dela e seu pau estava enterrado tão profundamente dentro dela que beijava seu ventre. Seus braços estavam dobrados pelos cotovelos em ambos os lados dela, olhos fechados, e seu corpete havia sido jogado no chão em algum lugar.

— Eu acho que você merece uma recompensa por esse esforço — disse a ela. Sem deixá-la, ela o sentiu se curvar. Ouviu o farfalhar de tecido. E então veio o cativante aroma de chocolate. Ela abriu seus lábios e o sentiu colocar um bombom entre eles. Ela tomou-o em sua boca e suspirou com prazer.

Os braços cercaram suas costas, as mãos alisando sobre a sua forte musculatura.

— Mmm. Novos artefatos, êxtase, e agora chocolate. Meu dia está completo. — Ela abriu os olhos e sorriu para ele, então disse suavemente. — Leve-me para casa, marido.

Momentos depois, eles estavam andando pelo Fórum lado a lado, o seu forte braço protetoramente envolvido em torno dela, sua mulher. A noite caía e o Fórum brilhava com luzes flutuando que balançavam na brisa suave.

Na beira do vale, eles iriam chamar um veículo e seguir para o Esquilino e sua casa. Sua casa agora, sua nova esposa tinha feito algumas mudanças nela professando a desfrutar de sua exigente qualidade museológica. Dentro da casa, estava um cachorro chamado Sal que se enrolaria a seus pés. Haveria um fogo morno queimando na lareira. E outro incêndio em sua cama enquanto fariam amor novamente, mais tarde.

No tempo desde que ele a tinha conhecido, ele havia localizado a Casa das Vestais e o Templo. E dentro de seus limites, eles acharam quinze tabuas de mármore, onze em tamanho real e nove estátuas mais fragmentos, 27 bustos, 835 moedas, joias, colunas de brecha que classificou entre os melhores espécimes de mármore jamais descoberto, bem como numerosos outros artefatos, que em si seriam considerados como grandes tesouros em uma escavação menos produtiva.

Mas o maior tesouro que tinha encontrado no Fórum foi esta mulher ao seu lado. O amor do seu coração, sua vida.

E o seu nome era... *Silvia*.



NOTA DA AUTORA

A Câmara e o Templo de Vesta no Fórum Romano foi escavada em 1883. Para efeitos deste romance, a data da descoberta foi alterada para 1881 e Lord Bastian Satyr é creditado como o arqueólogo responsável pela escavação.

Filósofos romanos nos informam que as virgens vestais foram seis no total. Elas vinham para o templo como meninas com idades entre seis e dez anos, para servir Vesta durante trinta anos, após o qual elas poderiam se casar. (Não houve Companheiras Vestais).

Os primeiro 10 anos para as vestais eram dedicados à aprendizagem, os dez próximos como serviço à deusa, e sua última década era direcionada para doutrinar novas iniciadas que iriam substituí-las. Elas viveram uma vida de confinamento e privilégio, e eram muito reverenciados.

No entanto, em tempos de fome ou de derrota em guerras, eram às vezes usadas como bodes expiatórios. Qualquer transgressão por parte de uma Vestal era duramente punido. Se o fogo se apagasse em seu turno, Pontifex poderia deixá-la nua e flagelá-la em uma sala privada para este pecado.

Acreditava-se que a castidade das Virgens assegurava a boa saúde de todos em Roma. Entre as vestais, a pena para a prostituição era a morte. Em meio à grande pompa e cerimônia triste pelos antigos romanos líderes religiosos e cidadãos, a Virgem condenada seria levada em uma maca para um pequeno quarto subterrâneo escavado para ela no Campus Sceleratus — o "Campo do Mal", perto do Portão de Colline. Lá, ela seria enterrada viva essencialmente — deixada para morrer na solidão com somente o alimento, água e óleo da lâmpada suficiente para durar por alguns dias.

As Virgens foram encarregadas especificamente de outro assunto de extrema importância. Elas tinham sob sua jurisdição o cuidado e a proteção de uma coleção de relíquias misteriosas, que eram também se acreditava proteger Roma. Quando o templo de Vesta foi destruído durante a purificação de todas as religiões pagãs no século IV DC, estas relíquias desapareceram. Ninguém sabe exatamente o que eram. Elas nunca foram encontradas.